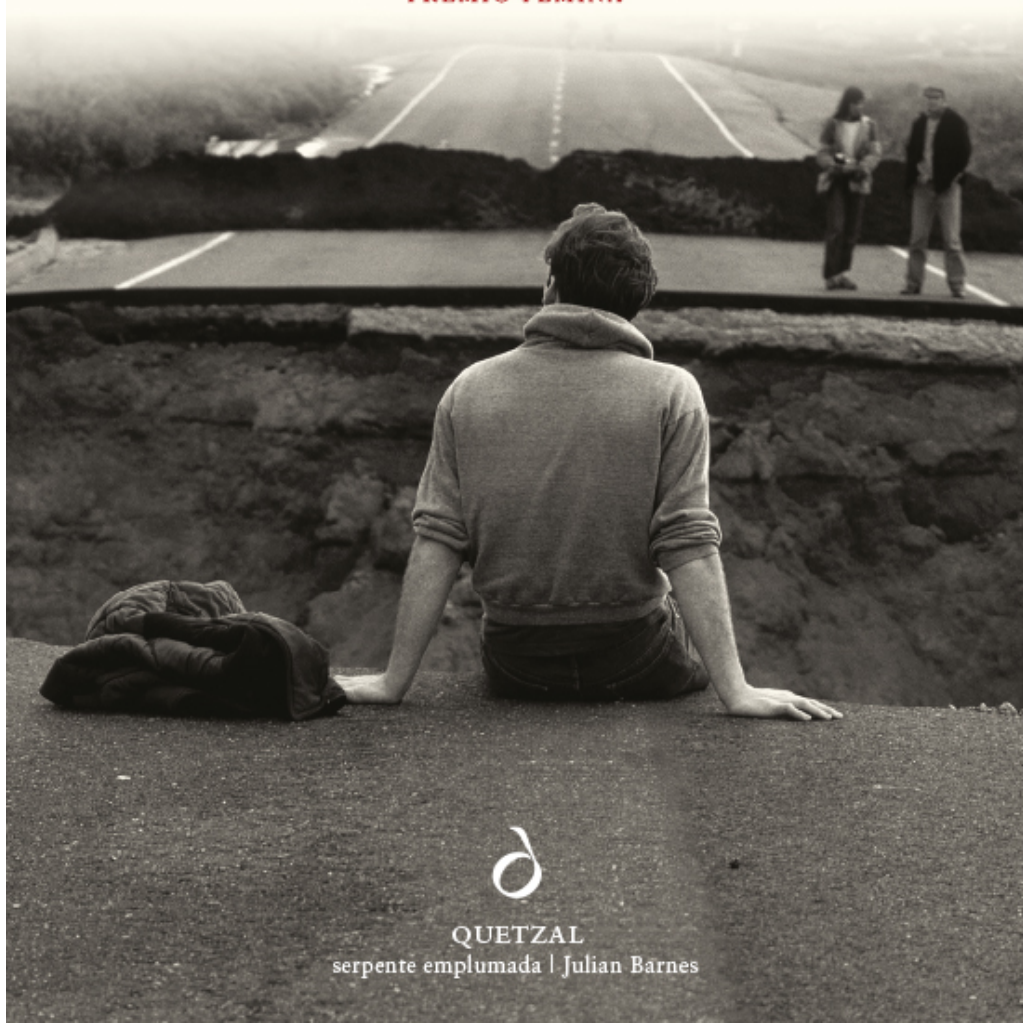


VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE 2011

Julian Barnes

AMOR & C.^a

PRÊMIO FEMINA



QUETZAL

serpente emplumada | Julian Barnes

VISIT...

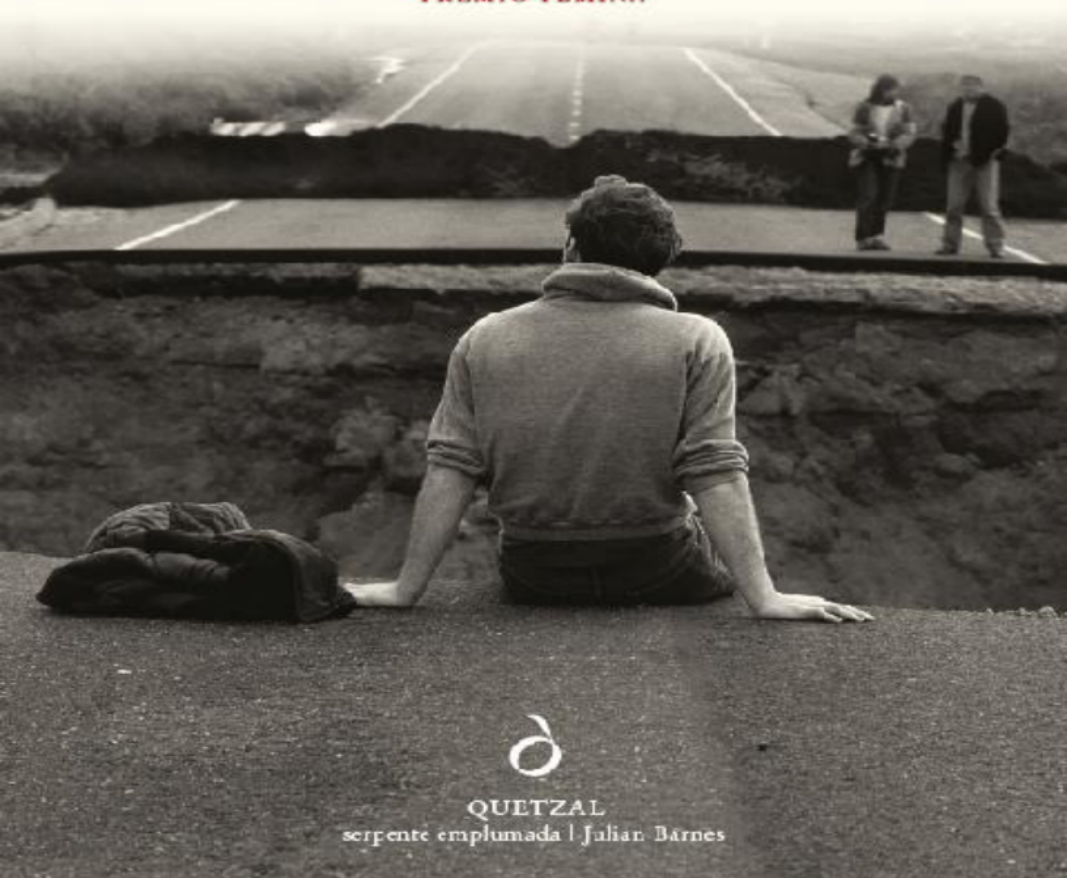
LANZAROTE
Caliente.com

VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE 2011

Julian Barnes

AMOR & C.^a

PRÊMIO FEMINA





© Marzena Pogorzaly

Julian Barnes nasceu em Leicester e vive em Londres desde 1946. É autor de mais de uma vintena de livros. Ganhou, em 2011, o Prémio Man Booker pelo seu romance *O Sentido do Fim*. Três dos seus romances foram, aliás, finalistas deste prémio, entre eles *O Papagaio de Flaubert*, também galardoado com os prémios Médicis e Femina. O seu mais recente livro é Elizabeth Finch. *Amor & C.^a*, que agora se reedita, é um dos seus clássicos de sempre.



Título: Amor & C.^a

Título original: Talking It Over

Autor: Julian Barnes

1.ª edição em papel na Quetzal: 1994

3.ª edição em papel na Quetzal: março de 2023

Tradução do inglês: Helena Cardoso

Revisão: Raquel Mouta

Preparação: Diogo Morais Barbosa

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Fotografia da capa: © Jim Sugar

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2023 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, excepto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 1991 Julian Barnes

Quetzal Editores é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-902-2

para a Pat

«Ele mente como uma testemunha ocular.»

Provérbio russo

1.

His, his ou her, their



Stuart Chamo-me Stuart e lembro-me de tudo. Stuart é o meu nome próprio. O meu nome completo é Stuart Hughes.

O meu nome *completo*: sem mais nada. Sem nome do meio. Hughes era o apelido dos meus pais, que estiveram casados durante vinte e cinco anos. Chamavam-me Stuart. No princípio não me agradava muito o nome — na escola, chamavam-me *Stew* e *Stew-Pot*¹ —, mas habituei-me. Já lido bem com isso. Já lido bem com a asa da minha caçarola.

Desculpem, não sou lá grande coisa a dizer piadas. As pessoas já mo têm dito. Mas Stuart Hughes para mim serve. Não quero que me chamem St. John, St. John de Vere Knatchbull. Os meus pais chamavam-se Hughes. Morreram, e eu agora tenho o apelido deles. E quando eu morrer, ainda hão de chamar-me Stuart Hughes. Não há muitas certezas neste mundo enorme, mas esta é uma delas.

Estão a perceber onde quero chegar? Desculpem, também não têm de perceber. Ainda agora comecei. Mal me conhecem.

Recomeçamos. Olá, chamo-me Stuart Hughes, muito gosto em conhecer-vos. Vai um aperto de mão? Excelente. Mas vejam onde eu quero chegar: *por aqui, toda a gente mudou de nome (their name)*.² Dá que pensar. E é um bocado arrepiante.

Repararam que eu disse *toda a gente* seguido de *nome (their)*? «Toda a gente mudou de nome.» Fi-lo de propósito, provavelmente só para irritar o Oliver. Tivemos uma briga tremenda, eu e o Oliver. Discussão, no mínimo. Ou, pelo menos, desacordo. É um grande pedante, o Oliver. É o meu melhor amigo, por isso posso chamar-lhe grande pedante. Pouco depois de o conhecer, a Gill — Gillian, a minha

mulher — disse-me:

— O teu amigo fala como um dicionário.

Estávamos na praia, um pouco a norte de Frinton, e quando o Oliver ouviu a Gill dizer isto, começou com uma das brincadeiras dele. Chama-lhes jogos, mas eu não usaria tal palavra. Não consigo reproduzir a maneira como ele fala (só ouvindo), mas como que entra em espiral. Foi o que fez.

— Que tipo de dicionário sou? Tenho páginas com índice alfabético recortado? Sou bilingue? — E assim por diante. Continuou durante um bocado e acabou por perguntar quem é que o ia comprar. — E se ninguém me quer? Não interessa a ninguém. Fico para ali, com a lombada cheia de pó. Vou ser posto em saldo, de certeza que vou ser saldado. — Começou a bater com os pés na areia e a uivar às gaivotas (como nas séries de comédia televisivas) e um casal idoso, que ouvia rádio e se resguardava do vento atrás de um toldo, ficou com um ar alarmado. A Gillian só se ria.

De qualquer modo, o Oliver é um pedante. Não sei o que pensam de *toda a gente* seguido de *their*. Talvez pouco, não há razão para mais. E não consigo lembrar-me de como aconteceu, mas discutimos. O Oliver, e a Gillian, e eu. Cada um tinha a sua opinião. Vou tentar apresentar os pontos de vista contrários. Se calhar faço o registo da reunião, como no banco.

O OLIVER disse que palavras como *toda a gente*, *alguém* e *ninguém* são pronomes singulares e, por isso, devem vir seguidos do pronome possessivo no singular, ou seja, *his*.

A GILLIAN disse que não se podia generalizar dessa maneira e excluir metade da raça humana porque, cinquenta por cento das vezes, *alguém* se apresenta como mulher. Assim, por razões de lógica e justiça, devia dizer-se *his* ou *her*.

O OLIVER disse que estávamos a discutir gramática e não política sexual.

A GILLIAN disse como é que podíamos separar as duas coisas, porque donde é que vinha a gramática senão dos gramáticos, e como quase todos os gramáticos (provavelmente todos, ao que sabia) eram homens, o que se havia de esperar? De qualquer modo, o que ela queria era expressar um mínimo de bom senso.

O OLIVER ergueu os olhos ao céu, acendeu um cigarro e disse que a própria expressão *bom senso* era uma contradição, e se o Homem — nesse momento fingiu-se muito embaraçado e corrigiu para Homem-ou-Mulher — se o tal Homem-ou-Mulher, em milénios anteriores, se tivesse fiado no bom senso, ainda estaríamos a viver em cabanas de adobe, e a comer comida assustadora, e a ouvir discos do Del Shannon.

O STUART apresentou uma solução. Sendo *his* impreciso ou insultuoso ou talvez as duas coisas, e *his* ou *her* diplomático mas terrivelmente incómodo, a resposta óbvia era *their*. O Stuart estava tão confiante, que ficou surpreso ao ver os outros dois rejeitarem a sugestão.

O OLIVER disse que, por exemplo, a frase *alguém meteu a cabeça (their) pela abertura da porta* dava a impressão de se tratar de dois corpos e uma cabeça, como numa das aterrorizantes experiências científicas praticadas na Rússia. Referia-se a exposições de monstros nas feiras, mulheres barbadas, fetos de carneiro disformes e muitas coisas do género, até que foi chamado à ordem pelo presidente (= eu).

A GILLIAN disse que, na sua opinião, *their* era tão incómodo e obviamente tão diplomático como *his* ou *her*, mas porque é que a discussão havia de ser tão picuinhas? Já que as mulheres eram há séculos instruídas para usarem o pronome possessivo masculino quando se referiam ao conjunto da raça humana, porque não havia de surgir uma decisão reparadora, ainda que tardia, mesmo que ficasse atravessada nalgumas gargantas (masculinas)?

O STUART continuou a defender que *their* era o melhor, por representar o meio-termo.

A REUNIÃO foi adiada *sine die*.

Continuei, durante muito tempo, a pensar naquela conversa. Ali estávamos nós, três pessoas razoavelmente inteligentes, a discutir os devidos méritos de *his*, *his* ou *her* e *their*. Palavrinhas minúsculas, sobre as quais não conseguíamos chegar a acordo. E éramos amigos. E não conseguíamos chegar a acordo. Havia ali algo que me preocupava.

A que propósito comecei a falar nisto? Ah, sim, foi porque toda a gente aqui mudou de nome. É verdade e dá que pensar, não dá? A Gillian, por exemplo, mudou de apelido quando se casou comigo. O

apelido de solteira era Wyatt, e agora chama-se Hughes. Não me iludo, não penso que tenha ficado ansiosa por usar o meu apelido. Penso que o que quis mesmo foi livrar-se de Wyatt. Wyatt era o apelido do pai, e ela não se dava com ele. O pai abandonou a mãe, e esta ficou, durante anos, presa ao apelido de alguém que a deixara. Não foi nada agradável para Mrs. Wyatt ou Mme. Wyatt, como alguns lhe chamam por ser de origem francesa. Suspeito que a Gillian quis livrar-se de Wyatt como maneira de cortar com o pai (que, aliás, nem sequer foi ao nosso casamento) e de mostrar à mãe o que ela já devia ter feito há anos. Mas Mme. Wyatt não percebeu a insinuação, se é que houve insinuação.

O Oliver disse (é mesmo dele) que a Gillian, depois do casamento, devia chamar-se Mrs. Gillian Wyatt-ou-Hughes, se queria ser lógica, e gramatical, e cheia de bom senso, e diplomática, e incômoda. É assim, o Oliver.

Oliver. Não se chamava assim, quando o conheci. Andámos juntos na escola e lá chamavam-lhe Nigel, às vezes N.O., de vez em quando «Russ», mas o que nunca ninguém chamava ao Nigel Oliver Russell era Oliver. Acho que nem sequer sabíamos a que nome correspondia o O. Deve ter mentido acerca disso. Seja como for, a verdade é que eu não andei na universidade e o Nigel andou. Foi para a faculdade e quando voltou, no fim do primeiro período, já era Oliver. Oliver Russell. Tinha tirado o N. até do nome impresso no livro de cheques.

Como veem, lembro-me de tudo. Foi ao banco, mandou imprimir novos livros de cheques e, em vez de assinar «N.O. Russell», passou a assinar «Oliver Russell». Fiquei admirado por lhe deixarem fazer aquilo. Pensava que tinha de mudar de nome na conservatória, ou coisa parecida. Perguntei-lhe como conseguira, mas ele não disse. Respondeu só:

— Ameacei-os de que mudava a conta a descoberto para outro banco.

Não sou tão esperto como o Oliver. Às vezes na escola tinha melhores notas do que ele, mas só quando ele decidia não brilhar. Eu era melhor em matemática e ciências e coisas práticas (bastava mostrar-lhe um torno na oficina de metais, para ele fingir que tinha um ataque), mas quando queria passar-me à frente, passava. Não era

só a mim, era a todos. E sabia safar-se. Quando tínhamos de fazer de soldados no Corpo de Cadetes, o Oliver arranjava sempre maneira de ficar lá atrás. Consegue ser mesmo esperto, quando quer. E é o meu melhor amigo.

Foi meu padrinho. Não propriamente, porque o casamento foi no registo e lá não há padrinhos. Aliás, tivemos também sobre isso uma discussão parva. Mesmo parva; noutra altura vos conto.

Estava um dia lindo. O dia que todos deviam ter para se casarem. Uma serena manhã de junho, com céu azul e brisa suave. Éramos seis: eu, a Gill, o Oliver, a Mme. Wyatt, a minha irmã (casada, separada, de apelido mudado — não vos dizia?) e uma tia velha, desencantada à última hora pela Mme. Wyatt. Não lhe fixei o apelido, mas aposto que não era o de origem.

O conservador era um homem digno, que se comportou com o grau de formalidade exigido. A aliança que eu comprara repousava sobre uma almofada de veludo cor de ameixa e piscava-nos o olho, até que chegou a altura de a pôr no dedo da Gillian. Proferi os meus votos em voz alta demais, que pareceu ecoar nos painéis de carvalho que havia a toda a volta da sala; a Gill, para compensar, falou num murmúrio que até o conservador e eu tivemos dificuldade em ouvir. Estávamos muito felizes. As testemunhas assinaram o registo. O conservador entregou à Gill a certidão de casamento e disse:

— Isto é *seu*, Mrs. Hughes, não tem nada a ver com este jovem.

Havia um grande relógio cá fora, junto à câmara municipal, e tirámos fotografias por baixo dele. Na primeira fotografia do rolo eram 12h13, e estávamos casados há três minutos. Na última eram 12h18 e estávamos casados há oito. Algumas fotografias ficaram tortas, porque o Oliver estava na brincadeira. Fomos todos a um restaurante e comemos salmão grelhado. Bebemos champanhe. E mais champanhe. O Oliver fez um discurso. Disse que queria fazer um brinde à noiva, mas, como não havia ali nenhuma, resolveu brindar à Gill. Todos se riram e aplaudiram e o Oliver resolveu então usar um monte de palavras caras e, de cada vez que o fazia, berrávamos todos. Estávamos numa espécie de sala interior e, a dada altura, após uma palavra particularmente cara seguida de um berro particularmente estridente, apareceu um empregado a perguntar se queríamos alguma

coisa e depois desapareceu. O Oliver terminou o discurso, sentou-se e recebeu umas palmadas nas costas. Voltei-me para ele e disse:

— Sabes, *alguém* acabou de meter a cabeça pela abertura da porta.

— O que é que queriam?

— Não — repeti —, *alguém* acabou agora mesmo de meter a cabeça pela abertura da porta.

— Estás bêbado? — perguntou.

Já devia ter-se esquecido. Mas, como veem, eu lembro-me. Lembro-me de tudo.

Gillian Bem, pessoalmente acho que ninguém tem nada a ver com isso. Acho mesmo. Sou uma pessoa comum, com a minha privacidade. Não tenho nada a dizer. Para onde quer que nos voltemos, hoje em dia, há pessoas que insistem em nos atirar com a vida delas. Abrimos um jornal e lá estão elas a gritar: «Conheça a Minha Vida!». Ligamos a televisão e, programa sim programa não, aparece alguém a falar dos seus problemas, do seu divórcio, da sua ilegitimidade, da sua doença, alcoolismo, droga, violação sexual, falência, cancro, amputação, psicoterapia. Da vasectomia (ele), da mastectomia (ela), da operação ao apêndice (os dois). Para quê? Olhem para Mim, Oiçam-Me. Porque não deixam simplesmente as coisas seguir? Porque é que têm de *falar* de tudo?

Lá por eu não ser do género confessional, não quer dizer que esqueça as coisas. Lembro-me da minha aliança de casamento sobre uma almofada gorda de cor bordeaux, do Oliver a folhear a lista telefónica à procura de pessoas com nomes parvos, e de como me sentia. Mas não são coisas para consumo público. Aquilo de que me lembro é cá comigo.

Oliver Olá, eu sou o Oliver, Oliver Russell. Vai um cigarro? Não, já calculava que não queriam. Não se importam? Sim, eu *sei* que faz realmente mal à saúde, e é por isso que gosto. Céus, acabámos de nos conhecer e já vêm vocês, trinca-nozes roedores todos eriçados. O que é que vos interessa? Daqui a cinquenta anos estou morto e vocês estão

vivos como lagartos, a server iogurte por uma palhinha, a beber água filtrada e a usar sandálias ortopédicas. Ora, eu prefiro ser como sou.

Querem que vos explique a minha teoria? Vamos todos ter cancro ou morrer do coração. Basicamente, há duas espécies de indivíduos: os que reprimem as emoções e os que as deitam cá para fora. Introvertidos e extrovertidos, se preferirem. Os introvertidos, como todos sabem, tendem a interiorizar as emoções, a raiva e o desprezo por si próprios, e essa interiorização, como também é sabido, produz cancro. Os extrovertidos, pelo contrário, explodem, enfurecem-se contra o mundo, transferem para os outros o seu autodesprezo e esse excesso de desgaste, logicamente, provoca ataques cardíacos. Ou uma coisa ou outra. Ora acontece que sou extrovertido e por isso fumar tem um efeito compensador, o que me permite manter um estado de saúde perfeitamente equilibrado. É esta a *minha* teoria. Além de que sou viciado em nicotina, o que facilita ainda mais o fumar.

Chamo-me Oliver e lembro-me de tudo o que é *importante*. A questão da memória é esta: já reparei que a maior parte das pessoas com mais de quarenta anos nos moem os ouvidos, lamentando-se por já não terem a memória que tinham ou por ela não ser como desejavam. O que francamente não me admira: pensem na quantidade de lixo que decidiram armazenar. Imaginem um contentor descomunal a transbordar de futilidades: memórias de infância particularmente triviais, cinco biliões de resultados desportivos, caras de pessoas que não amam, enredos de telenovelas, maneiras de tirar nódoas de vinho tinto do tapete, o nome do deputado que elegeram e tralha dessa. Que monstruosa vaidade os fez concluir que a memória precisa de se atulhar com tanto lixo? Imagine-se o órgão da memória como bagageiro de um terminal efervescente, a tomar conta das nossas insignificantes bagagens até que voltemos a precisar delas. Pensemos agora naquilo que lhe pedimos para guardar. E por tão pouco dinheiro! E quase sem agradecer! Não admira que, a maior parte das vezes, não haja ninguém para nos servir.

A minha maneira de lidar com a memória é confiar-lhe unicamente aquilo que ela depois tem orgulho em recordar. Por exemplo, nunca me lembro dos números de telefone. Só me lembro do meu, mas também não desespero, quando tenho de consultar a minha lista e

procurar o número do Oliver Russell. Há pessoas (*arrivistes* sórdidos, no domínio da mente) que falam em treinar a memória, torná-la ágil e forte qual atleta. Mas todos sabemos o que acontece aos atletas. Aqueles remadores tremendamente aprimorados vão-se abaixo na meia-idade e os jogadores de futebol ficam cheios de artrite. Os músculos enrijecem e os discos vertebrais ficam colados. Ver uma reunião de antigos desportistas é ver um filme de publicidade a hospitais geriátricos. Se não tivessem abusado tão ferozmente dos tendões...

Por isso trato a minha memória com deferência, dando-lhe só os melhores pedaços da experiência. O do almoço de casamento, por exemplo. Bebemos um champanhe vulgar e cheio de espuma, escolhido pelo Stuart (a marca, vá-se lá saber... engarrafado por *Les Vins de l'Oubli*), e comemos *saumon sauvage grillé avec son coulis de tomates maison*. Por mim, não teria escolhido aquela ementa, mas também ninguém me consultou. Enfim, estava aceitável, só lhe faltava um pouco de imaginação... Mme. Wyatt, que estava à *côté*, parecia gostar, pelo menos do salmão. Mas mostrava-se reticente em relação aos pequenos cubos rosados e translúcidos que rodeavam o peixe; então voltou-se para mim e perguntou:

— O que acha que é, precisamente?

— Tomate — expliquei. — Pelado, limpo, sem sementes e cortado em cubos.

— Que engraçado, Oliver, conseguir identificar as particularidades específicas de um fruto, para depois lhas retirar.

Não acham magnífico? Peguei-lhe na mão e beijei-lha.

Receio, por outro lado, não saber dizer se o Stuart usou na cerimónia o fato cinzento médio ou o cinzento muito escuro.

Estão a entender?

Lembro-me do céu nesse dia: nuvens ondulantes, como as guardas marmoreadas de um hino. Um bocado de vento a mais, e toda a gente a arranjar o cabelo na entrada da conservatória. A espera de dez minutos em volta de uma mesa baixa e comprida, sobre a qual se empilhavam três listas telefónicas de Londres e três exemplares das *Páginas Amarelas*. O Ollie a esforçar-se por distrair a companhia, procurando números telefónicos de profissionais idóneos como, por

exemplo, advogados especializados em divórcios e distribuidores de artigos de borracha. Sem grande faísca hilariante, diga-se. Depois entrámos e demos de caras com um funcionariinho completamente oleaginoso e crepuscular. Tinha nos ombros uma autêntica explosão de caspa. A cena desenrolou-se como é hábito nestas coisas. A aliança brilhava no *pouf* cor de ameixa, qual dispositivo intrauterino. O Stuart berrou em vez de falar, como se estivesse a responder perante um tribunal militar e a incapacidade de falar em voz bem alta lhe pudesse valer mais uns anos de cadeia. A pobre da Gillie mal conseguia articular as respostas. Devia estar a chorar, mas achei de mau gosto ir olhá-la de perto. Depois saímos e tirámos fotografias. Achei que o Stuart estava com um ar muito vaidoso. Ele *é* o meu melhor amigo, *e era* o casamento dele, mas tinha um ar mogadónico³ e todo presunçoso, por isso deitei a mão à câmara e anunciei que o álbum de casamento precisava de fotografias artísticas. Saracoteei-me por ali, deitei-me no chão, pus a máquina ao alto, enquadrei de baixo para cima, tão perto que até se viam os poros, mas o que eu queria mesmo, o que eu desejava era uma boa imagem do *duplo queixo do Stuart*. E tem só trinta e dois anos. Bom, talvez *duplo queixo* seja um bocado injusto: digamos um tudo-nada de queixada de porco a atirar para o bife. Mas aqui o maestro atrás da íris pode dar-lhe relevo e pô-lo a reluzir.

O Stuart... Ah, esperem. Falaram com ele ou não? Senti uma pequena hesitação quando abordei a questão do duplo queixo. Estão a dizer que não repararam? Pois, no escuro e em contraluz... E devia estar de queixo espetado, para não se notar. Na minha opinião, não se veria tanto a papada jugular se ele usasse o cabelo mais comprido, mas teima em não dar àquele capacho de estopa cor de rato nenhum *Lebensraum* ⁴. E com a cara redonda e os olhinhos como berlindes a olharem-nos por trás dos óculos que não são propriamente uma obra de arte, tem um ar *amicable*, mas um pouco mais de *esforço* só iria beneficiá-lo, não acham?

O quê? Não levava óculos? Claro que levava óculos! Conheço-o desde o tempo em que mal chegava aos joelhos do professor... Ah, percebo, se calhar resolveu pôr lentes de contacto sem dizer nada, e experimentou-as ao pé de vocês. Está bem. Tudo é possível. Quando

vai para o mísero cubículo lá na City e contempla o pequeno monitor que pisca neurótico, enquanto ele grita ao telefone portátil para garantir uma nova *tranche* de títulos no mercado do chumbo, ou equivalente, talvez tente aparentar um ar mais agressivo, para parecer mais macho do que ao pé de nós. Mas tem dado lucro aos oculistas (especialmente aos que ainda têm armações antigas) e isso desde o tempo em que andávamos na escola.

Porque é que sorriem? Andávamos na escola... Ah, já sei. O Stuart contou-vos que eu mudei de nome, não foi? É obcecado por coisas assim. Tem aquele nome sem graça nenhuma — Stuart Hughes, digam lá, espera-o uma carreira em acessórios de decoração e mobiliário, não necessita de mais nenhuma qualificação além do nome, que é perfeito — e, docilmente, toda a vida dará pelo mesmo nome. Mas o Oliver dantes chamava-se Nigel. *Mea culpa, mea maxima culpa*. Ou melhor... não. Ou... obrigado, mamã. Mas uma pessoa não pode passar a vida toda a chamar-se *Nigel*, pois não? Nem pode passar sequer um livro todo a chamar-se Nigel. Há nomes que ao fim de um tempo já não servem. Imaginemos, por exemplo, que vocês se chamavam Robin. Seria uma denominação perfeitamente aceitável até, digamos, à idade de nove anos, mas depois tinham de intervir, não acham? Mudar oficialmente o nome para Sansão, ou Golias, ou outra coisa qualquer. E com algumas *appellations* passa-se o contrário. Walter, por exemplo. Não se pode ser Walter e andar num carrinho de bebé. A meu ver, não se pode ser *Walter* antes dos setenta e cinco anos. Se vos quiserem, pois, dar o nome de Walter, é melhor que ponham alguns nomes antes, um para a fase do carrinho e outro para o longo período até chegarem a Walter. Podiam chamar-vos Robin Bartholomew Walter, por exemplo. Um bocado chocho, na minha opinião, mas deve agradar a muita gente.

Portanto, troquei Nigel por Oliver, que sempre foi o meu segundo nome. Nigel Oliver Russell — pronto, já disse e não corei. Fui Nigel para a universidade de York e, ao fim do primeiro período, voltei Oliver. É assim tão surpreendente? Não é mais estranho do que entrar para a tropa e voltar a casa na primeira folga com bigode. Um simples rito de passagem. Mas, por qualquer razão, o Stuart não engole.

Gillian é um bom nome. Dá com ela. Vai ficar.

E Oliver dá comigo, não vos parece? Fica bem com o meu cabelo muito escuro e dentes de marfim talhados para beijar, cintura estreita, o garbo e o fato de linho com a indelével nódoa de Pinot Noir. Dá com a minha conta bancária a descoberto e com o facto de me conseguir orientar no Museu do Prado. Dá também com a vontade que *certas* pessoas têm de me partir a cara. Como o gerente de banco imbecil com quem fui falar no fim do primeiro período. O género de indivíduo que fica excitado quando ouve dizer que a taxa bancária aumentou um por cento. De qualquer modo esse imbecil, esse... Walter fez-me entrar no gabinete de bordel com paredes forradas, explicou-me que o pedido de mudar o nome nos cheques de N.O. Russell para Oliver Russell não se enquadrava na política do banco para os anos 80 e lembrou-me que, se eu não cobrisse a conta para tapar o buraco negro e sem fundo, não me davam livros de cheques novos, nem que me chamasse Pai Natal. Após o que me agitei na cadeira num simulacro eficaz de adulação, exibindo perante ele durante uns minutos o meu charme de matador e logo, num abrir e fechar de olhos, o Walter estava a meus pés, implorando o *coup de grâce*⁵. Concedi-lhe então a honra de ser ele o avalista do meu novo nome.

Parece que confundi todos os amigos que em tempos me chamaram Nigel. Menos o Stuart, claro. Deviam ouvi-lo a contar os nossos tempos de escola. Nunca insultei a minha memória ao ponto de lhe pedir que guardasse tal fancaria. O Stuart, só para ter o que dizer, punha-se a desbobinar «Adams, Aitken, Apted, Bell, Bellamy...» (Estou a inventar nomes, percebem?)

— O que é isso? — perguntava-lhe eu. — É o novo mantra?

Ele ficava baralhado. Talvez pensasse que mantra era uma marca de carro. O Oldsmobile Mantra.

— Não — respondia. — Não te lembras? Foi no 5.ºA. Era nosso professor o velho Biff Vokins.

Mas eu não me lembro. Não me *quero* lembrar. A memória é voluntária e o esquecimento também. Acho que consegui apagar grande parte dos meus primeiros dezoito anos, que os reduzi a puré e os transformei em papa inofensiva para bebés. Haverá coisa pior do que deixarmo-nos embrutecer por tanto disparate? A primeira bicicleta, as primeiras lágrimas, o urso velho com a orelha arrancada à

dentada. Não é só um problema estético, é prático, também. Se nos lembramos do passado com demasiada acuidade, queixamo-nos ainda mais do presente. Vejam o que me fizeram, fizeram-me ser assim, não tenho culpa. Deixem que vos corrija: provavelmente a culpa é vossa. E poupem-me os pormenores.

Dizem que, à medida que envelhecemos, nos lembramos melhor dos primeiros anos. Eis uma das muitas e grandes ciladas que nos aguardam: a vingança senil. A propósito, já vos expliquei a minha Teoria da Existência? A vida é como a invasão da Rússia. Um começo fulgurante, uma nuvem de *shakos*⁶, plumas a dançar nos ares após o saque ao galinheiro; uma fase de garboso avanço, registado em comunicados triunfantes à medida que o inimigo recua; e eis que começa a marcha longa e extenuante, que nos arrasa o moral, com rações cada vez mais curtas e os primeiros flocos de gelo a queimarem-nos a cara. O inimigo incendeia Moscovo e curvamo-nos perante o General Inverno, cujas unhas são verdadeiros sincelos. Retirada amarga. Os cossacos perseguem-nos. E acabamos por sucumbir a uma saraivada de chumbo ao atravessar um rio polaco, que nem sequer vem no mapa militar.

Não quero chegar a velho. Poupem-me. Têm poder para isso? Não, têm lá poder para isso! Vá, tirem outro cigarro. Vá! Não? Como queiram. Vocês é que sabem.

¹ *Stew* e *stew-pot* significam «guisado» e «caçarola», respetivamente. Pronunciam-se da mesma maneira. (N. da T.)

² Os pronomes possessivos ingleses concordam em género e em número com a pessoa que possui e não (como em português) com a coisa possuída. Neste caso, a personagem usa *their* (seu, sua, seus ou suas, dele). Nas páginas seguintes, usará também *his* (seu, sua, ou suas, dele) e *her* (seu, sua, seus ou suas, dela). (N. da T.)

³ De *Mogadon*, uma marca de sonífero. (N. da T.)

⁴ «Espaço vital», em alemão. (N. da T.)

⁵ «Golpe de misericórdia.» (N. da T.)

⁶ «Barretes militares», em russo. (N. da T.)

2.

Empresta aí uma libra



Stuart Muito me admira que o *Edwardian* tenha sobrevivido, o que aliás me agrada bastante. Também me admira que a escola tenha sobrevivido, mas, quando acabaram com os liceus deste país e os transformaram em escolas secundárias, em escolas preparatórias e em escolas de preparação para a faculdade onde misturaram toda a gente, parece que não houve ninguém para misturar com St. Edward e deixaram-nos sossegados. A escola continuou, tal como o jornal dos antigos alunos, a que não liguei muito após ter deixado a escola; mas agora que saí há uns quinze anos, acho muito interessante o que então se passou. Vê-se um nome familiar, que logo desencadeia toda a espécie de recordações. Antigos alunos escrevem de várias partes do mundo, a contar o que fazem. Dizemos meu Deus, nunca podia pensar que o Bailey viria a dirigir toda a operação do Sudeste Asiático. Lembro-me de lhe terem perguntado qual era a principal cultura da Tailândia e ele ter respondido que eram rádios transístores.

O Oliver diz que não tem recordações da escola. Diz (qual é a frase que ele usa?) que pode deitar uma pedra a esse poço, que nunca a ouve cair na água. Boceja sempre muito e diz *Quem?* numa voz enfadada, quando lhe dou notícias do *Edwardian*, mas desconfio que lhe interessa. Não que alguma vez evoque memórias pessoais. Se calhar, quando está com outras pessoas, finge que andou numa escola fina — Eton ou coisa do género. É bem capaz disso. Sempre pensei que somos como somos e nunca devemos fingir que somos outra coisa. Mas o Oliver costumava corrigir-me, explicando-me que somos o que fingimos ser.

Somos muito diferentes, eu e o Oliver, como já devem ter

reparado. Às vezes, as pessoas admiram-se de sermos amigos. Não o dizem declaradamente, mas sente-se. Pensam que eu tenho sorte em ter um amigo como o Oliver. O Oliver impressiona as pessoas. Fala bem, viajou por terras distantes, domina línguas estrangeiras, conhece as artes — mais do que isso — e usa roupa que não lhe acentua os contornos do corpo e que, por isso mesmo, os entendidos consideram elegante. Eu não sou nada assim. Nem sempre sou muito bom a dizer o que quero, a não ser no trabalho; estive na Europa e nos Estados Unidos, mas nunca fui a Nínive nem à longínqua Ofir; não tenho muito tempo para as artes, é verdade, embora não seja de modo nenhum *contra* (às vezes oiço um concerto giro no rádio do carro; e, como a maioria das pessoas, leio um ou dois livros durante as férias); quanto à roupa, só quero parecer bem no trabalho e sentir-me confortável quando chego a casa. Mas penso que o Oliver gosta de mim por eu ser como sou. Não teria lógica começar a imitá-lo. E há mais uma diferença entre nós: eu tenho algum dinheiro e o Oliver não tem quase nenhum. Ou pelo menos aquilo a que alguém que percebe de dinheiro chamaria dinheiro.

— Emprresta aí uma libra.

Foi a primeira coisa que me disse. Estávamos sentados na aula, ao lado um do outro. Tínhamos quinze anos. Estávamos já há dois períodos na mesma turma sem nunca nos termos falado, porque tínhamos amigos diferentes e porque era costume em St. Edward ocupar um lugar em função dos resultados obtidos no período anterior, por isso havia poucas probabilidades de ficarmos juntos. Mas devo ter-me saído bem nesse período, ou talvez ele se tenha desinteressado, ou as duas coisas, porque ali estávamos os dois — com o Nigel, como então lhe chamavam, a pedir-me uma libra.

— É para quê?

— Impertinência *colossal* ! Porque queres saber?

— Nenhum gestor financeiro prudente autoriza um empréstimo, sem primeiro conhecer o fim a que se destina — repliquei. A afirmação pareceu-me perfeitamente razoável, mas, por qualquer razão, o Nigel desatou a rir. O Biff Vokins levantou os olhos da secretária (estávamos num momento de estudo) e lançou-lhe um olhar inquiridor. Para não dizer pior. O que ainda fez o Nigel rir-se mais, e

foi preciso algum tempo antes que conseguisse justificar-se.

— Desculpe, *sir* — disse por fim. — Peço desculpa. Mas, às vezes, o Victor Hugo é um cómico total. — E voltou a rir-se ainda mais alto. Eu senti-me culpado.

Depois da aula disse-me que queria comprar uma camisa fantástica que tinha visto algures, e indaguei então quais as possibilidades de revenda, com vista a recuperar o investimento em caso de falência, o que o divertiu ainda mais; apresentei-lhe as condições. Cinco por cento de juro semanal, pagamento ao fim de quatro semanas, caso contrário o juro subiria para dez por cento à semana. Chamou-me usurário (era a primeira vez que eu ouvia a palavra) e pagou-me uma libra e vinte ao fim das quatro semanas. Exibia a camisa nova aos fins de semana, e foi assim que ficámos amigos. Decidimos e pronto. Nessa idade, não discutimos para saber se vamos ser amigos de alguém — decidimos, mais nada. É um processo irreversível. Algumas pessoas ficaram admiradas, o que muito nos divertiu. O Nigel fingia que me protegia e eu fazia de conta que era pouco esperto e não dava por nada; ele mostrava-se ainda mais arrogante do que realmente era e eu mais chato; mas estávamos cientes disso e éramos amigos.

E continuámos amigos apesar de ele ter ido para a universidade e eu não, apesar de ele ter ido a Nínive e à longínqua Ofir e eu não, apesar de eu ter entrado no banco e ter um emprego fixo, enquanto ele mudava continuamente de emprego, para acabar como professor de inglês para estrangeiros numa ruazinha perto de Edgware Road. A escola chama-se Shakespeare School of English e tem cá fora um anúncio luminoso com a bandeira nacional, sempre a acender e a apagar. Diz que só aceitou o emprego porque o anúncio luminoso o deixa bem-disposto; mas a verdade é que precisa do dinheiro.

Foi então que a Gillian apareceu e passámos a ser três.

A Gill e eu decidimos não contar a ninguém como nos conhecemos. Dissemos sempre que foi um tipo do escritório chamado Jenkins que me levou a tomar um copo depois do trabalho, num bar ali perto, e encontrámos uma antiga namorada dele e a Gillian, que conhecia vagamente a rapariga, estava com ela e gostámos logo um do outro e voltámos a encontrar-nos.

— Jenkins? — disse o Oliver, quando lhe contei a história com a

voz alterada, mas o nervoso era por estar a falar da Gillian. — Trabalha nos câmbios? — O Oliver gosta de fingir que conhece o meu trabalho e, de vez em quando, sai-se com uma que ninguém espera, para se dar ares de autoridade na matéria. Hoje em dia, finjo que não ouço.

— Não — disse eu. — Era novo. Já foi há tempo. Também não ficou, não estava à altura. — O que era verdade. Eu escolhera o nome do Jenkins, porque tinha sido despedido pouco tempo antes e não era provável que alguém o encontrasse.

— Bem, pelo menos enquanto lá estive ofereceu-te uma *tranche de bonheur*!

— Uma quê? — perguntei, no papel de Stu parvo. Sorriu com aquele sorriso dele, de Ollie sofisticado.

O facto é que nunca fui muito bom a relacionar-me com as pessoas. Há pessoas que são naturalmente boas nisso e outras que não. Não tenho uma daquelas famílias numerosas, onde há montes de primos e em que pessoas de toda a espécie estão sempre a «passar por lá». Ninguém «passava por lá», no tempo em que eu vivia em casa dos meus pais. Morreram tinha eu vinte anos, a minha irmã foi viver para o Lancashire, tornou-se enfermeira e casou, e lá se foi a família.

E eu ali estava, a viver sozinho num pequeno apartamento em Stoke Newington, a ir para o trabalho, a fazer às vezes horas extraordinárias e a começar a sentir-me só. Não tenho aquilo a que se chama personalidade expansiva. Quando encontro pessoas de quem gosto, em vez de falar mais e de lhes fazer perguntas, fecho-me na concha, como se receasse não lhes agradar, ou como se não fosse suficientemente interessante para elas. E então — é normal — as pessoas não me acham interessante. E quando a situação se repete lembro-me mas, em vez de conseguir fazer melhor, fico outra vez paralisado. Parece que metade da população tem autoconfiança e a outra metade não tem, e não sei como se faz para passar de uma para a outra. Para alguém se sentir confiante é preciso já ter confiança: é um círculo vicioso.

O anúncio dizia: Profissional jovem? 25-35? Demasiado ocupado para ter uma vida social preenchida? Era bem esgalhado, o anúncio. Não dava a impressão de ser um local de engate, de onde se partia em

grupo para férias em topless; nem nos fazia sentir culpados por não termos vida social. Era uma daquelas coisas que acontecem aos melhores, e a solução mais sensata era pagar vinte e cinco libras e aparecer num hotel londrino para tomar um xerez, com a promessa implícita de não sofrer humilhações, se as coisas dessem para o torto.

Pensei que iam dar-nos chapinhas com os nomes, para usarmos, como nas conferências; mas devem ter pensado que isso sugeria que não éramos sequer capazes de pronunciar o nosso nome. Havia uma espécie de anfitrião que servia o xerez e levava cada recém-chegado de grupo em grupo; mas, como éramos muitos, não podia lembrar-se de todos os nomes e assim víamo-nos obrigados a dizê-lo. Ou talvez se esquecesse deliberadamente de alguns.

Conversava com um gago que andava num curso de agentes imobiliários, quando a Gillian apareceu, trazida pelo organizador. O facto de o tipo gaguejar deu-me mais segurança. É cruel dizer isto, mas já me aconteceu várias vezes: se falamos de maneira simples, a pessoa que está ao nosso lado torna-se de repente espirituosa. Já me aconteceu muitas vezes. É uma espécie de lei primitiva da sobrevivência — descobrir alguém pior do que nós e, a seu lado, brilhar.

Talvez «brilhar» seja um exagero, mas contei à Gillian uma ou duas das anedotas do Oliver e falámos dos nossos receios antes de conhecer o grupo e ela revelou então ser meio francesa, o que me inspirou alguns comentários; o agente imobiliário tentava falar da Alemanha, mas nós não estávamos interessados e, antes que pudesse dar-me conta, dizia, já de costas para o tipo:

— Oiça, eu sei que ainda agora chegou, mas não gostava de ir jantar? Ou talvez noutra noite, se hoje não estiver livre. — Fiquei espantado comigo, garanto-vos.

— Acha que nos deixam ir já embora?

— E porque não?

— Não temos de ser apresentados primeiro a toda a gente?

— Não é obrigatório.

— Então, está bem.

Sorriu-me e baixou os olhos. Era tímida e isso agradou-me. Fomos jantar a um restaurante italiano. Três semanas depois, o Oliver voltou

de um lugar exótico e lá estávamos nós, todos os três. Durante o verão inteiro. Nós os três. Como naquele filme francês em que andam todos juntos de bicicleta.

Gillian Eu não era tímida. Estava nervosa, mas não era tímida. É diferente. O Stuart é que era tímido. Dava-se logo por isso. Estava ali ao meu lado, com um copo de pé alto na mão e as têmporas levemente suadas, nada à vontade, e tentava com grande esforço dominar-se. É claro que ninguém (homem ou mulher) *estava* no seu elemento. Na altura, pensei que aquilo era um bocado como ir a uma loja comprar pessoas, e não fomos habituados a isso, pelo menos na nossa sociedade.

Depois o Stuart começou a contar histórias, que saíram um bocado mal por ele estar tão nervoso, mas acho que também não tinham muita graça. Falou-se então da França, e ele disse qualquer coisa banal, como: podíamos sempre saber que lá estávamos só pelo cheiro, mesmo que nos vendassem os olhos. Mas o que era importante era ele estar a *tentar* fazer o melhor que podia, tanto em relação a si próprio como a mim, e isso era comovente, mesmo comovente.

Não sei o que foi feito do gago, que só queria falar da Alemanha. Espero que tenha encontrado alguém.

Também não sei o que foi feito do Jenkins.

Oliver Não me digam. Deixem-me adivinhar. Deixem-me ajustar a minha telepatia na figura de bom menino, amarrotada e algo esteatopígia do meu amigo Stu. Esteatopígia? Quer dizer que tem o rabo espetado: o *derrière* dos hotentotes.

Jules e Jim? É? Acho que sim. Houve uma época em que costumava falar nisso, mas só a mim, nunca à Gillian. *Jules e Jim*. Oskar Werner, baixo, louro e (poderei afirmá-lo?) muito provavelmente esteatopígio, e Jeanne Moreau; depois o alto, moreno, elegante e bem-parecido que tinha de certeza dentes talhados para beijar. Como é que ele se chamava? Bem, quanto aos artistas não há problema, o problema é lembrarmo-nos do enredo. Vão todos de bicicleta e atravessam pontes,

e andam por ali na pândega, não é? Bem me parecia. É mesmo típico do gordalhufo do Stuart escolher *Jules e Jim* como referência cultural — é uma fita agradável, mas não propriamente *essencial* no cinema do pós-guerra. O Stuart, é melhor avisar-vos já, é o género de pessoa que conhece a peça K467 de Mozart como concerto de Elvira Madigan. O que ele prefere, em termos de música clássica, é o som de um conjunto de cordas a imitar passarinhos, ou relógios, ou o barulho do comboio a subir uma colina. Não é querido, assim tão simples?

Se calhar tinha feito um curso sobre cinema francês, para aprender a engatar as raparigas, o que, como devem calcular, nunca foi o forte dele. Eu às vezes ajudava-o, com umas saídas a quatro que acabavam sempre com as duas raparigas a disputarem este vosso amigo e o Stuart amuado a um canto, sorumbático como uma lapa. Meu Deus, eram encontros fúnebres, e o pior é que o Stuart em seguida me acusava.

— Devias ajudar-me mais — queixou-se certa vez, em tom patético.

— *Ajudar-te? Ajudar-te?* Eu conheço as raparigas, apresento-tas, faço tudo para que a noite seja um sucesso, e tu ficas para ali sentado a desferir olhares furibundos, como o Hagen no *Götterdämmerung*, se me permites a alusão cultural.

— Às vezes, penso que só me convidas para eu pagar a conta.

— Se eu fosse como tu um craque das finanças, e tu fosses o meu melhor amigo e estivesse sem trabalho e aparecesses com duas miúdas fantásticas, eu tinha até muita honra em pagar a conta.

— Desculpa — disse ele. — Mas não devias ter-lhes dito que não me sinto nada à vontade com mulheres.

— Ah, é isso que te chateia. — Agora começava a perceber. — A intenção era justamente pôr toda a gente à vontade.

— Acho que não queres é que eu arranje namorada — concluiu o Stuart, de mau humor.

Por isso, fiquei deveras surpreendido quando desencantou a Gillian. Quem havia de dizer? Mais, quem havia de acreditar que ele a tinha *encontrado num bar*? Façam favor de imaginar a cena: a Gillian sentada ao balcão num banco alto, com a saia de cetim rachada até à anca, o Stuart a ajeitar maquinalmente o nó da gravata enquanto

calcula no relógio de pulso o estado de saúde do iene, o barman que sabe de antemão que Mr. Hughes-tenha-a-bondade deseja um madeira de 1918, servido em copo especial para concentrar o aroma, o Stuart a passar para o banco ao lado e a espalhar como quem não quer a coisa o vela do almíscar da sua sexualidade, a Gillian a pedir-lhe lume, e o bom do Stuart a tirar do bolso do fato Armani todo largueirão o isqueiro Dunhill em tartaruga...

A sério. Não percamos a noção da realidade. Ouvi o relato em silêncio, suspenso do pormenor, e não era nem mais nem menos sórdido do que se podia esperar. Um insignificante empregado de banco, que conseguiu ser despedido na semana seguinte (e é preciso ser-se mesmo insignificante para se ser despedido dum sítio daqueles), sai uma tarde com o Stu para ir festejar o pós-*Arbeit* com um copo no Bar Squires. Fiz o Stuart repetir o nome várias vezes: Bar Squires.

— Devemos concluir que o estabelecimento é propriedade de alguém que se considera um *squire*² ou que se trata de um lugar frequentado por *squires* como tu, quando desejam emborcar?

O Stuart pensou um bocado.

— Não estou a entender.

— Então vê a coisa deste modo. Onde fica o apóstrofo?

— O apóstrofo?

— É *e* apóstrofo *s* ou *s* apóstrofo? Há uma diferença considerável.

— Não sei. Acho que não tem nenhum.

— Tem de ter, ainda que subliminar. — Olhámo-nos fixamente durante uns segundos. Acho que o Stuart não percebeu mesmo onde eu queria chegar. Terá pensado que eu sabotava sistematicamente a sua versão moderna de *Paulo e Virgínia*. — Desculpa. Continua.

Lá estavam, pois, o Vinkelkopf e o Stu a dar leis no Bar dos *squires*, ou no Bar *Squire*, como queiram chamar-lhe. E quem havia de aparecer senão uma *vieille flamme*³ de Herr Vinkel, e essa *Fräulein*, por sua vez, trazia atrás dela nem mais nem menos do que a nossa querida Gillian. Ora o curso dos acontecimentos era daí em diante previsível, só que no quarteto havia o Stuart, e o Stuart, num encontro a quatro, torna-se estimulantemente semelhante a um cacete de pão todo embrulhado. Como terá irrompido, nessa ocasião, da crepuscular *oubliette*⁴ de invisibilidade? Fiz-lhe a pergunta, embora de maneira

mais subtil... bem veem. E adoro a resposta que me deu.

— Começámos mais ou menos a falar. E entendemo-nos mais ou menos.

É o meu Stuart. Estarei a ouvir Tristão? Don Juan? Casanova? Ou o malandro do Marquês? Não, estou a ouvir o meu velho amigo e colega Stuart Hughes. «Começámos mais ou menos a falar. E entendemo-nos mais ou menos.»

Lá estão vocês a olhar outra vez para mim dessa maneira! Não precisam de dizer. Eu sei. Pensam que sou paternalista e pudico, não é? Mas não é isso. Talvez não estejamos na mesma frequência. Se falo assim, é porque o Stuart é meu amigo. O amigo que tenho há mais tempo. Gosto muito dele. E já vem de longe, muito longe — do tempo em que ainda se podiam comprar discos mono, em que os kiwis ainda não tinham sido inventados, em que o representante do Automóvel Clube, com o seu uniforme verde-seco, cumprimentava os condutores à passagem, em que um maço de Gold Flake só custava seis pence e ainda recebíamos troco quando comprávamos um frasco de hidromel. Somos assim, eu e o Stuart. Amigos para sempre. E, principalmente, não tenham o meu amigo em pouca conta. É um pouco lento, às vezes, e a velha turbina lá no sótão nem sempre dispara como um Lamborghini, mas chega lá, chega sempre. E às vezes mais depressa do que eu.

— Podes emprestar-me uma libra? — Estávamos sentados na carteira da escola (Como é que se chamava? O Stuart sabe de certeza, perguntem-lhe.). Achei simpático quebrar o gelo com aquele rapaz que, até então, mostrara uma inteligência um bocado lenta e que tinha, não sei como, conseguido ascender provisoriamente a um nível superior. E sabem o que aconteceu? Em vez de me estender obsequiosamente a massa, como teria feito qualquer escolhido a quem fosse temporariamente permitido respirar o ar das alturas, desatou logo a impor termos e condições. Juros, percentagens, dividendos, regras de mercado, relação qualidade/preço e sei lá que mais. Quase me fez entrar no sistema monetário europeu, quando o que eu queria era que ele me desse um *moidore*⁵. E perguntou para que queria eu o dinheiro! Como se tivesse alguma coisa a ver com isso! E como se eu soubesse! Não queria acreditar e pus-me a rir, o que fez com que o

velho geco que dava a aula me lançasse um olhar reprovador; acalmei-o com duas tretas e continuei a negociar com o meu novo colega redondo e financeiramente tenaz. Paguei-lhe uns meses depois, sem ligar às advertências e rodeios acerca das taxas de juro porque, sinceramente, eram ininteligíveis. E, desde então, temos sido amigos e companheiros de vadiagem.

Ele tinha uma namorada. Quer dizer, antes da Gillian. No tempo em que seis pence, etc. E sabem que mais? Tenho a certeza de que ele não se importa que vos conte — *nunca dormia com ela*. Tomem nota. Nada de quecas. Recusava-se a ver-lhe de perto o lombo. Quando ao fim de vários meses de castidade inflexível, a rapariga em desespero mostrou um gesto de afeição, ele disse-lhe que *queria primeiro conhecê-la melhor*. Eu disse que era isso que ela lhe propunha, *Dummkopf*, mas o Stuart não estava interessado. Ouviram bem, ele não estava interessado.

Podia, é claro, estar a mentir, mas isso constituiria nele um esforço de imaginação. E, além disso, tenho outra prova. Os cientistas estabeleceram definitivamente a ligação entre sexo — interesse/falta de interesse — e comida. (Duvidam? Então deixem que vos transmita um pormenor: uma das feromonas humanas ou eflúvios sexuais mais importantes é o chamado isobutiraldeído, o qual, no poderoso e vibrante ciclo do carbono, se situa imediatamente a seguir ao odor do feijão germinado! Que tal, *amigo*?) Ora o Stuart, como irão descobrir se tal ainda não aconteceu, acredita que a principal *raison d'être* da comida é esconder da vista as horríveis decorações do prato que está por baixo. Ao passo que há poucos — e não é para me gabar — que, de garfo e faca, sejam mais despachados do que o vosso amigo Ollie.

Ergo, também nunca tive grandes dificuldades nesse citado domínio do comportamento humano. Nunca fiz dos obstáculos familiares a minha divisa. Talvez a minha reputação de *coureur* tenha o efeito de desvirilizar o Stuart. E o facto de ensinar na Shakespeare School of English também não me limita nesse campo. As lições particulares fora do horário escolar dão azo a situações muito pessoais de face a face. O Stuart deve ter telefonado para o meu *boudoir* e constatado que eu atendia o telefone em pelo menos (até hoje) quinze línguas. Mas ele agora está bem. Tem a Gillian, não tem?

Para dizer a verdade, eu não tinha namorada fixa na época em que ele entrou pomposamente no *Café des Squires* e saiu de lá com a Gillian. Andava um bocado neura e quando ando neura torno-me sarcástico, por isso até pode ter-me escapado qualquer piada mais ácida. Mas fiquei feliz por ele. Como podia não ficar? Parecia um cachorrinho, da primeira vez que vieram juntos cá a casa. Por pouco não lhe fiz uma festa nas orelhas, de o ver abanar tanto o rabo, contente como se andasse à cata de ossos.

Tentei dar ao apartamento um ar menos intimidante. Atirei casualmente um pano marroquino para o sofá, pus o 3.º Ato de *Orfeu* no gira-discos, acendi um pau de incenso Al Akhbar e deixei ficar. Já conseguira o efeito de *Bienvenue chez Ollie*. Podia ter ido mais longe: pendurar um cartaz das touradas, para que o Stuart se sentisse em casa — mas creio que não devemos apagar completamente a nossa personalidade, senão os convidados não sabem em que casa estão. Quando a campainha tocou, acendi um Gauloise e preparei-me para enfrentar o meu destino. Ou o do Stuart, se fosse o caso.

Pelo menos, ela não perguntou porque é que eu tinha as cortinas fechadas durante o dia. Ultimamente, as explicações para este meu capricho têm-se tornado cada vez mais barrocas: surpreendo-me a dizer tudo e mais alguma coisa, desde uma rara doença ocular até à eterna homenagem ao Auden dos primórdios. Mas o Stuart talvez já a tivesse avisado.

— Como está? — perguntou ela. — O Stuart já me falou muito de si.

Ao que eu me pus a imitar a Makarova do *Romeu e Julieta*, para pôr todos à vontade.

— Meu Deus — retorqui, atirando-me para cima do pano marroquino —, ele não lhe falou da minha ferida de guerra, espero! Sinceramente, Stuart, sei que não é toda a gente que descende do Rei Zog da Albânia, mas não precisas de contar logo a história toda.

O Stuart tocou-lhe no braço (gesto que nunca o vira fazer espontaneamente) e murmurou:

— Avisei-te que não acreditasses numa palavra do que ele diz. — Ela fez que sim com a cabeça e, coisa bizarra, de repente senti-me à parte. Era estranho porque eles eram só dois e normalmente é preciso

muito mais do que isso para eu me sentir à parte.

Deixem ver se me lembro do ar que ela tinha, nesse dia. Não consegui guardar uma reprodução precisa da cara dela no depósito de bagagem da memória; mas *creio* que vestia uma camisa de um tom entre verde casto e lilás louco, sobre uns jeans 501 cinzentos desbotados, meias verdes e uns ridículos, inestéticos tênis de corrida. Cabelo *marron* penteado para trás, preso acima das orelhas e solto nas costas; ausência de maquilhagem que, ao revelar a palidez, tornava dramáticos os generosos olhos castanhos; boca pequena e nariz audacioso, um pouco baixo na oval alongada do rosto, acentuando assim a altura abaulada da testa. Não pude deixar de reparar nas orelhas quase sem lóbulos, traço genético de popularidade crescente, que Darwin poderia sem dúvida explicar.

Sim, acho que foi a impressão com que fiquei.

Não pertencço ao número dos conversadores que acham que só após uma árdua circum-navegação se devem abordar temas pessoais. Não começo pelos acontecimentos do dia: a agitação política na Europa de Leste, o último golpe militar em África, a probabilidade de sobrevivência das baleias ou o frémito agressivo das baixas pressões, normalmente hasteadas no cabide da Gronelândia. Mal acabara de servir à Gillian e ao seu *squire* uma chávena de oolong da Formosa e logo lhe perguntei a idade, o que fazia e se os pais ainda eram vivos.

Aceitou tudo de bom humor, enquanto o Stuart, esse, estava na maior excitação. Apurei que tinha vinte e oito anos, que os pais (mãe francesa e pai inglês) se haviam separado uns anos antes, por o Pater ter fugido com uma ninfa; e que ela labutava como serviçal das artes, reanimando os pigmentos descoloridos pelo tempo. O quê? Ah, pois, restaura quadros.

Antes de saírem, não pude deixar de me abeirar da Gillian e de lhe dar o precioso conselho de que usar jeans 501 com tênis de corrida era francamente *un désastre* e que me espantava como tinha conseguido vir a andar rua fora em pleno dia até o meu apartamento, sem ir parar à força.

— Diga-me uma coisa — replicou. — Você não...

— Não o quê? — perguntei, ansioso.

— Não está maquilhado, pois não?

-
- 1 «Dose de felicidade.» (*N. da T.*)
 - 2 Título de um membro da pequena aristocracia rural, atualmente em declínio. (*N. da T.*)
 - 3 «Antiga paixão.» (*N. da T.*)
 - 4 «Masmorra.» (*N. da T.*)
 - 5 Moeda portuguesa em ouro, de dez cruzados, que circulava por Inglaterra no século xviii. (*N. da T.*)

3.

Naquele verão eu brilhei



Stuart Não fiquem contra o Oliver. Exagera um bocado, mas, lá no fundo, tem bom coração e é boa pessoa. Há muita gente que não gosta dele e há até quem o deteste, mas tentem ver o lado bom. Não tem namorada, quase não tem cheta, e está enfiado num trabalho que abomina. Muito daquele sarcasmo é só bravata e, se eu tolero as brincadeiras dele, porque é que vocês não fazem o mesmo? Tentem conceder-lhe o benefício da dúvida. Façam-no por mim. Eu sou feliz. Por favor, não sejam desmancha-prazeres.

Quando tínhamos dezasseis anos, andámos juntos pelas pousadas da juventude. Fomos para a Escócia à boleia. Eu tentava fazer parar todos os carros que passavam, mas o Oliver só levantava o polegar para aqueles que lhe agradavam e, às vezes, até insultava os condutores dos carros rascas. Por isso não tivemos muito sucesso a pedir boleia. Mas chegámos ao nosso destino. Choveu quase sempre e, como de manhã nos punham na rua e só nos recebiam à noite, dávamos uma volta e sentávamo-nos numa paragem de autocarro coberta. Ambos tínhamos anoraques, mas o Oliver nunca punha o capuz, porque dizia que o fazia parecer um monge e não queria apoiar o cristianismo. Por isso, molhava-se mais do que eu.

Uma vez passámos o dia todo — creio que algures perto de Pitlochry — numa cabine telefónica a jogar à batalha naval. É aquele jogo em que fazemos uma grelha sobre uma folha de papel quadriculado e cada jogador tem um porta-aviões (quatro quadrados), dois cruzadores (três quadrados), três contratorpedeiros (dois quadrados) e assim por diante, e tenta destruir a frota adversária. Jogámos sem parar. Um de nós tinha de ficar sentado no chão da

cabine, enquanto o outro estava de pé, apoiado na prateleira onde se encontram as listas. Passei a manhã sentado no chão e a tarde em pé, encostado à prateleira. Ao almoço, comemos bolos de aveia que tínhamos comprado na loja da aldeia e que estavam completamente ensopados. Jogámos à batalha naval o dia todo e não apareceu ninguém para telefonar. Não me lembro de quem é que ganhou. Mais para o fim da tarde, o céu clareou e voltámos a pé para a pousada. Baixei o capuz e tinha os cabelos secos, enquanto os do Oliver estavam encharcados. O sol brilhava e ele deu-me o braço. Passámos por um jardinzinho onde estava uma senhora. O Oliver cumprimentou-a e disse:

— Veja, minha senhora, o monge seco e o pecador molhado. — Ficou intrigada e nós lá continuámos o caminho de braço dado, a acertar o passo.

Levei a Gillian a casa do Oliver poucas semanas depois de nos termos conhecido. Tive de explicar-lhe primeiro como ele era, porque o facto de uma pessoa me conhecer não faz necessariamente com que saiba como é o meu melhor amigo, e o Oliver é muito capaz de fazer chegar a mostarda ao nariz das pessoas. Disse-lhe que ele tinha hábitos e gostos um pouco excêntricos, mas que, ignorando isso, depressa descobriria o verdadeiro Oliver. Expliquei-lhe que, provavelmente, as cortinas da sala estariam corridas e cheiraria a incenso, mas se ela aparentasse não dar por nada fora do comum, tudo correria bem. Agiu realmente como se nada fosse e quis-me parecer que o Oliver ficou desapontado. No fundo, o Oliver gosta de alterar um pouco a ordem das coisas. Deleita-se com as atitudes que provoca.

— Não era tão estranho quanto o pintaste, o teu amigo — disse a Gillian quando saímos.

— Ainda bem.

Não lhe expliquei que o Oliver se tinha portado anormalmente bem.

— Gosto dele. É divertido e tem bom ar. Ele maquilha-se?

— Que eu saiba, não.

— Devia ser da luz — disse.

Mais tarde, enquanto jantávamos comida indiana e eu já ia na segunda caneca de cerveja, senti uma coisa que não sei explicar. Senti

que podia fazer-lhe perguntas, que ela não se importava.

— E tu, maquilhas-te? — Tínhamos estado a falar de outra coisa e disse aquilo assim, sem mais nem menos, mas, no meu espírito, era como se continuássemos a falar do Oliver; e a maneira como ela respondeu, também como se ainda falássemos dele, apesar de entretanto já termos abordado outros assuntos, agradou-me imenso.

— Não. Não se nota?

— Não reparo muito em certas coisas.

Ela tinha na frente um frango tikka meio comido e um copo de vinho branco meio bebido. Havia entre nós uma grande vela encarnada, cuja chama começava a afogar-se em cera e também uma violeta-africana roxa, de plástico. Foi à luz dessa vela que vi bem o rosto da Gillian, pela primeira vez. Ela... bem, já a conhecem, não é? Repararam no pequeno ninho de sardas que tem na face esquerda? Pois bem, nessa noite tinha o cabelo puxado acima das orelhas e preso atrás com dois ganchos de tartaruga, os olhos não podiam ser mais escuros, e eu não conseguia acreditar na presença dela. Olhava-a, olhava-a, enquanto a chama na sua luta contra a cera lhe lançava no rosto a luz bruxuleante, e não conseguia acreditar.

— Eu também não — disse por fim.

— Também não o quê? — Desta vez, não retomara automaticamente o fio à meada.

— Não me maquilha.

— Ainda bem. Desagrada-te que use ténis de corrida com jeans?

— Por mim, podes usar tudo o que quiseres.

— É uma declaração temerária.

— Sinto-me temerário.

Mais tarde acompanhei-a ao apartamento que dividia com uma amiga e encostei-me às grades ferrugentas, enquanto ela procurava as chaves. Deixou-me beijá-la. Beije-a devagar, depois olhei-a e voltei a beijá-la docemente.

— Quando não nos maquilhamos — sussurrou —, não há perigo de esborratar.

Abracei-a. Apertei-a nos braços e abracei-a, mas não voltei a beijá-la porque tive medo de chorar. Voltei então a abraçá-la e empurrei-a pela porta entreaberta, porque pensei que, se demorasse mais,

chorava. Fiquei sozinho na soleira da porta, de olhos fechados, respirando com dificuldade.

Falámos das nossas famílias. O meu pai morreu há uns anos, com um ataque de coração. A minha mãe parecia estar excelente, parecia quase eufórica. A seguir teve um cancro generalizado.

A mãe da Gillian era francesa — é francesa, aliás. O pai era um professor que tinha ido a Lyon fazer um estágio de um ano e voltara com a Mme. Wyatt a reboque. A Gillian tinha treze anos, quando o pai fugiu com uma aluna que saíra da escola um ano antes. Ele tinha quarenta e dois, ela tinha dezassete. Dizia-se que já andava com ela quando ainda era aluna dele e tinha quinze anos; e dizia-se que a rapariga estava grávida. Teria sido um enorme escândalo, eles é que não esperaram por ele. Fugiram, desapareceram. Deve ter sido horrível para a Mme. Wyatt. Como se o marido estivesse ao mesmo tempo morto e algures com outra.

— Como é que reagiram?

A Gillian olhou-me como se eu tivesse feito uma pergunta estúpida.

— Custou, mas sobrevivemos.

— Treze anos é uma idade, sei lá, é uma idade má para se ser abandonado.

— Dois anos é uma idade má — disse ela. — Cinco anos é uma idade má. Dez anos é uma idade má. Quinze anos é uma idade má.

— Só disse isto por artigos que li...

— Aos quarenta já não seria tão mau — disse, num tom de voz claro e quase duro, que não lhe ouvira antes. — Se não se tivesse posto a andar antes de eu ter quarenta anos, acho que era melhor. Devia haver uma regra.

Pensei, não quero que volte a acontecer-lhe nada assim... Ficámos calados, de mãos dadas. De quatro pais, agora e entre nós, só um. Dois mortos, um desaparecido.

— Quem me dera que a vida fosse como um banco! — disse. — Não quero dizer que o banco seja fácil de entender. É, em boa parte, incrivelmente complicado. Mas, quando nos esforçamos, acabamos por entender. Ou há pelo menos algures alguém que entende, mesmo que seja depois, mesmo que seja tarde demais. Acho que a chatice da vida é que às vezes já é tarde e ainda não entendemos. — Vi que ela me

olhava atentamente. — Desculpa estar assim melancólico.

— Podes estar melancólico à vontade. Desde que, na maior parte do tempo, estejas alegre.

— Está bem.

Estivemos alegres, nesse verão. O facto de termos o Oliver connosco ajudou, tenho a certeza. A Shakespeare School of English desligara por dois meses o anúncio luminoso e o Oliver andava ansioso. Fingia que não, mas eu bem via. Saíamos juntos. Íamos aos bares, metíamos moedas nas máquinas com frutos pintados em painéis, íamos dançar, víamos filmes e fazíamos coisas parvas de repente, quando nos passava pela cabeça. A Gillian e eu começámos a apaixonar-nos e podem pensar que só queríamos estar sós, o tempo todo, a olharmos nos olhos, a darmos as mãos e a deitarmo-nos um com o outro. É verdade que fazíamos isso, mas também andávamos com o Oliver. Não era o que possam pensar — não queríamos uma testemunha, não queríamos exhibir o nosso amor; mas era fácil estar com o Oliver.

Fomos para a beira-mar. Para uma praia a norte de Frinton, onde comemos gelados e chupa-chupas, e alugámos cadeiras de repouso, e o Oliver quis que escrevêssemos os nossos nomes em grandes letras na areia e nos fotografássemos uns aos outros de pé, ao lado deles. Vimos depois os nomes a desaparecer, quando o mar subiu, e ficámos tristes. Ainda nos lamentámos um bocado e choramingámos como miúdos, na brincadeira, mas brincávamos porque no fundo nos sentíamos *mesmo* tristes, de vermos os nossos nomes a apagarem-se na areia. Foi então que a Gillian disse aquilo de o Oliver falar como um dicionário, e ele fez a tal cena na praia e todos nos fartámos de rir.

O Oliver também estava diferente. Geralmente, quando estávamos com raparigas, ele começava a competir, ainda que não tivesse essa intenção. Mas penso que naquele momento não tinha nada a ganhar nem a perder, o que tornava tudo mais fácil. Qualquer coisa em nós sabia que aquele momento era único, que era o primeiro e o último verão, porque nunca mais haveria outra altura em que a Gillian e eu nos estivéssemos a apaixonar um pelo outro, o que era diferente de nos amarmos e pronto. Era único, aquele verão; todos o sentíamos.

Gillian Comecei a estagiar como assistente social, depois de deixar a universidade. Não estive lá muito tempo. Mas lembro-me de uma coisa que uma monitora disse, num dos cursos:

— Devem lembrar-se — disse — de que cada situação é comum e ao mesmo tempo única.

O problema de falarmos de nós próprios, como o Stuart faz, é levar as pessoas a tirar conclusões. Por exemplo, quando sabem que o meu pai fugiu com uma aluna, olham-me inevitavelmente de uma certa maneira, o que significa de duas coisas uma, se não ambas. A primeira é: se o pai dela fugiu com uma miúda, isso provavelmente quer dizer que ele queria *mesmo* era fugir com *ela*. E a segunda é: sabe-se que as raparigas cujos pais dão à sola tendem muitas vezes a compensar o facto, procurando ligações com homens mais velhos. Será o caso?

Ao que eu responderia, primeiro, que a testemunha não está perante o tribunal, sujeita a contrainterrogatório sobre um assunto; segundo, que só porque uma coisa é um «facto consumado», isso não quer dizer que seja facto consumado no que a *mim* diz respeito. Cada situação é comum e ao mesmo tempo única. Podem usar a frase, se quiserem.

Não sei porque é que o Stuart e o Oliver se comportam assim. Deve ser mais um dos jogos deles. Por exemplo, quando o Stuart finge que nunca ouviu falar de Picasso, e o Oliver finge que não entende nada de mecânica para além da primeira máquina de fiar. Mas não é jogo em que me apeteça entrar, obrigada! Os jogos são para a infância, e às vezes penso que perdi cedo a minha.

O que quero dizer é que não concordo com a descrição que o Stuart fez desse verão que passámos com o Oliver. Sim, passámos bastante tempo só os dois, começámos a dormir juntos e tudo o mais, e fomos suficientemente sensatos para saber que, mesmo quando nos apaixonamos por alguém, não devemos viver inteiramente ao pé um do outro. O que não significa, na minha opinião, que tivéssemos de andar sempre com o Oliver. Eu gostava dele — não se pode deixar de gostar do Oliver, depois de o conhecer —, mas ele tinha tendência a monopolizar tudo. Quase nos dizia o que devíamos fazer. Não estou a queixar-me. Estou só a fazer uma espécie de balanço.

É este o problema de se falar assim de tudo. Nunca se é

inteiramente justo para com a pessoa de quem se fala.

Conheci o Stuart. Apaixonei-me. Casei. Para quê fazer uma história?

Oliver Eu brilhei, naquele verão. Porque é que continuamos a referir-nos «àquele verão»? Afinal, foi o verão *passado*. Deve ser porque se pareceu com uma nota no tom ideal, uma cor translúcida e certa. Assim se apresenta na memória; e assim — *il me semble* — cada um de nós o sentiu na pele. Além de que fui brilhante.

As coisas não iam lá muito bem na Shakespeare School, antes de as portas se fecharem para férias. Infiltrara-se no local um certo espírito crepuscular, graças a um mal-entendido sobre o qual achei que não valia a pena maçar o saltitante *squire* nem a sua *milady*; pensei que não era justo, dado o estado de espírito deles. Mas eu descobrira um dos problemas, uma das preocupações mais profundas dos meus alunos estrangeiros: não falam bem inglês. Foi essa a causa. Quero dizer, ela acenava-me com a cabeça e sorria, e o Ollie, o pobre cretino, o débil mental do Ollie, concluiu logo que os tiques e manifestações exteriores eram sinais irrefutáveis de inclinação recíproca. O que acabou naturalmente por gerar um mal-entendido que, apesar de lamentável, não implicava a menor culpa por parte do infeliz professor. E a ideia de que contrariei o desejo dela de fugir do meu apartamento e de que fiquei impávido quando desatou a chorar — como podia eu, amante operático, ser insensível às lágrimas? — é ridícula e exagerada. O diretor, horrível calhau de lava saído de um vulcão já extinto há muito, insistiu comigo sem rodeios para que abandonasse as lições particulares e deixou a pairar com um sorriso tolo a expressão tenebrosa de *assédio sexual*, adiantando que, durante o interregno estival, poderia reconsiderar os termos e condições do meu emprego. Retorqui que, no que a mim respeitava, os termos e condições podia usá-los em implantação anal, de preferência sem anestesia, ao que ele sugeriu que, sendo assim, o melhor era levar o caso perante a aparatosa autoridade da justiça de Sua Majestade, por intermédio da via-sacra policial ou, pelo menos, de um tribunal comum, dotado da prerrogativa de esclarecer *contretemps* entre amos e

criados.

Respondi que tais decisões só dependiam verdadeiramente do seu arbítrio e pus-me a cismar e a procurar lembrar-me de uma coisa que a Rosa me perguntara na semana anterior, acerca dos hábitos sociais em Inglaterra. Era normal, interrogava-se, senhores já idosos inquirirem dos nossos progressos escolares trimestrais, indicando com a mão no sofá o lugar onde devíamos sentar-nos para a entrevista e depois, quando nos sentávamos, deixar lá ficar a mão? Achei por bem comunicar ao diretor o teor da minha resposta à Rosa: explicara-lhe que era menos uma questão de maneiras do que de fisiologia, e que a extrema decrepitude e senilidade provocavam com frequência um definhamento dos músculos do bíceps e do tríceps, o que, por sua vez, ocasionava uma quebra na cadeia de transmissão que liga o comando cerebral ao dedo brejeiro. Só mais tarde disse ao diretor já vacilante, só mais tarde depois de a Rosa ter saído, que havia mais uma ou duas alunas que tinham feito a mesma pergunta, nos últimos doze meses. Não conseguia lembrar com precisão as identidades, mas, caso viesse a ser possível reunir as que se encontravam *in statu pupillare*¹ numa atmosfera *décontractée* (como, por exemplo, uma esquadra de polícia), tinha a certeza de que o assunto poderia ser discutido a título de apêndice, na aula semanal sobre «Grã-Bretanha, Anos 80». O diretor, entretanto, ficara quase tão fluorescente como o anúncio de néon à porta da academia, e olhámo-nos com um espírito totalmente desprovido de camaradagem. Pensei que possivelmente tinha perdido o emprego, mas não sabia ao certo. O meu bispo tinha-lhe imobilizado a rainha. Ia ser empate ou eliminação mútua?

São tudo questões a considerar, para se avaliar o quanto brilhei naquele verão. Como vos disse, não macei o Stu nem a Gillie com esse contratempo na minha carreira: um problema partilhado não é, na minha opinião, um problema meio resolvido, é sim um problema divulgado pelo poderoso altifalante da maledicência. Alô, há alguém que queira evacuar de alto para cima do desgostoso Ollie?

Vendo agora, a minha neura pode realmente ter ajudado. O facto de me terem reservado um lugar especial na primeira fila para assistir à representação da sua felicidade ajudou-me certamente a combater a melancolia. E que melhor maneira de retribuir do que zelar por fazer a

pequena semente de *bonheur* germinar e florir, criar raiz e desabrochar? Com a minha presença irrequieta afastava os indesejáveis. Eu era como pesticida, pó para gatos, granulado mata-lesmas.

Fazer de Cupido, também vos digo, não é só voar pela Arcádia e sentir a trombetazinha a vibrar quando enfim os amantes se beijam. É ter de controlar horários e mapas de ruas, ementas e horários de cinema, dinheiro e sentido de organização. Tem de se ser chefe de claque confiante e psiquiatra flexível. Deve possuir-se a dupla faculdade de estar ausente quando presente, e presente quando ausente. E não me digam que o alcoviteiro do Amor, o das bochechas com covinhas, não merece bem as pesetas que ganha!

Vou confessar-vos uma pequena teoria das minhas. Sabem que o pai da Gillian se safou com uma nereide, quando a filha só tinha dez, ou doze, ou quinze anos ou coisa assim — ou seja, quando se diz erradamente que ela estava «numa idade impressionável», como se todas as idades não pudessem ser assim definidas. Ouvi dizer, nos antros bafientos do freudismo, que a cicatriz psicológica resultante da deserção parental leva frequentemente a filha, quando chega à idade de namorar, a procurar um substituto do arquétipo em falta. Por outras palavras, fodem com homens mais velhos. É mesmo uma conduta que sempre me pareceu raiar o patológico. Para começar, já repararam nos homens mais velhos, do tipo sedutor de raparigas? O de andar gingão e rabo espetado, o bronzado vem-me-dar-uma, o botões-de-punho reluzentes e o que tresanda a tinturaria. Fazem estalar os dedos, como se o mundo fosse um criado que lhes serve o vinho. Exigem, esperam... Repugnante. Desculpem, mas faz-me impressão. A ideia daquelas mãos cheias de manchas da idade a apertarem seios firmes e jovens — ai, levem-me já para o vomitório! E outra coisa que ultrapassa em muito o meu entendimento: se o papá nos abandonou, porque havemos de ir para a cama com os substitutos do papá e oferecer *la fleur de l'âge* a uma data de velhos esclerosados? Ah, vem nos calhamaços: não entendeu a questão, o que a rapariga procura é recuperar a segurança que lhe tiraram brutalmente; procura um pai que a *não* abandone. Muito bem, mas o que eu penso é que se um cão vadio nos morde e a ferida ganha pus, será sensato continuar a

andar por aí com cães vadios? Parece-me bem que não. Compra-se um gato, um passarinho, mas com cães vadios não se anda mais. Ora a rapariga o que faz? Anda com cães vadios. Tenho de admitir que se trata de uma zona tenebrosa da psique feminina, que muito beneficiaria com uma boa limpeza dada pela razão. É repugnante!

Como é que, perguntam vocês, esta minha teoria se aplica ao caso presente? É certo que o meu amigo esteatopígio não é comparável em idade ao dito Lotário de cabelo grisalho, ou seja, o papá da Gill — que se escapuliu ao pôr do sol com um succulento pedaço de borracho ainda menor, atado ao porta-bagagens. Mas, ao contemplar o Stuart, somos forçados a concluir que, embora não seja propriamente *d'un certain âge*, podia no entanto ser. Analisemos os factos. Possui dois fatos cinzentos, um médio e outro muito escuro; faz não importa o quê num banco, cujos zelosos dirigentes usam cuecas às riscas e hão de tomar conta dele até o último dia. Desconta para a reforma e fez seguro de vida. Tem participação de cinquenta por cento numa hipoteca de vinte e cinco anos, com empréstimo adicional. Tem apetites modestos e (com o devido respeito) uma sexualidade rarefeita. A única coisa que o impede de ser admitido na grande franco-maçonaria dos maiores de cinquenta é o facto de ele por acaso ter só trinta e dois. E é isso o que a Gillian sente, é justamente o que ela quer. O casamento com o Stu não anuncia propriamente uma vida de boémia pirotecnia. A Gillian arranjou nada mais, nada menos do que o mais jovem dos homens mais velhos que encontrou.

Mas teria sido justo mencionar tudo isto, enquanto namoravam numa *plage* da Ânglia, como se eu lá não estivesse? Não é para isso que servem os amigos. Além de que estava satisfeito por causa do Stuart, que nunca tivera muita sorte aos amores. Agarrava-se à mão da Gillian com alarmante gratidão, como se anteriormente todas as raparigas insistissem para que usasse luvas de cozinha. Junto dela, parecia perder um pouco do ar desajeitado. Até dançava melhor. Quer dizer, o Stu nunca ultrapassaria uma espécie de saltitar aturdido, mas, naquele verão, pôs uma certa vivacidade despreocupada na arte de dar ao pé. Por mim, sempre que a Gillian me concedia uma dança, refreava-me altruisticamente, procurando não dar azo a comparações desfavoráveis. Não seria até por vezes estranhamente desajeitado, ao

executar uns passos na pista? Quem sabe? Cada um dirá de sua justiça.

E assim fomos andando, naquele verão. As infelicidades não estavam no programa. Em Frinton, jogámos nas máquinas durante duas horas, sem nunca conseguir três frutos de uma vez — mas julgamos que nos ralámos? Lembro-me, porém, de um doloroso momento de tristeza. Estávamos numa praia e alguém (provavelmente eu, no meu papel de animador) sugeriu que gravássemos os nomes em grandes letras na areia, e depois cada um subia ao pontão e fotografava ao mesmo tempo o nome e o titular. Mais velho que o azeite e vinagre, eu sei, mas não se pode estar sempre a inventar jogos novos. Quando chegou a minha vez de ser fotografado, a Gillian subiu com o Stuart. Ele devia precisar de ajuda com a focagem automática. Era o fim da tarde e um arrogante vento de leste varria o Mar do Norte, o sol perdia calor e a maior parte dos veraneantes já fora para casa. Fiquei sozinho na praia, junto às elaboradas letras em itálico de *Oliver* (os outros tinham escrito em maiúsculas, é claro) e, quando ergui os olhos para a máquina, o Stuart gritou «*cheese!*», a Gillian gritou «Gorgonzola!», o Stu gritou «Camembert!» e a Gillian gritou «Dolcelatte!» e eu tive de repente um ataque de choro. Fiquei ali de pé a olhar para eles e a chorar. Depois o sol bateu-me nas lágrimas e vi só uma aguada que cegava. Tive a sensação de que podia ficar a chorar para sempre, mas o Stu gritou «Wensleydale!» e eu pus-me a berrar mais umas quantas marcas de queijo, como um chacal, como um cão patético e vadio. Depois sentei-me na areia e dei uns pontapés no «r» de *Oliver*, até que eles desceram e vieram salvar-me.

Daí a nada fiquei outra vez contente, e eles também ficaram. Já repararam que as pessoas, quando se apaixonam, ganham uma inesperada suavidade? Não é só porque pensam que já nada as pode atingir (ó suave ilusão), mas também que nada pode atingir quem amam. *Frère* Ollie? Um ataque de choro na praia? Foi-se abaixo quando os amigos lhe tiraram o retrato? Não é nada, mandem embora os homens de branco e a ambulância à prova de som, que nós temos o nosso equipamento de primeiros socorros. Chama-se amor. Apresenta-se sob as mais variadas formas: ligadura, adesivo, pensos, gaze e creme. Até se usa em vaporização anestésica. Vamos lá tratar do Ollie.

Ele caiu e ficou um bocado maltratado. Pff! Pff! Pronto, já está melhor. Vá, Ollie, põe-te em pé!

Assim fiz. Levantei-me e fiquei outra vez alegre. Ollie alegre, já o consertámos, é coisa fácil, que o amor consegue. Vai mais uma pica, Ollie? Mais um golinho?

Nessa noite, levaram-me a casa no automóvel da Gillian que, de tão utilitário, era irritante. De Lagonda não tinha mesmo nada. Saí do carro e eles também. Beije a Gillie ao de leve na face e ao Stuart, que estava preocupadíssimo comigo, passei-lhe a mão peloombo. Galguei então os degraus da entrada à Nureyev e voei porta dentro com uma volta rápida da chave Yale-and-Chubb. Atirei-me para cima da minha amiga cama e desatei a soluçar.

¹ «Na situação de educandas.» (*N. da T.*)

4.

Agora



Stuart É agora. É hoje. Casámo-nos no mês passado. Eu amo a Gillian. Sou feliz, sim, sou feliz. As coisas finalmente correram-me bem. *Agora* é que é.

Gillian Casei-me. Uma parte de mim pensava que isso nunca viria a acontecer, outra parte era contra e outra ainda estava um pouco receosa, para dizer a verdade. Mas apaixonei-me, e o Stuart é uma pessoa boa, uma pessoa generosa que me ama. Agora estou casada.

Oliver Oh merda! Merda merda merda merda Merda! Estou apaixonado pela Gillie, só agora percebi. Estou apaixonado pela Gillie. Estou siderado, transtornado, cheio de cagaço e perdi completamente o norte. Estou apavorado, de cabelos em pé. O que irá acontecer agora?

5.

Tudo começa aqui



Stuart Tudo começa aqui. É o que estou sempre a repetir a mim próprio. Tudo começa aqui.

Na escola era um aluno médio. Nunca esperei ir para a universidade. Fiz um curso de economia e direito comercial por correspondência, e fui depois aceite no banco como estagiário. Trabalho na secção de câmbios. É melhor não mencionar o nome do banco, eles são capazes de não gostar. Mas vocês já ouviram falar deles. Deram-me claramente a entender que nunca voaria alto, mas que todas as companhias precisam de pessoas que não voam alto, o que eu acho normalíssimo. Os meus pais eram do tipo de pais que parecem sempre ligeiramente desiludidos com tudo o que os filhos fazem, como se estes os desiludissem constantemente, nas mínimas coisas. Acho que foi por isso que a minha irmã se mudou para o Norte. Por outro lado, compreendia o ponto de vista dos meus pais. Eu *era* um bocado frustrante. Até para mim próprio. Já tentei explicar que não consigo descontrair com as pessoas de quem gosto e não consigo que elas vejam as minhas virtudes. Agora, ao pensar nisso, vejo que a maior parte da minha vida foi assim. Não conseguia que os outros vissem as minhas qualidades mais particulares. Mas então apareceu a Gillian e tudo começa aqui.

Imagino que o Oliver vos deu a impressão de que eu era virgem, quando me casei. Ao pôr tal hipótese, utilizou sem dúvida uma linguagem floreada. Pois queria que soubessem que não é verdade. Não conto tudo ao Oliver! Aposto que vocês também não contariam. Quando está bem-disposto é incapaz de ficar calado, e quando está deprimido chega a ser desagradável. É uma questão de bom senso não

o pôr ao corrente da nossa vida toda. Só muito raramente saíamos a quatro, mas tais saídas eram invariavelmente desastrosas. Para começar, o Oliver entrava com as raparigas e eu entrava com o dinheiro, embora naturalmente tivesse de adiantar-lhe metade, para que as raparigas não percebessem quem é que pagava. Uma vez, até quis que eu lhe desse logo o dinheiro *todo*, para parecer que era ele quem convidava. Íamos depois ao restaurante e o Oliver comportava-se de maneira verdadeiramente ditatorial.

— Não, isso como prato principal não. Já tem cogumelos com natas na entrada. — Ou funcho com Pernod. Ou não sei quê com não sei que mais. Não sentem às vezes que as pessoas dão *demasiada* importância à comida? É que daí a nada sai pelo outro lado. Não se pode arrecadar por muito tempo. Não é como o dinheiro.

— Mas eu gosto de cogumelos com natas.

— Então peça isso como prato principal e uma entrada de beringelas.

— Não gosto de beringelas.

— Ouviste, Stu? O lustro da beringela ofusca-a. Vamos tentar convertê-la, esta noite.

E assim por diante. A seguir era a conversa dos vinhos, com o empregado. Às vezes, nessa altura, eu ia à casa de banho. O Oliver começava por dirigir-se aos convivas:

— E se experimentássemos um Chardonnay de Hunter River, *ce soir*?

Já com o nosso acordo tácito, começava a atormentar o pobre do empregado.

— Aconselha-nos a reserva especial? Acha que tem tempo suficiente de garrafa? Gosto do Chardonnay aveludado e encorpado, mas não *em demasia*, percebe? E este, como está de casco? Acho que os das colónias têm tendência a exagerar no uso do carvalho, não será?

Geralmente o empregado concordava com tudo, porque sentia que o Oliver não era daqueles clientes que querem realmente um conselho, o que queria era puxar por ele. Acabava então por fazer o pedido, mas não acabava a minha aflição. O Oliver tinha de aprovar o vinho que ele próprio escolhera. Tempos houve em que isso implicava uma data

de gluglus e gargarejos, olhos semicerrados e longos segundos de contemplação mística. Depois leu algures num artigo que a razão de provarmos um vinho antes de ser servido não era saber se gostávamos, mas certificarmo-nos de que não sabia a rolha. Se não gostássemos do sabor, tanto pior, nós é que o tínhamos escolhido. O que devíamos fazer — para dar um ar sofisticado — era rodar o copo e cheirar, para verificar se o vinho se encontrava ou não estragado. Atitude que o Ollie assumia, limitando-se a uma série de inspirações ruidosas, seguidas de um movimento seco de cabeça. Por vezes, se achava que alguma das raparigas não percebia o que ele estava a fazer, lançava-se numa longa explicação sobre o facto de não ter provado o vinho.

Devo dizer que o Oliver pediu vinhos horríveis, das vezes em que saí com ele. Não me admirava que alguns *soubessem* a rolha.

Mas que importância tem isso agora? E que importância tem se eu era virgem ou não quando conheci a Gillian? Como vos disse, não era, embora não me iluda pensando que essa área da minha vida, que sempre escondi do Oliver, foi uma história de êxitos sucessivos. Foi mediana, creio, se é que mediana significa alguma coisa em tal contexto. Às vezes era muito agradável, às vezes inquietante, e às vezes tinha de me obrigar a não pensar noutras coisas, ali, em plena função. É isso, mediana. Mas então a Gillian apareceu, e tudo começa aqui. Agora.

Adoro esta palavra. Agora. Agora é *agora*. Já não é *então*. *Então* acabou. Não importa se desiludi os meus pais. Não importa se me desiludi a mim próprio. Não importa se nunca consegui relacionar-me com as outras pessoas. Isso foi então, e então passou. *Agora* é agora.

Não quero dizer que me tenha subitamente transformado. Não sou nenhum sapo beijado pela princesa, ou lá o que diz o conto de fadas. Não me tornei de repente espirituoso ou bem-parecido (vocês teriam logo reparado) e também não me transformei num daqueles pássaros de grandes voos, filhos de família numerosa, a acolher a Gillian no seu seio. (Existem famílias assim? Na televisão estamos sempre a ver casas fantásticas, cheias de velhas tias excêntricas e crianças encantadoras e adultos interessantes e muito variados que, apesar dos altos e baixos, são unidos e «sempre pela família», embora seja difícil entender o que isso significa. Não me parece corresponder à realidade. Toda a gente

que conheço tem família pouco numerosa e desfeita: umas vezes desfeita por morte, outras por divórcio, geralmente por desavença ou tédio. E não conheço *ninguém* com espírito «de família». Ou têm mãe de quem gostam e pai que detestam, ou vice-versa, e as tias velhas e excêntricas que conheci só são excêntricas porque se embebedam às escondidas e cheiram a cão mal lavado ou então porque sofrem da doença de Alzheimer ou outra do género.) Não, o que aconteceu foi isto: fiquei igual ao que era, mas agora já não me preocupo por ser o que era. A princesa beijou o sapo e ele não se transformou em belo príncipe, mas não fez mal porque ela gostou do sapo. E se eu me tivesse *mesmo* transformado em belo príncipe, a Gillian talvez me tivesse (o tivesse, aliás) mandado embora. A Gillian não se encanta com príncipes.

Estava um bocado nervoso, antes de me encontrar com a mãe dela. Engraxei os sapatos e, nessa manhã, não cometi o mínimo erro. Uma sogra (era já o nome que lhe dava), uma sogra *francesa* abandonada por um inglês e que a filha se propunha apresentar ao inglês com quem queria casar! Pensei que seria ou incrivelmente formal, sentada numa cadeirinha dourada, com um espelho de fantasia também dourado por trás dela, ou então muito gorda e vermelhusca, saindo de ao pé do fogão com uma colher de pau para me dar um grande abraço com cheiro a alho e a cozido. Pensando bem, preferia a segunda, mas é claro que não me calhou nem uma nem outra (as famílias são assim). Mrs. ou Mme. Wyatt usava sapatos de couro e um fato elegante; acastanhado, com alfinete dourado. Foi delicada, mas não mais que o necessário; olhou para os jeans da Gillian com ar reprovador, mas sem fazer comentários. Tomámos chá e falámos de tudo, menos das duas coisas que me interessavam: o facto de eu estar apaixonado pela filha dela e o facto de o marido ter fugido com uma estudante. Não me perguntou quais eram os meus planos, nem quanto ganhava, nem se dormia com a filha — assuntos que, todos eles, se me haviam afigurado vias possíveis no desenrolar da conversa. Ela era — é — aquilo a que as pessoas chamam uma linda mulher, frase que sempre me chocou pelo tom condescendente. (O que quer dizer? Algo como: surpreendentemente desejável, se fosse socialmente conveniente desejar mulheres daquela idade. Mas talvez alguém

desejasse — deseje — a Mme. Wyatt. Gostaria de pensar que sim.) Quero dizer que tinha traços firmes e cabelo com um corte elegante, possivelmente pintado e obviamente tratado com regularidade, e que se comportava como alguém que um dia fez virar cabeças e espera que tenhamos consciência disso. Olhei muito para ela, enquanto tomávamos chá. Não só por atenção deferente, mas a tentar ver no que a Gillian se iria tornar. É um momento-chave, não vos parece? O primeiro encontro com a mãe da nossa mulher. Esperamos ou fugir a sete pés ou inchar de contentamento: se ela vai ser *assim*, não me incomoda mesmo nada. (E as futuras sogras devem adivinhar o que vai na cabeça do pretendente, não acham? Se calhar às vezes fazem de propósito para parecerem aterrorizadas e o porem a milhas.) Com a Mme. Wyatt, não reagi assim. Olhei o rosto dela, a forma do maxilar e a curva da fronte; olhei a boca da mãe da rapariga cuja boca eu não me cansava de beijar. Olhei e voltei a olhar; mas, apesar de ver semelhanças (a testa, a implantação dos olhos), apesar de compreender que as pessoas as pudessem tomar por mãe e filha, isso para mim não tinha qualquer efeito. Era-me impossível ver a Gillian transformada em Mme. Wyatt. Era totalmente improvável, por uma simples razão: a Gillian não ia transformar-se em *nenhuma* outra pessoa. Ia mudar, claro. Não sou tão parvo e perdido de amores que não saiba isso. Ia mudar, mas não ia passar a ser outra pessoa, ia mudar para uma outra versão dela própria. E eu estaria lá para ver.

— Como correu? — perguntei, já no regresso. — Achas que passei?

— Não estavas num exame.

— Oh. — Senti uma ligeira desilusão.

— Ela não funciona assim.

— Como é que funciona?

A Gillian fez uma pausa, meteu outra mudança, cerrou os lábios que eram e ao mesmo tempo não eram como os da mãe, e disse:

— Ela espera.

De princípio, não me soou bem. Mas depois pensei que era acertado. Eu também posso esperar. Posso esperar até a Mme. Wyatt me ver como eu sou e compreender o que a Gillian vê em mim. Posso esperar pela sua aprovação. Posso esperar que compreenda como faço a Gillian feliz.

— Feliz? — perguntei-lhe.

— Mmm. — Não desviou o olhar da estrada, levantou a mão da alavanca das mudanças, deu-me uma palmadinha na perna e retirou a mão para meter outra mudança. — Feliz.

Vamos ter filhos, sabem? Não, não estou a dizer que ela esteja grávida, embora não me importasse nada que estivesse. É um plano a longo prazo. Para ser franco, ainda nem o discutimos; mas já a vi uma ou duas vezes com crianças e, instintivamente, parece dar-se bem com elas. No mesmo comprimento de onda. Quer dizer, não parece nada admirada pela maneira como se comportam e reagem às coisas; parecem-lhe normais e aceita-as. Sempre pensei que as crianças eram giras, mas nunca as entendi bem. Não consigo percebê-las. Porque é que se comportam assim, dando uma importância enorme a coisas mínimas e ignorando o que é mais importante? Vão a andar e batem com a cabeça no canto da televisão, nós pensamos que partiram a cabeça, mas saltam logo para outro lado; a seguir sentam-se muito sossegadas em cima dos rabinhos acolchoados que parecem ter pelo menos quinze fraldas e desatam num pranto. Porquê tudo isto? Porque é que não têm a noção das proporções?

Mas quero à mesma ter filhos com a Gillian. Parece a coisa mais natural. E estou certo de que ela também vai querer, quando a altura chegar. É uma coisa que as mulheres sabem, não é? O momento certo para tudo. Já lhes fiz uma promessa, aos filhos que vamos ter. Não vou ser como os meus pais. Vou tentar ver do vosso ponto de vista, seja ele qual for. Apoiar-vos-ei. O que quiserem fazer, para mim está bem.

Gillian Há uma coisa no Stuart que me preocupa. Às vezes estou cá em cima no estúdio embrenhada no trabalho (o nome é um bocado pomposo para uma divisão que só tem quatro metros de largo, mas enfim), com o rádio a tocar e eu praticamente a navegar em piloto automático. Então penso de repente: espero que não se desiluda. Pode parecer estranho dizer isto ao fim de um mês de casada, mas é verdade. É uma coisa que eu sinto.

Geralmente não menciono o facto de já ter trabalhado como

assistente social. É uma profissão que se presta a comentários grosseiros ou, pelo menos, a suposições grosseiras. Por exemplo, é claro como água que o que eu tentava fazer pelos meus clientes era consertar-lhes as vidas e as relações familiares, de um modo que não conseguira fazer pelos meus pais. É claro como água para qualquer pessoa, não é? Menos para mim.

E mesmo que estivesse de algum modo a tentar, não obtive resultados. Levei dezoito meses a admiti-lo e, durante esse tempo, conheci muita gente desiludida. Quase sempre vi danos consideráveis, pessoas com problemas enormes, emocionais, sociais, económicos — às vezes autoinfligidos, mas quase sempre provocados por outros. Coisas que as famílias lhes tinham feito, os pais, os maridos: coisas de que nunca iriam refazer-se.

Depois havia os outros, os desencantados. E esse era um dano real, irreversível. Os que começavam com grandes esperanças no mundo, confiavam depois em psicopatas e em fantasistas, e investiam toda a sua fé em bêbados e brutos. E continuavam durante muitos anos com uma perseverança incrível, acreditando quando não tinham razões para acreditar, quando era loucura acreditar. Até ao dia em que pura e simplesmente desistiam. E o que podia a assistente social estagiária de vinte e dois anos Gillian Wyatt fazer por eles? Acreditem, profissionalismo e jovialidade com tais clientes pouco podem.

É o espírito das pessoas que se quebra. Era isso que eu não podia enfrentar. E a ideia voltou mais tarde, quando comecei a amar o Stuart: não quero que ele se desencante, peço. Nunca tinha sentido aquilo por ninguém. Preocupar-me com o futuro longínquo da pessoa, com aquilo em que se tornaria. Preocupar-me com o que podia pensar quando finalmente olhasse para trás.

Eu não estou a jogar um jogo. Mas não vejo razão para ficar sentada a um canto, de boca fechada. Direi o que tenho a dizer, aquilo que sei.

Andei com vários tipos antes de conhecer o Stuart. Uma vez quase me apaixonei e mais do que uma vez me propuseram casamento; além de que passei uma vez um ano sem homens, sem sexo — eram ambos uma carga de trabalhos. Alguns dos homens com quem saí «tinham idade para serem meus pais», como as pessoas costumam dizer; mas

outros não. O que se pode concluir? Basta contar, pouco que seja, e as pessoas começam logo com teorias. Casei com o Stuart porque pensei que ele não me ia deixar como o meu pai me deixara? Não, casei com ele porque o amava. Porque o amo, o respeito e desejo. Ao princípio, não me atraiu particularmente. Daí nada concluo, a não ser que a questão de sermos atraídos fisicamente é complicada.

Estávamos naquele hotel, a beber xerez servido em copos de pé alto. Era uma feira de gado? Não, era um grupo de pessoas sensatas, que davam na vida um passo sensato. Para nós dois por acaso resultou, tivemos sorte. Mas não foi «só» sorte. Ficar sentado sozinho cheio de autocomiseração não é a melhor maneira de conhecer pessoas.

Penso que na vida temos de descobrir aquilo em que somos bons, reconhecer o que não conseguimos fazer, decidir o que queremos, esforçarmo-nos por isso e tentar depois não nos arrependermos. Meu Deus, isto parece um voto piedoso. As palavras nem sempre acertam no alvo, pois não?

Talvez essa seja uma das razões por que adoro o meu trabalho. Não implica quaisquer palavras. Sento-me no meu estúdio, no andar de cima, com os meus esfregões e diluentes, os meus pincéis e corantes. Sou só eu e o quadro à minha frente, e a música na rádio quando quero, e a ausência do telefone. Não gosto muito que o Stuart venha cá acima. Quebra o encanto.

O quadro em que trabalhamos às vezes responde-nos. É a parte mais excitante, quando retiramos o excesso de tinta e descobrimos algo lá por baixo. Não acontece muitas vezes, claro, o que faz com que dê ainda mais satisfação. No século XIX, por exemplo, inúmeros seios foram apagados com uma camada de tinta suplementar. Assim, podemos estar a limpar um retrato do que seria uma dama da nobreza italiana, e ir descobrindo pouco a pouco um bebé a mamar. Diante de nós a mulher transforma-se na Virgem. É como se fôssemos a primeira pessoa a quem ela conta o seu velho segredo.

No mês passado, trabalhava numa cena bucólica e descobri um javali que alguém tinha apagado. Aquilo alterava completamente o quadro. Parecia haver só cavaleiros que passeavam tranquilamente num bosque (como se fossem fazer um piquenique) até que descobri o

animal e ficou claro que era originalmente uma cena de caça. O javali estivera escondido durante cem anos atrás de um arbusto grande e muito pouco convincente. E então aqui, no estúdio, sem que fosse proferida uma única palavra, tudo voltou a ver-se claramente, como lá estava desde o início. Só por eu ter retirado um pouco de tinta sobreposta.

Oliver Oh, merda.

Foi a cara dela que fez isto. A cara dela à porta do registo civil, com o grande relógio municipal por trás, a contar os primeiros minutos fulgurantes de estado de graça nupcial. Vestia um fato de linho pálido cor de sopa de agrião, com a saia mesmo por cima do joelho. O linho, como todos sabem, amarrota-se tão facilmente como um amor tímido; mas ela parecia intocável. Tinha o cabelo apanhado só de um lado e sorria à Humanidade. Não estava pendurada no esteatopígio Stu, embora, é verdade, lhe houvesse dado o braço. Exalava felicidade, brilhava, estava inteiramente ali e, no entanto, enervantemente ausente como se, em pleno convénio público, se tivesse retirado para um qualquer domínio privado. Só eu é que parecia dar por isso, os outros pensavam simplesmente que ela tinha um ar feliz. Mas eu bem via. Levantei-me e dei-lhe um beijo e murmurei-lhe votos de felicidades à orelha visível e sem lóbulos. Respondeu, mas quase como se eu ali não estivesse, por isso gesticulei em frente à cara dela — um pouco como o guarda da linha que tenta travar o expresso em fuga — e ela reparou um pouco em mim e depois riu-se, para logo voltar ao secreto domínio nupcial.

— Pareces uma joia — disse-lhe, mas ela não me respondeu. Se o tivesse feito, talvez as coisas se tivessem passado doutra maneira, não sei. Mas como não respondeu, continuei a olhar para ela. Estava toda verde-pálido e castanho, com uma incandescência de esmeralda sobre o peito; deixei o olhar vaguear pela cara dela, da saliência curva da testa à covinha do queixo; as faces, quase sempre tão pálidas, tinham a pincelada rósea duma aurora de Tiepolo, embora eu não pudesse nem quisesse dizer se o pincel era exterior e estava ali na bolsa dela ou se era interior e guiado pelo êxtase; a boca encontrava-se

prisoneira de um meio-sorriso que parecia ir durar eternamente; e os olhos eram o dote resplandecente. *Vagueei* pela cara dela, entendem?

E não conseguia suportar a maneira como ela estava ali sem estar, e de eu para ela tanto poder estar como não estar. Lembram-se das teorias daqueles filósofos, para quem só existimos se formos reconhecidos por alguma coisa ou alguém exterior a nós? O velho Ollie, perante o fraco interesse que a noiva por ele demonstrava, sentia-se entontecido e em perigo existencial. Podia desaparecer, se ela pestanejasse. Deve ter sido por isso que, transformando-me numa espécie de feliz virtuoso da fotografia, qual Diane Arbus, agarrei na máquina e saltei alegremente em busca do ângulo que mais evidenciaria o bócio incipiente do Stuart, que eu queria ridicularizar. Gesto deslocado. Puro desespero, como podem ver, e medo do esquecimento. Eles, é claro, nunca deram por nada.

Foi culpa minha e não foi. Sabem, eu queria um casamento na igreja. Queria ser padrinho. Eles na época não compreenderam, nem eu. Nenhum de nós tem qualquer sentido religioso e não havia parentes a contentar: a ausência do tipo da sotaina branca com folhos de renda não teria provocado o *seppuku*¹ de alguém ser deserdado. Mas algum pressentimento o Ollie devia ter. Disse que queria ser padrinho, disse que queria um casamento na igreja. Empolguei-me e desatei a berrar. Uma coisa tipo Hamlet. Nesse dia estava bêbado, é verdade.

— Oliver — disse o Stu, ao fim de algum tempo —, estás a passar dos limites. É o nosso casamento. Já te pedimos que fosses testemunha.

A ambos lembrei a força das antigas cerimónias, os fundamentos da fortuna nupcial, os arabescos dourados do texto sagrado.

— Vá lá — disse eu já desesperado —, arranjem mas é um padre!

A carinha gorda do Stuart contraiu-se fisicamente o mais que pôde.

— Oliver — disse ele caindo, naquele momento solene e de forma quase caricata, no vocabulário opaco do mercantilismo —, pedimos-te que fosses testemunha e é a nossa última oferta.

— Não de arrepender-se — vociferei, qual barão da indústria da Mitteleuropa, contrariado pela comissão dos monopólios. — Não de arrepender-se!

O que quero dizer com pressentimento é isto: se tivesse havido casamento na igreja, ela teria feito a cena de branco, com rendas e laços, mais o número do véu e da cauda a arrastar. Teria olhado para ela à porta da igreja e veria mais uma noiva à saída da linha de montagem. E talvez assim isto nunca tivesse acontecido.

A cara dela é que fez tudo. Na altura não me apercebi. Pensei que estava um pouco excitado, como toda a gente. Mas tinha-me perdido e afundado. Tinha ocorrido uma mudança inimaginável. Caíra como Lúcifer; caíra (esta é para ti, Stu) como a bolsa em 1929. Também me perdera, dado que me transformara e estava irreconhecível. Conhecem a história do homem que acorda e se vê transformado em escaravelho? Eu era o escaravelho que acordara e vira a possibilidade de ser homem.

Na época, os meus órgãos conscientes não se deram conta disso. Enquanto estivemos sentados à mesa a festejar, apeguei-me à ideia de que os sussurrantes despojos a meus pés mais não eram do que as pratas de champanhe amontoadas. (Foi-me preciso insistir para abrir pessoalmente os poucos exemplares de colheitas de segunda, que o Stuart comprara por grosso. Ninguém sabe hoje em dia abrir uma garrafa de champanhe, nem sequer os empregados. Em especial os empregados. A ideia, tenho de estar sempre a dizer isto às pessoas, não é fazer saltar a rolha com estrondo e deixar sair uma ejaculação de *mousse* pela garrafa. Não, a ideia é retirá-la, sem mais ruído do que um peido de freira. Segurem a rolha e rodem a garrafa, eis o segredo. Quantas vezes terei de repetir? Esqueçam o floreado do guardanapo branco, esqueçam os dois polegares na cabeça da rolha, esqueçam-se de apontar às lâmpadas encastradas. Segurem só na rolha e rodem a garrafa. Não, o que nessa tarde me roçava os tornozelos como um emaranhado de ervas não era o alumínio frisado do Mumm não especial, mas sim a pele que largara o meu ser anterior, a minha carapaça de escaravelho, os meus apêndices soltos e castanhos.

Pânico foi a primeira resposta ao que quer que fosse que sucedera. E ainda foi pior, quando vi que não sabia onde iam passar a *lune de miel*. (Que imbecis, tanto franceses como ingleses, que empregam a mesma expressão! Era de esperar que alguém se encarregasse de desencantar uma palavra nova, em vez de aceitar legados linguísticos.

Ou talvez a questão seja esta: a expressão é a mesma porque a experiência é a mesma. *Lua de mel*, digo-vos para o caso de não se conseguirem livrar da xaropada etimológica, só recentemente passou a designar as férias matrimoniais, com subsequente aquisição de artigos isentos de taxa e muitas fotografias a cores todas iguais. O Dr. Johnson, no seu *Dicionário* por vezes galhofeiro, falava muito a sério ao defini-la desta maneira: «O primeiro mês que se segue ao casamento, onde só há ternura e prazer.» Voltaire, personagem mais simpática, que casualmente se servia do melhor borgonha e dava aos convidados *vin ordinaire*, observou num dos seus contos filosóficos que a *la lune de miel* se segue, um mês depois, *la lune d'absinthe*.

Bom, senti de repente que me era insuportável o facto de não saber para onde iam nas três semanas e meia que se seguiam (embora veja agora, ao olhar para trás, que não era o paradeiro do noivo o que tanto me perturbava). Por isso quando, lá para o fim do almoço, o Stuart se levantou cambaleante e informou os presentes — porquê a compulsão confessional que dá às pessoas em alturas destas? — que «ia simplesmente decantar» (as frases horríveis que lhes vêm à cabeça: a que chefezinho precioso terá o meu compincha sacado uma daquelas?), esgueirei-me da cadeira sem dizer palavra, afastei com o pé os detritos da minha vida anterior, disfarçados de folhas prateadas de garrafas de champanhe, e segui-o até ao wc dos homens.

Ficámos lado a lado, encostados às conchas de porcelana que nos dão pela coxa, a fixar sorumbáticos, como bons ingleses, o pelotão mexicano de fuzilamento à nossa frente, sem olhar nem de soslaio para a pilinha do outro. Ali estávamos, dois rivais ainda na ignorância da rivalidade, cada um a agarrar o seu *membrum virile* — deveria dar ao noivo uns conselhos sobre o seu emprego? — e a mijar Mumm de segunda, praticamente intacto e capaz de voltar a ser engarrafado, para cima de um pequeno cubo lilás de naftalina. (Como é que a minha vida mudaria, se eu tivesse carradas de dinheiro? Volto constantemente aos mesmíssimos dois luxos: ter todas as manhãs alguém que me lavasse o cabelo e mijar sobre gelo picado.)

Parece que fizemos muito mais chichi do que ingeríramos de líquido. O Stuart pigarreou embaraçado, como que a dizer: «Tu não sei, mas eu ainda nem cheguei a meio.» Era o momento indicado para

inquirir dos planos excursionistas de celebração do himeneu. Mas a resposta não passou de um enfatuado sorriso de esguelha e do silvo da urina.

— Agora a sério — insisti daí a um minuto ou dois, enquanto lavava os dedos e o Stuart passava desnecessariamente um repugnante pente de plástico pelo crânio —, onde é que vão? É para o caso de eu precisar de vos falar.

— Segredo de Estado. Nem a Gillie sabe. Só lhe disse que levasse roupa leve.

Continuava a sorrir, logo, presumi que esperava que eu me deitasse puerilmente a adivinhar. Arrisquei vários destinos stuartescos, como Flórida, Bali, Creta e Turquia ocidental, que ele acolheu com um abanar de cabeça, negativo e satisfeito. Tentei todas as Disneylândias do mundo e um conjunto de ilhas exóticas asfaltadas; alvitrei Marbella, felicitei-o por Zanzibar e quis acertar em cheio com Santorini. Nada de nada.

— Ouve, pode acontecer alguma coisa... — comecei.

— Fica um envelope selado em casa da Mme. Wyatt — retorquiu, pousando no nariz um dedo completamente banal, como se a tal se resumisse o que aprendera na escola de espões.

— Não sejas tão parolo, tão burguês — pus-me a gritar. Mas ele não quis dizer. De volta à mesa, fiquei de humor crepuscular por uns minutos, mas logo voltei à tarefa de entreter os convivas.

No dia seguinte ao da partida deles para a lua de mel telefonei à Mme. Wyatt, e sabem o que aconteceu? A velha *vache* não me quis dizer. Disse que não tinha aberto o envelope. Eu disse que tinha saudades, que lhes queria telefonar. Era verdade, tinha saudades. Até talvez tenha chorado ao telefone, mas a Mme. Dragão manteve-se inflexível.

E quando voltaram (sim, era Creta: eu tinha adivinhado, mas ele não se descoseu, sacana aldrabão!), vi que estava apaixonado. Recebi um postal sol-e-sexo de Heraklion, calculei a data do regresso, telefonei a todas as possíveis companhias aéreas e fui esperá-los a Gatwick. Quando o bater das placas no painel de informações anunciou bagagem no átrio de chegada à frente do número de voo, uma roda de tocadores de sinos pendurou-se toda ao mesmo tempo

nas cordas, cá dentro do meu estômago, e o terrível clamor que me fez vibrar o crânio só se calou no bar, com dois copos atestados. Fiquei depois à espera junto às grades, rodeado por uma imensa mole de carnes variadas, todas a palpar de boas-vindas.

Vi-os antes que me tivessem visto. O Stuart, como era de esperar, pegou num carro com uma roda presa e emergiu da terna fiscalização dos *douaniers* descrevendo uma curva hilariante de itinerário incerto, saudado pelo riso complacente da Gillian e pelo claro desconjuntado da dita carripa. Ajeitei melhor o boné de motorista que pedira emprestado para a circunstância, ergui o cartaz que anunciava em letras toscas «Mr. e Mrs. Stewart Hughes» (o erro de ortografia tinha um toque de génio, pensei), respirei fundo e preparei-me para enfrentar a desordem esplendorosa em que a minha vida ia tornar-se. Enquanto a observava, ainda sem que me visse, segredei para mim mesmo: tudo começa agora.

¹ Golpe de *harakiri*. (N. da T.)

Evitem a doença de Alzheimer



Stuart É mesmo horrível, sabem? Estou sempre a ter pena do Oliver. Não digo que não devesse — tenho uma data de razões, agora —, mas sinto-me mal. Não é isto o que eu devia sentir por ele. Mas sinto. Já viram aqueles relógios de cuco, que têm uns homenzinhos a anunciar o tempo? O relógio dispara, o cuco faz *cucu*, uma portinhola abre-se e então, ou aparece o homenzinho do bom tempo, todo sorridente e com roupa de verão, ou abre-se outra porta e aparece o homenzinho do mau tempo, com sombrinha, gabardina e cara de enterro. A questão é que só pode sair um de cada vez por uma das portas, não só porque de outro modo faria um tempo impossível, mas porque os dois homenzinhos estão ligados um ao outro por uma barra de metal: há um que tem de ficar lá dentro, enquanto o outro está cá fora. Foi sempre assim comigo e com o Oliver. Eu fui sempre o do chapéu de chuva e gabardina, obrigado a ficar fechado e às escuras. Mas agora é a minha vez de estar ao sol, o que parece implicar que, por um tempo, o Oliver vai divertir-se menos.

No aeroporto tinha um ar horrível, e acho que a nossa chegada não ajudou nada. Passámos três semanas fantásticas em Creta — tempo maravilhoso, bom hotel, natação, tudo magnífico — e, apesar de o voo estar atrasado, desembarcámos em Gatwick com excelente disposição. Esperei junto da passadeira rolante, a Gillie foi buscar um carro para a bagagem e, quando voltou, já as malas tinham chegado. Pu-las no carro e, ao tentar empurrá-lo, ela descobriu que trouxera um com uma roda torta. Não andava a direito e só rangia, como que a chamar a atenção dos guardas da alfândega para quem o empurrava: «Eh, vejam as malas deste tipo!» Era o que me parecia ouvir o carro dizer,

enquanto seguíamos na fila do «Nada a Declarar». Tentei então ajudar a Gillian a desenhencilhar-se, porque sozinha ela não conseguia virar.

Não admira que não tivéssemos reconhecido o Ollie, quando chegámos ao átrio. Ninguém sabia que vínhamos naquele voo e, sinceramente, só tínhamos olhos um para o outro. Por isso quando, do meio do grupo de motoristas que vinham esperar diversos voos, saiu uma pessoa a agitar um cartaz à nossa frente, quase o empurrei. Não olhei realmente para ele, embora sentisse logo o bafo a álcool e pensasse: «Esta firma não dura muito, a mandar condutores bêbados receber clientes.» Mas era o Oliver, com boné de motorista e empunhando uma tabuleta com os nossos nomes escritos. Fingi que estava contente por o ver, mas pensei logo que a Gill e eu já não viajaríamos sós, no comboio de regresso à estação de Victoria. Íamos com o Oliver. Não é desagradável? Veem o que quero dizer quando falo em ter pena dele?

Estava mesmo com mau ar. Parecia mais magro, com o rosto branco e cansado, e tinha o cabelo, que habitualmente traz bem penteado, todo em desalinho. Estava ali imóvel e então, quando o reconhecemos, atirou-se-nos ao pescoço, aos beijos e abraços. Era um comportamento estranho, menos acolhedor do que patético. E cheirava a álcool. Mas porquê? Disse que o nosso voo estava atrasado e fora até ao bar, acrescentando, de maneira pouco convincente, que uma mulher tinha insistido em «enfrascar Faetonte», como disse, mas havia um vazio no modo como o fez, e acho que nem por um segundo a Gill e eu acreditámos nele. Outra coisa estranha: não perguntou nada sobre a lua de mel. Só muito depois. Mas começou logo numa arenga sobre o facto de a mãe da Gillian não lhe querer dizer onde estávamos. Pensei se deveríamos deixá-lo conduzir, dado o estado em que se encontrava.

Só mais tarde é que descobri tudo. Não adivinham o que se passou: o Oliver tinha perdido o emprego! Consegui que o pusessem fora da Shakespeare School of English. Esta é de primeira. Não sei o que o Oliver vos contou da tal Shakespeare School, mas podem crer que é uma espelunca. Tremo só de pensar como terão conseguido a licença. Fui lá uma vez. Fica no que foi obviamente em tempos um belo *terrace*, do início da época vitoriana, com grandes colunas sustentando

pórticos, gradeamento na rua e escadas de acesso à cave. Mas toda a área se degradou terrivelmente. As cabines telefónicas estão repletas de números de telefone de prostitutas, os varredores não devem lá passar desde 1968, e há nas mansardas uns hippies que sobraram, sempre a tocar música louca. Podem imaginar. *E* há a Shakespeare School na cave. *E* o diretor parece um assassino em série. *E* o Ollie conseguiu ser despedido de um lugar daqueles.

Não queria falar no assunto e, a meia-voz, disse que se demitira por uma questão de princípio, relativa ao horário do próximo ano. Ainda não acabara e eu já não acreditava numa só palavra. Não que seja impossível — aliás, é bem o estilo do Oliver — mas, de certo modo, deixei de acreditar em quase tudo o que ele diz. É horrível, não é? É o meu melhor amigo. E não me sinto melhor por ter pena dele. Há um ano ou dois teria acreditado e talvez viesse a saber a verdade meses mais tarde. Mas agora pensei, instintivamente: «Não, Ollie, não te demitiste nada, puseram-te na rua!» Acho que foi por me sentir feliz, por estar casado, por saber o chão que piso: vejo agora mais claramente do que antes.

Por isso, quando voltei a encontrar o Ollie a sós, disse-lhe calmamente:

— Ouve lá, fala, não te demitiste, pois não?

Ficou muito calado e, nada ao estilo habitual, admitiu que o tinham despedido. Quando lhe perguntei a razão, soltou um triste suspiro e uma espécie de sorriso amargo e, olhando-me nos olhos, respondeu:

— Assédio sexual. — Tinha sido uma rapariga espanhola ou portuguesa, creio, a quem ele dava lições particulares no apartamento; pôs-se a imaginar que a rapariga se sentia atraída por ele, bebeu uns copos, pensou que ela era tímida, a seguir tentou beijá-la, e lá vem a velha história sórdida, estão a ver? Sucede que a jovem era não só católica devota, interessada em aperfeiçoar o inglês, mas também filha de um nome sonante da indústria, com um sem fim de relações na embaixada... A rapariga contou ao pai e, após um telefonema, o Oliver estava na rua, com as caixas de esferovite dos hambúrgueres e sem qualquer indemnização por despedimento. Ia acalmando à medida que a história avançava e desta vez acreditei em tudo.

Também tinha dificuldade em encarar-me e, lá mais para o fim, vi que chorava. Quando terminou, ergueu os olhos para mim com o rosto coberto de lágrimas. Disse-me então:

— Empresta aí uma libra, Stu.

Tal e qual como na escola. Meu pobre Oliver! Desta vez entreguei-lhe simplesmente um cheque com uma quantia decente e disse-lhe que não se preocupasse em me pagar.

— Mas vou pagar-te. Tem de ser.

— Bem, falamos disso noutra altura.

Limpou a cara, voltou a pegar no cheque e, com o polegar húmido, esborratou a minha assinatura. Meu Deus, que pena tive!

Estão a ver, chegou a minha vez de olhar por ele. É como se lhe pagasse por me ter protegido na escola. Quando éramos amigos há só dois ou três meses (e já ele me tinha pedido uma data de dinheiro emprestado), confessei-lhe que andava a ser perseguido por um sacana chamado Dudley. Jeff Dudley. Li há pouco tempo, no *Edwardian*, que foi nomeado adido comercial de uma das nossas embaixadas na América Central. Quer dizer que se calhar agora é espião. Porque não? Na escola as suas ocupações favoritas eram mentir, roubar, extorquir dinheiro, fazer chantagem e chefiar bandos. Era uma escola razoavelmente civilizada, por isso o bando do Dudley era constituído só por dois: ele próprio e um tal Schofield, de alcunha «Pés».

Eu estaria mais defendido, se fosse desportista ou espertalhão. Não tinha irmão mais velho que olhasse por mim: só tinha uma irmã pequena. Além disso, usava óculos e não tinha ar de quem pratica artes marciais. Por isso, o Dudley engraçou comigo. As coisas do costume — dinheiro, recados, humilhações gratuitas. A princípio não disse ao Oliver, com medo de que me desprezasse. Mas não: ele liquidou-os a todos no espaço de duas semanas. Disse-lhes primeiro que me largassem e, quando lhe riram na cara a perguntar o que acontecia se tal não fizessem, ele só ripostou:

— Uma série de azares inexplicáveis.

Ora os rapazes da escola não falam assim, portanto riram-se ainda mais e ficaram à espera de que o Oliver os desafiasse para uma luta a preceito. Mas o Oliver nunca jogava segundo as regras. Uma série de azares realmente inexplicáveis, e nenhum claramente atribuível ao

Oliver, ocorreu então. Um professor encontrou cinco maços de cigarros na carteira do Dudley (só um já dava direito, nesse tempo, a castigo corporal). O equipamento desportivo do Dudley foi encontrado meio queimado no incinerador da escola. Um dia, à hora do almoço, os selins das bicicletas dos meus perseguidores desapareceram e eles tiveram de ir para casa, como disse o Oliver, «num desconforto muito próximo do perigo». Pouco tempo depois, o Dudley tentou fazer uma emboscada ao Oliver à saída das aulas, e ia provavelmente sugerir um encontro atrás do telheiro das bicicletas, ao meio-dia, com soqueiras de metal, quando o Oliver lhe aplicou um murro na garganta.

— Outro azar inexplicável — disse, enquanto o Dudley jazia no chão, meio sufocado. A partir daí deixaram-me em paz. Agradei ao Oliver e sugeri-lhe uma oferta de parte da dívida, mas ele encolheu os ombros e não ligou. É assim o Oliver.

O que terá sido feito do Schofield «Pés»? E qual seria a origem da alcunha? Só me lembro de que não eram os pés.

Gillian Ninguém sabe o preciso momento em que se apaixona por alguém, pois não? Não há um momento em que de repente a música acaba, os olhares se encontram pela primeira vez e... por aí adiante. Talvez isso aconteça com algumas pessoas, mas comigo não foi assim. Tive uma amiga que se apaixonou por um rapaz quando de manhã, ao acordar, verificou que ele não ressonava. Não é brilhante, pois não? Mas até pode ser verdade.

Penso que olhamos para trás e escolhemos entre os outros um momento particular e nos fixamos nele. A *maman* dizia sempre que se apaixonou pelo meu pai quando viu a precisão e a delicadeza com que os dedos dele enchiam o cachimbo. Nunca acreditei completamente, mas ela disse-o sempre com muita convicção. Todos precisam de ter uma explicação, não acham? Apaixonei-me por ele *naquele momento*, apaixonei-me por ele *porque...* isto ou aquilo. É uma espécie de necessidade social. Não se pode dizer «Já me esqueci». Ou «Não houve nada de especial». Não se pode dizer, pois não?

O Stuart e eu saímos juntos algumas vezes. Gostei dele, era diferente dos outros rapazes, nada atrevido nem ansioso, só ansioso

por agradar, suponho, mas até isso era querido, de certa maneira — dava-me vontade de dizer: «Não faz mal, não te esforces mais, sinto-me muito bem, agora acalma-te.» O que não se referia a acalmar fisicamente. Era até o oposto. Quem tinha tendência a deixar de me beijar primeiro era ele.

O que quero contar-vos é isto: uma noite ofereceu-se para me preparar um jantar. Eu disse que sim. Fui ter ao apartamento dele por volta das 20h30 e havia um cheiro bom a carne assada, velas na mesa, já acesas apesar de não ser noite, uma taça cheia daquelas coisas que se servem como aperitivos, e flores na mesa do café. O Stuart estava com as calças do fato de trabalho, mas mudara de camisa e pusera um avental. A cara parecia dividida em duas: a metade de baixo toda sorridente e feliz por me ver, a metade de cima franzida pela ansiedade em relação ao jantar.

— Não cozinho muito — disse —, mas apeteceu-me cozinhar para ti.

Havia borrego com ervilhas e batatas assadas a acompanhar. Disse-lhe que achava as batatas excelentes.

— Cozem-se primeiro — disse em tom solene —, depois passa-se-lhes com o garfo para abrir uns sulcos e as tornar mais estaladiças. — Devia ser uma coisa que ele vira a mãe fazer. Havia também uma garrafa de bom vinho e, de cada vez que o servia, punha a mão a tapar o preço, que se esquecera de tirar. Reparei que fazia aquilo de propósito, com algum embaraço. Percebem quando eu digo que ele *tentava dar o máximo*?

Não quis que o ajudasse a levantar a mesa. Foi à cozinha e voltou com uma tarte de maçã. Estava uma noite cálida de primavera e a comida era de inverno, mas não importava. Tirei uma fatia de tarte, ele pôs a chaleira ao lume com água para o café e foi à casa de banho. Levantei-me e levei os pratos de sobremesa para a cozinha. Ao pousá-los, vi um pedaço de papel encostado à prateleira das especiarias. Sabem o que era? Era um horário:

~~18h00~~ Descascar batatas

~~18h10~~ Estender a massa

~~18h20~~ Ligar o forno

e continuava...

~~20h10~~ 20h10 O vinho

~~20h15~~ 20h15 Ficar a cor das batatas

~~20h20~~ 20h20 Fazer a aquecer para as ervilhas

~~20h25~~ 20h25 Acender as velas

~~20h30~~ 20h30 Chegada da G.!!

Corri para a mesa e sentei-me. Estava a tremer. Sentia-me mal por ter lido o papel, tinha a certeza de que o Stuart iria pensar que eu o espiava. Mas os pontos da lista sensibilizaram-me, cada um mais do que o anterior. «20h25 Acender as velas.» Está bem, Stuart, mas não me importava que o tivesses feito após a minha chegada. E depois: «20h30 Chegada da G.!!» Os dois pontos de exclamação conquistaram-me de vez.

Voltou da casa de banho e tive de fazer um esforço para não lhe contar o que descobrira. Não me parecia nem pateta nem neurótico nem incorrigível, muito pelo contrário, era atencioso e comovente. É claro que não disse nada, mas devo ter reagido de uma certa maneira e ele deve ter-se apercebido, porque daí em diante me pareceu mais desconfiado. Nessa noite passámos muito tempo no sofá e eu teria lá ficado, se mo tivesse pedido; mas não pediu. E também isso me agradou.

Preocupa-se imenso, o Stuart. Quer mesmo que tudo saia bem. E não é só para ele, nem para nós. Neste momento, anda muito preocupado com o Oliver. Não sei o que lhe aconteceu. Ou antes, sei. Atirou-se a uma pobre rapariga da Shakespeare School e foi posto na rua. Isto é ler nas entrelinhas do que o Stuart me contou. O Stuart estava a ser extremamente tendencioso para tentar justificar o Oliver. Tão tendencioso, que tivemos uma discussão ridícula. O Stuart disse que a rapariga deve ter encorajado o Oliver com alguma provocação, eu disse que se calhar ela era tímida e estava aterrada com os avanços do professor, até que ambos compreendemos que nunca tínhamos visto a rapariga nem sabíamos o que acontecera. Estávamos

puramente a adivinhar. Mas mesmo o que adivinhara já fazia diminuir a minha consideração pelo Oliver. Não aprovo propriamente as relações entre professores e alunos, por razões que não vêm ao caso. O Stuart disse que tinha dado ao Oliver algum dinheiro, o que achei completamente desnecessário, embora não tivesse dito nada. No fim de contas, o Oliver é um rapaz saudável, com um curso universitário. Pode arranjar outro emprego. Porque há de precisar de dinheiro nosso?

Neste momento anda péssimo, é verdade. Foi horrível no aeroporto. Só nós dois. Lembro-me de pensar, quando ainda estávamos à espera das bagagens, que aquilo era parecido com o resto da vida. Nós dois entre uma multidão de estranhos, e várias coisas que é preciso fazer rigorosamente, como seguir os sinais e recolher a bagagem; depois verificam-nos as malas e ninguém quer saber quem somos ou o que fazemos ali, de modo que só nos resta manter a boa disposição... Devo parecer sentimental, mas foi o que senti nesse momento. Saímos enfim da alfândega, a rir por nos encontrarmos sãos e salvos, quando de repente um bêbado com boné de motorista se lança sobre nós, quase me arranca um olho com uma tabuleta de cartão e dá-me uma pisadela para completar. Adivinhem! Era o Oliver. Com uma cara de morte. Achou obviamente que o que estava a fazer era engraçado, mas não teve graça nenhuma. Foi patético. É esse o problema das pessoas como o Ollie: quando estão bem são uma excelente companhia, mas quando não estão ficam completamente insuportáveis. Não têm meio-termo.

Ainda assim conseguimos recompor-nos e fingir que estávamos contentes por o ver, e ele então lá nos levou de carro até Londres, guiando como um louco, numa algaraviada incoerente que, ao fim de algum tempo, deixei de escutar. Reclinei a cabeça e fechei os olhos. Só voltei a abri-los quando parámos com um solavanco à porta de casa e o Oliver disse, com uma voz bastante estranha:

— *A propos de bottes, 1* que tal foi a *lune de miel*?

Oliver Vai um cigarro? Não? Eu sei que não — já me tinham dito. Ainda vejo o vosso tom reprovador gravado a néon. Esse sobrolho

franzido é digno da sogra da *Katya Kabanova*. Mas trago notícias do arco-da-velha. Li esta manhã no jornal que os fumadores estão menos sujeitos do que os outros a contrair a doença de Alzheimer. Uma verdadeira descoberta, hein? Vá, tirem lá um, defumem os pulmões e conservem o cérebro. A vida não se arrebita toda em contradições lampeiras? Precisamente quando acham que já perceberam tudo, vem o louco com a bexiga de porco e prega-vos um soco.

Por falar nisso, eu não sou parvo. Percebi que a Gillian e o Stuart não ficaram propriamente radiantes quando me viram no aeroporto. Sei reconhecer um *piccolo faux pas*. Ollie, meu filho, disse a mim próprio, a tua fraternidade canina é mal-empregada. Larga esses dois, deixa de lhes lambe as botas! Só que a fraternidade nem era realmente canina nem particularmente fraterna. Fui esperá-los porque estou apaixonado pela Gillian. O resto foi teatro.

Foi estranha, a viagem de regresso a Londres. Estranha? Foi, melhor dizendo, aparatosa e *sui generis*. A Gillian ia sentada lá atrás e depressa adormeceu. Cada vez que olhava para o retrovisor — e sei conduzir com *muito* cuidadinho quando quero — via a lânguida noiva, de olhos fechados e cabelos à deriva. A nuca repousava na curva superior do assento, de maneira que a boca parecia esperar um beijo. Eu ia sempre a olhar para o retrovisor, mas não era para ver o tráfego. *Vagueava* pelo rosto dela, o rosto adormecido dela.

A meu lado ia o gordo molenga do Stuart, eroticamente sugado, com um ar *beatífico* de parvo, a fingir que achava simpático eu ter ido ao aeroporto esperá-los, e provavelmente a pensar como é que ia recuperar a parte do *Danegeld*² relativa à metade não utilizada dos *billets* de ida e volta de Gatwick a Victoria. O Stuart, aviso-vos já, gosta de fazer economias de caca. Quando vai ao estrangeiro, compra sempre bilhete de ida e volta para o percurso até ao aeroporto a) porque pensa que vai poupar três milésimos de segundo em quinze dias; b) porque já sabe que volta; c) para o caso de entretanto as tarifas aumentarem. O Oliver compra sempre só ida. Sabe-se lá se uma rainha do Carnaval brasileiro não lhe salta ao caminho? Quem é que se vai ralar com a fila em Gatwick, no *guichet*, daí a mais duas semanas? Uma vez li no jornal a história de um tipo que saltou para debaixo do metro. Durante o inquérito, disseram que provavelmente

não se queria matar, porque trazia no bolso um bilhete de ida e volta. Desculpem, mas há outras explicações. Podia ter comprado um bilhete de ida e volta por saber que a dúvida, ainda que mínima, atenuaria a dor dos próximos. Também podia ser como o Stuart. Se ele decidisse dar a um maquinista do metro seis semanas (ou o tempo que é) de recuperação devido ao choque, compraria um bilhete de ida e volta. Porque havia de pensar: «E se não morro? E se mudo de ideias no último momento? Nem quero pensar nas horríveis filas junto às máquinas de bilhetes em Tottenham Court Road! Vou já comprar ida e volta.»

Acham que sou injusto? Ultimamente, ando com coisas a mais dentro da cabeça. Preciso com urgência de um antipirético. O meu cerebelo está positivamente a rebentar, por excesso de agitação. Ora vejam: para começar, eu estava às aranhas, com o alvo absoluto do meu amor aninhado no espelho retrovisor e o corpulento noivo — o meu melhor amigo — que passara três semanas a contentá-la ao sol helénico, sentado a meu lado com um saco de artigos isentos de taxa a chocalhar entre as canelas; tinha perdido o emprego; e os outros condutores à minha volta iam todos a treinar para a Fórmula 1. Posso estar calmo? Posso ser justo?

O que fiz nestas circunstâncias foi começar com uma chocarrice muito olliesca sobre *je ne sais quoi* e manter o Stu entretido, sem acordar a bela Gillian. Tinha de estar sempre a agarrar com força o volante, porque a minha vontade era mesmo interromper a palhaçada, encostar à berma, virar-me para o passageiro e dizer: «É verdade, Stuart, estou apaixonado pela tua mulher.»

É isto o que vou dizer? Estou aterrado, assombrado, totalmente aniquilado. Um dia destes vou ter de dizer uma coisa do género. Como hei de dizer-lhe? E então a ela?

Acham que conhecem bem as pessoas, não acham? Ok, o vosso melhor amigo casa-se e, no dia em que se casa, vocês apaixonam-se pela mulher dele. Como é que o vosso amigo vai reagir? As possibilidades não me parecem nada animadoras. «Ah, entendo-te perfeitamente» não me parece uma resposta provável, para ser franco. Puxar da Kalashnikov já faz muito mais sentido. Degredo é o mínimo previsto por lei. Ollie Gulag será o meu nome. Mas não vou ser

desterrado. Ouviram? Recuso o degrado.

O que tem de acontecer é isto: a Gillian tem de compreender que me ama. O Stuart tem de compreender que ela me ama. O Stuart tem de descer. O Oliver tem de subir. Ninguém deve sofrer. A Gillian e o Oliver têm de viver felizes para sempre. O Stuart tem de ser o melhor amigo deles. É isto o que tem de acontecer. Como avaliam as minhas possibilidades? Colossais, elefantinas? (A referência é para ti, Stu.)

Por favor, não me olhem com esse ar reprovador. Não acham que já chega o que vou ter de passar nas semanas e meses e anos que hão de vir? Deem-me tréguas. Ponham-se no meu lugar. Iam renunciar ao vosso amor, sair de cena graciosamente, apascentar cabras e tocar música fúnebre e dolente na vossa flauta de Pã, enquanto o rebanho indiferente pastava a bom pastar as ervas tenras? As pessoas não *fazem* isso. Nunca o fizeram. Se se fossem embora e se tornassem pastores é porque nunca a tinham amado. Ou amavam mais o gesto melodramático. Ou as cabras. Se calhar o pretenso amor não passava de uma jogada carreirista e hábil, que vos permitiria alternar na pastorícia. Mas *amar* não amavam.

Estamos encurralados. De uma maneira ou de outra. Estamos encurralados nesta autoestrada, neste carro, os três, e alguém (o condutor, eu!) carregou com o cotovelo no comando central que fecha as portas. Por isso estamos aqui dentro os três até que isto se resolva. Vocês também cá estão. Perdão, mas tranquei as portas, não podem sair, estamos todos no mesmo barco. Que tal *agora* o cigarro? Eu estou a fumar, e não me admirava nada que o Stuart fizesse o mesmo. Vá, tirem lá um. Evitem a doença de Alzheimer.

¹ Expressão francesa que significa «mudando de assunto». (N. da T.)

² Antigo imposto territorial, cobrado em Inglaterra. (N. da T.)

7.

Ora aqui está uma coisa curiosa



Stuart Ora aqui está uma coisa curiosa. Eu ia de manhã para o trabalho. Provavelmente não vos expliquei que há dois caminhos para ir a pé até à estação. Um passa por St. Mary's Villas e Barrowclough Road, pelo antigo estabelecimento dos banhos municipais e o novo centro de pintura e bricolage; o outro segue por Lennox Gardens, mete pela rua de que sempre esqueço o nome até Rumsey Road, e passa depois a fila de lojas até High Street. Cronometrei ambos e não achei mais de vinte segundos de diferença. Por isso, há manhãs em que vou por um caminho e outras em que vou pelo outro. Deito à sorte, quando saio de casa, para saber que sentido tomar. Conto-vos isto como informação de base.

Esta manhã meti por Lennox Gardens, pela rua sem nome e depois Rumsey Road. Ia a olhar para todo o lado. É uma das grandes diferenças, desde que a Gill e eu estamos juntos: vejo coisas em que nunca tinha reparado. Já devem ter notado que se pode muito bem andar numa rua de Londres, sem nunca olhar mais alto que o tejadilho de um autocarro. Vamos andando, vemos as pessoas, as lojas, o tráfego e nunca olhamos para *cima*. Já sei o que vão dizer, que se olhassem para cima o mais certo era tropeçarem em cocó de cão ou irem de encontro a um candeeiro, mas falo a sério. Olhem só um bocadinho mais para cima, que logo descobrem algo, um telhado com forma estranha, um pormenor decorativo da época vitoriana. Ou então mais para baixo. No outro dia, à hora do almoço, ia a subir a Farringdon Road. De súbito, reparei numa coisa pela qual já devo ter passado dúzias de vezes. Uma placa na parede, à altura do joelho, pintada de bege com letras destacadas a negro. Diz assim:

Este edifício
foi totalmente destruído
por um
RAIDE DE ZEPELIM
durante a Grande Guerra
em
8 de setembro de 1915

John Phillips
Administrador-Geral

Reconstruído em 1917

Achei interessante. Perguntei a mim mesmo porque teriam colocado a placa tão em baixo. Talvez a tivessem mudado de lugar. Encontram-na no número 61, se quiserem verificar. A seguir à loja que vende telescópios.

Mas o que quero dizer é que dou por mim a olhar mais à minha volta. Devo ter passado centenas de vezes pela florista, em Rumsey Road, sem nunca olhar bem para a montra e muito menos para o que havia no interior. Mas desta vez olhei. E o que vejo? Que brinde invulgar, às 8h25 duma manhã de terça-feira! O Oliver. Não podia acreditar. Logo o Oliver. Foi sempre difícilimo trazê-lo para esta zona da cidade — gosta de afirmar em tom jocoso que precisa de passaporte e de um intérprete. Mas lá andava, às voltas pela loja, acompanhado pela vendedora que ia erguendo grandes braços de flores.

Bati na vidraça, mas nenhum deles se voltou, por isso entrei. Estavam de pé junto ao balcão e a rapariga fazia a conta. O Oliver puxara da carteira.

— Oliver! — disse eu, e ele virou-se e pareceu surpreendido. Começou até a corar. Foi um bocado embaraçoso (nunca o tinha visto corar) por isso gracejei: — É assim que gastas o dinheiro que te emprestei! — Pois imaginem que corou ainda mais, a ponto de ficar escarlate. Até as orelhas pareciam cor de lacre.

Pensando bem, o que eu disse não foi lá muito simpático, mas ele reagiu de forma estranha. É evidente que está numa fase má.

— *Pas devant* — disse por fim, indicando a rapariga da loja. — *Pas*

devant les enfants. — A rapariga olhava-nos fixamente, visivelmente intrigada. Pensei que o melhor era poupar ao Oliver mais rubores, por isso balbuciei qualquer coisa relativa à minha ida para o trabalho.

— Não — disse ele e agarrou-me na manga. — Não. — Olhei-o e não disse mais nada. Com a mão livre, começou a abanar a carteira até o dinheiro cair em cima do balcão. — Rápido, rápido — disse à rapariga.

Continuava a agarrar-me no fato, enquanto ela concluía a soma (não pude deixar de reparar que eram mais de vinte libras), pegava no dinheiro e lhe dava o troco, embrulhava as flores e lhas enfiava debaixo do braço. Com a mão livre, pegou na carteira e arrastou-me até à porta.

— Rosa — disse, quando chegámos ao passeio. Depois largou-me a manga, como se tivesse finalmente confessado o que tinha a confessar.

— Rosa? — Fez que sim com a cabeça, sem conseguir olhar para mim. Rosa era a rapariga da Shakespeare School, que fizera com que fosse despedido. — São para ela?

— Vive aqui perto. O Pater dela pô-la na rua. Tudo por culpa do Ollie, como de costume!

— Oliver. — Senti-me de repente muito mais velho do que ele. — Achas certo? — Que raio se estava a passar? O que *iria* pensar a rapariga?

— O que é que é *certo*? — disse ele, sempre sem me olhar. — Podes esperar que as galinhas tenham dentes, se quiseres fazer o que é *certo*. Uma data de babuínos durante milhões de anos a escrever à máquina não *acertam* uma!

— E vais lá a esta hora da manhã?

Deitou-me uma olhadela e depois baixou os olhos.

— Estive lá ontem à noite.

— Mas, Oliver — disse eu, tentando ao mesmo tempo esclarecer a história e aligeirar um pouco o tom —, não é tradição oferecer flores a uma rapariga quando se chega e não depois de se ir embora?

Infelizmente parece que também desta vez não fui lá muito oportuno. O Oliver começou a apertar tanto as flores que lhes quebrou o caule.

— Um fiasco horrível — disse por fim. — Um fiasco horrível, a

noite passada. Era como tentar introduzir uma ostra na ranhura dum parquímetro.

Já não queria ouvir mais nada, mas o Oliver tinha-se-me agarrado de novo à manga.

— O corpo às vezes é um traidor infame — disse. — As raças latinas são claramente menos sujeitas ao nervoso dos primeiros convívios. E, por conseguinte, menos atreitas a desculpar.

Era tudo muito embaraçoso, de meia dúzia de pontos de vista diferentes (pelo menos). Além do mais, eu tinha de ir trabalhar. E era a última confissão que esperava do Oliver. Acho que quando uma pessoa perde o emprego e a dignidade... E tinha com certeza bebido demais, o que, dizem, também não ajuda nada. Ai meu Deus, parece que o Ollie vai descarrilar!

Eu não sabia o que dizer nem o que pensar. Não ousava sugerir uma ida ao médico ali, no meio da rua. Por fim o Oliver largou-me a manga.

— Tem um bom dia no trabalho, meu caro — disse, e desandou.

Esta manhã, no comboio, não li uma linha do jornal. Fiquei em pé, a pensar no Oliver. Que receita desastrosa. Voltar à espanhola que o pusera na rua, francamente... O Oliver e as raparigas é uma coisa mais complicada do que sempre gostou de aparentar. Mas, desta vez, parece que bateu no fundo. Desta vez descarrilou.

Oliver *Uf. Paf. Bof.* Uau! Chamem-me o Grande Ilusionista! Harry Houdini. Hail Thalia, Musa da Comédia. Preciso de uma ovação. Preciso de um *poumon* cheio de Gauloises. Depois desta não mo podem negar.

Ok, sinto-me um bocado mal, mas vocês o que teriam feito? Eu sei, para começar não estavam lá. Eu estava, e essa será sempre entre nós a diferença descomunal. Viram a minha desenvoltura? A mim o devo, unicamente. E que tal a rábula, digna do Velho Marinheiro¹, de o puxar pela manga? Deu um resultado e tanto, não deu? Eu sempre disse que, se queremos levar um inglês à certa, o melhor que temos a fazer é tocar-lhe quando não quer. Mão no braço e confissão muito emotiva. É coisa que não suportam, encolhem-se, arrepiam-se e

engolem tudo o que dissermos. «Era como tentar introduzir uma ostra na ranhura dum parquímetro.» Viram a cara do Stuart, quando me fui embora? Um autêntico camafeu, preocupado e terno!

Não estou propriamente exultante, um *soupçon* talvez, mas estou mais aliviado. Comigo é assim. No entanto, e se quero conservar a vossa simpatia, talvez não devesse contar-vos isto tudo. (Em primeiro lugar, será que a conquistei? É difícil saber! E será que a quero? Quero, quero!) Estou demasiado envolvido nos acontecimentos para fazer jogos — pelo menos convosco. O destino fadou-me para levar a cabo aquilo que comecei e espero não incorrer, durante o processo, na vossa reprovação inapelável. Prometam que não me viram as costas: se decidem ignorar-me, eu deixo realmente de existir. Não me matem! Poupem o pobre do Ollie, pode ser que ainda vos divirta!

Perdão, voltei a exceder-me. Bom, aqui estou eu numa *terra incognita*, que dá pelo nome de Stoke Newington e que, garante o Stuart, será o próximo bairro de Londres a apresentar crescimento nos preços imobiliários, mas onde, de momento, só vejo homens cabisbaixos. E porque é que aqui estou? Porque tenho algo de muito simples a fazer. Tenho de ir ter com a esposa de um homem — um homem! o meu melhor amigo! — que acabou de partir rumo à estação do metro; tenho de ir ter com a sua esposa de seis semanas e dizer-lhe que a amo. Daí a vegetação azul e branca que levo sob o braço esquerdo e cujos pés mal embrulhados me molharam *le pantalon*, de uma maneira que faz lembrar salpicos de micção. O que até nem vem a despropósito: porque, quando a campainha lá da loja tocou e à porta assomou o honesto banqueiro, pensei que me ia mesmo mijar todo.

Dei uma volta para que as calças secassem e fui ensaiando o que diria à Gillian, quando ela abrisse a porta. Seria melhor esconder as flores atrás das costas e apresentá-las como num passe de magia? Deveria pousá-las na soleira da porta e escapular-me até ela aparecer? Talvez uma ária fosse o mais apropriado — *Deh, vieni alla finestra...*

Deambulava por entre as barracas que albergam os empregados daquele vasto comércio, à espera de que o calor do dia me secasse a humidade da mistura sessenta por cento seda e quarenta por cento viscosa das calças. É assim que me sinto e com bastante frequência, se

querem saber: sessenta por cento seda e quarenta por cento viscosa. Bom cair mas com tendência a amarrotar. Enquanto o Stuart é cem por cento fibra sintética: difícil de vincar, fácil de lavar, simples no secar e as nódoas, então, essas saem com a maior facilidade. Não somos feitos do mesmo material, o Stu e eu. E no *meu* pano, se não me despachava, as manchas de suor iam daí a nada substituir as manchas de água. Meu Deus, como estava nervoso! Precisava de um chá de valeriana; disse ou de um enormíssimo Manhattan. Febrífugo ou superexcitante, um ou outro. Não, do que eu precisava mesmo era de uns quantos inibidores-beta. Sabem o que são? Propranolol é uma das suas várias alcunhas. Foi aperfeiçoado para pianistas virtuosos que sofrem dos nervos. Controla a excitação sem alterar o desempenho. Acham que é igual para o sexo? Talvez o Stuart me dê alguns, depois de saber da minha *nuit blanche* com a Rosa. Ele é mesmo do género de querer tratar com produtos químicos um coração destroçado. Mas *eu* só os queria para entregar o coração, incandescente e intacto, à mulher que em breve abriria a porta do número 68. Não andaré por aí nenhum vendedor anónimo, encostado a um vão de escada, de sorriso matreiro e mão aberta? São 40 mg de propranolol, amigo, pronto, tome lá a carteira, o Rolex Oyster, leve tudo... não, isso são as *minhas* flores. Leve-me tudo menos as flores.

Agora são dela. E quando brilhou *le moment suprême* (deixem-me traduzir isto para a língua do Stuart: quando finalmente agi), não houve qualquer dificuldade. Podem achar o Ollie um tanto rebuscado, mas é só fachada. Visitem o interior — fiquem lá um bocado a ler o guia, e logo descubrem algo de tranquilo e neoclássico, algo de sábio, equilibrado e calmo. Encontrais-vos no interior de Santa Maria della Presentazione, ou Le Zitelle, consoante as preferências das brochuras publicitárias. Giudecca, Veneza, Palladio. Ó turistas caros à minha alma! É assim que eu sou por dentro. O exterior tumultuoso que apresento é só para atrair as massas.

Eis, portanto, o que aconteceu. Toquei à campainha, segurando as flores com os dois braços quase abertos. Não queria parecer o homem que faz entregas. Era um simples e vulnerável suplicante, assistido só pela deusa Flora. A Gillian abriu a porta. Era agora. Era agora.

— Amo-te — disse eu.

Ela olhou para mim, e um alarme rasgou o mar do seu olhar tranquilo. Para a acalmar, entreguei-lhe o *bouquet* e repeti serenamente:

— Amo-te. — E fui-me embora.

Consegui! Consegui! Não caibo em mim de contente. Exulto, estou aterrado, cheio de cagaço e totalmente desnorreado.

Michelle (16 anos) Aparece cada um! É isso que é chato neste trabalho. Não são as flores, são as pessoas que as compram.

Como esta manhã. Se ele, ao menos, não tivesse aberto a boca! Quando entrou, pensei: podes levar-me a dar à perna qualquer dia da semana. Mesmo giro, cabelo fantástico, preto, comprido, e fato à maneira. Um bocado ao estilo Jimmy White, estão a ver. Não vem logo ao balcão, faz-me sinal com a cabeça e começa a olhar para as flores com muita atenção, como quem percebe do assunto. Tenho o hábito de jogar a um jogo com a Linzi, em que decidimos se um tipo vale ou não a pena. Se não vale, dizemos «É só terça-feira», o que significa que, se nos convidar para sair, só lhe reservamos uma noite por semana. O máximo dos máximos é quando chamamos a alguém «Sete dias da semana», ou seja, todos os dias livres se ele pedir. O rapaz olha para as íris, eu faço as contas do iva para uma encomenda de vários artigos, enquanto olho pelo canto do olho e penso: «És de segunda a sexta.»

Pede-me que dê com ele a volta à loja e que escolha só flores brancas e azuis. Sugiro-lhe uns botões lindos, cor-de-rosa, mas ele levanta muito os ombros e faz «Blhac.» Quem é que ele pensa que impressiona? É como os que vêm só comprar uma rosa, como se nunca ninguém o tivesse feito. Se um rapaz me desse uma única rosa encarnada, dizia-lhe: «O que fizeste às outras quatro? Deste-as às outras namoradas?»

Voltamos para junto do balcão, ele debruça-se todo conquistador, pega-me no queixo e diz: «Porquê tão abatida, formosura?» Pego na tesoura, pois estou sozinha na loja e, se me volta a tocar, vai sair sem alguma coisa que trazia quando entrou, mas de repente a campainha dá sinal e entra outro rapaz de fato completo, tipo *yuppie* chato. E o

engraçadinho, todo aflito, porque o outro o conhece e o apanhou a tentar engatar a rapariga da loja, que não é nada o género dele, de modo que cora até à raiz dos cabelos, até às orelhas — reparei nas orelhas, que pareciam lacre.

Fica muito calado, atira-me o dinheiro dizendo que me despache e está morto por ver o outro fora dali. Embrulho tudo devagar, sem perguntar se quer celofane, faço tudo com lentidão e por fim digo que me enganei no iva. E vou pensando todo o tempo: porque é que abriste a boca? Eras de segunda a sexta. Agora não passas de um pobre diabo.

Eu gosto de flores. Mas não fico por cá muito mais tempo. A Linzi também não. Não suportamos esta gente que as vem comprar.

Gillian Passou-se hoje uma coisa estranha. Uma coisa muito estranha. E nem depois de se ter passado passou, não sei se me entendem. Continuou estranha toda a tarde e também pela noite dentro.

Estava sentada diante do cavalete, por volta das nove menos um quarto, a fazer os testes prévios num pequeno óleo sobre madeira, que representa uma igreja da City. Atrás de mim, a Rádio 3 distribuía música a metro, um desses Bach que não são Bach. Foi então que a campainha tocou. E voltou a tocar, logo de seguida, enquanto eu pousava o esfregão. Devem ser miúdos, pensei, só eles tocam assim. Oferecem-se para lavar o carro. Ou então querem certificar-se de que não está ninguém em casa e de que podem ir à volta e entrar pelas traseiras.

Desço para ir abrir, com uma certa irritação, e o que vejo? Um enorme ramo de flores, todas azuis e brancas, embrulhadas em celofane. «Stuart!» pensei — quer dizer, pensei que fora o Stuart quem as mandara. E quando vi o Oliver continuei a pensar que era essa a explicação — o Stuart pedira ao Oliver que viesse até cá trazer-me as flores.

— Oliver! — disse. — Que surpresa! Entra.

Mas ele estava ali especado, a querer falar. Branco como cal, de braços estendidos e hirtos como uma prateleira. Mexia os lábios, e

saíam uns sons que eu não conseguia entender. Parecia um daqueles filmes em que uma pessoa tem um ataque cardíaco — murmura algo que parece ser da máxima importância, mas que ninguém consegue ouvir. Olhei para o Oliver, que estava aflitíssimo. As flores tinham-lhe molhado as calças, o rosto de tão pálido metia medo, tremia, e os lábios pareciam grudados a ponto de lhe impedirem a fala.

Pensei que talvez fosse melhor desembaraçá-lo das flores, por isso estendi os braços e peguei-lhes cuidadosamente, evitando tocar-lhe. Puro reflexo, porque tinha vestida a roupa de pintar e um pouco de água não faria mal nenhum.

— Oliver — disse. — O que é? Não queres entrar?

Continuava ali de pé, braços estendidos, como um criado robô a quem tiraram a bandeja. Subitamente, em voz muito alta, disse:

— Amo-te.

Assim. Eu pus-me a rir, é claro. Eram nove menos um quarto da manhã e quem falava era o Oliver. Eu ri-me — não por troça ou algo semelhante, mas por achar que era uma brincadeira de que eu só percebera metade.

Esperava a outra metade, quando o Oliver fugiu. Deu meia-volta e fugiu. A sério. Pôs-se a correr e eu fiquei no patamar, com um ramo de flores descomunal. Só me restava trazê-las para dentro e pô-las na água. Era uma quantidade enorme e acabei por encher três jarras, mais duas canecas de cerveja do Stuart. Depois, voltei ao trabalho.

Acabei os testes e comecei a limpar o céu, que é por onde começo sempre. Não precisei de muita concentração e durante toda a manhã perseguiu-me a presença do Oliver ali, de pé, sem conseguir falar e depois quase aos gritos. Tem andado mesmo de humor muito instável, ultimamente.

Acho que foi por sabermos que tem andado muito tenso (o comportamento estranho no aeroporto, por exemplo) que levei mais tempo a perceber o sucedido. E quando percebi, vi que não conseguia concentrar-me um só instante no trabalho. Estava constantemente a imaginar a conversa que ia ter com o Stuart nessa noite.

«Ena, que montão de flores!»

«Hmm.»

«Admirador secreto, hein? Mas a sério, olha que são mesmo

muitas!»

«Foi o Oliver que as trouxe.»

«O Oliver? Quando foi isso?»

«Dez minutos depois de teres saído para o trabalho. Por pouco encontrava-lo.»

«Mas porquê? Porque é que nos deu estas flores todas?»

«Não são para nós, são para mim. Diz que está apaixonado por mim.»

Não podia ter esta conversa. Não podia ser nada disto. Por isso tinha de me livrar das flores. O que primeiro me ocorreu foi deitá-las no lixo. Mas e se o Stuart lá ia deitar alguma coisa? O que é que pensaria, ao encontrar o balde do lixo atafalhado de flores viçosas? Então pensei em atravessar a rua e ir deitá-las no contentor... mas isso dava um ar estranhíssimo. Ainda não temos amigos cá na rua, só dizemos olá a alguns vizinhos e, francamente, não gostava que me vissem a pôr aquelas flores todas dentro dum contentor.

Por fim, deitei-as no triturador. Peguei nas flores do Oliver, enfiei-as com as pétalas para baixo no moinho e, em poucos minutos, reduzi a prenda dele a uma papa, que a água fria foi levando cano abaixo. Libertou por momentos um forte aroma, que desapareceu aos poucos. Amachei o celofane e meti-o no balde, dentro duma caixa de cereais que já lá estava. Lavei e enxuguei as duas canecas de cerveja e as três jarras, e voltei a pô-las nos lugares habituais, como se nada fosse.

Senti que tinha feito o que era preciso. É bem possível que o Oliver esteja com uma depressão e, sendo assim, precisa que ambos fiquemos do lado dele. Um dia hei de contar ao Stuart a história das flores e o que fiz com elas e ainda havemos todos de rir, nós e o Oliver.

Voltei à pintura sobre painel de madeira e trabalhei até serem horas de preparar o jantar. Não sei o que me levou a servir a mim própria um copo de vinho, antes de o Stuart regressar, às 18h30. Ainda bem que o fiz. Disse que todo o dia tinha tido vontade de me telefonar, mas que não queria interromper o meu trabalho. Disse que encontrara o Oliver na florista da esquina, a caminho da estação. Disse que o Oliver ficara extremamente embaraçado, e era caso para isso, pois estava a comprar flores para fazer as pazes com uma rapariga

com quem fora para a cama na noite anterior e com quem tivera problemas de impotência. Mais, a rapariga em questão era a espanhola, causadora do seu despedimento da Shakespeare School. Ao que parece, foi expulsa pelo pai e vive aqui perto. Convidara-o na noite anterior e as coisas não tinham corrido como ele esperava. Foi o que o Stuart disse que o Oliver lhe disse.

Acho que a maneira como reagi a esta história não foi a que o Stuart esperava. Não devia parecer nada concentrada. Dei uns goles no vinho, continuei a preparar o jantar e, a dada altura, fui até à estante e peguei numa pétala que ali estava caída. Uma pétala azul. Meti-a na boca e engoli-a.

Não sei de que terra sou. Isto para não dizer mais nada.

¹ Personagem que dá nome à balada *The Rime of the Ancient Mariner*, de S.T. Coleridge (1772-1834). (N. da T.)

8.

Ok, vamos por Boulogne



Oliver Tenho um sonho. Teeeeeeenhooo uuum soooonhhooooo. Não tenho nada. É um plano. A transfiguração do Oliver. O filho pródigo não mais privará com prostitutas. Vai comprar uma máquina de remo, uma bicicleta de exercício, um pódio de corrida, um *bullworker*. Não vai, mas vai dar ao mesmo. Estou a planear fazer uma mudança de cento e oitenta graus, como a do anúncio: Tem quarenta e cinco anos e não tem pensão? Qual o seu tipo de calvície? O seu inglês envergonha-o? Quero ter a pensão, quero o cabelo ondulado. E o meu inglês não me envergonha, o que constitui uma causa de *cafard a* menos. Mas em todas as outras questões, é o plano ideal para transformar a existência em trinta dias. Nem tentem dissuadir-me!

Peidei-me demais por aí, eis a triste verdade. Podemos fazê-lo durante um tempo, até percebermos que a flatulência não é profissão. Depressa, uma rolha! Ollie, recompõe-te. Chegou a hora de tomares uma decisão.

Para começar, vou deixar de fumar. Corrijo: já deixei de fumar. Veem como falo *a sério*? Há quantos anos recorro, para me distinguir ou pelo menos adornar, às repolhudas e aromáticas folhas do tabaco? Dos primeiros Embassy cobardolas e *petit-bourgeois* à sedução previsível dos Balkan Sobranie em carteira com monograma, passando pela rábula dos mentolados e a austeridade horrenda dos baixo-teor até à autenticidade muito *Rive Gauche* do enrolado à mão por um polegar já calejado (com ou sem aditivos perfumados) ou pelo seu rude equivalente mecânico (rolos tipo Stakhanov e rolo de borracha mole que nunca fui capaz de manejar); tudo para chegar à seriedade banal da mistura *équilibrée* de Gauloise e Winston, condimentada às

vezes pelo estímulo selvagem de uma treta sueca chamada Prince, por analogia com o pastor-alemão do *hoi polloi*¹. Uf! Desisto disso tudo. Aliás, já desisti de tudo. Agora mesmo, há instantes. E nem sequer lhe perguntei. Só me pareceu que ela iria gostar.

A seguir, vou arranjar emprego. Consigo perfeitamente. Não desandei da tóxica Shakespeare School of English sem antes surripiar uma quantidade de papel de carta indecoroso e chauvinista, de modo que tenho agora à disposição uma série de belos atestados das minhas capacidades, cada um melhor do que o outro para excitar as gónadas dos diferentes candidatos a patrões. Porque é que me demiti? Infelizmente a minha mãe morreu e tive de desencantar para o meu pai uma afastada parentela. E se alguém for suficientemente bronco para querer indagar mais sobre a história, então é pessoa para quem também não me interessa trabalhar. A minha mãe está sempre a morrer, o que tem sido uma grande ajuda durante todos estes anos e o meu pobre papá necessita com frequência de uma mudança de paisagem geriátrica. Como anseia por contemplar, sonhador, uma ondulante vista de arvoredo! Como adora relembrar os tempos idos em que o escaravelho holandês ainda não dizimava o olmo inglês e em que as árvores de Natal ainda não adornavam as encostas. Do seu posto de observação, o meu Pater espreita o passado. *Tap-tap-tap*, faz o velho lenhador com o seu fiel machado, ao abrir a fenda rúnica no tronco cheio de nós, para avisar os companheiros de floresta do cogumelo mortal que cresce nas redondezas. E vede como brinca o urso-pardo na ladeira de musgo sempiterno! Nunca assim foi e, se querem saber, o meu pai era um bom sacana. Um dia lembrem-me que vos fale dele.

Depois vou pagar ao Stuart. Guglielmo Traidor é que eu não sou. «Modéstia e Probidade» será o meu lema. A máscara de palhaço já não consegue esconder-me o coração desfeito, por isso fora com ela. Vou tirar as calças de polichinelo, se for preciso. Por outras palavras, vou deixar de andar por aí a fazer de idiota.

Stuart Tenho andado a pensar. Temos de tentar ajudar o Oliver de alguma maneira. É o nosso dever. Ele faria o mesmo por nós, se

precisássemos. Foi realmente patético, encontrá-lo assim na florista. Está sem emprego. Está inseguro — e o Oliver, mesmo em miúdo, foi sempre seguro de si. Impunha-se a toda a gente — até àquele pai. Acho que tudo começou aí. Se um miúdo de quinze anos tem um pai daqueles e consegue impor-se, porque há de o mundo assustá-lo? Mas agora assusta-o. Que história horrível com a espanhola! O Oliver de antigamente nunca teria tido... um problema desses e, se tivesse, dava uma pirueta e punha-se a andar. Havia de inventar uma brincadeira ou tirar partido disso. O que nunca faria era sair na manhã seguinte para ir comprar toneladas de flores à rapariga e ser por mim surpreendido. É como dizer: «Por favor não contes nada, por favor não lances isto aos quatro ventos, que pode prejudicar-me.» Nunca teria agido assim nos velhos tempos. E a maneira patética como se expressou: «Dei um fiasco horrível, a noite passada!» Conversa de puto. Está desorientado, é o que é. Temos de o ajudar.

Gillian Não tenho a certeza de nada. Sinto-me muito apreensiva. O Stuart chegou a casa a noite passada com a boa disposição habitual, deu-me um beijo, pôs-me o braço à volta dos ombros e fez-me sentar, como se tivesse algo de importante a dizer.

— Que tal umas férias? — perguntou.

Eu sorri.

— Era bom. Mas ainda mal chegámos da lua de mel.

— Isso foi há séculos. Quatro semanas, pelo menos. Cinco. Vamos de férias?

— Hmm.

— Pensei que podíamos levar o Oliver connosco. Para o animar.

Não respondi logo. Vou contar-vos porquê. Eu tinha uma amiga chamada Alison — aliás, ainda tenho, só que, de momento, perdemos um pouco o contacto. Ela esteve comigo em Bristol. Os pais eram simpáticos, viviam algures no Sussex, eram uma família normal da classe média rural. Gostavam uns dos outros; o pai *dela* nunca deu à sola. A Alison casou-se, mal saiu da universidade. Tinha só vinte e um anos. E sabem o que a mãe lhe disse, na noite anterior ao casamento? Disse-lhe com ar muito sério, como se de um saber familiar se tratasse,

transmitido de mãe para filha desde tempos imemoriais: «É sempre bom levá-los à certa.»

Na altura eu ri, mas ficou-me cá. Mães a dizerem às filhas como dominar os maridos. As verdades indispensáveis foram transmitidas por via feminina através dos séculos, e a que se resume a sabedoria acumulada? «É sempre bom levá-los à certa.» Aquilo deprimiu-me. Não, pensei, quando eu casar, se me casar, vai ser tudo limpo, tudo claro. Não vou fazer jogos nem guardar segredos. Mas parece que já começa. Se calhar é inevitável. Acham que a instituição não funciona de outro modo?

O que havia eu de fazer? Para ser jogo limpo, devia ter contado ao Stuart que o Oliver me apareceu à porta e o que fiz às flores que me deu. Mas então devia ter contado também que o Oliver telefonou no dia seguinte, a perguntar-me se gostara; que disse ao Oliver que as meti na trituradora e o telefone se calou e quando lhe perguntei finalmente «Estás a ouvir?» ele só respondeu «Amo-te» e desligou. Devia ter contado isto tudo ao Stuart?

É evidente que não. Foi por isso que me pus a gracejar com a sugestão das férias.

— Com que então já farto da minha companhia?

O que, como era de esperar, o Stuart percebeu mal. Pensou que eu estava zangada, por isso ficou enervado e começou a declarar o quanto me amava, e também não era *aquilo* o que eu queria ouvir, embora seja claro que de certa maneira é isso o que eu quero sempre ouvir.

Pus-me a brincar com o assunto. Não estou a levá-lo à certa, mas estou a gozar com o que ele diz. Já?

Stuart Acho que a Gillian não aceitou bem a minha sugestão de irmos os três de férias. Ia começar a explicar, quando ela praticamente me impediu. Não disse nada, mas é aquela maneira que ela tem de se esquivar e fazer outra coisa, e demorar a responder. É engraçado, sinto que já lhe conheço este pequeno hábito há uma vida.

Assim, a ideia das férias ficou sem efeito. Ou melhor, foi alterada para um fim de semana prolongado, só nós dois. Ir de carro até Dover

na sexta-feira de manhã e, de lá, dar um pulo a França. Na segunda é feriado, o que nos dá praticamente quatro dias. Descobrir algures um pequeno hotel, ver as primeiras cores do outono, ir a um mercado comprar réstias de alhos, que hão de começar a ficar chochos antes que os utilizemos. Não é preciso planear nada — e eu sou uma pessoa que gosta de planear as coisas, ou melhor, que se preocupa quando não as planeia. Talvez seja um dos efeitos da influência da Gill — o de hoje em dia eu ser capaz de dizer: «Porque não partimos de repente?» Não é *longe*, eu sei, nem por muito tempo, e as hipóteses de todos os hotéis do Norte de França estarem completamente cheios são bastante reduzidas, por isso não estou mesmo preocupado. Mesmo assim, para mim é a primeira vez. A primeira. Estou a treinar para ser espontâneo. Não liguem, estou a gozar.

O Oliver pareceu contrariado quando lhe contei. O que só mostra como está frágil, acho eu. Fomos os dois beber um copo e disse-lhe que tencionávamos ir a França passar o fim de semana. O rosto alterou-se-lhe, como se o fôssemos abandonar. Apeteceu-me acrescentar: «Não é por muito tempo» ou algo do género, mas não é propriamente coisa que se diga entre amigos, não acham?

Não respondeu e perguntou onde tencionávamos ficar.

— Não sei. Logo havemos de encontrar alguma coisa.

Foi então que pareceu animar-se e voltar a ser o Oliver. Pôs-me a mão na testa, como se eu tivesse febre.

— Estás bem? — perguntou. — Isso não é teu! De onde te vem o espírito despreocupado? Corre, vai à farmácia buscar um antipirético.

A zombaria continuou por um pedaço. Queria saber qual o ferry que íamos apanhar, se íamos por Calais ou por Boulogne e qual o percurso, quando voltaríamos, etc., etc. Acho que na altura não estranhei, mas, pensando nisso mais tarde, admirei-me que não tivesse dito, por exemplo: «Façam boa viagem.»

Quando nos separámos, disse-lhe:

— Trago-te Gauloises da free-shop.

— Não te incomodes — ripostou.

— Porquê? Não me incomoda nada.

— Não te incomodes — repetiu, em tom quase impertinente.

Oliver Meu Deus, tive um ataque de pânico. Encontrámo-nos num pub, uma toca crepuscular onde o Stuart vai regularmente, qual animalzinho peludo, anichar-se todo contente no canto restaurado da lareira (imitação ao estilo Norman Shaw) e saborear a cerveja loura tal como, desde a Antiguidade, o fazem os pequenos proprietários rurais seus antepassados. Meu Deus, como odeio pubs! Detesto-os, sobretudo desde que deixei de fumar (vício cuja renúncia passou completamente despercebida ao nosso amigo Stuart). Ah, e também odeio a palavra crepuscular. Acho que vou deixar de a usar por um tempo. Façam-me sinal se me esquecer, está bem?

Ali estávamos sentados, naquele horroroso lugar onde o «copo de branco» é ainda mais mortal do que a cerveja dos pequenos proprietários, onde a escolha de maltes das Terras Altas da Escócia está longe de ser a melhor, e eu exposto às baforadas de nicotina capazes de me trespassarem o pâncreas (deem-me com a vergasta, vá, deem — sou capaz de trair o meu país por um Silk Cut e os meus amigos por um Winston), quando o Stuart, com um ar contentinho de fazer calafrios, anuncia de repente:

— Vamos partir, sabias?

— Partir? O que queres dizer?

— Vamos partir na sexta-feira. Dover, no primeiro ferry. Depois nunca mais nos vês.

Entrei em pânico, confesso. Pensei que ele a ia levar para sempre. Vi-os de carro estrada fora, sem nunca parar. Estrasburgo, Viena, Bucareste, Istambul, sem parar, sem olhar para trás. Vi-a com o cabelo encaracolado a ondular, no cabriolet aberto que se dirigia para leste, para longe do Ollie... Por momentos consegui ostentar uma fachada alegre, mas por dentro estava em pânico. Ele podia levá-la, pensei, podia perfeitamente fazê-lo, tem um tal poder para me atingir, esta criaturinha peluda, que nem reparou que eu pus de lado a erva daninha. Tem neste momento um grande poder para ser cruel, sem o saber. E a mim o deve.

Mas acontece, é claro, que o bendito *estivant* estava só a planear aquilo a que sem dúvida chama uma pausa de fim de semana. *Aestivate*, como se diz dos animais em especial, ou seja, passar o verão numa espécie de torpor. E o outono. E a maior parte da vida. Adquiriu

de repente uma enorme capacidade de me fazer sofrer, este Stuart!

Prometeu que mandava um postal. Prometeu que mandava uma merda de um postal ilustrado.

Gillian Eis como decorreu a conversa.

— Podemos ir às compras um dia destes?

— Às compras? Claro. O que queres comprar?

— Coisas para ti.

— Para mim?

— Roupa.

— Não gostas da maneira como me visto, Oliver? — Tentava aligeirar o tom.

— Quero vestir-te.

Achei que o melhor era espevitá-lo, antes que a coisa fosse longe demais.

— Oliver — disse, tentando parecer-me com a mãe dele (ou pelo menos com a minha) —, Oliver, não sejas ridículo. Ainda nem sequer arranjaste emprego.

— Eu sei que não posso *pagar* — disse sarcástico. — Eu sei que não tenho *dinheiro* como o Stuart. — Depois fez uma pausa e mudou de tom. — Apetece-me vestir-te, só isso. Podia ajudar-te. Apetece-me levar-te às lojas.

— Oliver, estás a ser querido — disse eu. Depois, outra vez espevitada: — Vou pensar nisso.

— Amo-te — disse ele.

Desliguei sem responder.

É isso o que eu vou fazer, o que decidi fazer. Empertigar-me, ser bem-educada e desligar. Isto é ridículo. É óbvio que anda desorientado. E tem provavelmente, sem saber, ciúmes da nossa felicidade. Andávamos juntos, os três, mas depois o Stuart e eu casámo-nos e ele agora sente-se excluído. Em vez de três, é dois mais um e ele sente-o. Acho que de certa maneira até é normal. Estou certa de que se recompõe.

Noutras circunstâncias, não teria recusado ir às compras com o Oliver. O Stuart, para dizer a verdade, não ajuda muito, não porque

não goste de comprar, mas porque gosta de tudo o que experimento. Diz que me ficam bem todas as cores e todos os estilos. Se eu saísse do gabinete de provas com um saco de lixo à volta da cintura e um *abat-jour* na cabeça, diria que estava lindamente. É um encanto e até comove, mas, como podem imaginar, na prática não ajuda muito.

Oliver Pela primeira vez na vida não estou a ser fantasista. Imaginaram sem dúvida o que eu imagino acerca do vestuário da Gillian: uma capa debruada a zibelina, saída de *Boris Godounov*, cores à Rimsky, tecidos leves estampados, para o verão, próprios de um Rossini de tenra idade, acessórios brilhantes de Poulenc... Não, perdão. Não sou assina-cheques baboso (também não podia), nem castrado ambulante; mas sei que o meu olho, o meu sentido da cor, o meu espírito prático em matéria de tecidos, são superiores aos do Stuart e da Gillian somados. De longe. Pelo menos, se olharmos aos resultados. Até as pessoas que dizem que não se importam com a roupa ficam melhor num fato bem cortado. Até as pessoas que dizem não ligar à aparência ligam à aparência. Todos ligam. Só que algumas pessoas pensam que estão magníficas e estão horríveis. É óbvio que é uma espécie de arrogância. Eu ando uma merda porque o meu espírito está ocupado com coisas mais elevadas e, como tenho muito que fazer, nem tempo tenho para lavar o cabelo, e também se gostarem de mim gostam de mim assim. Não é que a Gillian pertença, nem de longe nem de perto, a essa categoria de pessoas. Pelo contrário. Mas o que eu gostava era de a *reconverter*.

Reconverter. Remodelar. Mas também, no espírito do Stuart, um termo saído do mundo pululante do negócio e da finança. Reconverter: transferir a posse (de uma coisa, de um título) para outra pessoa. Verbo transitivo.

Stuart Passámos um fim de semana maravilhoso. Em Calais tomámos a autoestrada em direção ao Sul. Quando nos apeteceu virámos à esquerda e encontrámo-nos algures perto de Compiègne. Parámos numa aldeia ao cair da noite. Um hotel familiar semicoberto de

madeira, com quartos que davam para uma varanda que rangia e circundava dois lados de um pátio. É claro que fomos a um pequeno mercado e comprámos duas réstias de alhos entrançados, que não de ficarem chochos antes que os gastemos. Por isso era melhor oferecermos alhos. O tempo esteve um bocadinho húmido, mas que importa?

Só quando chegámos ao barco é que me lembrei do Oliver, para ser franco. Sugeri que lhe comprássemos Gauloises. A Gillian disse-me que ele deixara de fumar. Que coisa mais estranha. É tão pouco o género dele!

Gillian Não sei por onde começar. Também não sei onde é que isto irá acabar, ou como irá acabar. O que é que se está a passar? A culpa não é minha, mas sinto-me culpada. Apesar de *saber* que a culpa não é minha, continuo a sentir-me culpada.

Também não sei se agi como devia. Talvez não devesse ter feito nada. Talvez o que eu fiz tenha sido uma atitude cúmplice, ou se afigure como tal. Talvez tivesse sido melhor deixar tudo — se é que algo *existe* — bem claro naquele momento. Porque não? E no entanto... tínhamos passado uns dias tão bons, que eu não quis quebrar o encanto.

A primeira vez que parou de chover foi durante o regresso de Boulogne, no ferry. Foi uma ironia da sorte. E, de certa maneira, foi isso que fez com que tudo acontecesse. À ida, atravessámos entre Dover e Calais. Andámos depois bastante na autoestrada e escolhemos praticamente ao acaso uma saída da via rápida. Escolhemos também ao acaso uma aldeia para ficar — o lugar onde chegámos ao cair da noite. Partimos a seguir ao pequeno-almoço na segunda-feira de manhã e parámos para almoçar perto de Montdidier. Depois de novo até Amiens, com os limpa-para-brisas sempre a trabalhar, enquanto passávamos por celeiros molhados e gado encharcado até aos ossos. Algures depois de Amiens, lembrei-me dos cais do ferry de Calais. Mandam-nos primeiro dar a volta à cidade inteira e depois metem-nos com milhares de outros passageiros numa espécie de sistema que não dá nada a impressão de termos chegado a uma cidade costeira e de irmos apanhar normalmente um barco. Era essa a impressão que

devíamos ter, não era? Por isso sugeri ao Stuart que fôssemos antes por Boulogne. Ao princípio não concordou, porque há menos ferries à partida de Boulogne. Mas poupávamos mais de trinta quilómetros à chuva e se, de qualquer modo, ao chegar tivéssemos de esperar muito pelo ferry, podíamos sempre seguir até Calais. Dei talvez a ideia de que estivemos a discutir, mas não foi nada disso. Foi uma conversa bem-disposta e uma decisão fácil. Entre nós as coisas são assim. O Stuart nunca me faz sentir que está em jogo o seu orgulho, quando fazemos o que um dos dois sugere. Foi uma coisa que me atraiu desde o início. Quando se lhes propõe alterar planos, a maior parte dos homens considera isso — mesmo inconscientemente, o que ainda é pior — como uma forma de insulto ou uma crítica. Não podem suportar a ideia de nós termos ideias diferentes acerca de questões relativamente pouco importantes. Mas, como já disse, o Stuart não é assim.

— Está bem, vamos por Boulogne — disse, enquanto outro Renault nos ultrapassava a grande velocidade, alagando-nos o para-brisas.

A questão é esta: ninguém sabia onde tínhamos ido. Ninguém sabia onde decidíamos ficar. Partimos, parámos ao acaso, andámos de um lado para o outro, mudámos de planos e apanhámos o primeiro barco num porto onde não tínhamos passado à chegada. E o Oliver estava nesse barco.

Chovera. Chovera sempre torrencialmente todos os dias e continuava a chover enquanto esperávamos na fila de carros, para entrar no ferry. Todo o interior do barco parecia molhado, incluindo degraus e corrimãos. Sentámo-nos num dos salões da vasta área reservada ao bar e as janelas estavam embaciadas pela humidade; limpávamo-las e continuávamos sem ver quase nada, por causa da chuva que caía lá fora. Mais ou menos a meio da travessia do canal, um homem com uma capa de plástico veio sentar-se a uma das mesas e anunciou que a chuva parara — estávamos com sorte, acrescentou. Quando ouvimos aquilo, o Stuart e eu levantámo-nos e procurámos a saída mais próxima. Sabem como são os ferries: sentimo-nos desorientados, nunca sabemos se estamos no convés A ou B ou onde é que vamos dar ao passar uma porta — se à frente, atrás ou aos lados. Escolhemos uma saída à sorte e passámos por uma daquelas portas de

soleira alta, que provavelmente são assim para impedir que a água do mar invada o salão. Saímos mais ou menos a meio de um dos lados do navio e, quando olhei para a esquerda, vi o Oliver, a uma distância de cerca de três metros, contemplando o canal. Vi-o de perfil. Não estava a olhar para mim.

Virei-me imediatamente e empurrei o Stuart.

— Desculpa — disse-lhe, e voltei para dentro. Ele seguiu-me e eu disse que de repente me sentira enjoada. Nesse caso, o mais indicado era apanhar ar, disse ele. Respondi que fora precisamente o ar frio que me fizera mal. Voltámos a sentar-nos. Ele cheio de cuidados. Eu a dizer que já passava. E sempre a olhar para a porta, de soslaio.

Ao fim de alguns minutos, quando achou que eu já estava bem, o Stuart levantou-se.

— Aonde vais? — perguntei. Tinha um pressentimento horrível. Tinha de impedi-lo de sair para a coberta.

— Queria ir comprar Gauloises para o Oliver — disse. — Sem taxa. Tinha dificuldade em controlar a voz.

— Já não fuma — disse eu. — Deixou de fumar.

O Stuart deu-me uma palmadinha no ombro.

— Então levo-lhe *gin*.

E desapareceu.

Eu vigiava a porta. Esperava que o Stuart voltasse. Tínhamos de escapar sem sermos descobertos. Sentia que a minha felicidade dependia disso. Fiz questão de ser a primeira, na fila dos passageiros que desciam para ir buscar os carros. As escadas estavam tão molhadas e perigosas como à chegada. Mas o Stuart tinha comprado Gauloises. Disse que ia guardá-los para quando o Oliver voltasse a fumar.

O que é que se está a passar?

Oliver Trouxe-os para casa, são e salvos. Era só o que eu queria. Talvez previssem um recontro estrondoso em pleno mar, com ventos de sudoeste e a nave simbolicamente desfeita entre o balanço e a borrasca? Pelo contrário, o mar estava calmo e eu trouxe-os para casa, são e salvos. Trouxe-a *a ela* sã e salva.

¹ «O povo», em sueco. (*N. da T.*)

9.

Não te amo



Stuart Aconteceu recentemente alguma coisa ao meu amigo Oliver. Diz que começou a praticar corrida; diz que deixou de fumar; diz que vai pagar-me o dinheiro que me deve. Não acredito em nada, mas o facto de o dizer é a prova de que qualquer coisa lhe aconteceu.

A história dos telefones, por exemplo. De repente, uma noite destas, começou a perguntar-me imensas coisas sobre os novos modelos de telefones portáteis que se encontram no mercado — como funcionam, qual a autonomia, quanto custam. Deve querer instalar um naquela carripa que ele tem. É a última coisa que eu esperava do Oliver. É tão antiquado! Vocês não perceberam até que ponto é antiquado. Passa por boémio e despreocupado, mas é muito pior do que isso. Sinceramente, acho que não está preparado para enfrentar o mundo moderno. Não percebe nada de dinheiro, nem de política, nem de máquinas; pensa que os discos pretos de vinil têm melhor som do que os cd. O que é que se faz com uma pessoa assim?

Oliver Tenho de estar perto dela, entendem? Tenho de a conquistar, tenho de a merecer, mas primeiro tenho de estar perto dela.

Acho que sei como se sentem os tipos ferozmente obstinados, que buscam a aprovação do povo, quando percorrem o penoso caminho que os leva finalmente aos bancos de coiro verde do Palácio de Westminster e lhes dá o direito de se insultarem uns aos outros. De casa em casa, como o vendedor de escovas da marca Fuller ou os limpa-chaminés enferrujados de outrora. Mas tais criaturas abandonaram há muito as nossas ruas, juntamente com o pregoeiro de

muffins, o amolador taciturno e o pequeno marçano sorridente que oferecia serviços por tostões. Como as velhas profissões pitorescas e o contingente de famílias felizes estão a desaparecer! Quem vem hoje bater-nos à porta? O ladrão afogueado, a apostar na nossa ausência; o fundamentalista nervoso, que exige a nossa conversão antes do dia do juízo final; a dona de casa desleixada e de alpargatas, que nos assalta a caixa de correio com um cupão de desconto de trinta escudos, uma amostra de amaciador para a roupa e o cartão de um qualquer serviço de táxis permanentes; todos e mais o candidato a membro do parlamento. Posso contar com o seu voto? Desgruda, cara de peido! Que interessante! Se tiver um momento, gostaria de explicar-lhe a posição do nosso partido sobre um assunto. Trás! E assim de seguida até à casa ao lado, onde aceitam dissimuladamente um cartaz e o metem no lixo, mal o veem pelas costas; e até à seguinte, onde lhe prometem apoio se o partido dele garantir perseguir, prender e de preferência executar certas categorias de pessoas não brancas. Como é possível? Porque continuam?

Pelo menos, o eleitorado ao qual me dirigia era pequeno e as possíveis variedades de humilhação limitadas. Era recebido como ladrão, violador bem-educado, lava-carros sem balde, vendedor de vidros duplos, para não falar no trapaceiro a informar de que há umas telhas soltas no telhado e, já que ali andam pelo bairro com uma escada alta, podem dar um jeito e arranjá-las só por oitenta libras. Mas eu não passava de modesto candidato a inquilino. Só um quarto, para utilização esporádica durante uns meses, pagamento adiantado como é óbvio, baby-sitter é que não, obrigado. Depois de alguns olhares intrigados, percebi que tinha também de desfazer a impressão de que o que queria era um antro para sessões de sexo, uma pouca-vergonha *outrée*¹ com uma fila de vítimas não muito prendadas. Argumentista, estão a ver, exigências dos estúdios, necessidade absoluta de isolamento, ir e vir quando me apetece, muitas vezes nem cá estou, as irregularidades do génio e as errâncias da locomoção, inúmeras referências forjadas, provenientes de diretores de faculdades Oxbridge², diretores de Shakespeare Schools e até uma em papel timbrado da Câmara dos Comuns. Nem vadio, nem ladrão, só um desgraçado dum Orson Welles a quem possa ajudar, minha senhora, e

que nunca precisará de se servir do telefone.

Quase resultou no número 67, que era o ideal. Ofereceram-me um belo quarto cheio de sol, lá em cima, mas dava para as traseiras. Fingi tremer à ideia dos raios do senhor sol, que me trespassavam. O meu talento delicado precisava do auxílio da luz nórdica. Não havia nada para a frente? Pois não. E lá fui, em passo arrastado, até o número 55, onde uma araucária se contorcia no jardim da frente e as janelas sofriam penosamente de glaucoma. O portão da entrada rangeu e deixou-me na palma da mão a espinhosa assinatura da ferrugem (eu arranjo-lho, minha senhora!); a campainha só tocava quando se carregava de lado, com o polegar inclinado para nor-noroeste. Mrs. Dyer era franzina, a cabeça repousava-lhe na espinha como um girassol sobre o caule; e os cabelos haviam já passado a fase da brancura e tinham agora a cor de um indicador manchado de Gitanes. Tinha um quarto virado a norte; também se divertia com «as fitas», antes de começar a perder a vista; e não queria dinheiro adiantado. Eu não aguentava aquilo.

Metade de mim queria dizer: «Não confie, não me conhece, é perigoso acreditar assim no que as pessoas dizem, a senhora é tão frágil e eu tão forte.» A outra metade só tinha vontade de dizer: «Amo-a, venha comigo, sente-se nos meus joelhos, nunca a esquecerei. A senhora tão cheia do seu passado, eu tão cheio do meu futuro.»

Mas disse-lhe só:

— Se quiser, arranjo-lhe o portão.

— Não está estragado — respondeu com firmeza, e eu senti uma indizível ternura por ela.

Portanto aqui estou, uma semana depois, sob o dossel da minha araucária, perscrutando a rua ao anoitecer, à espera de que o meu amor volte para casa. Está aí não tarda, com uma provisão de panos de loiça acolchoados, o seu leite e a sua manteiga, os seus doces e pickles, os pães e os peixes, o detergente esverdeado para a loiça e uma caixa gigante dos cereais repugnantes que o Stuart toma ao pequeno-almoço, e que sacode alegremente todas as manhãs, como se agitasse um par de matracas. Tchg-a-tchg-tchg. Como é que vou conter-me sem saltar de ramo em ramo, para ir ajudá-la a descarregar o carro?

Pães e peixes. Aposto que o Stuart só vê nela uma boa

governantazinha. Enquanto para mim tem poderes milagrosos.

Gillian Estava a tirar as coisas do carro, quando o telefone tocou. Ouvi-o tocar dentro de casa. Tinha um saco de compras em cada mão, o pão debaixo do braço, na boca as chaves de casa e as chaves do carro ainda no bolso. Fechei a porta do carro com o pé, pousei um saco, tranquei o carro, peguei no saco, corri pela entrada, parei à porta, deixei cair o pão, não encontrava as chaves de casa, pousei os sacos, lembrei-me de que tinha as chaves na boca, abri a porta, entrei a correr, e o telefone parou.

Não me ralei. Aquilo que costumava irritar-me já não me irrita, e até coisas muito maçadoras, como fazer compras, quase me divertem. E se experimentássemos isto? Será que o Stuart gosta de batata-doce? E assim por diante. As coisas do costume.

O telefone tocou de novo. Atendi.

— Desculpa.

— Perdão?

— Desculpa. É o Oliver.

— Olá, Oliver. — Outra vez a menina empertigada. — Desculpa o quê?

Houve um silêncio, como se lhe tivesse feito uma pergunta muito profunda. Disse então:

— Deves estar ocupada. Desculpa.

De repente ouviu-se um estalido na linha, seguido de ruído persistente. Ouvia-o muito ao longe. Pensei que tivesse fugido e telefonasse a pedir desculpa dos telefonemas anteriores.

— Oliver, onde estás?

De novo, um longo silêncio.

— Posso estar em qualquer parte.

Tive de súbito uma visão: tomara uma overdose e telefonava-me a dizer adeus. Porque havia de pensar nisso?

— Estás bem?

Então a voz ouviu-se melhor.

— Estou excelente — disse. — Há muito tempo que não estava tão bem.

— Antes assim. O Stuart tem andado preocupado contigo. O Stuart e eu.

— Amo-te. Amar-te-ei sempre. Para toda a vida.

Desliguei o telefone. O que é que vocês faziam?

Continuo a tentar perceber se o terei encorajado. Nunca foi minha intenção. Porque é que me sinto culpada? Não é justo. Eu não fiz nada.

Fi-lo desistir da ideia de ir comigo às compras. Ou melhor, disse-lhe que não fazia sentido. Agora diz que quer vir ver-me a trabalhar. Disse-lhe que ia pensar. De agora em diante, vou ser muito firme, clara e prática. Assim, ele vê que não vale a pena fazer-se de tolo e fingir que está apaixonado por mim. Mas não vou contar ao Stuart. Por enquanto não, já decidi, ou talvez nunca. Acho que ele ficaria destroçado. Ou então pensaria demais no assunto. E se o Oliver me quiser ver (o que até nem é má ideia, desde que eu possa chamá-lo à razão), só o faço depois de ter primeiro contado tudo ao Stuart.

Pronto. É isto o que vou fazer. É a minha decisão.

Mas eu sei porque me sinto culpada. Se calhar já adivinharam. Sinto-me culpada porque acho o Oliver atraente.

Mrs. Dyer É um rapaz muito simpático. Gosto de ter pessoas novas cá em casa. Gosto de ouvir gente a entrar e a sair. Diz que anda a escrever uma coisa para os filmes. Prometeu-me um bilhete grátis para a estreia. Os jovens têm a vida pela frente, é isso o que me agrada neles. Ofereceu-se para me arranjar o portão, mas não há necessidade. Ainda vai durar mais do que eu.

No outro dia vinha das compras, quando o vi a sair do carro. Eu estava em Barrowclough Road, ao pé dos banhos públicos. Ele saiu do carro, trancou-o e partiu à minha frente. Quando cheguei a casa já ele estava no quarto, a assobiar alegremente. Não sei porque terá deixado o carro em Barrowclough Road. Fica a duas ruas daqui e há muitos lugares para estacionar ao pé da nossa casa.

Se calhar tem vergonha do carro. Até eu reparei que está cheio de ferrugem.

Oliver Estava um tudo-nada mogadónico, mas era porque tinha um cagaço dos diabos. Mas fiz o que disse, e provei-o! Convidei-os para jantar na minha residência principal, depois de ter preparado uma *tagine* de borrego com alperces, que apaladei com um forte Syrah australiano, proveniente de Mudgee River. Combinação irreverente, pelo menos mais irreverente do que o Stu e a Gill, o que não é difícil. Perante tais cruzamentos, tive assomos totalmente minimalistas, o que criou uma certa tensão. Sentia-me como Eugene Onegin, a ouvir o cansativo príncipe louvar a sua Tatiana. Foi então que a Gillian cometeu a indiscrição de dizer ao Stuart que eu queria ir vê-la trabalhar.

— Ccchhiiiu, meu tesouro — disse eu precipitadamente. — *Pas devant!*

Mas agora o Stuart anda tão efervescente, tão diabolicamente *méthode champenoise*, que eu podia ter-me ajoelhado aos pés da mulher e fingir que estava a alinhar-lhe a bacia.

— Excelente ideia — disse. — Há já muito tempo que tenho vontade de o fazer. Isto está esplêndido — e continuou (mas não era à succulenta Gill que se referia). — É vitela?

A seguir ao café, declarei que ansiava por repousar no ombro cabeludo de Morfeu, e eles piraram-se. Dei-lhes três minutos de avanço e depois, qual Bogart, liguei com estrépito a máquina. (Na verdade, tive de lisonjear e animar o motor entupido e preguiçoso, antes de lhe arrancar uma faísca relutante. Afinal, a vida não é precisamente como conduzir um automóvel?) Ora o Stuart adora deslocar-se em Londres sem seguir um único dos percursos de autocarro — conduz só por atalhos, através de Kilburn, e faz umas incursões em ruas escondidas, peçadas de bandas sonoras. O Ollie, pelo contrário, descobriu que hoje em dia não existe em Londres um único atalho: as ruelas estão atafalhadas de mestres em cartografia como o Stu, aficionados de curvas e apertos para pouparem combustível, fazendo rodopiar os Oldsmobile Mantra nas curvas em U, como instrutores num rink de patinagem. Mas o Oliver antecipou-se a todos e lança alegremente a chocolateira (Lagonda é que não é!) Bayswater Road abaixo, enfia-se em Piccadilly e até abranda na deserta Euston Road, para dar uma oportunidade à concorrência.

Ainda tive tempo de iniciar Mrs. Dyer nas obras-primas menores de Norman Wisdom, antes de me retirar para o meu quarto, a assobiar como alguém que teve, de repente, uma inspiração a desoras. Depois apaguei a luz e instalei-me à janela, entre as folhas da araucária, que pareciam escovilhões. Onde é que eles estavam? Mas onde é que estavam? Ter-se-ia o cágado transformado em tartaruga num beco malcheiroso? E se ele... Ah, lá está o reflexo metálico que eu esperava! E o perfil dela, tão despreocupado que me parte o coração...

O carro parou. O Stuart saltou cá para fora e, muito roliço, deu uma corridinha para ir abrir a porta à Gillian. Quando ela saiu, aconchegou-se todo nela como um bicho que se aninha.

Uma visão de revolver as tripas! Pouco graciei comigo mesmo nessa noite, mais tarde, ao regressar sozinho a casa.

Gillian Ele estava muito calmo e eu nervosa. Acho que esperava que se lançasse sobre mim ou qualquer coisa desse género. Viu o rádio em cima do banquinho e perguntou-me se costumava ouvi-lo, enquanto trabalhava. Disse-lhe que sim.

— Então liga-o — disse calmamente.

Estavam a dar uma sonata de Haydn, piano suave e ondulante, que evoluía em moldes quase previsíveis, mesmo sem se conhecer a peça. Comecei a ficar mais descontraída.

— Diz-me o que estás a fazer.

Parei e voltei-me.

— Não — disse. — Vai falando comigo enquanto trabalhas.

Voltei ao quadro. Era uma pequena cena de inverno: o Tamisa gelado de uma à outra margem, pessoas a patinar e crianças a brincar em volta duma fogueira, no meio do gelo. Alegre e muito sujo, pois estivera pendurado durante séculos no salão de festas de uma associação municipal.

Expliquei que fazia testes sob a moldura, que começava com saliva num paninho e prosseguia, experimentando diluentes vários, até encontrar o mais adequado para o verniz.

Que ele varia na superfície do quadro. Que certos pigmentos saem mais facilmente do que outros (os vermelhos e os negros são sempre

os mais solúveis sob o efeito do amoníaco). Que tenho o hábito de começar pelas partes maçadoras, como o céu, e passar depois a uma parte interessante, como um rosto ou uma mancha de branco. Que o mais divertido está no limpar e quase nada no retocar (ficou surpreendido). Que a tinta seca à medida que envelhece, de modo que um quadro do século XVII é muito mais fácil de limpar do que um do século XIX (também se admirou). E, enquanto falava, ia passando esfregões sobre o Tamisa gelado.

Ao fim de algum tempo as perguntas cessaram. Continuei o trabalho. A chuva batia tranquilamente na janela. O piano ia deixando motivos no ar. O filamento do radiador zumbia, intermitente. O Oliver estava sentado atrás de mim, silencioso, a observar-me.

Havia uma grande tranquilidade. E ele não disse uma única vez que me amava.

Stuart Acho que é realmente uma boa ideia o Oliver ir ter com a Gillie, de vez em quando. Precisa de alguém que o acalme. Espero que possa falar com ela de coisas que comigo não consegue.

— Acho que deve ir ter contigo depois de estar com a Rosa — disse eu.

— Quem?

— A Rosa, a rapariga que provocou o despedimento. — A Gill não disse nada. — Quer dizer que não te fala dela? Pensei que era isso o que ele queria.

— Não, não fala da Rosa.

— Então devias perguntar. Se calhar quer e não consegue.

Oliver É maravilhoso. Sento-me ali, enquanto ela trabalha. O olho faminto paira sobre as pinceladas vigorosas, os frascos de diluente — xileno, propanol, acetona —, os boiões com pigmentos de cores vivas, o algodão especial para restauro de pintura, que vem a ser, irritante e banal, um simples esfregão barato da marca Pretty. E ela sentada ao cavalete, ligeiramente curvada, a apagar suavemente três séculos de tristonho céu londrino. Três séculos de quê? De verniz amarelento,

fumo de lenha e cigarro, gordura, cera de vela e excremento de mosca. Não estou a brincar. O que eu interpretara como pássaros distantes (espalhados num céu baço por um punho apressado e indiferente ao pormenor) revelou ser afinal caca de mosca. Os diluentes acima mencionados, caso vos interesse saber, não têm qualquer efeito em cagadelas de *mouche*, por isso, quando se defrontarem com o problema em vossa casa, usem cuspo ou amoníaco e, no caso de falhar, terão de tirar as pintas com a ajuda de uma lâmina.

Eu imaginava que a limpeza era uma tarefa de rotina e os retoques uma fonte de alegria, mas, aparentemente, é vice-versa e *tête-bêche*. Perguntei à Gillian o que é que no trabalho dela lhe dava mais satisfação.

— Encontrar algo que não sabíamos que lá estava, quando tiramos o excesso de tinta, é o melhor de tudo. Ver uma coisa de duas dimensões transformar-se pouco a pouco em tridimensional. Como a forma de um rosto que começa a emergir. Por exemplo, estou ansiosa por atacar *aqui*. — Com a ponta do esfregão indicou a figura de uma criança pequena que deslizava no gelo, com as mãos fincadas no assento.

— Começa. *Aux armes, citoyenne*.

— Ainda não mereço.

Veem como tudo agora faz sentido, como tudo neste mundo entra em ressonância? É a história da minha vida. Descobre-se o que não se sabia que existia. Duas dimensões dão lugar a três. Começa a poder apreciar-se o contorno dos rostos. Mas tem de se merecer tudo. Então vou merecer.

Perguntei-lhe como é que sabia que todos os borrifos e esfregadelas com o esfregão barato da marca Pretty tinham cumprido a sua tarefa purificadora.

— Ah, isto ainda leva mais quinze dias.

— E como *sabes* que está pronto?

— Por instinto.

— Mas deve haver um momento... Quando tiraste toda a porcaria e o verniz e o excesso de tinta e o teu almíscar das Arábias cumpriu a sua função, chegas ao ponto em que *sabes* que aquilo que tens diante dos olhos é o que o tipo terá visto diante dele, há séculos, quando

acabou de pintar. As cores tal como as deixou.

— Não.

— Não?

— Não. Vai-se necessariamente longe de mais ou não o bastante. Não há maneira de saber *rigorosamente*.

— Queres dizer que, se partisses o quadro em quatro (o que seria, na minha opinião, um gesto muito louvável em defesa da vida) e o desses a quatro pessoas diferentes para restaurar, cada uma ia parar em quatro fases distintas?

— Sim. Quero dizer que, de um modo global, iam parar no mesmo nível. Mas a decisão de parar é mais artística do que científica. É uma coisa que se sente. Não há nenhum quadro «real» à espera de ser revelado, se é a isso que te referes.

É a isso, sim, é a isso. Não é maravilhoso? Ó esplendorosa relatividade! *Não há nenhum quadro «real» à espera de ser revelado.* O que eu sempre disse em relação à vida. Podemos raspar e cuspir e bater e esfregar, até ao momento em que declaramos que a verdade está ali toda, à nossa frente, graças ao xileno, ao propanol e à acetona. Vejam: já não há caca de mosca! Mas não é assim. É só a minha palavra contra a de toda a gente!

Mrs. Dyer Outra coisa que ele faz: fala sozinho no quarto. Já o ouvi. Dizem que esta gente criativa às vezes é um bocado pírulas. Mas tem montes de charme. Disse-lhe que se tivesse menos cinquenta anos... Ele deu-me um chocho na testa e disse que me ia guardar na manga, para o caso de vir a tomar uma decisão.

Oliver Já vos disse, estou a pôr a minha vida em ordem. Aquela história do exercício era treta, reconheço — tenho a certeza de que acabava por ter um colapso ao enfiar os Nike, mais as dores de peito de que sofrem os amadores da marcha. Mas noutras questões... Há duas coisas que tenho de fazer. Uma é arranjar maneira de ter as tardes todas livres, de segunda a sexta, para o caso de ela me deixar ir ter com ela. A outra é ganhar dinheiro suficiente para manter o

babelónico apartamento a oeste e o esconderijo espartano a norte. E a resposta é — *sapristi!* — trabalhar aos fins de semana. Além do mais, evita que eu pense no vombate de Stoke Newington e no seu pequeno dormitório aconchegado.

Mudei de emprego. Agora trabalho na Faculdade de Inglês de Mr. Tim. Algo no nome faz suspeitar que Mr. Tim não é propriamente, ao que parece, inglês. Mas aceito a visão benévola, segundo a qual Mr. Tim, num rasgo de imaginação, se propõe dialogar com todas as línguas de Babel que lhe aparecem pela frente. Por enquanto, a faculdade ainda não foi reconhecida oficialmente como escola de língua inglesa — Mr. Tim anda tão assoberbado com responsabilidades, que se esquece sistematicamente de se candidatar ao aval do British Council (até a espelunca da Shakespeare School já foi reconhecida). Portanto, nas nossas aulas não abundam os príncipezinhos das Arábias. Sabem como é que alguns dos miúdos conseguem pagar as aulas? Passeiam-se nas artérias movimentadas do centro de Londres, distribuindo a todos os sósias e duplos um folheto a anunciar a Faculdade de Inglês de Mr. Tim. O peixe alimenta-se comendo a própria cauda. Mr. Tim, diga-se de passagem, não reconhece o moderno conceito de laboratório de línguas; nem se agarra à noção antiga da biblioteca cheia de livros; muito menos acredita em separar os alunos por grau de capacidade. Vislumbram um indício de fervor moral a infiltrar-se, repugnante, na *Weltanschauung* normalmente límpida de Oliver Russell? Acho que sim. Talvez esteja eu mais mudado do que o emprego. ipe, por falar nisso. Ninguém percebe a piada. Inglês para estrangeiros. Não? Deixem-me compor a frase: «Estou a ensinar Inglês Para Estrangeiros.» Eis a questão: se é assim que o ensinam, não admira que a maior parte dos nossos ex-alunos não saiba comprar um bilhete de autocarro para Bayswater. Porque é que não se ensina inglês igual para todos, é o que eu gostava de saber.

Desculpem. Não queria empolgar-me. De toda a maneira, só tive de acenar com a recomendação aromaticamente forjada — da Hamlet Academy — diante dos olhos de Mr. Tim, para ficar à solta entre as cosmopolitas *virginibus puerisque* deitadas nas carteiras. O lado *moidore* já não é o que era, porque Mr. Tim é um grande sovina. Cinco libras e

meia por hora, saídas a muito custo da bolsa dele, em vez das pródigas oito libras da Shakespeare School. Com tarifas destas, o pobre do Ollie ainda acaba em mulher a dias.

Porquê, perguntou Mr. Tim, com um sotaque que lembrava um simulacro sedoso de esquimó a mascar fita gravada da Berlitz, porquê as tardes todas livres? Então, o meu pobre e velho Pater lá voltou a dar uma ajuda. Éramos chegados como Aquiles e Pátroclo (sabendo eu que a oportuna referência escaparia a Mr. Tim). Tinha de ir visitar o velho patriarca, sentado ao pé da janela diante de um cenário de bétulas seculares, com o pequeno vale arborizado, o regato sussurrante, o poço dos desejos, o prado verdejante... Pode ser que o Velho Sacana descubra que o Bosch não exagerava, que o seu *Triunfo da Morte* era um esboço em tons suaves, comparado com a realidade. Mas não me deixem começar com isto, por favor.

À tarde, quando me é permitido, vou lá e sento-me ao pé dela. O toque do esfregão, o arrepio do pincel, o zumbido do radiador (fiquei sentimental em relação ao filamento aceso), a toada da Rádio 3 e o perfil dela a três quartos, sentada de costas para mim, com os cabelos presos atrás da orelha sem lóbulo.

— Aquilo da Rosa não é verdade, pois não? — perguntou-me ontem.

— O que é que não é verdade?

— Que ela vive aqui perto e tu vais vê-la?

— Não, não é verdade. Nunca mais a vi desde... aquela altura. — Não consegui dizer mais nada. Fiquei embaraçado: um estado de espírito que, como devem ter notado, perpassa na mente do Oliver Russell com a mesma frequência do cometa Halley. Não queria evocar a sórdida dança de incompreensão erótica que outrora dançara com a Rosa, não queria comparar (imaginar a Gill a comparar) a minha presença nesta sala *com ela* e a minha presença noutra sala *com outra*.

Fiquei... embaraçado. Que mais posso dizer? Que a situação ficou pesada, justamente porque pretendo contar à Gill a verdade sem disfarces. Vê, não tenho maquilhagem! O Ollie jura pela honra, pela vida, e anseia vir a ser chefe de guias.

É contagioso. Vou lá, sento-me no estúdio, ficamos muito sossegados, não me armo em parvo, nunca fumo e dizemos a verdade

um ao outro. *Nn-nn-nnn*. São violinos o que oiço? Arpejo ritmado de música cigana, florista ambulante que passa na hora certa, sorriso triste à luz de vela da despeitada suave que nos vende o tabaco? Vá, embarcem-me, o Ollie aguenta-se, já está habituado.

Eu sei que tenho fama de servir a verdade com algo mais do que os tradicionais acompanhamentos britânicos. Dois legumes e molho de pacote não, não é o meu género. Mas com a Gillian é diferente.

E descobri uma metáfora realmente saborosa: os processos no universo da restauração de quadros (falo com autoridade recente mas idónea) têm tendência a diversificar-se. Em dado momento é só o esfregão Brillo e esfregar, esfregar, esfregar. Noutra altura é retocar com a escova de decorador, encher cada fissura com pigmento e pouco mais. Agora, a ideia-talismã é *reversibilidade*. Isto significa (não se importam que simplifique a questão?) que o restaurador deve fazer sempre e só o que sabe que outros poderão vir a desfazer mais tarde. Deve reconhecer que as certezas são só temporárias e as finalidades provisórias. Assim: o vosso Uccello foi esfaqueado por um sociopata armado de zagaia, convencido de que um qualquer artigo malévolo da legislação vigente só será abolido depois de ele vandalizar uma insigne obra-prima. Aqui no hospital da arte o golpe é reparado, os buracos e os riscos são tapados com massa e é só depois que o retoque começa. Que faz, em primeiro lugar, a restauradora? Usa *verniz isolante*, para assegurar que a tinta que aplica poderá ser retirada mais tarde sem dificuldade — quando, por exemplo, a moda for mostrar tanto as vicissitudes históricas por que passou o quadro, quanto o seu valor estético. Isto é *reversibilidade*.

Não acham interessante? Querem espalhar a notícia? Tema para hoje: *Desfazemos as coisas que não devíamos ter feito e reencontramos a saúde*. Reversibilidade. Estou a organizar entregas de verniz isolante em todas as igrejas e repartições públicas.

Quando ela disse que estava na hora de sair, eu disse-lhe que a amava.

Gillian Isto tem de parar. Não está nada a acontecer como eu pensei. Julguei que viria contar-me os problemas dele. Mas afinal sou *eu* que

falo quase sempre. Ele fica sentado, muito sossegado, a ver-me trabalhar e à espera de que eu fale.

Habitualmente, deixo o rádio ligado com o volume baixo. Posso ignorá-lo, quando preciso de me concentrar. Nunca pensei poder trabalhar com alguém como o Oliver ao pé de mim, mas posso.

Às vezes gostava que ele se atirasse a mim. Vá, Oliver, avança! Sim, tu, o melhor amigo do Stuart, *atira-te*. Mas não se atira e cada vez estou menos segura da minha oposição, se ele o fizesse.

Hoje, quando se despediu, vi-o abrir a boca e olhar-me daquela maneira.

— Não, Oliver — disse eu, toda Menina Empertigada. — Não.

— Está bem. Não te amo. — Mas a expressão não mudou. — Não te amo. Não te adoro. Não quero estar sempre contigo. Não quero ter uma ligação contigo. Não quero casar-me contigo. Não quero ouvir-te para sempre.

— Sai.

— Não te amo. Está bem. — Começou a fechar a porta. — Não te amo.

Oliver A araucária ergue os dedos nodosos ao céu do fim da tarde. A chuva cai. Os carros passam velozes, a chapinhar. Estou de pé junto à janela. Observo e espero. Observo e espero.

¹ «Chocante.» (N. da T.)

² Oxford e Cambridge. (N. da T)

10.

Nem sei se devo acreditar



Stuart Nem sei se devo acreditar. Não sei precisamente em «quê», para começar.

Não é «nada» (como garante a Gill) ou será «tudo»?

Como é que eles dizem, os malditos sabichões cuja sapiência passa de geração em geração? O marido é sempre o primeiro a desconfiar e o último a saber.

Aconteça o que acontecer... aconteça o que acontecer, quem vai sofrer sou eu. Já agora, vai um cigarro?

Gillian Os outros dois só querem uma coisa, que eu esteja com eles. Eu quero duas coisas. Ou antes, quero coisas diferentes em ocasiões diferentes.

Meu Deus, ontem olhei para o Oliver e tive uma ideia estranha: quero lavar-te o cabelo. Assim. Fiquei de repente transtornada. Ele não tinha o cabelo sujo — estava até muito limpo e solto. Os cabelos do Oliver são de um negro extraordinário. E eu via-me a lavá-los, com ele sentado na banheira. Nunca pensei fazer isso ao Stuart.

Eu sou a que está no meio, a que todos os dias é espremida. Quem vai sofrer sou eu.

Oliver Porque é que me culpam sempre? Ollie arrasa-corações, Ollie desfaz-casamentos. Cão selvagem, vampiro, serpente na erva, parasita, predador, abutre, mastim. Não é assim. Vou dizer-vos como me sinto. Não se riam! Sou uma borboleta estúpida a bater com a cabeça numa

janela estúpida. Tam, tam, tam. A doce luz amarela que vos parece tão doce e que a mim me queima as tripas.

Tam, tam, tam. Quem vai sofrer sou eu.

11.

Amor & C.^a



Oliver Tenho-lhe telefonado todos os dias para lhe dizer que a amo. Ela já deixou de me desligar o telefone.

Stuart Têm de ser pacientes comigo. Não sou brilhante como o meu amigo Oliver. Tenho de trabalhar as coisas gradualmente. Mas no fim chego lá.

Sabem, no outro dia cheguei do trabalho mais cedo do que o habitual. E quando entrei na nossa rua — *a nossa rua* — vi o Oliver ao longe, a andar direito a mim. Acenei-lhe instintivamente mas, como ia de cabeça baixa, não me viu. Ia a uns quarenta metros, a andar depressa, quando subitamente pescou do bolso uma chave e entrou numa casa. Uma casa no lado da rua oposto ao nosso, a que tem uma araucária no jardim da frente. Vive lá uma velhota. No momento em que cheguei ao pé da porta — o número é o 55 —, ela já se fechara. Segui até casa, entrei, dei o «Olá!» do costume e comecei a pensar.

O dia seguinte foi sábado. Sei que o Oliver dá lições em casa aos sábados. Vesti um casaco, peguei num bloco e numa esferográfica e atravesssei a rua até ao número 55. Era enviado, já se vê, pelo serviço de finanças local, para verificar as listas do novo imposto camarário e o número de habitantes em cada residência. A velhinha identificou-se como Mrs. Dyer, proprietária do local.

— E há um tal... — lia no papel — Nigel Oliver Russell que vive cá?

— Não sabia que se chamava Nigel. Ele disse que se chama Oliver.

— E uma Rosa... — balbuciei um nome estrangeiro, tentando

parecer vagamente hispânico.

— Não, não há ninguém com esse nome.

— Oh, desculpe, estava a ler na outra linha. Então é só a senhora e Mr. Russell?

Confirmou. Eu meti pelo cocheiro. Ela gritou:

— Não se preocupe com o portão. Vai durar mais do que eu.

Foi o começo. Naquela noite, o Oliver não tinha ido para casa da Rosa.

Eliminemos a segunda possibilidade. No domingo de manhã, a Gillian foi lá para cima trabalhar, porque prometeu ao museu que lhes entrega o quadro do Tamisa gelado no final da próxima semana. (Por falar nisso, já o viram? Acho-o muito bonito, mesmo como um quadro deve ser.) Não mandámos pôr telefone no estúdio. Foi de propósito, para que não a incomodassem. Cá em baixo, à distância de dois andares, telefonei ao Oliver. Estava a meio duma aula de conversação, como lhe chamou — o que significa que tem lá alguma estudante pobre a tomar café e lhe fala do campeonato do mundo ou coisa assim, e a faz largar uma nota de dez. Não, conhecendo o Oliver, não será o campeonato do mundo. Talvez a tradução de um guia sexual ilustrado.

De qualquer modo, fui logo ao assunto e disse-lhe que tínhamos esquecido, que não tínhamos sido muito hospitaleiros mas esperávamos que, da próxima vez que viesse a este remoto lugar visitar a Rosa, a levasse a tomar uma refeição em nossa casa.

— *Pas devant* — foi a resposta. — *C'est un canard mort, tu comprends?* — Enfim, não me lembro ao certo do que ele disse, mas foi qualquer coisa irritante desse género. Fiz o meu número do velho Stuart um bocado bronco, e ele sentiu-se obrigado a trocar tudo por miúdos. — Não nos temos visto muito, ultimamente.

— Desculpa. Falei demais. Nesse caso vem tu sozinho, um dia destes!

— Gostava imenso.

E desliguei. Repararam na maneira como as pessoas do género do Oliver dizem sempre «Não *nos* temos visto muito, ultimamente»? Que frase tão desonesta! Soa sempre a uma solução civilizada, mas de facto significa: larguei-a, ou desafiou-me, ou de qualquer modo estava farto

e é melhor que vá dormir com outro!

Estava assim concluída a segunda fase. A terceira fase teve lugar à hora do jantar, quando comecei a inteirar-me do bem-estar do nosso amigo comum, o Oliver, partindo do princípio que a Gillian o via com frequência. Perguntei:

— Que tal vai ele com a Rosa? Pensei que podíamos convidá-los, uma noite destas.

Ela não respondeu logo. Depois disse:

— Ele não me fala dela.

Deixei passar e felicitei a Gillian pelas batatas-doces, que pela primeira vez preparara.

— Ainda bem — disse. — Não sabia se ias gostar.

Depois do jantar, levámos o café para a sala e eu acendi um Gauloise. Não é coisa que faça muitas vezes e a Gillian olhou-me, com ar inquiridor.

— É pena estragarem-se — disse. — Já que o Oliver não fuma.

— Mas não te habitues.

— Sabias — repliquei — que foi estatisticamente comprovado que os fumadores são menos vulneráveis à doença de Alzheimer do que os não-fumadores? — Senti-me muito satisfeito por transmitir a pequena informação que lera algures.

— É porque os fumadores morrem todos antes da idade da doença de Alzheimer — disse a Gill.

Tive de me rir. Fora completamente vencido.

Muitas vezes, fazemos amor ao domingo à noite. Mas, por qualquer razão, não me apetecia. No fundo, por uma razão: queria compreender o que se passava.

Vejamos. Surpreendo o Oliver, um dia pela manhã, a comprar flores em Stoke Newington para a Rosa, com quem sofreu um insucesso sexual na noite anterior. O Oliver, que anda abatido, vê-se encorajado a visitar a Gillian, sempre que quiser, quando vem visitar a Rosa. Vem pois visitá-la regularmente. Só que não vê a Rosa. De facto, não temos nenhuma prova de que a Rosa viva aqui perto. Por outro lado, temos a prova de que o Oliver mora ao lado. Alugou um quarto à Mrs. Dyer, no número 55, e vai ver a mulher do Stuart durante a tarde, quando o Stuart está seguro lá no trabalho, a ganhar dinheiro

para pagar a hipoteca.

ONDE É? EM CASA DELE OU EM CASA DELA? É AQUI NESTA CAMA, NA NOSSA CAMA?

Gillian A verdade é que às vezes desligo o telefone e continuo a ouvir a voz do Oliver ao meu ouvido a dizer que me ama e... Não, não creio que possa contar-vos o resto.

Stuart Não vou perguntar. Pode não ser verdade. Se não for verdade, é terrível dizer uma coisa dessas. E se for verdade?

Realmente nunca pensei que houvesse qualquer problema na nossa vida sexual. Nunca pensei. Aliás, não penso.

Vejam, é absurdo. É o *Oliver* quem diz que tem problemas sexuais. Porque iria eu acreditar — porque iria sequer suspeitar — que tem uma ligação com a minha mulher? A menos que me falasse do problema sexual para eu não desconfiar. E resultou, hein? Qual era a peça antiga, a que a Gillian e eu assistimos uma vez, em que um tipo finge que é impotente e toda a gente acredita e todos os maridos o deixam visitar as mulheres? Não, é ridículo. O Oliver não é assim, não é calculista. A não ser que... como é que vocês podiam ter uma ligação com a mulher do vosso melhor amigo, se não fossem calculistas?

Pergunta-lhe, pergunta-lhe.

Não perguntes, deixa. Espera.

Há quanto tempo dura?

Cala-te.

Só estamos casados há uns meses.

Cala-te.

E eu dei-lhe um cheque gordo.

Cala-te. Cala-te.

Oliver Ela tem um pente. Um pente docemente mutilado.

Quando trabalha, a primeira coisa que faz é puxar o cabelo para

trás. Há um pequeno pente, que ela deixa sempre no banco onde está pousado o rádio. Pega no pente e puxa o cabelo para trás das orelhas, primeiro do lado esquerdo e depois do direito, sempre por esta ordem; e quando acaba de puxar dos dois lados, põe um gancho de tartaruga no cabelo, mesmo por trás da orelha.

Às vezes, enquanto trabalha, uma ou duas madeixas soltam-se e ela então, sem perder a concentração, pega instintivamente no pente, tira o gancho, puxa o cabelo para trás, põe de novo o gancho e volta a pousar o pente no banco, tudo sem tirar os olhos da tela.

Faltam alguns dentes ao pente. Sejamos precisos. Faltam quinze dentes. Contei-os.

Um pente docemente mutilado.

Stuart O Oliver teve um razoável número de amigas ao longo dos anos, mas, na minha opinião, nunca esteve apaixonado. Sim, ele *disse* muitas vezes que estava apaixonado. Fez comparações lamechas entre ele próprio e personagens de ópera, fez coisas que as pessoas costumam fazer quando estão apaixonadas, como estar sempre nas nuvens, fazer confidências aos amigos e embriagar-se quando as coisas correm mal. Mas nunca acreditei que estivesse *mesmo* apaixonado.

Nunca lho disse, mas fazia-me lembrar aquelas pessoas que estão sempre a dizer que têm gripe, quando só têm uma constipação forte. «Estive engripadíssimo durante três dias», dizem. Não estiveram nada, tiveram o nariz a pingar, a cabeça a doer um bocado e os ouvidos entupidos, mas não foi gripe, foi constipação. Tal como da última vez. E da anterior. Não passou de uma forte constipação.

Espero que o Oliver não tenha apanhado gripe.

Cala-te. Cala-te.

Oliver «A pontualidade é a virtude dos entediados.» Quem foi que disse isto? Alguém. Um dos meus heróis.

Segredo-o a mim próprio de segunda a sexta-feira, entre as 18h32 e as 18h38, sentado sob o meu pálio em forma de escovilhão, enquanto o esteatopígio Stu entra em casa, com andar pesado. «A pontualidade

é a virtude dos entediados.»

Também não suporto vê-lo entrar em casa. Como ousa entrar em casa e pôr fim à minha felicidade? É claro que também não quero que fique debaixo de uma carruagem do metro (com o bilhete do regresso apertado na mão, dentro da algibeira do impermeável), mas não posso suportar a tristeza que sinto, quando ele vira a esquina com a pasta na mão e um sorriso prepotente.

Tenho feito uma coisa que talvez não devesse. A culpa é do Stuart, põe-me fora de mim a voltar assim para casa de sorrisinho petulante, a entrar para o ninho aconchegado, todo confortável e burguês, enquanto eu fico cá em cima no meu quarto às escuras, a fazer-me passar por um cabrão dum Orson Welles. Quando vira a esquina, algures entre as 18h32 e as 18h38, carrego no número 1 do meu absurdo telefone portátil, preto baço com incrustações em couro e que ficaria bem melhor na pasta gorda do Stu. É um telefone com toda a espécie de comandos sofisticados, como me explicou o vendedor, entusiasmadíssimo. Um dos mais básicos (que até eu consegui entender) consiste na capacidade de memorização. Por outras palavras, lembra-se dos números. No meu caso, lembra-se de um número. O dela.

Assim que o Stuart dirige para o lar a reluzente face de sol-posto, o Oliver carrega no 1 e espera que ela fale.

— Sim?

— Amo-te.

Ela desliga o telefone.

O Stu deita a mão ao fecho do portão.

O meu telefone zumbe, dá estalidos e oferece à minha orelha a antevisão do sinal contínuo.

Gillian Ele hoje tocou-me. Meu Deus, não me digam que começou. Será que já começou?

Quer dizer, já nos tocámos antes. Já lhe dei o braço, fiz-lhe festas no cabelo, abraçámo-nos, demos beijos nas bochechas, o costume entre amigos. Isto hoje foi menos do que isso. E, no entanto, muito mais!

Eu estava sentada ao cavalete. E o cabelo soltou-se-me. Estendi a mão para pegar no pente que está sempre ali, em cima do banco.

— Não te mexas — disse ele com voz muito calma.

Continuei a trabalhar. Senti que se aproximava. Tirou-me o gancho do cabelo, que ficou solto, voltou a pentear-mo por trás da orelha, pôs o gancho, fechou-o com um clique, pousou de novo o pente no banco e foi sentar-se. Só isso, mais nada.

Por sorte, eu estava a trabalhar numa área grande. Continuei maquinalmente durante um ou dois minutos. Depois ele disse:

— Adoro este pente.

É injusto. As comparações são injustas, eu sei. Não devia fazê-las. Nunca dei a mínima atenção ao pente. Sempre me servi dele. Um dia, pouco depois de nos termos conhecido, o Stuart estava no meu estúdio e viu-o. Disse-me:

— O teu pente está partido. — Dois dias mais tarde, deu-me um novo. Deve ter tido dificuldade em encontrá-lo, porque era do mesmo tamanho e também em tartaruga. Mas nunca o meti a uso. Conservei o velho. É como se os meus dedos se tivessem habituado àqueles dentes que faltam e já saibam onde estão.

Agora o Oliver diz: «Adoro este pente» e eu sinto-me perdida. Perdida e achada.

Não é justo para o Stuart. Digo a mim mesma: «Não é justo para o Stuart», mas as palavras parecem não ter o mais pequeno efeito.

Oliver Quando eu era miúdo, o Velho Sacana costumava ler o *The Times*. Ainda deve lê-lo, com certeza. Gabava-se da sua competência em *mots croisés*. Eu só lia a necrologia e calculava a média da idade com que tinham morrido nesse dia os velhos sacanas. Depois fazia um cálculo, em função da estatística, do que restava de vida ao Velho Sacana exímio em palavras cruzadas.

Havia também o correio dos leitores, que o meu pai costumava examinar com minúcia em busca de preconceitos viscosos, todos a pingar uma quantidade razoável de limo cheio de lodo. Às vezes, o Velho Sacana lançava um grunhido profundo e quase intestinal, quando uma ideia paquidérmica e *déjà pensée* — repatriai os

herbívoros todos para a Patagónia — coincidia milagrosamente com as suas, e eu dizia para comigo: pois, deve lá haver uma data de sacanas velhos.

O que lembro do correio dos leitores dessa época é a maneira como os VS assinavam. Havia o «fielmente vosso», o «sinceramente vosso», e «tenho a honra de ser, senhor, seu humilde criado». Mas o que eu procurava sempre — e considerava a verdadeira insígnia de um sacana — limitava-se a: «Vosso, etc.» E o jornal chamava ainda mais a atenção para a assinatura, imprimindo-a assim: «Vosso & C.^a»

«Vosso & C.^a» Eu ficava a matutar naquilo. O que queria dizer? De onde vinha? Imaginava um barão da indústria difamado, ditando à secretária as suas opiniões de VS, para que fossem transmitidas ao jornal do protocolo, ao qual se referiria sem dúvida, com jocosa familiaridade, como «Júpiter Tonante»¹. Quando acabava de arrotar toda a retórica, dizia sempre: «Vosso, etc.» que Miss Ffffffolkes automaticamente traduzia para «Tenho a honra de ser, senhor, um dos distintos e velhos sacanas que poderiam fazer preceder a assinatura pelo rótulo de uma lata de anchovas e vê-la por vós publicada sobre o nome aqui presente», ou coisa semelhante, para depois acrescentar: «Envie isto com urgência ao Júpiter Tonante, Miss Ffffffolkes.»

Mas um belo dia Miss Ffffffolkes estava ausente, a tratar lá da vida dela, por isso mandaram uma substituta. E a substituta escreveu «Vosso, etc.» tal como ouviu e o *The Times* considerou o VS e barão da indústria cheio de espírito, mas decidiu dar-lhe um pequeno toque rococó, condensando-o ainda mais para & C.^a, e os outros VS seguiram o exemplo do barão da indústria, que não deixou de reclamar as honras para si próprio. E assim chegamos a «Vosso & C.^a».

Em consequência eu, juvenzinho fogoso de dezasseis anos, comecei a assinar na brincadeira: *Amor & C.^a*. Mas lamento dizer que nem todas as destinatárias perceberam a alusão. Uma das *demoiselles* precipitou-se mesmo em queda livre do museu do meu coração, ao afirmar com *hauteur* que o uso da palavra *etc.* quer na comunicação oral, quer em prosa trabalhada, era comum e vulgar. Ao que respondi, em primeiro lugar, que «a palavra» *et cetera* não era uma mas sim duas, e que a única coisa comum e vulgar na minha carta — dada a identidade da menina — era o facto de ter utilizado a palavra que

precedia *etc.* Ora ela não respondeu à minha observação com a serenidade budista que seria de esperar.

Amor, etc. A proposição é simples. O mundo divide-se em duas categorias: os que acreditam que a finalidade, a função, o pedal dos graves e a melodia principal da vida é o amor, e que tudo o mais — *tudo* o mais — é um mero *etc.*; e os muitos, muitos infelizes que acreditam primeiro nos *etc.* da vida, e para quem o amor, por agradável que seja, não passa de agitação fugaz da juventude, prelúdio mecânico à tarefa de mudar a fraldinha do bebé, mas não algo de tão sólido, constante e seguro como, digamos, a decoração de interiores. É esta a única diferença que conta, entre as pessoas.

Stuart Oliver. O meu velho amigo Oliver. O poder das palavras, o poder da caca. Não admira que tenha deixado de dar aulas de conversação.

Oliver Acho que não fui suficientemente claro. Quando fechei a porta, no outro dia, e procurei fugir à deliciosa provocação da pretensa severidade da Gillian, disse-lhe (ah, já me lembro, já me lembro — há dentro do meu crânio uma caixa preta, que tem tudo gravado):

— Não te amo. Não te adoro. Não quero estar sempre contigo. Não quero ter uma ligação contigo. Não quero casar-me contigo. Não quero ouvir-te para sempre.

Descobriram qual é a não verdadeira?

Stuart Vai um cigarro?

Oliver E agora faço o teste da sida.

Surpreende-vos? Não vos surpreende? Sublinhem a resposta certa.

Mas não tirem conclusões apressadas. Ou, pelo menos, não tirem estas: agulhas contaminadas, práticas bárbaras, contágio em banhos

públicos. O meu passado pode ser, em certas matérias, mais pesado do que o do vizinho (e como o mais provável é que o vizinho seja Stuart Hughes, pequeno proprietário rural, banqueiro hipotecado, então é de certeza mais pesado), mas não é altura para confissões. Não estamos no «Perdoa-Me» nem nos «Casos de Polícia».

Quero mostrar a minha vida à Gillian, percebem? Estou a começar de novo, estou limpo, faço *tabula rasa*, já não ando por aí aos saltos, até já nem fumo. Não é um sonho? Ou, pelo menos, um de dois sonhos. O primeiro é: estou aqui inteiro, pleno, amplo, maduro, tirem de mim o que quiserem, têm tudo à disposição. O segundo é: estou vazio, aberto, em potencial, façam de mim o que quiserem, encham-me com o que vos aprouver. Passei a maior parte da minha vida a deitar nos reservatórios substâncias duvidosas. Estou agora a esvaziá-los, decantá-los, lavá-los.

Foi por isso que fiz o teste da sida. Mas posso até nem lhe dizer.

Stuart Vai um cigarro?

Tirem lá um.

Vejam as coisas assim: se me ajudarem a acabar o maço, fumo menos, tenho menos possibilidades de morrer de cancro do pulmão e posso até, como disse a minha mulher, viver o bastante para sucumbir à doença de Alzheimer. Por isso tirem lá um, é sinal de que estão do meu lado. Ponham-no atrás da orelha e fumem-no depois, se tiverem vontade. Mas se não tirarem...

É claro que estou bêbado. No meu lugar, não estariam?

Mas não estou muito bêbado.

Só bêbado.

Gillian Não quero que ninguém pense que casei com o Stuart por piedade.

Eu sei que acontece. Já vi casos. Lembro-me de uma rapariga na faculdade, uma rapariga calma e determinada, chamada Rosemary. Saía de vez em quando com o Simon, um rapaz enorme e esguio, cuja roupa tinha sempre um ar estranho, porque só podia comprá-la numa

loja especial. *Altos e Fortes*, acho que se chamava assim. Cometera o erro de contar a alguém, e as raparigas riam-se dele. Ao princípio ainda vá. «Como vai o Senhor Alto e Forte, Rosemary?» Mas às vezes era pior. Havia uma rapariga baixa, de língua e cara afiadas, que dizia que *ela* é que nunca havia de sair com ele, porque se arriscava a meter o nariz sabe Deus onde. Quase sempre a Rosemary parecia alinhar, entrar também na brincadeira. Até ao dia — não pior do que os outros, aliás — em que a rapariga da língua afiada disse com lentidão e intenção bem vincadas: «Será que o resto está em proporção?» As raparigas torciam-se a rir e a Rosemary fingiu participar, mas disse-me depois que foi nesse preciso momento que decidiu casar com o Simon. Nem sequer estava muito apaixonada por ele, até então. Pensou simplesmente: «Vai ser assim a vida inteira e eu quero ficar ao lado dele.» E ficou. Casou com ele.

Mas eu não fiz isso. Se se casa com alguém por piedade, fica-se com ele ou com ela também por piedade. É o que eu acho.

Sempre consegui explicar as coisas. Mas agora parece que nenhuma explicação serve. Por exemplo, eu não sou daquelas pessoas que ficam automaticamente insatisfeitas com o que têm; nem das que só querem o que não podem ter. Não ligo muito ao lado físico; antes pelo contrário, desconfio dos homens bem-parecidos. Nunca terminei uma relação; geralmente fiquei presa, até demais. E o Stuart é igual, o Stuart por quem me apaixonei no ano passado — e não descobri nada de estranho, como acontece a muitas mulheres. E (caso tenham dúvidas) não há absolutamente nada de errado na nossa vida sexual.

Portanto, o que preciso de compreender é isto: apesar de amar o Stuart, parece que começo a apaixonar-me pelo Oliver.

Agora é todos os dias, todas as noites. Eu queria era que parasse. Não queria nada. Não pode ser, senão não atendia o telefone. Por volta das seis e meia espero que o Stuart chegue a casa. Às vezes estou na cozinha, outras vezes no estúdio a acabar alguma coisa e venho a correr pela escada abaixo. O telefone toca, eu sei quem é, sei que o Stuart está a chegar, mas precipito-me para atender.

Digo:

— Sim. — Nem sequer dou o número. É como se me fosse impossível esperar.

Ele diz:

— Amo-te.

E sabem o que começou a acontecer? Quando pouse o telefone, sinto-me húmida. Conseguem imaginar? Meu Deus, é como pornografia telefónica, uma coisa assim. O Stuart a meter a chave à porta e eu húmida porque ouvi a voz de outro homem. Amanhã atendo o telefone? Conseguem imaginar?

Mme. Wyatt *L'Amour plaît plus que le mariage, pour la raison que les romans sont plus amusants que l'histoire.* Como se traduz isto? O amor agrada mais do que o casamento, porque os romances divertem mais do que a história. Vocês ingleses não conhecem bem Chamfort. Gostam de La Rochefoucauld, acham-no «muito francês». Acham que o epigrama bem lustroso é o ponto culminante do «espírito lógico» dos franceses. Pois eu sou francesa e não gosto muito de La Rochefoucauld. Demasiado cinismo e também... lustro, se quiserem. Ele quer que vejam o trabalho que teve para parecer sábio. Mas a sabedoria não é isso. A sabedoria tem mais vida, tem mais humor do que espírito. Prefiro Chamfort. Também foi ele que disse: *L'hymen vient après l'amour, comme la fumée après la flamme.* O casamento segue-se ao amor como o fumo ao fogo. É menos óbvio do que parece.

Chamo-me Mme. Wyatt e acham-me sábia. Esta modesta reputação vem de eu ser uma mulher de certa idade que, apesar de o marido a ter deixado há alguns anos e de não ter voltado a casar, conserva todavia o equilíbrio e a saúde; ouve mais do que fala; e só dá conselho se lho pedem. «Ah, como tem razão, Mme. Wyatt, é tão ponderada» — repetem os meus interlocutores. Mas o que antecede essa apreciação é geralmente uma exibição ilimitada de estupidez e de erros. Por isso mesmo, não sinto que tenha assim tanta sabedoria. Ou, pelo menos, sei que a sabedoria é relativa e que, de qualquer modo, não devemos nunca oferecer tudo o que temos, tudo o que sabemos. Se mostramos tudo, tornamo-nos importunos, interferimos, não conseguimos ajudar. Mas é verdade que às vezes é difícil não mostrar tudo.

A minha filha Gillian veio ver-me. Sente-se muito infeliz. Tem medo de já não estar apaixonada pelo marido. Há um outro que diz

que a ama e ela receia estar a apaixonar-se por ele. Não diz de quem se trata, mas eu, naturalmente, já tenho uma ideia.

O que penso? Não penso nada de especial — quer dizer, não tenho opinião sobre a situação em geral, penso que estas coisas acontecem. Claro que no caso da minha própria filha tenho uma opinião, mas só diz respeito a ela.

Ela está infeliz e eu fiquei infeliz por ela. Este género de coisa, apesar de tudo, não é o mesmo que trocar de carro. Chorou e eu quis reconfortá-la, tentando fazê-la ouvir o seu próprio coração. Não se pode fazer mais nada. A menos que haja algo de terrível no casamento com o Stuart, e ela assegura-me que não.

Estava sentada, com os braços à volta dela, a ouvi-la chorar. Lembro-me de como era adulta, em criança. Quando o Gordon nos abandonou, era a Gillian que me confortava. Costumava abraçar-me e dizer: «Eu tomo conta de ti, *maman*.» Ser protegida por uma criança de treze anos é de partir o coração. A lembrança quase me fez chorar a mim.

A Gillian tentou explicar que a assustava a ideia de deixar de amar o Stuart tão pouco tempo depois de começar a amá-lo, como se fosse nela sinal de algum defeito.

— Pensei que a altura perigosa era mais tarde, *maman*. Pensei que estava protegida ainda por vários anos. — Tinha-se movido um pouco nos meus braços e olhava-me de frente.

— Todas as alturas são perigosas — disse-lhe.

— O que queres dizer?

— Todas as alturas são perigosas.

Desviou o olhar e anuiu com um movimento de cabeça. Eu sei no que estava a pensar. É melhor explicar que o meu marido, o Gordon, com quarenta e dois anos de idade, estando nós casados (não importa há quantos anos) fugiu com uma estudante de dezassete. A Gillian achou que, tendo ouvido falar na crise dos sete anos (como lhe chamam) e tendo visto o pai na crise dos quinze, estava agora a descobrir outra, ainda antes da dos sete. Decerto pensou que eu me lembrava do Gordon e que devia reparar na semelhança entre pai e filha, e como devia ser penoso para mim. Mas na verdade não pensei nisso, e nem sei dizer no que pensei.

Oliver Querem ouvir uma coisa engraçada? A G. e o S. não se conheceram no tal bar, como sempre fizeram crer. Conheceram-se no Charing Cross Hotel, numa daquelas *partouzes* para jovens quadros, em que todos ficam de pé.

Uma intuição momentânea, fulgurante, fez-me falar à Gillian do suposto encontro no Bar Squires, com ou sem apóstrofo antes do s. Ela não respondeu logo. Humedeceu o pano e passou-o um pouco mais sobre a pintura. Depois contou-me. Notem que não precisei de perguntar. Donde concluí que teve uma atitude semelhante: também decidiu deixar de ter segredos comigo.

Ao que parece, existem locais para sedentos de amor, onde se pode ir quatro vezes consecutivas, às sextas-feiras, tudo pela soma de vinte e cinco libras. Fiquei chocado... foi a minha primeira sensação. Depois pensei que não devia ter subestimado o Stu, aquele fofinho. Podemos contar com ele para se comportar nas coisas de *l'Amour* como um especialista de mercado.

— Quantas vezes tiveste de lá ir, antes de conheceres o Stuart?

— Foi a única vez.

— Então ficou-te por seis libras e vinte e cinco?

Ela riu.

— Não, ficou-me por vinte e cinco libras. Não fui reembolsada.

Que expressão espirituosa e doce! «Não fui reembolsada.» Repeti-a e tive um ataque de riso igual à febre dos pântanos.

— Eu não te contei isto. Não devia ter contado nada.

— Não contaste. Já esqueci. — E refreei a hilaridade.

Mas aposto que o Stuart foi pedir o reembolso, grande unhas de fome que sabe ser quando é preciso. Como quando pediu o reembolso do bilhete, depois de eu ter ido buscá-los a Gatwick. E aposto que conseguiu. Assim, ele custou-lhe a ela vinte e cinco libras e ela custou-lhe seis libras e vinte e cinco. Quanto daria hoje? Qual será agora a tabela?

E por falar de *moidores* em ouro: Mrs. Dyer, com quem poderia ser levado a fugir, se o meu coração não estivesse já cativo, informou-me ontem de que eu estava inscrito nas listas do imposto camarário. Os tipos não perdem tempo, hein? Para contar e aspirar cada piastra. Acham que há isenções humanitárias? O Oliver deve ser com certeza

um caso especial, algures numa qualquer sub-repartição obscura.

Gillian Agora faz isto a toda a hora. Já nem é preciso o meu cabelo soltar-se, pega no pente, tira o gancho, puxa o cabelo para trás, alisa-o e volta a prender o gancho. E eu sinto-me a arder.

Levantei-me e beijei-o. Abri a minha boca na dele e acariciei-lhe o pescoço e enterrei-lhe os dedos nos ombros e apertei-me contra ele de maneira que pudesse tocar-me onde quisesse. Fiquei ali de pé a beijá-lo, com as mãos em volta do pescoço dele, o meu corpo à espera das mãos dele e as pernas afastadas. Beijei-o e esperei.

Esperei.

Ele retribuiu-me o beijo, na minha boca ainda aberta, e voltei a esperar.

Parou. Eu não tirava os olhos dele. Pôs-me as mãos nos ombros, virou-me, e levou-me de volta ao cavalete.

— Vamos para a cama, Oliver.

Sabem o que fez? Fez-me sentar na cadeira e pôs-me o esfregão na mão.

— Não consigo trabalhar. *Agora* não consigo trabalhar.

O que acontece com o Oliver é que ele é diferente quando está só comigo. Vocês não o reconheceriam. É muito mais calmo e ouve, e não fala daquela maneira, sempre a evidenciar-se. E não parece nada seguro, como talvez se mostre aos outros. Sei o que esperam que eu diga a seguir. «O Oliver no fundo é muito vulnerável.» Portanto não vos digo nada disso.

— Amo-te — disse ele. — Adoro-te. Quero estar sempre contigo. Quero casar contigo. Quero ouvir para sempre a tua voz. — Estávamos sentados no sofá.

— Oliver, era melhor fazeres amor comigo. A sério.

Levantou-se. Pensei que ia levar-me para a cama, mas começou a andar no estúdio, para cá e para lá.

— Oliver, não faz mal. Não faz mal se...

— Quero-te toda — disse. — Não quero uma parte de ti. Quero tudo.

— Eu não estou à venda.

— Não queria dizer isso. Quero dizer que não quero ter só uma ligação contigo. Ligações... ligações são... não sei... como comprar o direito de habitação periódica num apartamento em Marbella, ou coisa assim. — Então parou de súbito e olhou-me com um ar transtornado, como se receasse que a comparação me tivesse chocado. Parecia quase desesperado. — Marbella é, aliás, um sítio encantador. Muito mais do que imaginas. Lembro-me de uma pequena praça com laranjeiras. Andavam homens a apanhar laranjas, quando lá estive. Acho que foi em fevereiro. É claro que tem de se lá ir fora da estação.

Era pânico, não sei se entendem. Pensando bem, o Oliver tem provavelmente menos autoconfiança do que o Stuart. E menos profunda.

— Oliver — disse eu. — Concorde. Não sou nenhum apartamento de *time-sharing* em Marbella. E para de andar assim às voltas. Vem sentar-te ao pé de mim.

Veio sentar-se e ficou muito quieto.

— O meu pai batia-me, sabes.

— Oliver...

— *É verdade.* Não digo que me espancasse quando ainda era criança. Fazia-o, claro. Mas do que gostava era de me bater na parte de trás das pernas com um taco de bilhar. Esse era o meu castigo. É muito doloroso. Coxa ou barriga da perna?, perguntava. E eu tinha de escolher. Mas não havia grande diferença na dor.

— É triste. — Pus-lhe a mão no pescoço e ele começou a chorar.

— Piorou depois de a minha mãe morrer. Vingava-se em mim, de certo modo. Talvez eu lha fizesse lembrar, não sei. Então, um dia, teria eu treze ou catorze anos, decidi enfrentar o Velho Sacana. Coxa ou barriga da perna?, perguntou, como sempre. Não sei o que tinha feito. Eu estava sempre a fazer coisas que ele achava merecedoras de castigo. Dessa vez disse-lhe: «É mais forte do que eu, mas não vai sê-lo a vida inteira. E se me volta a bater juro-lhe que o desfaço, quando tiver força para tal.»

— E então?

— Não pensei que resultasse. Eu tremia, era mais pequeno do que ele e quando disse que o desfazia pensei que era uma estupidez e que ia rir-se de mim. Mas não. Parou. Parou com aquilo de vez.

— Oliver, coitado!

— Odeio-o. Já é velho, mas continuo a odiá-lo. Odeio-o por estar aqui, connosco, neste quarto. Que raio faz ele *aqui* ?

— Não está. Foi-se embora. Arranjou um *time-sharing* em Marbella.

— Meu Deus, porque é que não consigo? Porque é que não consigo dizer a palavra certa, logo *agora* ? — Voltou a levantar-se. — Não consigo dizer nada bem dito. — Baixou a cabeça, sem me olhar. — Amo-te. Amar-te-ei sempre. Não vou deixar de te amar. É melhor eu ir, agora.

Telefonou-me, cerca de três horas mais tarde.

— Sim? — disse eu.

— Amo-te.

Desliguei o telefone. Logo a seguir, o Stuart meteu a chave à porta. Eu estava em brasa. A porta da rua fechou-se.

— Está alguém em casa? — gritou o Stuart, numa espécie de canto tirolês, que ecoa pela casa toda. — Alguém em casa?

O que é que eu faço?

Oliver Argumento contra as ligações amorosas, escrito por alguém que teve mais do que a conta:

1) A vulgaridade. Todos o fazem. E digo *todos*. Os padres, a família real, até os eremitas descobrem maneira de o fazer. Como é que conseguem não estar sempre a chocar uns com os outros, no itinerário viscoso de quarto em quarto? Trás, trás — quem vem lá?

2) A previsibilidade. Cortejar, conquistar, cansar, acabar tudo. O mesmo enredo sinistro. Sinistro, mas nem por isso menos propenso a criar habituação. Após cada falhanço, a procura de mais outro falhanço. Façam mas é um mundo novo!

3) O *time-sharing*. Acho que expliquei bem à Gillian. Como podemos gozar as férias, quando sabemos que os outros proprietários vão entrar a seguir? E foder contrarrelógio não é o meu estilo; embora em *certas* circunstâncias possa tornar-se um

vício perverso.

4) A mentira. Consequência evidente do 3) anterior. As ligações amorosas corrompem — e falo como alguém que, etc. É inevitável. Primeiro mentimos a um dos parceiros e daí a pouco tempo estamos a mentir ao outro. Ah, dizem que não mentem, mas mentem, sim. Abrem um laguinho de patos de integridade emocional com uma grande escavadora de *mensonges*. Lá vai o marido em fato de treino, a correr com os bolsos cheios de moedas para telefonar. Tlim, tlim. «Posso ter de beber alguma coisa pelo caminho, querida!» Tlim, tlim, o som das mentiras tilintantes.

5) A traição. Como todos se regalam com pequenas traições! Que sumarentas que são! O Roger trapaceiro volta a safar-se, no episódio 27 — mas safar-se não é difícil. O Stuart é meu amigo (sim, é) e eu vou ficar-lhe com a mulher. É uma grande traição, mas acho que é mais fácil aceitar uma grande traição do que uma pequena. Manter uma ligação seria uma pequena traição, e acho que o Stuart a enfrentaria pior do que uma grande traição. Como veem, também penso nele.

6) Ainda não sei o resultado do teste da sida.

Não expliquei à Gillian as coisas desta maneira, não. De facto, para dizer a verdade, acho que fiz um tremendo disparate.

Gillian No caminho para a estação, mesmo na esquina ao fundo de Barrowclough Road, há uma loja de frutas e legumes. Foi lá que comprei as batatas-doces. Ou melhor, comprei as *batata's*. O homem da loja faz umas tabuletas com os preços, escritas à mão numa espécie de maiúsculas em itálico. Cuidadosa e invariavelmente, põe apóstrofo em tudo quanto vende. *MAÇÃ'S*, *PERA'S*, *CENOURA'S*, *ALHO'S-FRANCESE'S* — há lá de tudo — *RÁBANO'S*, *NABO'S* e *BATATA'S-DOCE'S*. O Stuart e eu achávamos engraçado e comovente aquele homem a fazer sempre, obstinadamente, o mesmo erro. Hoje passei pela loja e, de repente,

não achei graça nenhuma. *COUVE'S-FLORE'S*, *REINETA'S*, *GRELO'S*. Achei tudo tão triste, que me doeu o coração. Não era triste o facto de ele não saber escrever, não era isso. Era triste enganar-se sempre, numa tabuleta e na outra e na outra a seguir. Ou alguém lhe disse e ele não acreditou, ou então, depois de tantos anos na loja, nunca ninguém lhe disse nada. Não sei o que será mais triste, e vocês?

Estou sempre a pensar no Oliver. Mesmo quando estou com o Stuart. Às vezes não suporto ver o Stuart tão alegre. Como é que não vê aquilo que eu penso, e em *quem* penso? Porque é que não é capaz de ler os meus pensamentos?

Stuart Sentem-se. Gostam da Patsy Cline?

Dois cigarros num cinzeiro
O meu amor e eu num pequeno café
Então uma estranha chegou
E tudo se complicou
Agora há três cigarros no cinzeiro

Pobre Patsy, já morreu. E por falar nisso, você ainda tem o cigarrito atrás da orelha. Porque é que não o fuma?

Vi-a levá-lo de mim
O amor dele já me não pertence
Foram para longe
E eu aqui sentada, sozinha
A ver um cigarro arder no cinzeiro

O velho Stuart, podemos sempre contar com ele! Com o Stuart, sabemos que chão pisamos. Acomoda-se a tudo. Vai seguindo o seu caminho. E fecha os olhos quando é necessário. Podemos confiar nele. Nunca vai mudar.

Não façam perguntas e ninguém vos mente. Mas também não vai além disso. O Oliver não tarda aí. Pensa que vamos os três ao cinema, como velhos amigos, como sempre. Mas a Gillian foi ver a mãe, por

isso o Oliver vai ter de se contentar comigo. Vou fazer-lhe umas perguntas e ele vai contar-me umas mentiras.

Antes de ela sair eu estava aqui sentado com os auscultadores, a ouvir uma cassete da Patsy. Veio dizer-me adeus, por isso carreguei no botão de pausa e levantei o auscultador só de um lado.

— Como é que vai o Oliver? — perguntei.

— O Oliver? Acho que vai bem.

— Não tens por acaso uma ligação com ele? — Disse-o num tom mais do que ligeiro, é claro. Eu, preocupado?

— Meu Deus, é claro que não!

— Ah que bom, sendo assim está tudo bem. — Voltei a pôr o auscultador, fechei os olhos para não ver a cara da Gillian e comecei a mexer os lábios ao som da Patsy. Senti a Gillian beijar-me na testa e, em resposta, fiz que sim com a cabeça.

Veremos agora o que ele tem a dizer.

Oliver Devem ter-se apercebido de que o meu amigo Stuart não é homem de vasta cultura. Se se desse o caso de lhe perguntarem o nome da namorada do Proust, ele punha-se a pensar durante séculos, começava a lançar-vos um olhar de samurai, dizia que a pergunta era uma armadilha e respondia finalmente, com uma *petite* ponta de agressão:

«Madeleine, quem é que não sabe?»

Por isso eu não esperava, digamos, *Die Gezeichneten* de Schreker quando veio abrir-me a porta e me mandou entrar, com uns olhos febris de carrasco de crianças, e se pôs a procurar com a mão no leitor de cassetes. Descobrira quiçá a *Abertura 1812* e gostava de cantar a acompanhar o canhão e o fogo de artifício. Ou estaríamos nas *Variações Enigma*, acompanhadas de uma leitura penosa da notícia relativa a um dos mais débeis mistérios da música, a saber: a identidade dos amigos lá retratados? Ah, e sabiam que Dorabella tinha um defeito na fala, razão pela qual a música parece hesitar, e fazer hip-hip-hop, na Variação? Tome um sorvete de chocolate, Maestro. Mas depressa, leve-me ao vomitório.

O Stuart pôs a ária a tocar. Tive a impressão de que durou cerca de

três horas e quarenta e sete minutos, embora ele me garantisse que tinha sido menos. É a isto que chamam música *country*? Por isso me sinto tão feliz de viver na cidade. Tem pelo menos uma vantagem rara e um requinte: a de ser impossível ridicularizá-la — pela simples razão de que ela já se ridiculariza a si própria à medida que avança, como uma máquina de cortar relva que engole os próprios detritos. Não dá hipótese a velhos com ancinhos nem a jovens trocistas. Então um, dois, um, dois, por favor, Papá, estou outra vez sozinho. Não serve de nada tentar. E os cantores usam cristais do Reno — e os cristais do Reno, já se vê, são imitações de diamantes, por isso não se imitam cristais do Reno. Ah, lá vem o mirrado Walter, a arrancar um jorro de cadência do mirrado violino. 'Inda és capaz de lhes mostrar a todos qu'inda sabes, hein, Walt? Geme, geme, tchg-a-tchg. Um, dois, por favor, Papá...

— O que é que achaste?

— O que é que achei? — Por alguma razão que me escapava, estava positivamente a deitar-me olhares ferozes. Não estaria certamente a pedir que lhe fizesse uma análise musical da peça?

Enquanto eu esgaravatava entre o cascalho solto do meu córtex, à procura de alguma coisa que não arrastasse inevitavelmente o Stuart na rede do meu desprezo, ele levantou-se e preparou bebidas para nós.

— Então o que achaste, Oliver?

No último momento, a musa da delicadeza veio salvar-me.

— Não acho que «cinzeiro» — disse eu — rime satisfatoriamente com «cinzeiro».

Aquilo pareceu aplacá-lo.

A minha *viva voce* razoavelmente brutal expelira temporariamente da mente o que eu planeara desde a chegada. Entreguei ao Stuart um envelope. Quanto inglês para estrangeiros tive de ensinar, para lhe pagar um quarto do que me emprestara!

Após o que ficou inesperadamente belicoso e me atirou outra vez com a guita, qual Alfredo na *Traviata*.

— Vais precisar disso para o imposto — disse. Olhei-o. Porque é que de repente toda a gente me trata como se eu tivesse algum interesse oculto nos processos digestivos das finanças locais? — O imposto camarário que vais ter de pagar pela tua *segunda casa* —

pronunciou estas palavras desagradáveis com aquilo a que se pode chamar um sorriso de escárnio — ali, do outro lado da rua, no número 55.

Como repito hoje a mim próprio sem cessar, até se tornar um refrão: não subestimem o nosso amiguinho peludo. E daí em diante a noite, tenho de confessar, não se desenrolou como eu fora levado a prever. Não demos ao cinematógrafo a honra da nossa presença. A Gillian «estava fora, de visita à mãe». A compensação dada pelo Stuart por essa ausência de peso consistiu numa garrafa de whisky isento de taxa e não fazia sentido, ao pé dele, não desempenhar um papel másculo. Porque foi uma noite sem estrelas, essa em que o virtuoso das caixas registadoras viu descer sobre ele a mansidão de Tito Andrónico.

— Tu e a Gill têm uma ligação?

Estão a ver o que quero dizer? Franco como um camião. Corriqueiro. Alguém que habitualmente, para circular em Londres, se metia por ruelas *outrées*, navegava agora a todo o pano em Haymarket!

Confesso que fiquei pasmado. Muitas e muitas vezes, quando tinha uma ligação, fui forçado a negar. Mas negar que tinha uma ligação quando não tinha... parecia exigir estratégia nova. Jurei que não tinha. Olhei em volta, à procura de alguma coisa sobre a qual jurar, mas as matérias propícias à veneração consensual são hoje em dia difíceis de encontrar. Só conseguia pensar no coração da Gillian, na vida dela, nos cabelos dela, e nenhum deles me parecia ajustado à circunstância, nem passível de acabar com a indelicada atitude do Stuart.

Bebemos uma grande quantidade de whisky e, entretanto, a possibilidade de trocarmos pontos de vista filosoficamente antagónicos, no que ao mútuo entendimento do mundo exterior respeitava, conheceu altos e baixos; chegou a haver momentos de nítido retrocesso (até Neanderthal) do Stu. A dada altura interrompeu-me a argumentação (algo sinuosa, confesso) com nada mais, nada menos do que um grito.

— Empresta aí uma libra. Dá cá a tua mulher.

Uma tal observação não parecia adaptar-se ao estado de espírito

que eu pretendia criar. Olhei para o Stu.

— Empresta aí uma libra. Dá cá a tua mulher. Empresta aí uma libra. Dá cá a tua mulher.

Figura de retórica conhecida como repetição, creio.

— O que te digo três vezes é verdade — murmurei, sem esperar que a alusão fosse pescada nas águas do meu discurso.

Todavia, a «interrupção» do Stuart (para lhe atribuir o nome retórico correspondente) ofereceu-me, se não uma porta, pelo menos uma entrada modesta para o que eu queria dizer.

— Stuart — comecei —, garanto-te que a Gillian e eu não temos uma ligação. Nem sequer estamos, como dizem os diplomatas, em fase de negociações preliminares. — Soltou um grunhido, tentando perceber a referência mundana. — Por outro lado — continuei, e as sobrancelhas espessas começaram a eriçar-se-lhe com fúria ao perceber que havia mais —, e como amigo, devo dizer-te que estou apaixonado por ela. Não me repreendas, pelo menos por enquanto, deixa primeiro que te diga que estou tão *bouleversé* com tudo isto como tu. Tivesse eu o mais leve controlo sobre a situação e não me teria apaixonado. Não agora. Ter-me-ia apaixonado por ela quando a conheci. — (E porque é que não foi assim? Por algum acesso de lealdade, ou por ela usar jeans 501 com ténis de corrida?)

O Stuart parecia não engolir nada daquilo, por isso apressei-me a ir logo ao cerne da questão, na esperança de que a sua formação profissional o ajudasse a ter uma visão mais perspicaz.

— Vivemos nunca era de forças de mercado, Stuart — vi logo que lhe prendera a atenção — e seria ingénuo ou mesmo romântico não aceitar que as forças de mercado se exercem agora plenamente em áreas onde, até aqui, pareciam não poder aplicar-se.

— Não estamos a falar de dinheiro, estamos a falar de amor — protestou.

— Ah, mas há tantos paralelos, Stuart. Ambos vão onde bem querem, sem pensar no que deixam para trás. Também o amor tem as suas aquisições, as suas transferências, os seus investimentos de risco. O amor conhece altos e baixos como qualquer moeda. E a confiança tem um peso enorme na manutenção desse valor.

» Considera também o elemento sorte. Tu próprio me disseste a

dada altura que os grandes empresários precisam tanto dela como de audácia e engenho. Ora, que maior sorte podia haver do que a que tiveste ao conhecer a Gill no Charing Cross Hotel, ou a minha, por *tu* teres tido a sorte de a conhecer?

» O dinheiro, ao que me parece, é moralmente neutro. Pode ser bem utilizado, pode ser mal utilizado. Podemos criticar os que lidam com o dinheiro, como podemos criticar os que lidam com o amor, mas não os destinatários desse tráfico.

Senti que ele podia estar a perder o fio à meada, por isso tentei resumir. Deitei nos copos o resto do whisky, para ajudar à compreensão.

— É a economia de mercado, Stu, é isso que deves enfiar na cabeça. E sou eu que vou ficar com ela. A minha oferta será aceite pelo calhau, perdão, pelo conselho de administração. Podes tornar-te presidente não executivo (mais conhecido como amigo), mas receio que tenha chegado a hora de devolveres o carro de serviço.

» É claro que vejo o paradoxo tão bem como tu. És uma criatura do mercado, e no entanto procuras preservar esta área da tua vida privada, declarando que não sofrerá o impacto das grandes forças que controlas, entre as nove e as cinco, todos os dias úteis. Mas eu (como hei de dizer isto?), humanista clássico de temperamento artístico e natureza romântica, sou obrigado a reconhecer que as paixões humanas não operam segundo as atraentes regras de um manual de comportamento cortês, mas segundo os temporais e verdadeiros furacões que varrem *le marché*.

Foi mais ou menos por esta altura que se deu o acidente. O Stuart, se bem me lembro, ia acender-me um cigarro (em momentos de grande tensão, pode ser aliciante uma recaída no consumo de nicotina), quando ocorreu um infeliz choque de cabeças, que nos deixou aos dois atordoados. Por sorte ele tinha as lentes; senão os óculos ter-se-iam quebrado.

A Mrs. Dyer foi extraordinariamente gentil. Lavou-me a roupa suja de sangue e disse que, em sua opinião, mesmo apesar de a vista dela já não ser o que era, achava que o golpe precisava de pontos. Mas francamente, não me apetecia pilotar o veículo àquela hora da noite e retirei-me para a minha casa na árvore.

Quando estamos bêbados, não sentimos dor. E se acordamos com a pior ressaca de que há memória desde a festa do vigésimo primeiro aniversário de Sileno, também não sentimos nada. Se o sistema resulta igual para todos? Fica ao vosso critério pessoal.

Stuart Reconheço que talvez tenha feito mal em lhe dar uma cabeçada, mas estava só a seguir as leis do mercado, estão a ver?

A verdade é que muitas vezes não oiço o que o Oliver diz. Ou melhor, já sei o que ele diz, mesmo que só ouça metade. Deve ser um mecanismo de filtragem que se aperfeiçoou ao longo dos anos, que separa as coisas que me interessam de toda a palha que as rodeia. Posso estar ali sentado a tomar a minha bebida e até a cantarolar mentalmente que, mesmo assim, tiro o que de sólido existe em todo aquele supérfluo.

É claro que têm uma ligação. Não me olhem assim, *vocês*. O marido é sempre o primeiro a suspeitar e o último a saber, como já disse, mas quando sabe, *sabe*. E querem que vos diga como sei? Por causa do que ela lhe contou, o que contou a nosso respeito. Posso até — *até* — acreditar na história da capa, que ele está apaixonado por ela, que lhe telefona todas as tardes, que alugou um quarto porque o sacana do coração sofredor quer estar sempre perto dela e que não há entre eles qualquer história sórdida. Mas o que me deu a certeza, o que me convenceu de que não era o sacana do coração mas o sacana do coiso que precisava de cuidados, foi algo que ele nem reparou que disse. Foi acerca do meu encontro com a Gill no Charing Cross Hotel. Na época, preocupámo-nos tanto com isso! Combinámos não dizer a ninguém como nos tínhamos conhecido... mas combinámos principalmente não dizer ao Oliver. Sim, confesso que nos embaraçava. Incomodava-nos a ambos. Não é coisa que se esqueça. Mas ela esqueceu. Foi contar segredinhos ao Oliver. É a prova de que tem uma ligação com ele. Traiu-me. E a prova de que *ele* tem uma ligação com ela foi a maneira como disse aquilo muito naturalmente, em conversa, como se fosse um facto sem importância, sobre o qual todos concordassem. Se não *tivesse* uma ligação com ela, teria feito um estardalhaço, com piruetas e todo o alarido que ele considera mera brincadeira, mas que a mim cada vez

mais se afigura como um comportamento que implica falta de equilíbrio psicológico.

Não mudou, o Oliver. Emprresta aí uma libra, dá cá a tua mulher. É basicamente um parasita, entendem? Um snobe com vergonha do trabalho e um parasita.

Uma das coisas a que não prestei atenção nenhuma foi àquela conversa toda sobre O Que Mantém a União dos Casais e O Que Permite à Sociedade Funcionar. Uma composiçãozinha brilhante do Oliver, dessas que ele tão bem escrevia quando andávamos na escola. Porque ter uma ligação amorosa é como a Revolução Francesa — esse género de coisa costumava impressionar-me, quando era miúdo. E depois, tanto quanto me lembro, continuámos com um chorrilho de imbecilidades sobre economia de mercado. Nesse ponto escutei-o com atenção, porque o Oliver a fazer total figura de parvo é sempre um bocado mais divertido do que quando fica a meio. Assim, estudei-lhe a complexa argumentação, pesei as provas (digam-me se estiver a simplificar) e pareceu-me que se resumia a isto: por causa da economia de mercado é que eu te engano com a tua mulher. Portanto: pensava que era por estares apaixonado por ela, ou porque me odeias, ou por tudo junto, mas se é por causa da economia de mercado, então com certeza eu, que não passo de uma humilde peça da grande máquina, compreendo porque é que ages dessa maneira. Faz-me sentir muito melhor.

Nesse momento, levou à boca outro cigarro (o nono da noite — eu contei) e descobriu que já não tinha fósforos.

— E se me desses uma à holandesa, meu caro? — disse então. A expressão era nova para mim, e provavelmente ofensiva, por isso não respondi. O Oliver inclinou-se, estendeu a mão e tirou-me o cigarro que eu estava a fumar. Sacudiu a cinza, soprou na extremidade até ficar vermelha e depois acendeu o cigarro dele no meu. Havia algo de repugnante na maneira como o fez.

— É uma foda à holandesa, meu velho. — E deitou-me um sorriso horrível, lascivo.

Foi nesse momento que eu decidi que já chegava. O «meu velho» também não ajudou nada. Levantei-me e disse:

— Oliver, já alguém te deu um beijo à moda de Glasgow?

Pensou obviamente que se tratava de uma questão linguística, e se calhar até pensou que eu estava a aconselhá-lo sobre a maneira de ter relações sexuais com a minha mulher.

— Não — disse ele, interessado. — Nunca estive em Sporransville.

Foda holandesa, beijo à Glasgow. Foda holandesa, beijo à Glasgow.

— Eu mostro-te. — Levantei-me e fiz-lhe sinal para que fizesse o mesmo.

Levantou-se, titubeante. Agarrei-o pela camisola e olhei-o de frente, olhei aquela cara horrível e suada que tinha fodido com a minha mulher. Quando? Quando fora a última vez? Ontem? Há dois dias?

— Aqui tens o beijo à Glasgow — disse-lhe, e em seguida preguei-lhe uma valente cabeçada em cheio na cara. Ele caiu para trás e ao princípio ainda estava meio a rir, como se eu quisesse mostrar-lhe outra coisa, mas tivesse tido um deslize. Depois viu que não era engano e fugiu. Não é propriamente tipo para enfrentar uma luta, o nosso Oliver. É mesmo um cobarde! Só vai a um pub na noite em que é permitida a entrada a senhoras, não sei se estão a ver. Sempre disse que tinha horror à violência, porque o pai lhe batia quando era pequeno. Com quê? Com um rolinho de papel de seda?

Bem, não quero falar mais do Oliver. *Nunca mais*. Sinto-me completamente exausto depois da noite de ontem e, para cúmulo, o imbecil deixou sangue no tapete!

Querem saber como me sinto? Vou dizer-vos. Quando andávamos na escola, tínhamos de brincar aos soldados. Associação do Corpo de Cadetes. E era assim que limpávamos a arma: pegávamos num pedaço de pano, com dez centímetros de comprimento por cinco centímetros de largura, e enfiávamo-lo dobrado por uma das extremidades do cano, puxando-o depois até à outra ponta, o que era muito difícil porque, depois de dobrado, o pano ficava sem folga lá dentro. Puxava-se desde a culatra até à boca do cano. É tal e qual como me sinto. Alguém empurra um bocado de pano de dez por cinco centímetros, pelo meu corpo acima, com um arame, do rabo até ao nariz, uma e outra e várias vezes. Do rabo até ao nariz. É assim que me sinto.

Bom, agora deixem-me, se não se importam. Preciso de ficar sozinho. Muito obrigado.

Dois cigarros num cinzeiro
O meu amor e eu num pequeno café
Então uma estranha...

É claro que *vocês* sabem se eles fodem, não sabem? *Vocês* sabem.
Por isso digam-me. Digam lá.

¹ No original, «The Thunderer», nome dado ao jornal *The Times*. (N. da T.)

Livrem-me da Val — Livrem-se da Val



Stuart

Paro a ver um salgueiro que chora
Que chora no travesseiro
Se calhar chora por mim

E os céus estão carregados
Pássaros da noite murmuram
Estou só como nunca vi.

É da Patsy. Não podiam deixar de conhecer-lhe a voz, pois não? É da canção «Passeio depois da Meia-Noite».

Pus a canção a tocar para a Gillian. Perguntei-lhe qual era a opinião dela.

— Não tenho propriamente opinião — disse.

— Vou pô-la a tocar de novo.

Pu-la a tocar. Caso não conheçam a canção, que pessoalmente considero uma das obras-primas da Patsy, é sobre uma mulher a quem o homem abandonou e vai andando — «depois da meia-noite» — na esperança de o encontrar e, quem sabe, convencê-lo a voltar para ela.

Depois de terminada a canção, ergui os olhos para a Gillian que estava ali de pé com uma expressão de indiferença, como se tivesse deixado uma coisa ao lume e não se ralasse nada se se ia queimar ou não. Também não disse palavra o que, naturalmente, achei um bocado irritante. Eu faria de certeza um comentário sobre uma música de que ela gostasse.

— Vou pô-la a tocar de novo.

E assim fiz.

E os céus estão carregados
Pássaros da noite murmuram
Estou só como nunca vi...

— Então, o que achas? — perguntei.

— Acho — disse — que está cheia de uma autocomiseração repugnante.

— E tu, não estarias? — gritei. — Não estarias?

Muito bêbado, não.

Só bêbado.

Mme. Wyatt O que se passa é o seguinte: vão dizer-vos que estatisticamente isto acontece, aquilo acontece. Claro. Mas, para mim, é sempre a altura perigosa. Já vi muitos casamentos, longos, curtos, ingleses, franceses. Ao fim de sete anos, é com certeza uma altura perigosa. Ao fim de sete meses, é uma altura perigosa.

O que não fui capaz de contar à minha filha foi que tive uma ligação, um ano depois de ter casado com o Gordon. Não teve nada a ver com a nossa relação: estávamos apaixonados. O que não me impediu de ter uma breve ligação. «Ah, mesmo à francesa!» estou a ouvir-vos dizer. *Oh là là*. Não é tanto assim. Tenho uma amiga inglesa que arranjou um amante seis semanas após o casamento. Será assim tão surpreendente? Podemos sentir-nos felizes e ao mesmo tempo cair numa armadilha. Podemos sentir-nos seguros e ao mesmo tempo entrar em pânico, não há aí nada de novo. E de certa maneira o início do casamento é a altura mais perigosa porque (como hei de dizer?) o coração amoleceu. *L'appétit vient en mangeant*. Porque estamos apaixonados ficamos mais sujeitos a apaixonar-nos. E não estou a querer competir com Chamfort, entendam, é só uma constatação pessoal. As pessoas pensam que tem a ver com sexo, que ele ou ela não se querem sujeitar ao dever conjugal, mas penso que não se trata disso. Tem a ver com o coração. O coração amoleceu, e é isso que é

perigoso.

Veem porque é que não posso dizer isto à minha filha? Gillian, compreendo muito bem. Um ano depois de ter casado com o teu pai, tive uma ligação, o que é normal. Mas não podia impor-lhe essa tirania. Não me envergonho da tal ligação e não tenho nenhuma razão para a manter secreta, só que seria prejudicial contá-la. A minha filha deve encontrar o seu próprio destino, é cruel deixá-la pensar que sofre de uma repetição terrível do comportamento da mãe. Não devo impor-lhe essa informação tirânica.

Por isso só lhe digo:

— Todas as alturas são perigosas.

É claro que percebi logo que era o Oliver.

Gillian Ele disse:

— Por favor, não me deixes já. Vão pensar que é de mim, que é falta de tesão.

Ele disse :

— Eu amo-te. Hei de amar-te sempre.

Ele disse:

— Se apanho o Oliver dentro desta casa, parto-lhe a tromba, a esse desgraçado!

Ele disse:

— Por favor, deixa-me fazer amor contigo.

Ele disse:

— Hoje em dia, sai muito barato mandar matar alguém. Não acompanhou a taxa de inflação. A culpa deve ser da economia de mercado.

Ele disse:

— Só me senti vivo depois de te conhecer. Agora tenho de voltar para a morte.

Ele disse:

— Esta noite vou levar uma rapariga a jantar. Ainda não decidi se a seguir vou fodê-la.

Ele disse:

— Porque é que tinha de ser o Oliver?

Ele disse:

— Posso continuar a ser teu amigo?

Ele disse:

— Nunca mais te quero ver.

Ele disse:

— Se o Oliver tivesse um emprego decente, isto nunca teria acontecido.

Ele disse:

— Por favor, não me deixes. Hão de pensar que é de mim, que é falta de tesão.

Mme. Wyatt E a minha filha disse-me outra coisa, que eu achei dolorosa e terrível. Disse :

— *Maman*, eu pensava que havia *regras*.

Não se referia a regras de comportamento, referia-se a algo mais do que isso. As pessoas pensam muitas vezes que, quando se casam, as coisas «se resolvem», como elas dizem. É claro que a minha filha não é ingénua ao ponto de acreditar em tal, mas creio que teve esperança ou se calhar sentiu que de certo modo ficaria protegida (pelo menos durante um tempo) por qualquer coisa a que poderíamos chamar as regras imutáveis do casamento.

Já tenho mais de cinquenta anos e, se me perguntarem quais são as regras imutáveis do casamento, só consigo lembrar-me de uma: um homem nunca deixa a mulher por outra mais velha. Fora isso, tudo o que é possível é normal.

Stuart Fui ontem à noite ao número 55. A velhinha que lá vive, a Mrs. Dyer, veio abrir a porta.

— Ah, é o homem da Câmara? — perguntou.

— Precisamente, minha senhora — disse eu. — Desculpe incomodá-la tão tarde, mas é da responsabilidade da Câmara informar com urgência os senhores e senhoras dos resultados (caso sejam positivos) dos testes da sida que foram realizados pelos inquilinos.

— Esteve a beber — disse ela.

— É um trabalho muito desgastante, sabe.

— Mais uma razão para não beber. Especialmente se trabalha com máquinas.

— Eu não trabalho com máquinas — disse, ao ver que nos afastávamos do assunto.

— Então experimente deitar-se cedo. — E fechou-me a porta na cara.

Ela tem razão, é claro. Eu podia ter de trabalhar com máquinas. Por exemplo, podia ter de avançar e recuar com o carro por cima do corpo do Oliver. Bum, bum, bum. Isso seria uma tarefa para a qual teria de estar sóbrio.

Não quero que me interpretem mal. Não passo o tempo sentado a embebedar-me e a ouvir as cassetes da Patsy Cline. Às vezes acontece. Mas não faço tensões de passar mais do que uma certa parte do meu tempo a chafurdar numa (como é que a Gill lhe chamou?) sim, a expressão era «autocomiseração repugnante». Mas também não vou desistir. Amo a Gill e não vou desistir. Vou fazer tudo o que puder para impedir que me deixe. E se chegar a deixar-me, vou fazer tudo o que puder para que volte. E se não voltar... Bem, nessa altura logo penso. Mas não vou ficar de braços cruzados.

Quando falei em passar a ferro o locatário da Mrs. Dyer, é evidente que estava a brincar. É daquelas coisas que se dizem. Ninguém tem prática deste tipo de situações, pois não? De repente caem-nos em cima e temos de lidar com elas. Por isso dizemos coisas que não pensamos, ou saem-nos de repente pela boca fora coisas que imaginamos outra pessoa qualquer a dizer. Como dizer à Gill que ia levar uma rapariga a jantar e que talvez fodesse com ela depois, se me apetecesse. É estúpido, tentar magoar a Gill. A pessoa que levei a jantar foi uma mulher, é verdade. Mas era a Val, uma velha amiga, e a pessoa com quem quero fazer amor é a Gill. Mais ninguém.

Oliver Abri a porta e soltei a tosse de bisonte que aperfeiçoei, para fazer saber a Mrs. Dyer que acabo de pisar o soalho dela. Saiu da cozinha e virou para mim a cabeça de girassol, olhando-me de través.

— Fiquei triste por saber que tem sida — disse.

Nesse instante, o meu espírito não demonstrou propriamente a solidez das monumentais esculturas soviéticas da era Estaline até Brejnev. Imaginei Mrs. Dyer a abrir por engano o envelope castanho da clínica. Mas eu tinha dito que lhes telefonava. E eles não tinham a morada daqui.

— Quem lhe disse?

— Aquele senhor da Câmara. O que veio cá por causa do imposto camarário. O que mora do outro lado da rua. Eu vi-o. Tem uma mulher bonita. — Acenou no sentido... e tudo se encaixou.

— Foi uma brincadeira, Mrs. Dyer — disse eu. — Uma espécie de brincadeira.

— Ele pensava que eu não sabia o que era a sida. — Olhei-a como se eu próprio estivesse *bouleversé* pelo facto de ela saber. — Leio os folhetos — acrescentou. — De qualquer modo, disse-lhe que você era muito asseado e que tínhamos quartos de banho separados.

De súbito, no meu coração, abriu-se um charco de ternura. Se alguém metesse, com todo o cuidado, um pé no meu *cœur*, enfiava por ali dentro a galocha toda. — Mrs. Dyer — disse-lhe —, espero que não me julgue atrevido, mas consideraria a possibilidade de vir a ser minha mulher?

Soltou uma espécie de cacarejo baixo.

— Uma vez é suficiente para qualquer mulher — disse. — E além disso, jovem senhor, não se esqueça de que tem sida. — Emitiu outro som divertido e desapareceu na cozinha.

Sentei-me à janela atrás da araucária e pensei no Stuart à mesa do pequeno-almoço, a caixa de cereais, *Tchg-a-tchg, Tchg-a-tchg-tchg*. E depois (a mente é mesmo uma mosca varejeira, uma ervilha saltitante), pensei no Stuart na cama com a Gillian. Aposto que é igual. Aposto que faz *Tchg-a-tchg, Tchg-a-tchg-tchg*. Dói, ai, dói mesmo.

Stuart Neste momento nem tudo o que digo é a sério, mas falava a sério quando disse que o Oliver não tem um emprego decente. Não seria realmente a cura da imoralidade sexual e do adultério o emprego a tempo inteiro, que ocupasse todos os homens adultos no mesmo horário, das 9h00 às 17h30? Ah, e aos sábados também, com o

regresso da semana dos seis dias. Não ia agradar aos sindicatos, é claro, e teria de haver um regime especial para pilotos de voo e similares. A verdade é que tanto os pilotos de voo como as suas tripulações são sumamente imorais. Que outras profissões estão cheias de imoralidade e adultério? Professores universitários, artistas de todo o género, médicos e enfermeiras... Percebem o que quero dizer? Nenhum deles tem horário regular.

E o Oliver é um mentiroso, claro. É bom saber. Sempre pensei que, com o passar dos anos, já aprendera a dar desconto ao que ele dizia, mas se calhar deixei-me sempre levar. Por exemplo, a história de o pai lhe bater. Não sei se será verdade. Deu sempre muita importância ao facto de o pai lhe começar a bater depois de a mãe morrer, tinha ele seis anos. E de o fazer com um taco de bilhar, porque o Oliver se parecia com a mãe e o pai estava no fundo a castigá-la, por ter morrido e o ter abandonado (as pessoas fazem mesmo coisas destas? O Oliver garantiu-me que sim). E de como a violência durou anos e anos, até ao dia em que, tinha ele quinze anos (às vezes são dezasseis, outras vezes são treze), o Oliver se empertigou e enfrentou o pai. Depois a cena nunca mais se repetiu, e agora o pai vive num lar da terceira idade e o Oliver vai muitas vezes visitá-lo, na esperança de encontrar um lampejo de afeição nos seus derradeiros anos, mas volta sempre triste e desencantado. Isto ganha-lhe muitas simpatias, principalmente entre as mulheres.

Escusado será dizer que nunca ninguém ouviu a versão do pai. Encontrei-o de passagem duas ou três vezes, ao visitar o Oliver, e *a mim* nunca tentou bater. Depois de ouvir as histórias do Oliver, esperava que tivesse dentes de vampiro e trouxesse um par de algemas; mas achei-o um rapaz do seu tempo, bastante simpático, a fumar cachimbo. É certo que o Oliver o odeia, mas pode haver outras razões, sei lá, porque come ervilhas com a faca, ou não sabe que Bizet escreveu a *Carmen*. O Oliver é um snobe, como já devem ter notado.

É também, não posso deixar de sublinhar, um cobarde. Senão, vejamos as coisas deste modo: o grande acontecimento da infância do Oliver é o momento em que se volta contra o violento pai e lhe dá uma rabecada tal, que o Velho Sacana — como o Oliver lhe chama — desaparece com o rabo entre as pernas. Ora eu sou um bom bocado

mais baixo do que o Oliver, mas quando lhe dei a cabeçada, como é que ele reagiu? Fugiu a fungar e a gemer. Será comportamento para tão famoso domador de carrascos? E o taco de bilhar? O Oliver disse-me uma vez que ele e o pai só tinham uma coisa em comum: ambos odiavam desportos.

Gillian O Oliver teve de levar cinco pontos na cara. Disse no hospital que tropeçara e batera no canto da mesa.

Disse que só vendo a expressão de violência no rosto do Stuart se podia acreditar. Disse que pensou que o Stuart o queria matar. Sugeriu-me que deitasse água na garrafa de whisky. Suplicou-me que saísse de casa imediatamente.

Stuart

E os céus estão carregados
Pássaros da noite murmuram
Estou só como nunca vi...

Gillian Sabem que, durante todo o tempo em que eu e o Stuart estivemos juntos, ele nunca me perguntou porque é que eu tinha ido ao Charing Cross Hotel, naquela noite. Aliás, perguntou e eu respondi que vira o anúncio na *Time Out*, mas nunca me perguntou *porquê*. Foi sempre muito cauteloso nas indagações a meu respeito. Creio que em parte por não lhe interessar o que acontecera antes: eu estava ali, e isso bastava-lhe. Mas era um pouco mais do que isso. O Stuart fazia uma ideia do que eu era, decidira que era assim e não queria ouvir nada diferente.

É fácil explicar *porque* é que eu ali estava. Um homem casado. Ele não deixava a mulher, eu não conseguia renunciar a ele. Isso mesmo, a velha história, a que se arrasta eternamente. Portanto dei eu os passos para que não se arrastasse. Temos de ser responsáveis pela nossa felicidade — não podemos esperar que no-la entreguem à porta,

como um simples embrulho. Nestas questões temos de ser práticos. Há pessoas que ficam sentadas em casa a pensar: um dia, o meu príncipe virá. Mas não serve de nada, a menos que ponham lá fora uma placa a dizer: Os Príncipes são Bem-Vindos.

O Oliver é completamente diferente. Para começar, quer saber tudo de mim. Às vezes sinto que o desiludo, por não ter tido um passado mais exótico. Nunca pesquei pérolas no Taiti. Não vendi a virgindade por um casaco de marta. Limitei-me a ser eu. Mas esse *eu* não é fixo e imutável no espírito do Oliver como era no do Stuart. E isso... é agradável. Mais do que agradável. É sexy.

— Sabes, ia jurar que o Stuart vê essencialmente em ti uma boa dona de casa. — Isto foi há umas semanas.

Não gosto que critiquem o Stuart. Aliás, não tolero.

— Eu *sou* uma boa dona de casa — respondi (embora não pense isso de mim própria). Mas sou com certeza muito melhor do que o Oliver, que é capaz de ficar em êxtase a olhar para um pimento.

— Desculpa — disse ele imediatamente. — O que eu *queria dizer* é que para mim tu és alguém com infinitas possibilidades. Não demarco ou delimito a tua natureza como uma coisa fixa.

— És muito simpático, Oliver. — Estava a gozar com ele, mas ele parecia não dar conta.

— Simplesmente, para não dizer mais, o Stuart nunca te *viu* a sério.

— E tu *vês*?

— Com óculos de três dimensões. Só tenho *olhos* para ti.

Sorri e beije-o. Mais tarde pensei: se eu posso ser o objeto da paixão de duas pessoas diferentes como o Stuart e o Oliver, que espécie de *eu* é esse? E qual é o *eu* que se apaixona primeiro pelo Stuart e depois pelo Oliver? O mesmo ou um outro?

Hospital Harringay

Serviço de Urgência e Acidentes

Apelido

Nome próprio

Endereço Dunstan's Road, N.º 16

Profissionalista
Casal do Acidente
Hb 150 de Chegada
Não Agilidade Médica Família

NOTAS

Declarou que a ferida antiga resultante de um duelo reabriu por colisão com uma araucária.

Vestígios de álcool + +

Não houve perda de consciência

Última inoculação antitetano + 10 anos

Observação externa: laceração de 3 cm, face D

RX — não se observam anomalias

Suturado com nylon 10 x 50

Soro antitetânico

Vem tirar pontos em 7/5

J. Davies

16 h.

Oliver Nunca pensei que pudesse ter sida, como diz Mrs. Dyer, de maneira tocante. Mas isso prova que as minhas intenções são sérias, não prova? *Tabula rasa*, começar do zero.

E não tenho de pagar duas vezes o imposto camarário, porque não vivo realmente no número 55, e também não vou lá estar muito mais tempo. Tenho uma vontade enorme de pedir a Mrs. Dyer que seja dama de honor. Ou talvez madrinha.

Há coisas que nos ficam na cabeça. Antes queria não ter pensado no Stuart a fazer *tchg-a-tchg*. Eu costumava brincar assim comigo próprio. Um livro que li quando ainda mal passara a pré-puberdade continha estas palavras: *ele serviu-se dos rins estreitos da mulher*. Reconheço quase com vergonha que a frase ficou durante anos suspensa por um fio dentro do meu crânio, como uma decoração de Natal dourada e com valor de talismã. Então é isso o que eles fazem, pensava. Grandes porcos! E qualquer dia eu também. Depois, durante muitos anos, a realidade apagou a fraseologia. Até que as palavras voltaram, por causa da Gill. Sentava-me no alto da minha araucária e

segredava a mim mesmo (não *totalmente* a sério, confio no vosso entendimento): «hei de *servir-me dos rins estreitos dela*». Mas já não consigo fazê-lo, devido a qualquer empecilho cerebral, qualquer gânglio bloqueado. Porque sempre que ouço as palavras, vem logo a seguir o barulho do Stuart a fazer *tchg-a-tchg, tchg-a-tchg-tchg*, qual vagão pesadão atrás da locomotiva esbelta.

Espero, meu Deus, que não continuem a fazê-lo. Espero, meu Deus, que não continuem sequer a dormir na mesma cama. Não posso perguntar. O que é que acham?

Após *la lune de miel* vem *la lune d'absinthe*. Quem havia de pensar que o Stuart tinha mau vinho?

Stuart

Paro a ver um salgueiro que chora
Que chora no travesseiro
Se calhar chora por mim...

Muito bêbado, não.
Só bêbado.

Gillian Eu sei que há uma pergunta a que tenho de responder. Têm o direito de perguntar, e não me surpreende que haja um pouco de descrença no vosso tom de voz, ou até algum sarcasmo. Vá, perguntem.

Olhe, Gill, contou-nos como se apaixonou pelo Stuart — ficou comovida ao ver o plano dos preparativos para o jantar — então e se nos contasse como é que se apaixonou pelo Oliver? Viu-o a preencher o boletim do totoloto ou a fazer as palavras cruzadas do The Times?

É justo. Eu, no vosso lugar, desconfiava. Mas só gostava de dizer isto: eu não escolhi o que aconteceu. Não manipulei a situação, nem decidi de repente que o Oliver era «melhor partido» do que o Stuart. Aconteceu-me. Casei com o Stuart e depois apaixonei-me pelo Oliver. Não me sinto nada condescendente em relação a tudo isto. Há mesmo

coisas que me desagradam. Mas aconteceu.

E o «momento» — aquele que pessoas que ainda nem conheço vão pedir-me que relembre: estávamos num restaurante. Devia ser francês, mas não é. Acho que metade dos empregados são espanhóis e metade são gregos, mas têm um ar mediterrânico e o chefe põe anchovas e azeitonas em tudo e chamam-lhe *Le Petit Provençal*, o que consegue enganar a maior parte dos clientes ou, se não os engana, pelo menos contenta-os.

Estávamos ali porque o Stuart nessa noite trabalhava e o Oliver insistiu em irmos jantar fora. Ao princípio não me apetecia sair, depois disse que pagava eu e depois sugeri que fosse à holandesa, cada um a sua parte, mas caímos na cena habitual do orgulho masculino, o que faz com que seja difícil para um homem que tem pouco dinheiro aceitar que paguemos metade. E ali estava eu, entre relutante e contrariada, num restaurante de que não gostava muito, mas que tinha escolhido por pensar que era suficientemente barato para ele poder pagar a conta. Nada disso parecia atingir o Oliver. Estava muito descontraído, como se todas as negociações necessárias para chegar até ali não tivessem existido. Receava também que ele comesse a disparatar acerca do Stuart, mas não, foi o contrário. Disse que já não se lembrava muito bem dos tempos de escola, mas que todas as coisas boas estavam ligadas ao Stuart. Tinham, os dois sozinhos, vencido um gangue. E havia um a quem chamavam «Pés» porque tinha as mãos enormes. E também tinham ido os dois para a Escócia, à boleia. O Oliver disse que levaram semanas a chegar, porque na época ele era tão snobe em relação a carros, que recusava aceitar uma boleia se, depois de os carros pararem, não gostava dos estofos ou das jantes. E chovera todo o tempo, por isso sentavam-se nos abrigos das paragens de autocarro a comer bolos de aveia. Disse também que nessa altura já se interessava por comida, por isso o Stuart fazia-lhe testes com os olhos fechados. O Oliver fechava os olhos e o Stuart fazia-o engolir, ora bocadinhos de bolacha de aveia ensopada, ora bocadinhos de papel da embalagem, também ensopado. O Stuart garantia que o Oliver não era capaz de os distinguir.

Foi tudo... inesperado e fácil, creio, e o Oliver emitia ruídos de aprovação em relação à comida, apesar de ambos sabermos que não

era grande coisa. Quando estávamos a acabar o prato principal, chamou um empregado que ia a passar.

— *Le vin est fini* — disse o Oliver. Não estava a fazer teatro, partia só do princípio de que os empregados num lugar chamado *Le Petit Provençal* eram franceses.

— Perdão?

— Ah — disse o Ollie. Desviou ligeiramente a cadeira e bateu na garrafa de vinho, como se estivesse a dar uma aula naquela horrível Shakespeare School of English. — *Le vin... est... fini* — repetiu, articulando cuidadosamente e levantando a voz no final, para indicar que ainda tinha mais para dizer. — O... vinho... — continuou com um sotaque estrangeiro e pastoso — é... da... Finlândia.

— Deseja outra garrafa?

— *Sì, signor.*

Pus-me a rir, o que não foi muito simpático para o empregado, que, com ar carrancudo, foi buscar outra garrafa. Enquanto ele me servia de vinho, o Ollie murmurou:

— Um Château Sibelius muito agradável, já vais ver.

E desatei outra vez a rir. Ri tanto que comecei a tossir e até fiquei com dores. O que se passa com o Oliver é que sabe tirar partido da brincadeira. Não quero fazer comparações, mas o Stuart não é muito bom a dizer piadas e, se o faz, fica por ali, como se já tivesse acertado mais ou menos no alvo e está o assunto arrumado. Ao passo que o Oliver insiste e se não estamos com paciência é cansativo, mas, naquela noite, eu estava com paciência.

— E com o café, Modom? Uma lágrima de Kalevala? Um Suomi com gelo? Já sei, um copo de Karelia! — Nessa altura eu já não podia mais, e o empregado não percebia qual era a graça. — É só um dedo de Suomi para a minha amiga — disse o Ollie. — Que marcas tem? Um Helsinki cinco estrelas?

Fiz-lhe sinal com a mão para que parasse, o que o empregado interpretou de outra maneira.

— Nada para a senhora. E para o senhor?

— Ah — disse o Ollie, fingindo que acalmara e ficara de repente sério. — Pode ser só um Fjord pequeno, se faz favor. — Escangalhámo-nos de novo e, quando parei de rir, doíam-me os

músculos. Olhei para o Ollie, que tinha os olhos a brilhar, e pensei comigo mesma: Meu Deus, isto é um perigo, isto é *mesmo* um grande perigo. Então ele calou-se, como se tivesse sentido o mesmo.

Não acham esta história divertida? Bem, só a contei porque pediram. E deixámos uma grande gorjeta ao empregado, para que não pensasse que tínhamos estado a gozar com ele.

Stuart

E os céus estão carregados
Pássaros da noite murmuram...

Gillian Quando conheci o Oliver, perguntei-lhe se usava maquilhagem. Foi um bocado embaraçoso (quero dizer, lembrar isto mais tarde, quase como a primeira coisa que se disse a alguém por quem nos apaixonámos), mas não foi assim tão despropositado. A verdade é que às vezes o Oliver parece que usa uma máscara com as pessoas. Gosta de ser dramático, gosta de chocar. Mas comigo não. É capaz de estar calado, é capaz de ser ele próprio, sabe que não tem de armar uma tempestade para me impressionar. Ou melhor, sabe que se o fizesse estaria a perder tempo.

Tornou-se uma espécie de brincadeira entre nós. Ele diz que eu sou a única pessoa que o vê sem maquilhagem. Mas há nisso algo de verdade.

O Oliver diz que também não admira, que eu sou assim. Passo os dias a libertar os quadros da tinta que têm a mais, por isso faço-o naturalmente também com ele.

— Cospe e esfrega — diz. — Não são necessários dissolventes fortes. Basta cuspir e esfregar, que depressa chegas ao verdadeiro Oliver.

E como é ele? Meigo, sincero, não muito seguro de si, um bocado preguiçoso e muito sexy. Não estão a ver? Deem-lhe tempo.

Agora eu parecia a minha mãe.

... (pessoa do sexo feminino, entre os 25 e os 35 anos) Se querem saber a minha opinião, a explicação é simples. Talvez não tão simples, mas, na verdade, já aconteceu antes. A questão é esta...

Como? O que é que disseram? Querem as minhas credenciais. vocês querem as minhas credenciais? Bem, se alguém aqui deve apresentar documentos, são vocês. O que é que *vocês* fizeram para que vos dê a *minha* opinião? Sim, qual é a vossa autoridade? O facto de terem chegado até aqui não vos dá o direito de agir como se fossem da polícia.

Assim podiam *acreditar* em mim? Olhem, é-me completamente igual ao litro que vocês acreditem ou não. Dou-vos uma opinião e não uma autobiografia, por isso se não gostam do negócio, toca a andar. De qualquer maneira, não ando para aí à deriva e dispenso as vossas manhas, têm barbas. Percebo, é claro que percebo. Querem saber se sou a Ginny, genial médica de clínica geral, Harriet, pomposa psicanalista de Harley Street, Rachel, sensual estrela de rock ou Nathalie, pérfida enfermeira do turno da noite. A minha credibilidade dependerá da posição profissional ou social. Queiram desculpar. Ou melhor, desapareçam. E se precisam desesperadamente de conhecer a minha identidade, eu dou-vo-la. Se calhar até nem sou uma mulher, se calhar é só aparência. Talvez tenha frequentado as universidades de Casablanca e Copacabana. Com estágio de pós-graduação no Bois de Boulogne.

Está bem, desculpem. É que vocês irritam-me. Mas também me apanharam numa fase de mau humor. (Não, isso também não é da vossa conta.) Bom, vou dizer-vos o que penso, e depois ponho-me a andar. Decidam como quiserem. De momento, não sou propriamente bem-vinda a estas paragens, por isso já não me veem mais.

E é óbvio que não sou transexual. Perguntem ao Stuart, se quiserem, ele confirma, teve a prova. Desculpem, não devia rir das minhas próprias piadas, mas vocês fazem um ar tão reprovador! Pronto, eu digo-vos, conheço aqueles dois há sei lá que tempos. Lembro-me do Oliver, quando a ideia que tinha de ópera não ia além do Dusty Springfield a sair de dois altifalantes na traseira de um Cortina. Lembro-me do Stuart, quando usava óculos com hastes flexíveis de metal presas atrás das orelhas. Lembro-me do Oliver com

camisolas interiores rendadas e babuchas, e do Stuart com champô seco nos cabelos. Fui para a cama com o Stuart (por favor, não informem a imprensa) e dei com os pés no Oliver. São *estas* as minhas referências. E ainda o facto de o Stuart me moer o juízo com esta história toda, nos últimos meses, em almoços e jantares mais ou menos clandestinos. Pensei primeiro, sinceramente, que ele queria outra coisa. Grande estúpida, outra vez! Pensei que o Stuart queria ver-me *a mim*. Idiota, reconheço. A única coisa que ele queria era uma imbecil duma orelha grande onde pudesse despejar os problemas. Eu ali sentada e ele sem me perguntar uma única vez o que era feito de mim e depois, ao fim da noite, pedia desculpa por falar tanto da vida dele, e depois voltávamos a encontrar-nos e fazia precisamente o mesmo. É obcecado, o tipo, para não dizer pior, e isso, eu dispenso. Dispenso mesmo, nesta altura da vida. Mais uma razão para me pôr a milhas disto tudo.

Acho que o Oliver tem um fraco pelo Stuart. Sempre senti isso. Não sei em geral como é que ele é, mas apostava que tem um fraco pelo Stuart. Por isso é que sempre o rebaixou, sempre fez troça dele por se vestir mal e por ser chato. Rebaixa-o para que nenhum deles tenha de reconhecer o que sempre existiu, o que podia existir se não fizessem o jogo de o Stuart se vestir tão mal e ser tão chato e ser uma companhia impossível para o irresistível Oliver!

Sim, já lá tinham chegado. Não me surpreende. Mas o que eu quero dizer, a única coisa que quero mesmo dizer, é isto: a *razão* pela qual o Oliver quer foder com a Gillian é porque é o mais próximo que ele alguma vez pode estar de foder com o Stuart. Entendem? Harriet, a pomposa psicanalista de Harley Street, havia de chamar isso pelo nome, mas eu não. Penso simplesmente que, para o Oliver, foder com a Gillian é uma maneira de foder com o Stuart.

Pensem nisso. Agora piro-me. Não me voltam a ver, a menos que o livro dê mesmo uma reviravolta inesperada.

Stuart Oh, não! A Val não. Livrem-me da Val. Livrem-se da Val. Não precisamos cá dela. Só dá sarilhos. Sarilhos com *S* maiúsculo, como o Oliver costumava dizer.

É do género de não querer dizer o nome (que problema é que esta gente tem com os nomes?). Conheci-a há muito tempo, como decerto vos disse. Repararam que, quando alguém diz que conhece outra pessoa há muito tempo, isso quase sempre significa que vai dizer mal dela? Não, vocês não conhecem *realmente* esse tipo de má-língua, mas eu tenho boas razões para me lembrar...

Do que a Val se gaba é de me ter conhecido quando eu usava champô seco, há um ror de tempo. Ora, se não se importam, vamos lá esclarecer isto. Uma vez, há muitos anos, alguém me disse que havia um pó que se vaporizava no cabelo entre as lavagens, se esfregava e escovava em seguida, e parecia que o cabelo tinha sido lavado. E eu comprei (verdade se diga que foi depois de ter lido algures que muita lavagem podia estragar o cabelo) e usei-o uma noite pela primeira e última vez. Estava a tomar uma bebida num pub, quando ouvi atrás de mim um guincho incrível:

— Stu, tens uma caspa *horrível!* — e *tinha* de ser a Val, já cá faltava, sempre a pôr-nos à vontade. Como nunca na vida tive caspa, levei a mão ao cabelo e disse:

— É champô seco — após o que a Val fez saber a todo o pub que não era caspa, mas sim champô seco, perguntando-me depois em que consistia, etc. Não admira que após este incidente, ao chegar a casa, eu tenha deitado fora o vaporizador e, até hoje, nunca mais o tenha usado.

Procura sempre ter poder sobre nós, aquela rapariga. Mulher, aliás. Tem trinta e um anos, mas não creio que vos tenha dito e, após uma brilhante carreira feita a vender férias a preços reduzidos, trabalha agora como secretária numa pequena tipografia perto de Oxford Street. O género de loja que faz convites para festas e exhibe duas fotocopiadoras à entrada, das quais só uma funciona. Não digo isto para a diminuir, mas unicamente, como devem compreender, para dissipar a atmosfera de mulher mistério, que deve ter tentado criar à volta dela. Pois saibam que é a Val, da Pronto Printa.

Oliver Ela o quê ? Ela disse isso ? É escandaloso, é grosseiro, é a mais pavorosa *mensonge* que podia ter inventado. Essa rapariga só traz

sarilhos. Sarilhos com S grande e S soa igual a C, mas aqui o C é de cabra.

Deitou-me abaixo em matéria de cama? *Ela* deitou-me abaixo, foi isso? Então idealizem aí no ecrã curvo que vos fica por trás da testa os seguintes desenhos animados, e carreguem com o dedinho no botão do Dolby, não vão as subtilezas do diálogo escapar-vos. Em tempos que já lá vão, o Oliver, apesar de grande empolgação na resolução de passar o fim de ano de maneira diferente, encontra-se mais uma vez numa daquelas reuniões abandalhadas, frequentadas por folgazões de baixa estirpe, que levam debaixo do braço barris de cerveja em miniatura, e onde todas as raparigas inalam Silk Cut furiosamente, como se lhes fosse benéfico à saúde (não falo como reformista petulante — se querem fumar, *fumem*), e em que receamos constantemente ser agarrados por um par de mãos calçadas que vêm por trás de nós e tentam arrastar-nos para esse infalível indutor de euforia, a conga pardacenta. Era uma festa, como já devem ter adivinhado.

Se bem me lembro, o Stuart pedira-me que viesse, sem dúvida para me retribuir de forma rasca todas as faustosas saídas a quatro em que eu o incluía, esse gorducho tremeliques. Abrindo caminho por entre botijas de aguardente velha e garrafas opacas decoradas com palmeiras, de aguardente das Caraíbas capaz de trespassar fígados, instalei-me ao lado dum garrafão de vinho italiano, numa tentativa sórdida de me enfrascar até cair. Bebia a zurrapa por uma palhinha toda às curvas e ia já muito bem lançado, quando as mãos que tanto receava me agarraram pelos ombros.

— Ai, o meu reumático! — gritei, temendo envolver-me na mais suburbana das bacanais. Nessa noite, não havia delírio dançante que me fizesse vibrar.

— Ollie, tens andado a evitar-me — disseram as Mãos, após o que a Bilha tentou uma aterragem vertical no braço da cadeira, manobra de precisão muito além das capacidades da caduca Val, que se me pespegou em cheio no colo.

Travámos em seguida uma conversa de minutos, composta por um chorrilho rotineiro de cortesias e gracejos, mas só o mais inventivo dos decifradores de texto, só o que mais brutalmente fosse capaz de negar

as intenções verdadeiras teria interpretado a nossa troca de palavras como indicando: 1) que eu preferia a companhia da Val à do garrafão de branco italiano; 2) que eu privaria, por um momento que fosse, o meu amigo Stuart daquilo a que hoje os jovens vulgarmente chamam — sem dúvida inconscientemente estimulados pela bossa-de-camelo do desejo e pelo oásis da sede saciada — «o seu engate»¹.

E assim nos afastámos civilizadamente, ela para a conga e eu para a minha elegante *rêverie*. Sem um *boff* de *politesse*.

Val Há dois tipos de homem que deixam de nos ligar, creio: aqueles com quem dormimos, e aqueles com quem não tivemos nada.

O Stuart e eu tínhamos uma ligação e o Oliver tentou chegar comigo a vias de facto. O Stuart casou com aquela mulherzinha dele, chata e convencida, e o Oliver acabou por chegar com ela a vias de facto. Então, é o mesmo esquema ou não?

O que irrita o Stuart é eu ter reparado no champô seco e o que irrita o Oliver é eu não ter saltado logo para debaixo dele. Não acham estranho? Quer dizer, que seja isso que os irrita? Nenhum deles pestaneja sequer à ideia de que o Oliver se deita com a Gillian porque o que realmente quer é deitar-se com o Stuart. O que acham disto?

Eu, no vosso lugar, examinava a Gillian mais de perto. Não é uma autêntica heroína, não é uma mulherzinha de armas? O papá dá à sola com a estudante liceal e a Gillie sobrevive, heroicamente. Vai mesmo ao ponto de reconfortar a desgostosa mãe. Que altruísmo! Que maturidade! Depois a Gillian vê-se apanhada num triângulo amoroso e adivinhem qual dos três se safa melhor? A menina quem-é-quem, naturalmente. Apanhada no meio e sempre com a cabeça à tona de água, sempre a fazer o que convém — ou seja, reduzir o Stuart a picado e pôr o Oliver à trela.

Diz ela ao Stuart (que me diz a mim) que algumas coisas — como seduzir o melhor amigo do marido — «acontecem» e que daí para a frente tem de se aceitar. É uma teoria fácil, não é? Nada «acontece assim», especialmente numa situação destas. O que os dois rapazes não percebem é que *tudo depende da Gillian*. As pessoas justas e calmíssimas que dizem que as coisas lhes «acontecem» são na verdade

autênticas manipuladoras. O Stuart, aliás, está a passar um mau bocado e isto, da parte dela, é de se lhe tirar o chapéu, não vos parece?

Ah, e porque é que ela desistiu de querer ser assistente social? Seria sensível demais à dor do mundo? Era o contrário, sabem? A dor do mundo é que não se ralava suficientemente *com ela*. Toda aquela gente perdida, as famílias destroçadas, não sabiam apreciar o privilégio fantástico de serem tratadas pela própria, pela autêntica Miss Florence Nightingale.

Só mais uma pergunta. Quando é que acham que ela decidiu sacar o Oliver? Ou seja: quando, *ao certo*, é que começou a aliciá-lo, sem ele perceber sequer que a iniciativa foi dela? Porque o truque é esse. Não o fez com vocês?

Oliver O jogo está a ficar pesado, hein? E a virtuosa Val, que se apresenta como Susana sofredora? Deixem-me respirar um bocado. Se a Val alguma vez se encontrasse exposta na sua nudez aos olhos de dois respeitáveis caquéticos, saltava-lhes ao pescoço antes que tivessem tempo de lhe contar os sinais, e cobrava-lhes uma nota de dez por uma volta.

Penso que a brevidade do vosso encontro com ela vos leva a subestimar o mordaz realismo da mulher que testemunha perante vós. Se as tropas de Herodes fossem de casa em casa procurar a ambiguidade, não ficariam muito tempo em *La Maison de Val*. Ela é o tipo de criatura que consideraria o postulado «Isso que tem no bolso é uma pinha?» digno dos mestres tântricos e para quem a frase «Quer entrar e tomar um café?» é dogmática até à incompreensão. Assim, pode não ter sido indelicado da parte do Oliver o facto de ele se lembrar muito bem de quem é que tentou seduzir quem, naquela festa.

E para me castigar por me ter encolhido ao sentir-lhe as mãos pegajosas (embora confesse que a minha atitude cavalheiresca para com o Stuart era neste caso um recurso secundário, vindo muito primeiro a irritação, o bom gosto, as considerações estéticas, *und so weiter*), a Val anuncia-vos assim, sem mais nem menos, que eu tenho desígnios biológicos — tive, tenho, terei — para com a forma tipo

anta que é o Stuzinho nené e que, frustrado nas minhas ambições uranianas, desbarato a semente no substituto menos aberrante que consigo encontrar, ou seja, a Gill. Convém, pois, salientar que alguém cujo córtex cerebral indica a Gillian como substituto erótico do Stuart devia ser aconselhado a chamar urgentemente a ambulância à prova de som. Quero ainda referir que a vossa informadora Val é uma *habituée* ferrenha da fétida secção da livraria local que, em vez de misteriosamente denominada de autoajuda, deveria intitular-se autocomiseração. Tirando a lista telefónica e o dicionário, a *petite* biblioteca da Val é constituída por obras concebidas para lhe consolar e dilatar o ego: títulos como *A vida às vezes é uma autêntica cabra mesmo para com os melhores*, *Olhe-se ao espelho e diga olá* e *A vida é uma conga: entre na dança!* Redução dos imponderáveis pantanosos do espírito humano a uma garfada tipo merenda para desmiolados: é com isso que a vossa informadora se regala.

Agora oiçam: se por qualquer motivo se desse o caso de a esfuziante sexualidade do Oliver desdenhar ocasionalmente a rotina laboral e dirigir o olhar heliotrópico para o pouco auspicioso Ganimedes de Stoke Newington, então, para usar um idioma que até a minha acusadora seria capaz de entender, *era canja, pá!* A necessidade de um substituto carnal simplesmente não existiria.

Stuart Isto não tem nada a ver com nada. Nem sequer é uma saída de emergência. Sim, moí a cabeça à Val duas ou três vezes, pensei que ela era minha amiga e que é para isso que os amigos servem. De repente é um crime falar dos nossos problemas e o Oliver é um homossexual delinquente, que andou sempre atrás de mim. Ora eu penso várias coisas muito más desse ex-amigo, mas essa não. A única coisa que se pode fazer com a lama é ignorá-la, senão agarra-se.

Por amor de Deus, vamos mas é continuar a história.

Val Estou a ver. O Oliver, é claro, diz que não é gay (como pode alguém ter pensado uma coisa dessas?), mas que, se fosse, não se ralava nada de aviar o melhor amigo. E o Stuart, apesar de ser

provavelmente a pessoa mais cansativamente convencional com quem alguma vez tive a desdita de me enrolar, não sente qualquer surpresa, muito menos alarme, com esta minha revelação psicológica. Limita-se a dizer: sem comentário. Senhores membros do júri, mantenho a minha posição. Ou melhor, passo a esclarecê-la. Penso que eles estão os dois metidos nisto.

Gillian A maior parte das petições de divórcio concedidas às mulheres a partir de 1973 foram devidas a comportamento excessivo do marido. São exemplos de comportamento excessivo: violência, abuso de álcool, prática de jogo imoderada ou irresponsabilidade financeira em geral e recusa de cumprir o dever conjugal.

A palavra utilizada em linguagem jurídica quando se pede o divórcio é *rogar*. A requerente *roga* ao tribunal que dissolva o casamento.

Oliver E outra coisa. Ela gosta de fingir que Val é o diminutivo do *prénom* Valérie, sem *éclat* mas perfeitamente aceitável. Pelo que assina desse modo as circulares internas e as comunicações eróticas. Mas nem nesta matéria se pode confiar nela. Val — é um pormenor a que vão achar piada — é o diminutivo de Valda.

Stuart Ora aqui está uma coisa que considero subtil; é aquilo a que chamo fazer uma insinuação ligeira e tortuosa. O que encontro por acaso em cima da mesa, quando entro em minha própria casa? Um daqueles livros de «Como Fazer». Só que este se chama *Como... Sobreviver ao Divórcio*. Tem por subtítulo *Manual para Pessoas Sós e para Casais*. É este o meu futuro? É o que tencionam fazer de mim? Uma «pessoa só»?

Sabiam que, a partir de 1973, a principal razão invocada perante os tribunais ingleses pelos homens que queriam divorciar-se era o adultério da mulher? O que é que isso nos diz acerca das mulheres, é a minha pergunta. Já o contrário é raro. O adultério do marido não é o

principal motivo para as mulheres requererem o divórcio. É até o oposto. A bebedeira e a recusa sexual parecem ser as razões essenciais, nas quais as esposas se baseiam para se verem livres dos parceiros.

Havia no livro uma frase que me agradou. «Sabem quanto custa um solicitador?» Eu também não sabia. Na província é qualquer coisa como quarenta libras por hora (mais iva). Em Londres oscila entre sessenta e setenta libras por hora (mais iva), enquanto os gabinetes mais cotados cobram por hora um mínimo de cento e cinquenta libras (mais iva). De modo que o tipo que escreveu o livro conclui: «É óbvio que, com tais encargos, sai mais barato substituir vários artigos de pouca monta (uma mesa, uma cadeira, um serviço de copos, coisas assim) do que pagar a conta legal do conflito.» De facto, parece razoável. Eu podia muito bem partir o copo que tenho na mão, por exemplo, mais os outros cinco que estão ali no aparador, e assim não tínhamos qualquer problema com a divisão do património. De qualquer maneira, nunca gostei deles. Foram oferecidos pela convencida da minha sogra.

Se simplesmente dissesse não, não quero, não fiz nada de mal, não te dou o divórcio, não podes provar nada contra mim e também o termo «violência» não se aplica a uma cabeçada na pinha do amante da minha mulher, não tem fundamento, se eu dissesse que não e me mantivesse firme, sabem o que ela tinha de fazer? Tinha de sair de casa e não conseguia o divórcio antes de passados cinco anos.

Não acham que isso ia lixá-los?

Olhem para estes copos. Podem servir para beber Pernod, mas whisky não. Realmente saía mais barato substituí-los do que pagar a conta jurídica do litígio. Ela pode ficar com eles — todos menos este, ui, escorregou do braço da cadeira, estão a ver? Escorregou, deu um salto de dois metros no ar e estilhaçou-se na lareira. Vocês são testemunhas, não são?

Ou talvez nem alterasse nada.

1 A palavra no original é *date*, que significa «tâmara» e também «saída», «encontro amoroso». (N. da T.)

13.

O que eu penso



Stuart Eu amava-a. O meu amor tornava-a ainda mais digna de ser amada. Ele lixou a vida dele, por isso roubou a minha. Foi tudo completamente arrasado por um RAIDE DE ZEPELIM.

Gillian Eu amava o Stuart. Agora amo o Oliver. Todos sofreram. É evidente que me sinto culpada. O que é que vocês teriam feito?

Oliver Meu Deus, o pobre e velho Ollie enfiado até à medula numa selha de *merde*, tão crepuscular, calejado e desolado... Não, realmente não é isto o que eu penso. O que penso é: eu amo a Gillian e ela ama-me. É o ponto de partida, tudo deriva daí. *Eu apaixonei-me*. E o amor age na economia de mercado, questão que tentei fazer o Stuart entender, embora talvez não muito bem e, de qualquer modo, também não podia esperar que ele visse as coisas desapaixonadamente. A felicidade de uma pessoa é muitas vezes construída sobre a infelicidade de outra, o mundo é feito assim. É duro, e lamento profundamente que tivesse de ser o Stuart. Se calhar perdi um amigo, o meu melhor amigo. Mas realmente não tinha opção. Nunca ninguém tem, para isso tinha de tornar-me uma pessoa completamente diferente. Culpem lá quem inventou o universo, se querem culpar alguém. Mas não me culpem a mim.

Outra coisa que eu acho: porque é que toda a gente fica sempre do lado da estúpida tartaruga? Podiam pensar na lebre, para variar!

Sim, já sei que voltei a usar a palavra *crepuscular*.

14.

Agora há só um cigarro no cinzeiro



Stuart Lamento. Sinceramente. Eu sei que não me saí lá muito bem na última cena.

Ele veio ter comigo. Porque não havia eu de ir ter com ele?

Não, isso não basta.

Porque é que fiz aquilo? Por teimosia ou por resignação? Nem uma nem outra, ambas?

Teimosia: porque pensei que ela podia mudar de ideias, se me visse?

Resignação: quando recusamos que nos tapem os olhos para a execução? Quando viramos a cabeça para ver cair a lâmina da guilhotina?

E a história dos cigarros. Puro acaso, eu sei, simples acidente. Mas tornou tudo ainda pior, porque foi um desastre medonho, como o camião descontrolado que galga a barreira da autoestrada e nos desfaz o carro. Estava sentado e, ao pousar o cigarro numa das reentrâncias do cinzeiro, vi que já havia lá outro. Fiquei tão perturbado, que devo ter acendido logo um, depois de largar o primeiro. *Depois* vi que havia também uma beata no cinzeiro. Três cigarros no cinzeiro — dois acesos e um apagado. Como suportar uma coisa daquelas? Conseguem imaginar dor que eu senti? Não, é claro que não. Não se pode sentir a dor de outra pessoa, o problema é esse. É esse o problema do mundo. Se ao menos conseguíssemos aprender a sentir a dor dos outros...

Lamento, lamento mesmo. Como posso desculpar-me?

Tenho de encontrar uma maneira.

Gillian A cara do Stuart é que eu nunca esquecerei. Parecia um palhaço, uma cabeça de nabo, uma máscara de Halloween. Mesmo como uma daquelas abóboras que se usam na festa de Halloween, e nas quais se recorta um sorriso artificial, com uma luz falsa, bruxuleante e fantasmagórica por trás dos olhos. Era o que o Stuart parecia. Creio que fui a única pessoa que o viu assim, e não esquecerei nunca a visão. Dei um grito, o Stuart desapareceu, todos olharam em volta mas só havia um palco vazio.

Fiquei com a *maman* na noite anterior ao casamento. A ideia foi do Oliver. Quando deu a sugestão, parti do princípio que achava melhor eu ter alguma ajuda. Mas não era isso. Era uma questão de fazer tudo como deve ser. É muito antiquado em certas coisas, o Oliver! Ele queria que eu fosse a rapariga que deixa a casa paterna para percorrer o caminho sagrado da igreja. Só que eu não era a noiva de branco, de braço dado com o pai.

Cheguei a casa da *maman* às sete horas da tarde do dia anterior ao do meu segundo casamento. Tínhamos consciência de estar ambas a ser cuidadosas. Serviu-me uma chávena de café e fez-me sentar com os pés mais altos, como se eu já estivesse grávida. Pegou na mala e foi desfazê-la, o que ainda me deu mais a sensação de ter acabado de chegar ao hospital. Fiquei sentada a pensar: espero que não me dê conselhos, acho que não ia suportar. O que está feito está feito e o que vai ser feito já não pode ser alterado. Por isso, é melhor ficarmos caladas a ver qualquer coisa na televisão e não falar de nada importante.

Mas... as mães e as filhas, as mães e as filhas! Aproximadamente noventa segundos depois, voltou à sala e trazia o meu fato. Vinha a sorrir como se de repente eu tivesse ficado senil e precisasse de ser tratada com afável compaixão.

— Querida, enganaste-te na roupa!

Olhei para ela.

— Não, *maman*.

— Mas, querida, este é o fato que eu te dei.

— Sim. — Sim, já sabes que é. Porque é que os pais se comportam como advogados de acusação, sempre a verificarem os factos mais óbvios?

— Tencionas vestir *isto* amanhã?

— Sim, *maman*.

Foi o dilúvio. Arrancou em francês, que é o que faz quando a pressão lhe sobe à cabeça e precisa de a aliviar. Depois, acalmou ligeiramente e voltou ao inglês. O argumento de base era que eu tinha claramente perdido a razão. Só uma pessoa seriamente transtornada podia pensar em casar duas vezes usando o mesmo fato. Era uma afronta ao bom gosto, às boas maneiras, às convenções do traje, à igreja, a todas as pessoas presentes nas duas cerimónias (e a ela em particular), ao destino, à sorte, à história universal e a mais umas quantas coisas e pessoas.

— O Oliver quis que eu o usasse.

— Posso saber porquê?

— Disse que se apaixonou por mim quando me viu com este fato.

Explosão número dois. Escandaloso, devia ter vergonha, etc. Provocação, etc. Podes casar sem a tua mãe, se tencionas casar assim vestida, etc. Durou cerca de uma hora, e acabei por lhe dar a chave do meu apartamento. Lá se foi embora com o fato dobrado no braço muito esticado, como se estivesse contaminado por uma dose de radiações.

Voltou com outros dois fatos, que olhei com indiferença.

— Escolhe tu, *maman*. — Não queria brigar. O dia seguinte não ia ser fácil, queria que ao menos alguém estivesse satisfeito. Mas não era assim tão simples. Ela queria que eu experimentasse os dois. Para me redimir do tremendo *faux pas*, era de esperar que me comportasse como bom modelo. Ridículo. Experimentei ambos.

— Agora escolhe, *maman*. — Mas não bastava. Tinha de ser *eu* a escolher, devia ser *eu* a dar uma opinião. Mas eu não tinha opinião. Não tinha alternativa, não tinha mesmo. Era como se me dissessem: «Olha, Gill, receio bem que não possas casar com o Oliver, amanhã. Não podes mesmo. Com quem queres casar em vez dele? Com este ou com aquele?

Quando lhe disse, não gostou da comparação. Achou-a de mau gosto. Muito bem! Quando casei com o Stuart, todos me encorajaram a pensar só em mim própria. Este é o *teu* dia, Gillian, diziam as pessoas. É o teu grande dia. Agora caso-me com o Oliver e de repente

é o grande dia de toda a gente, menos o meu. O Oliver insiste num casamento na igreja, que eu não quero. A *maman* insiste num vestido que eu não quero.

Acordei preocupada, ainda a sonhar. Escrevia na areia o meu nome, que não era o meu; o Oliver começava a apagá-lo com o pé e o Stuart desatava a chorar. A *maman* estava na praia, tinha o meu fato verde vestido e um ar de quem não aprova nem reprova. Só esperava. Esperava. Se esperarmos bastante, tudo acabará por correr mal e tu terás razão, *maman*. Mas qual é a vantagem? Quando chegámos à igreja, o Oliver estava muito inquieto. Pelo menos, não tivemos de seguir em procissão pela nave. Éramos só dez e o padre decidiu reunir-nos junto do altar. Mas, no momento em que começámos a juntar-nos, senti que alguma coisa não estava bem.

— Desculpa — disse ao Oliver. — Ela não quis saber de razões.

Ele parecia não entender. Olhava por sobre o meu ombro, para a porta da igreja.

— O vestido — disse eu —, desculpa o vestido. — Era amarelo-vivo, uma cor otimista, como dizia a *maman*, e era difícil o Oliver não dar pela diferença.

— Pareces uma pedra preciosa — disse ele, sempre sem me olhar.

Usei as cores ao contrário, nos meus dois casamentos. No primeiro devia ter usado o amarelo tolo e otimista e, no segundo, o verde pálido e prudente.

— E todos os meus bens terrestres contigo partilharei. — Foi essa a minha promessa. Já antes discutíramos o assunto. A discussão habitual. O Oliver queria que fosse: «E todos os meus bens terrestres te doarei.» Dizia que era o que sentia, que tudo o que tinha era meu, que a linguagem dava forma a um estado de alma, que *partilhar* era mesquinho e *doar* era poético. Eu disse que era esse o problema. Se fazemos um voto, ele deve ser preciso. Se ele me doasse os seus bens mundanos e eu lhe doasse os meus, isso queria dizer que trocávamos o que tínhamos, e trocar o meu andar hipotecado pelo quarto dele alugado não me parecia adequado a um voto matrimonial; e além disso, para ser franca, se trocássemos de bens, quem ficava a perder era eu. Ele disse que eu era pouco generosa e que levava tudo à letra e como, de qualquer maneira, íamos dividir tudo, porque é que não

podíamos empregar o verbo *doar*? O que, melhor do que os termos *partilhar* e *doar*, definiria com rigor a diferença entre os meus dois maridos, argumentava ele. O Stuart teria querido fechar negócio, ao passo que ele, Oliver, queria a rendição total. Lembrei então que o Stuart e eu nos casámos no registo civil e não dissemos nem *doar* nem *partilhar*.

O Oliver foi ter com o padre, a perguntar se não era possível uma solução de compromisso: ele diria «doar» e eu «partilhar». Mas o pastor disse que não.

— E todos os meus bens terrestres contigo *partilharei*. — O Oliver acentuou o verbo, como a querer que todos soubessem que não concordava com a terminologia. O problema é que parecia um queixume por ter de dar-me fosse o que fosse. Disse-lho, quando estávamos de pé à porta da igreja, com *a mamã* a tirar fotografias.

— Todos os meus bens terrestres te alugarei — replicou. Parecia agora mais descontraído. — Todos os meus bens terrestres te emprestarei. Todos menos aqueles que eu quero mesmo. Todos os bens terrestres, mas quero recibo... — e assim por diante. Quando o Oliver começa, o melhor é deixá-lo. Já viram as novas trelas para cães? Umas que têm uma bobina grande com dezenas de metros de corda, que desenrola quando o cão começa a correr e depois rebobina enquanto ele espera por nós? É no que eu penso quando o Ollie começa a desbobinar. É como um grande cão. Fica sempre à esquina da rua, à espera de que a gente vá ter com ele e lhe faça uma festa.

— E todas as contas do restaurante contigo *partilharei*. — Fomos de carro até uns três quilómetros dali, a um sítio simpático que o Ollie escolhera. Tínhamos uma grande mesa reservada lá ao fundo. O gerente marcara o meu lugar com um grande ramo de rosas encarnadas, o que achei muito simpático, embora o Ollie tenha declarado num sussurro teatral que as rosas encarnadas eram foleiras. Sentámo-nos, tomámos champanhe e começámos a falar animadamente do engarrafamento em que se vira preso um dos convivas e do sincero interesse do padre, apesar de mal nos conhecer a mim e ao Oliver, e de como não nos enganámos na leitura, e da felicidade que eu aparentava.

— Alguém tem alguma coisa a acrescentar a *feliz*? — disse o Ollie e

pronto, lá recomeçou. — Ouvi dizer radiosa? Sim, radiosa, aqui à minha esquerda. Quem diz melhor? Bela? Alguém disse bela? Obrigado, senhor. Ouvi dizer magnífica? Assombrosa? Sensacional? Bela neste momento à minha direita... Bela... Bela... Assombrosa à minha frente. É assombrosa, estou a ouvir bem? Assombrosa uma, assombrosa duas... Vendido, comprado pelo Ollie... — Bateu com o moinho de pimenta em cima da mesa, como se fosse um martelo de leiloeiro e beijou-me, sob o aplauso geral.

Trouxeram o primeiro prato e, como vi que o Oliver não me escutava, segui o olhar dele: sentado sozinho a uma mesa, a ler um livro e sem olhar para nós, estava o Stuart.

A partir daí tudo correu mal e já tentei apagar da memória o resto, o que comemos e o que dissemos e como todos fingimos que nada estava realmente a acontecer. Mas não consigo apagar o final, a cara do Stuart a surgir de repente por cima da toalha, fitando-me com um sorriso horrível e uma luz fantasmagórica nos olhos. Uma abóbora de Halloween, subitamente viva. Gritei. Não que fosse propriamente assustador. Mas era tão verdadeiro e tão triste, que não aguentei.

Oliver Sacana. Bancariozinho sacana, gordo, come-esterco. Depois de tudo o que fiz por ti durante anos e anos. Quem é que te transformou num ser humano aceitável, diz lá? Quem é que ficou com dores no braço, à força de tanto te lixar as imperfeições? Quem é que te apresentou às raparigas, quem é que te ensinou a usar garfo e faca, quem é que foi teu *amigo*? E o que recebo em troca? Lixas o meu casamento, lixas o dia melhor da minha vida. Vingança barata, reles, egoísta, foi o que foi, embora lá bem no fundo dessa tua alma presa à terra tenhas sem dúvida transmutado o teu móbil em algo de vagamente nobre e até imparcial. Deixa que te diga só isto, meu esteatopígio ex-amigo: se voltas mais alguma vez a vir meter o nariz, passas a ser meu ex-amigo em mais do que um sentido. Ponho-te a comer vidro moído durante uma semana, e não o entendas em sentido figurado. Não tresleias o Oliver. Há violência neste meu coração supostamente mole.

Devia ter-te mandado prender no momento em que te vi. Fazer-te

engaiolar por um motivo plausível, como o de andares atrás de nós propositadamente, poluíres a paisagem ou seres um chaga sempre a ganhar. Prenda-me este homem, senhor agente, já não diverte ninguém, deixou simplesmente de ter *graça*. Lá estou eu a brincar, meu Deus, foi sempre o meu ponto fraco, mas se não brincasse tinha de ir aí cortar-te as orelhas peludas, enfiar-tas goela abaixo e fazer-te engolir à laia de pudim os óculos centenários.

O dia estava a correr bem, até ao momento em que te vi do outro lado da rua a tentar passar despercebido, a andar de um lado para o outro com passo regular de sentinela, a fumar como uma chaminé e a lançar olhares pestilentos à igreja. Vi logo que maquinavas uma imbecil duma tramoia qualquer e foi por isso que, ajeitando o cravo de um branco quase verde, atravessei a carcinogénica via e te abordei.

— Vou ao casamento — disseste. Corrigi logo a intenção disparatada. — Tu foste ao meu — continuou a voz queixosa —, por isso, vou ao teu.

Expliquei a falta de etiqueta que tal plano implicava, nomeadamente que, na sociedade medianamente evoluída que dá pelo nome de Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, ninguém se permitia, habitualmente, comparecer a uma cerimónia formal para a qual não tivesse sido convidado. Como infringiste a misteriosa lei protocolar, tentei persuadir-te o mais cordatamente possível a pirares-te depressa e a atirares-te logo, de preferência, para debaixo de um autocarro de dois pisos.

Devo dizer que não me fiei lá muito no teu aparente afastamento, e mantive um olhar vigilante na porta da igreja, enquanto aguardávamos o sinal do pastor. Esperava a todo o momento ver abrir-se a grande porta de carvalho e surgir a tua cara indesejável. E ainda no decurso da cerimónia receei que, chegados ao momento em que alguém na assistência podia gritar, caso soubesse de alguma falha, obstáculo ou impedimento capaz de me proibir de cair perdidamente sobre a bela Gill, tu saísses de um recanto obscuro e apresentasses uma impugnação aterradora. Mas não o fizeste, e lá fomos alegremente trocando votos. Tive mesmo ensejo de ironizar um pouco, chegado àquele passo do serviço litúrgico em que fazemos voto de «partilhar» os nossos bens terrestres com o parceiro — ou com a

parceira. Durante séculos toda a gente «doou» sempre ao seu par os bens terrestres — toma, fica com tudo, o que é meu é teu — e isso, parece-me, é o que exprime a sinceridade inerente ao espírito do matrimónio, o que encerra a subtileza do contrato. Mas acabou. Advogados e contabilistas apoderaram-se de tudo. Fiquei um nadinha *bouleversé* quando a Gillian insistiu em *partilhar* e achei toda a discussão algo aviltante, como se eu planeasse sair do templo em corrida desenfreada para ir pôr à venda a minha metade do andar da Gillian. Cedi cortesmente ao seu capricho. Paira em torno da minha noiva uma suave aragem de *madame* dragão, como já devem ter notado.

Na verdade, fez tudo parte de um negócio um pouco duvidoso. Eu queria o casamento na igreja, enquanto a Gill via ainda menos razão para isso do que da primeira vez. Coube-me, portanto, escolher o cenário e ela pôde dar a volta ao texto. Foi também ela, devo confessar, que deu a volta ao padre. Hoje em dia, não se encontra com muita facilidade uma casa de Deus (mesmo agora, que a clientela escasseia) disposta a celebrar as núpcias de uma mulher caída em desgraça, como a Gillian. Eu próprio sondei uma ou duas basílicas possíveis e recebi respostas claramente secas. Então, a Gillian meteu mãos à obra e convenceu um dos recalcitrantes pilotos do céu. Que núncio apostólico me saiu aquela rapariga! Vejam a maneira como convenceu o Stuart a portar-se qual perfeito cavalheiro, apesar de todas as provas históricas em contrário. A princípio, comportou-se como uma verdadeira criaturinha das cavernas, sempre que era pronunciada a palavra divórcio; mas a Gillian persuadiu-o e levou-o a concordar. Não é aliás um dos capítulos da história universal que me agrade particularmente recordar: a Gillian ainda tempos infindos com o primeiro marido; a Gillian com o estúdio em casa do pm, mesmo depois de ter deixado o dito pm; o Oliver banido do estúdio; o Oliver obrigado real e *temporariamente* a optar pelo imobilismo. Nem sequer um lugar no banco de trás do automóvel: fechado na mala com o pneu sobresselente e um velho mapa de estradas por única companhia.

Mas esse período terminou. A reversibilidade (a esplendorosa palavra de ordem da profissão da minha mulher) produziu os seus efeitos na esfera doméstica. A Gillian e o Oliver tornaram-se uma

unidade singular tributável e a visão do *time-sharing* em Marbella foi definitivamente banida. O pilriteiro que ladeava o portão do cemitério foi acossado pelo vento até deixar cair os suaves *confetti* (*por favor, não queremos os que vêm embalados em caixas*) e *la belle-mère* encarregou-se da parte Cartier-Bresson, depois de eu lhe explicar que, segundo os pioneiros da fotografia, o instrumento de uma maneira geral funciona melhor quando se lhe retira a tampa que protege a lente. Lá debandámos então de excelente humor até Al Giardinetto, e prometi à Gillian que não chamava Al ao patrão porque, sinceramente, era uma piada que hoje em dia já só me divertia a mim.

O *prosecco* reclinava-se, indolente, nos baldes de gelo. Tinha de ser um almoço memorável (não uma mixórdia paga com cartão de crédito) e não íamos pedir champanhe francês num restaurante italiano. Discutimos as excentricidades do pastor e as extravagâncias — do latim *vagari*, que significa errar, vaguear — do itinerário de sentido único que vai da igreja ao Giardinetto. Chegou então o primeiro prato de *spaghetti neri alle vongole* e anulámos com um simples gracejo a censura de que a escolha do Ollie parecia mais fúnebre do que nupcial:

— *Maman* — disse (porque fora esta a solução que eu encontrara para o problema do vocativo) —, *maman*, não se esqueça de que nos casamentos bretões era costume ornar a igreja de negro. — Mas logo, mal o garfo levou à boca o *primo piatto*, a discórdia se evaporou. Comecei a nadar em felicidade, como um longo, flexível, inquebrável fio de massa. E foi então que avistei o sacaninha.

Deixem que vos descreva a cena. Éramos dez pessoas (quem, oh, só uns quantos *amici* e *cognoscenti* escolhidos a dedo) ao fundo do restaurante, a uma mesa comprida numa espécie de privado — tinha um quê de última ceia de Veronese — enquanto cá em baixo a ralé dos comensais se esforçava por fingir uma delicada indiferença para com o festivo banquete nupcial. (Tão inglês! Não se misturar com a alegria de ninguém, não os saudar do outro extremo do restaurante, fingir simplesmente que ninguém se casou, a menos que façam demasiado barulho e então já podemos *queixar-nos*...) Por isso passei discretamente em revista aqueles rostos abatidos e quem vejo, descaradamente sentado à nossa frente? O delicado primeiro marido,

ali sentado, sozinho, a fingir que lia um livro. Estratagemas engraçados, diga-se de passagem. O Stuart a ler um livro? Teria passado mais despercebido de pé em cima da cadeira, a acenar-nos lá do alto.

Ergui-me ligeiramente do assento, apesar da tentativa da mão da noiva para me deter, dirigi-me ao ex-marido da minha nova mulher e instruí-o amavelmente para que desse à sola. Ele evitava olhar-me de frente. Não tirava os olhos da inevitável lasanha, que estivera inutilmente a torturar com o garfo.

— É um sítio público — retorquiu em voz fraca.

— Por isso te peço que saias — repliquei. — Se fosse privado, poupava a cortesia da palavra. A esta hora já estavas feito em postas em cima do passeio. Estavas dentro dum contentor com o lixo.

Devia estar a fazer muito barulho, porque o gerente, o Dino, apareceu nesse momento.

— Al — disse, voltando ao meu velho tom trocista —, está aqui uma coisa que faz mal à vista. Houve um acidente de tráfego na vossa *trattoria*. Levem-mo daqui, por favor!

Pois sabem que não quis? Recusou-se a expulsar o Stuart. Começou mesmo a certa altura a defendê-lo. De modo que, em vez de perturbar mais o sossego, voltei para a mesa, onde o *spaghetti* escuro me soube a cinzas. Expliquei os aspetos técnicos da legislação dos restaurantes britânicos, segundo a qual uma dúzia de clientes felizes e magnânimos se veem impedidos de se divertirem tranquilamente (não me venham falar em proteger os desfavorecidos da sorte!) e decidimos todos concentrar-nos na felicidade imediata.

— Ah — disse eu, voltando-me para a Gill —, não sabia que o teu segundo nome era Felicity — e todos riram, se bem que o Ollie tivesse a sensação de estar a subir uma encosta com a mudança mal metida. E, apesar do resplandecente *pesce spada al salmoriglio*, a nossa atenção lá tornava ao malfadado Stuart, que prosseguia a leitura com um dedo gordo a contorcer-se sobre a página (Kafka não era de certeza) e se esforçava em vão, enquanto lia, por não mexer os lábios besuntados de lasanha. Porque é que a língua é inevitavelmente atraída para a cavidade onde falta um dente, porque é que se recusa a obedecer à vontade e procura a zona rugosa e se esfrega nela como uma vaca contra um poste? O Stuart era a nossa zona rugosa, a nossa súbita

carie. Como podíamos, apesar de todo o júbilo exterior, estar verdadeiramente alegres?

Aconselharam-me a ignorá-lo. Os ocupantes das outras mesas começaram a sair, o que tornava ainda mais visível o primeiro marido da minha mulher. Uma espiral de fumo de cigarro erguia-se no ar, sobre a mesa dele. Sinais de fumo lançados pelo abandonado guerreiro à sua *squaw* perdida. Eu, pela minha parte, renunciei ao tabaco. É um hábito estúpido, que encoraja a satisfação imoderada dos desejos. Mas é precisamente do que o Stuart precisa e o que agora quer — uma satisfação imoderada dos desejos. Por fim, ficámos só nós os dez no restaurante (cada um sentado diante de um *dolce* flamejante), mais um casal retardatário junto à janela e em vias de intentar, era evidente, um condimentado golpe de adultério *banlieusard*¹ — e o Stu. Quando me levantei, vi-o olhar para a nossa mesa com um ar nervoso e acender outro cigarro.

Fi-lo suar um pouco, ao prolongar uma volumosa micção no *gabinetto* crepuscular, e ao passar pela mesa dele com todo o vagar. Tencionava lançar-lhe um mero olhar condescendente mas, quando me aproximei, ele inspirou uma fumaça de rebentar com os pulmões, olhou-me a tremer, contemplou o cinzeiro, começou a deitar a cinza numa das reentrâncias, fitou-me de novo e pôs-se a chorar. E ficou ali sentado a fungar e a pingar como um radiador furado.

— Oh, Stu, por amor de Deus! — disse eu, tentando disfarçar a irritação. Começou então a resmungar qualquer coisa acerca de cigarros. Cigarros para aqui, cigarros para acolá. Olhei para o cinzeiro e vi que o pobre cretino tinha lá posto dois cigarros acesos ao mesmo tempo. Aquilo mostrava como estava bêbado e em que género de fumador *sem classe* se estava a tornar. Porquanto um mínimo de *panache* nicotínico está sempre ao alcance até do bronco mais viciado, se este assim desejar.

Estendi o braço e apaguei um dos dois cigarros que estavam acesos — só para fazer qualquer coisa, creio. Ergueu então para mim os olhos transtornados e desatou a rir como um perdido. Depois parou tão bruscamente como começara e pôs-se outra vez a choramingar. A visão de um Stuart lacrimajante não é das que mais desejaria improvos. Começou a gemer como um miudinho que acaba de perder um

monte de ursos em peluche. Chamei o Dino e perguntei-lhe o que tencionava fazer. Mas o Dino parecia entrincheirado contra a minha causa e veio com um discurso tremendamente latino, como se as demonstrações de desespero fizessem parte das curiosidades da *trattoria* e os clientes viessem de facto assistir a uma cena em que era o Stuart a *vedeta*. Começou a reconfortar o atormentado banqueiro e, vendo isso, pedi-lhe doze *grappas* duplas, caso tivesse ocasião de interromper o serviço voluntário de enfermagem e voltar à nossa mesa. Ora adivinhem! Tive um acolhimento glacial. Até parecia que era *eu* que o tinha feito chorar. Até parecia que era *eu* que estava a estragar a festa.

— Traz as malditas *grappas*, Dino — gritei. E eis que metade dos convivas, incluindo a desditosa noiva e a danada da minha sogra, me informaram que não gostavam de *grappa*. — E que importância tem? — berrei.

Nesse momento, já a situação era incontrolável. O pessoal do restaurante fazia um círculo em volta do Stuart como se fosse *ele* quem descobrira o local antes de mim, os convidados da boda refreavam os festejos, a mesa adúltera arregalava os olhos crédulos, as *grappas* continuavam avaramente retidas e o velho Ollie sentia-se tratado abaixo de cão. O engenho, no entanto, ainda não soçobrara e convenci um empregado a trazer-me uma toalha das maiores. Dois cabides para chapéus, mudados debaixo de protestos, algumas garrafas vazias a fazerem peso, dois golpes de faca bem aplicados na toalha, e pronto: um ecrã improvisado. Acabaram-se os amantes indiscretos, acabou-se o choramingas do Stuart e finalmente chegaram as *grappas*! Um triunfo estratégico do Ollie, que logo usou dos seus dons anedóticos, na tentativa de dar nova alma à festa.

Quase resultou. Parte do gelo começou a derreter. Todos decidiram dar uma ajudinha e divertirem-se. Ia a meio de uma das minhas histórias mais compridas e mais cómicas, quando se ouviu ao longe o ruído de uma cadeira a arrastar. Excelente, pensei, vai finalmente à vida. Mas, segundos depois, quando me lançava num dos meus crescendos anedóticos, a Gillian deu um grito. Deu um grito e desatou a chorar. Parecia que vira um fantasma. Olhava fixamente o alto do ecrã que eu tinha montado. Para onde estava a olhar? Só se via por

trás o estuque sombreado. As lágrimas dela pareciam não acabar, os canais lacrimais latejavam como artéria golpeada.

Ninguém quis ouvir o fim da minha história.

Gillian Um palhaço. Uma cabeça de nabo. Uma máscara de Halloween...

¹ «Suburbano.» (*N. da T.*)

Arrumar a casa



Stuart Vou-me embora. É o que me resta. Já não há aqui nada para mim.

Não consigo suportar três coisas.

Não consigo suportar que o meu casamento tenha falhado. Não, vamos lá ser precisos. Não consigo suportar que *eu* tenha falhado. Comecei de repente a reparar na maneira como as pessoas falam destas coisas. «O casamento falhou», dizem. «O casamento acabou», comentam. Ah, então o culpado foi o *casamento* ? Não existe isso de o «casamento», foi o que eu concluí. Só existimos eu e ela. Por isso, a culpa ou é minha ou é dela. E enquanto na época eu achava que a culpa era dela, agora sinto que é minha. Falhei com ela. E falhei comigo. Não a tornei de tal maneira feliz que lhe fosse impossível partir. Foi isso que eu não fiz. Por isso, falhei e sinto vergonha. Comparado com isto, o facto de poderem pensar que o meu pirilau não presta não me aflige nada.

Não consigo suportar o que aconteceu no casamento. O grito dela ecoa ainda no meu cérebro. Eu não queria estragar nada. Só queria estar lá, ver sem ser visto. Mas correu tudo mal. Como posso pedir desculpa? Só partindo.

Não consigo suportar que digam que querem ser meus amigos. Se não sentem isso, é hipocrisia. Se sentem, ainda é pior. Como podem dizer uma coisa dessas, depois de tudo o que aconteceu? Sou absolvido dos meus pecados, perdoam-me a colossal impertinência de me ter, por um breve instante, metido entre Romeu e Julieta. Vão-se os dois lixar. Eu não vou ser assim perdoado, *nem* vocês, ouviram? Mesmo que o não consiga suportar.

Por isso, vou-me embora.

A única pessoa que me vai fazer falta, curiosamente, é Mme. Wyatt. Foi sempre muito verdadeira comigo, desde o início. Telefonei-lhe ontem à noite a dizer que me ia embora e a desculpar-me pela maneira como me portei no casamento.

— Não pense nisso, Stuart — disse ela. — Até pode ter sido bom.

— O que quer dizer?

— Começando com um desastre, talvez não haja depois a tentação de olhar para trás e imaginar que era tudo perfeito.

— É uma filósofa, Mme. Wyatt, sabia?

Riu como nunca a ouvira rir.

— A sério — disse-lhe —, é uma mulher que sabe o que é a vida.

E isto, por qualquer razão, fê-la rir ainda mais. Percebi de repente que devia ter sido muito namorada quando era nova.

— Dê notícias, Stuart — acrescentou.

Foi muito simpática, não foi? Talvez faça isso mesmo.

Oliver É impossível não perceber, *de temps en temps*, que a vida tem o seu lado irónico, não acham? Eis Stuart, o alegre banqueiro (*I Banchieri Giocosi* — mas porque haverá tão poucas óperas sobre o tema, não percebo), baluarte diminuto mas convicto do capitalismo, defensor acérrimo da economia de mercado, campeão da anexação de sociedades, agente de compra e venda de empresas. E eis-me, liberal crédulo que vota à sorte, de olhos vendados, terno instrutor das artes da paz, alguém que instintivamente defende os fracos oprimidos pelos fortes, a baleia perseguida por toda a frota pesqueira nipónica, a húmida criazinha de foca *face* ao brutamontes estripador vestido com blusão de couro, a floresta tropical contra o desodorizante corporal. E, no entanto, quando os seguidores das duas filosofias rivais atentam nas questões do amor, um deles, subitamente, crê no mecenato e na comissão dos monopólios, enquanto o outro proclama a sabedoria das regras de mercado. Adivinhem quem.

E vale também para a brincadeira, para o dar à perna e para o agulhãozinho em tecido extensível, causador de tanta ansiedade. Os arroubos do coração, cantados por menestréis pequenos e grandes,

também vão dar ao sexo, é preciso não esquecer. Aqui tenho de conter pelo menos em parte o tom triunfalista, mas não podemos deixar de mencionar, com as devidas precauções que, quando o economista de mercado se torna patrocinador, talvez seja porque se dá conta de que a *mercadoria não está à altura*. E fazer só às vezes *tchg-a-tchg* como uma caixa de cereais não faz a *innamorata* vibrar até o sol se pôr. Há alturas em que é preciso o relâmpago a incendiar em pleno verão um céu subsariano. Quem escolheria a maquete de avião com propulsor de plástico e cabo de borracha, quando no firmamento ainda há estrelas-cadentes? O que distingue a raça humana dos outros animais não é a capacidade de *aspirar* a algo mais?

Mas se, necessariamente, nos assemelhamos ao assassino de focas quando se trata de amor, se o caçador de baleias japonês que existe em nós tem de cruzar os mares do Sul para executar a sua missão, isso não implica que continuemos a comportar-nos barbaramente quando voltamos ao porto. Pobre Stuart — continuo a estender-lhe a mão da amizade. Telefonei-lhe, aliás. Lá estava eu, com a cicatriz do nosso pequeno *contretemps* ainda na cara (mas estava bem: ali eu era Ollie, o duelista desenvolto, e não Oliver Russell, praticamente no desemprego e vítima de um crime) a tentar, com falinhas mansas, fazê-lo voltar à normalidade.

— Olá, é o Oliver.

Houve uma pausa, cuja duração média tornou a interpretação difícil, seguida de uma expressão bem menos ambígua:

— Vai-te foder, Oliver.

— Ouve...

— Vai-te foder.

— Eu posso imaginar...

— ele, como se fosse *eu* que lhe tivesse estragado a boda. O Velho Marinheiro não guardava ressentimento ao Stu por ele ter aparecido à porta da igreja e por nos ter depois seguido até ao restaurante. Eu é que o devia ter mandado prender. Senhor agente, vê aquele vadio, aquela antiguidade rara? Tem-nos andado a moer, tudo por causa de uma gaivota que abateram. Ponha-o daqui a andar, faça favor, ou, de preferência, arranje-lhe uma pernoita em Newgate, pela felicidade de Sua Majestade.

Mas não o fiz, mostrei-me razoável, e vejam a paga que recebo. Uma data de vai-te-foderes a conta-gotas, como uma dose de Otagan. Parecia tanto mais grosseiro, quanto o instrumento usado para a transmissão das repetidas imprecações outro não era senão o telefone portátil preto-baço, incrustado a couro, que eu utilizara para me declarar à mulher dele. Tivesse o meu amigo ficado mais tempo em linha e teria com ele partilhado tão curiosa ironia.

É claro que não marquei o número do Stuart — o número *dela* ! Carreguei só no botão número 1, que tem memória, por iniciativa própria. Às vezes a magnanimidade requer uma *accoucheuse*. A Gillian é que me sugeriu que telefonasse.

Não se enganem a respeito da Gillian, já agora. Não que eu faça a mínima ideia do diapositivo a cores que põem contra a luz, quando sonham com ela. Mas ela é mais forte do que eu. Isso, eu sempre soube.

E gosto. Atem-me com cordas de seda, *por favor*.

Gillian O Oliver disse que o Stuart não quis falar com ele. Também tentei telefonar-lhe. Ele atendeu. Eu disse:

— É a Gillian. — Ouviu-se um suspiro, e desligou-me o telefone. Não posso censurá-lo, pois não?

O Stuart comprou a minha metade da casa. A divisão dos bens e do dinheiro foi justa. Sabem o que ele fez? Foi uma das coisas que me surpreenderam. Quando concordámos com o divórcio (quando concordámos que ele me daria o divórcio, para ser mais precisa), eu disse que detestava a ideia de ver entrar os advogados para decidirem da partilha, que já era suficientemente doloroso e que os advogados iam agravar tudo, a querer que disputássemos até o último centavo. E sabem qual foi a resposta do Stuart? Disse assim:

— Porque é que não pedimos a Mme. Wyatt que decida?

— À *maman*?

— Confio mais nela do que em qualquer dos advogados que conheci na vida.

Não é extraordinário? Assim fizemos e os advogados foram informados de que chegáramos a acordo. Então, o tribunal concedeu o

divórcio.

Outra coisa. A separação não teve nada a ver com sexo, apesar do que possam imaginar. Não vou entrar em pormenores, digo só isto. Se alguém (ele ou ela) pensa que não domina completamente a técnica de fazer amor, é provável que tente melhorar, não é verdade? E se, pelo contrário, ele (ou ela) acha que está tudo resolvido, então ele (ou ela) pode cair na preguiça ou até na presunção. E assim, para a outra pessoa, a diferença pode não ser muito grande. Principalmente, se o mais importante é serem quem são.

Depois de eu sair, o Stuart deixou-me ficar com o estúdio. Recusou, além disso, que lhe pagasse renda. O Oliver não gostou. Dizia que o Stuart podia assediar-me. É claro que não o fez.

Aquando da divisão de bens, o Stuart insistiu para que eu ficasse com os copos que a *maman* nos deu. Ou com o que restava deles. Havia meia dúzia e agora são só três. É engraçado, não me lembro de ter partido nenhum.

Mme. Wyatt Lamento o incidente com o vestido de casamento. Não era minha intenção aborrecer a Gillian, mas realmente era absurda a ideia dela. Mais do que absurda, era imbecil. Casar duas vezes usando o mesmo fato — onde é que já se viu? Por isso, às vezes é necessário que uma mãe se comporte como mãe.

O casamento foi um *désastre*. Não é exagero dizer que tudo correu mal. Não pude deixar de reparar que o champanhe não era de Champagne. Começámos com uma comida negra, mais adequada a um enterro. Depois houve o problema com o Stuart. Um desastre total. E finalmente o Oliver insiste em pedir um *digestif* italiano, uma coisa das que se esfregam no peito das crianças, quando estão doentes. Mas engoli-la? Isso nunca. Um desastre, digo-vos.

Val Eu cá dou um ano. A sério. Até aposto a dinheiro. Quanto é que querem? Dez, cinquenta, cem? Dou um ano.

Se o Stuart, que é o protótipo do marido ideal, só durou tão pouco tempo com a lambisgoia castradora, que sorte terá o Oliver, que não

tem dinheiro nem planos e no fundo é homossexual? Quanto tempo durará o casamento, a partir do momento em que ele lhe começar a chamar Stuart na cama?

Só mais uma coisa...

Oliver & Stuart Fora.

Tirem daqui essa cadela.

Vai.

Fora.

Fora.

FORA.

Val Não podem tratar-me assim. Vocês não podem deixar que eles me tratem assim. Tenho tanto direito como...

Oliver & Stuart Fora. É ela ou nós. Fora, cadela. fora. Ou ela ou nós.

Val Sabem que isto é contra todas as regras?

Quero dizer, já se deram conta do que estão aqui a fazer? Sabem quais podem ser as consequências? Já pensaram nisso? É o poder na mão das personagens. Eh, *você*, não é você que dirige a esgrouviada da equipa?

Oliver Stu, tens um lenço?

Val Não veem o que se passa? Isto é um desafio descarado à vossa autoridade. Ajudem-me, peço-vos. Se me ajudarem, conto-vos tudo sobre as gaitas deles.

Oliver Eu agarro-a e tu amordaça-la.

Stuart Está bem.

Val Vocês são patéticos, sabiam? Os dois. *Pa-té-ti-cos.*

Stuart...

Ol.....

Oliver Uf! Foi um gozo. Valda vencida. Uf! Stuart, olha...

Stuart NÃO.

Oliver Foi tal qual como nos velhos tempos, hein? Como nos velhos tempos. Lembras-te? *Jules e Jim?*

Stuart Vai-te foder, Oliver.

Oliver Quando recuperar o lenço, queres que to mande?

Stuart Vai-te foder, Oliver.

Se voltas a abrir a boca...

Vai-te mas é foder.

Oliver Estive a ler as memórias de Shostakovich. As acima mencionadas palhaçadas melodramáticas da Valda fizeram-me lembrar a primeira página, em que o compositor promete que vai tentar dizer só a verdade. Conheceu muitas pessoas extraordinárias e

assistiu a muitos acontecimentos importantes. Vai tentar evocá-los de uma maneira honesta, sem nada falsear nem acrescentar: será o depoimento de uma testemunha ocular. Muito bem. Após o que o desconhecido crítico continua, e passo a citar: «Mas temos um provérbio que diz: “Ele mente como uma testemunha ocular.”»

Define perfeitamente a Val. Ela mente como uma testemunha ocular.

Mais uma nota de rodapé. Ou melhor, algo que o Stuart poderia ter gostado de discutir, se estivesse disposto a isso. Shostakovich diz acerca da sua ópera *Lady Macbeth*: «Trata também do que poderia ser o amor, se o mundo não estivesse tão cheio de coisas vis. É o lado vil que destrói o amor. E as leis, os bens materiais, as preocupações financeiras e o estado policial. Se as circunstâncias fossem outras, o amor teria sido diferente.» É claro. As circunstâncias alteram o amor. E então as circunstâncias extremas, como o terror estalinista? Shostakovich continua: «Todos pareciam preocupados com o que ia acontecer ao amor. Penso que há de ser sempre assim, parece sempre que o amor chegou ao fim.»

Imaginem a morte do amor. Pode acontecer. Tive vontade de dizer ao Stuart: sabes a tese de doutoramento que te apresentei, sobre o amor e as forças de mercado? Olha, não tinha a certeza de ter razão, era só uma rábula. Agora vejo que descobri uma coisa importante. «Se as circunstâncias fossem outras, o amor teria sido diferente.» É verdade, mesmo verdade. E pensamos tão pouco nisso! A morte do amor: é possível, é imaginável e é-me insuportável. «Cadete Russell, por que razão quer alistar-se?» «Porque quero tornar o mundo mais seguro para o amor. E é a sério, *sir*, não estou a brincar!»

Mrs. Dyer Gostei de ter cá aquele rapaz. É certo que contava histórias do arco da velha, e ainda não recebi a renda das duas últimas semanas, que prometeu mandar-me.

Aqui para nós, devia ter uma pancadita. Falava sozinho no quarto. E contava aquelas petas. Não me parecia que andasse a escrever para os filmes. E nunca estacionava o carro aqui na rua. Acham que tinha sida? Dizem que as pessoas ficam amalucadas. Pode ser essa a

explicação. Mesmo assim, era um rapaz muito simpático.

Quando se despediu, perguntou-me se podia cortar um pedacinho da árvore que está lá fora. Disse que era uma recordação. E lá foi, com um ramito de araucária na mão.

Gillian O Stuart vai-se embora. Tenho a certeza de que é uma boa decisão. Às vezes penso que devíamos fazer o mesmo. O Oliver está sempre a dizer que vai começar de novo, mas continuamos a viver na mesma cidade, com os mesmos empregos. O melhor era irmos mesmo.

Oliver O teste deu negativo, é óbvio. Eu já sabia. Não estavam preocupados comigo, pois não? *Mes excuses*. Estou sensibilizado. Se me tivesse ocorrido, ter-vos-ia dito assim que soube.

Mme. Wyatt Perguntam-me o que penso deles, do Stuart e do Oliver, qual é que prefiro. Mas eu não sou a Gillian, e a quem isso interessa é a ela. Disse-me:

— Eu julgava que sabia o que é ser amada. Não sabia o que é ser adorada.

— Então — disse-lhe eu —, porque fazes essa cara? — Como dizem os ingleses, o vento pode mudar quando se faz má cara.

As coisas também nunca acontecem como se espera. Tenho alguns preconceitos, como qualquer mãe. Quando conheci o Stuart, e depois quando se casaram, pensei: não ouses fazer mal à minha filha! O Stuart costumava sentar-se à minha frente, como se estivesse a ser examinado por um médico, um mestre-escola ou alguém do género. Lembro-me de que trazia sempre os sapatos muito bem engraxados e, quando pensava que eu não estava a ver, deitava-lhes uma olhadela para ver se não se tinham sujado. Queria tanto agradar-me, que eu gostasse dele! Sensibilizava-me, mas eu resistia. Agora gostas dela, sim, és muito bem-educado comigo e engraxas os sapatos mas, se não te importas, prefiro esperar uns anos. Quando perguntaram a Chu En-Lai o que pensava do efeito da Revolução Francesa na história do

mundo, ele respondeu: «Ainda é cedo para saber.» Pois eu fui assim com o Stuart. Vi nele um jovem honesto, talvez um pouco insípido, mas que ganhava dinheiro suficiente para tratar bem a Gillian, o que já era um bom começo. Mas quando o examinava melhor, chegava à conclusão de que era ainda muito cedo para saber e que o melhor seria voltarmos a falar daí a uns anos. Estou à espera, vou observando... Mas nunca, nem uma vez sequer, fiz a pergunta ao contrário: «E se fosse a minha filha a magoar o Stuart?» Por isso, a minha sabedoria não é assim tanta. Sou como aquelas fortalezas que têm todos os canhões apontados para o sítio de onde pensam que virá o inimigo, e ficam sem defesa quando ele vem pelas costas.

E agora temos o Oliver no lugar do Stuart e querem saber o que é que eu penso? O Oliver não acha que engraxar os sapatos seja a melhor maneira de me convencer a gostar dele. Pelo contrário, o Oliver comporta-se como se me fosse impossível não gostar dele. Age como se sempre nos tivéssemos conhecido. Dá-me conselhos sobre o tipo de peixe inglês que posso utilizar na *bouillabaisse*, para substituir o peixe mediterrânico que não encontro cá. (Nem me pergunta se gosto de *bouillabaisse*.) Acho que me faz uma espécie de namoro. E nem põe a hipótese de eu poder repudiá-lo por ter desfeito o casamento à minha filha. Ele quer (como hei de dizer?) que eu partilhe a felicidade dele. É estranho e muito comovente.

Sabem o que me disse no outro dia?

— *Maman* — declarou — chama-me assim, em vez de Mme. Wyatt, desde que desfez o casamento à minha filha, o que acho bastante singular. — *Maman*, porque não lhe arranjamos um marido?

A Gillian olhou para ele como se, dadas as circunstâncias, fosse a pior coisa que podia dizer, e se calhar era, mas eu não me importei. Disse-o num tom de galanteio, como a sugerir que teria sido ele a oferecer-se para o papel, se me tivesse conhecido antes de conhecer a minha filha. É preciso lata! Mas não fiquei nada aborrecida.

— Não penso voltar a casar — foi só o que eu disse.

— *Un œuf* é quanto basta? — retorquiu, e começou a rir da própria graça. Como se tivesse muita! A Gillian juntou-se a ele e riu como nunca a vi rir. Esqueceram que eu ali estava, o que, por acaso, nem foi nada má ideia.

Bem veem, não penso voltar a casar. Não digo que não volte a apaixonar-me, mas isso é outra história. Digam o que disserem, é uma coisa a que todos estão sujeitos, até ao fim da vida. Mas casamento... Vou contar-vos a conclusão a que cheguei, depois dos anos todos com o Gordon, anos que, apesar do que possam pensar, foram bastante felizes, ou tão felizes quanto os de qualquer outra pessoa, creio. A minha conclusão é esta: à medida que vivemos com outra pessoa, vai diminuindo a nossa capacidade de a tornar feliz, enquanto a capacidade de a fazer sofrer permanece intacta. E vice-versa, é claro.

Visão pessimista? Só temos obrigação de não parecer pessimistas aos olhos dos outros, não aos nossos. Ah, dirão vocês (o Oliver diria de certeza), isso foi com o Gordon, ele arrasou-a, não foi justo, mas vá lá, querida, só mais uma vez. Não foi só pela experiência de viver com o Gordon que tomei esta decisão: também vi outros casamentos. E digo-vos com toda a honestidade: há certas verdades com as quais podemos viver, se nos forem demonstradas uma vez. Dessa maneira não oprimem, deixam lugar a um ponto de interrogação. Mas se uma verdade é demonstrada duas vezes, então oprime e sufoca. Eu não suportaria que tal verdade fosse verdade duas vezes. Portanto, guardo distância da dita verdade e do casamento. *Un œuf* é quanto basta. O que é que vocês estão a dizer? Que sem partir ovos não se faz omelete. Então não quero omelete!



Stuart Se querem saber a minha opinião (e ultimamente tenho tido tempo para pensar), o amor, ou aquilo a que as pessoas chamam amor é um sistema para termos alguém a chamar-nos «querido» a seguir ao coito.

Passei um mau bocado depois d'Aquilo. Não fiquei desfeito. Não tive uma depressão. Não sou o género de pessoa que reage assim. Sei que provavelmente vou continuar, basicamente com o mesmo trabalho, certamente com a mesma personalidade e sem dúvida com o mesmo nome... (sou dos que não largam o nome, lembram-se?) até deixar de trabalhar e a idade começar a roer-me a personalidade e a morte me levar finalmente o nome. Mas Aquilo mudou-me. Não me amadureceu, não me fez crescer. Mas, na verdade, mudou-me.

Lembram-se dos meus pais, e de eu ter sempre a impressão de que os desiludia? Pensava que isso era só entre pais e filhos e que, com um bocado de sorte, até podia nem acontecer. Agora penso que é geral. A questão é só saber quem é que o faz e a quem. Por exemplo, quando Aquilo aconteceu e fomos todos apanhados na onda (agora vejo que não fui só eu), pensei que desiludira a Gillian. Pensei: pronto, lá começa outra vez, desiludi os meus pais de alguma maneira que não chegaram a explicar-me, e agora estou a desiludir a minha mulher de uma maneira diferente, mas igualmente inexplicável. E depois, um pouco mais tarde, comecei a entender que não era *eu* que a tinha desiludido a *ela*, que eram *eles* que me tinham desiludido a *mim*. A minha mulher desiludiu-me, o meu melhor amigo desiludiu-me, e só o meu temperamento e a minha malvada tendência para me sentir culpado é que me impediram de ver *isso*. *Eles* desiludiram-me a *mim*.

Por isso formulei um princípio. Não sei se percebem de rãguebi, mas há uns anos havia um aforismo célebre usado pelos jogadores: «Desforrem-se primeiro.» A vida que agora levo rege-se por este princípio: desilude-os primeiro. Desilude-os antes que te desiludam a ti.

O trabalho foi uma grande ajuda. Ao princípio era só um sítio aonde ir, algo que ainda respeitava. Possuía um sistema próprio e podia continuar indefinidamente sem mim; mas deixava-me sentar à frente do monitor e trabalhar com ele. Sentia gratidão para com o trabalho e o dinheiro, por poder fazer aquilo. Sentia-me mal, embebedava-me, é claro, e ficava revoltado, mas assim que me sentava à frente do dinheiro, acalmava. E sempre o respeitei. Nunca me embebedava na véspera de um dia de trabalho. Vestia sempre uma camisa lavada. Só me abandalhava à sexta-feira e ao sábado. Durante um certo tempo, era todas as sextas-feiras e todos os sábados. Mas na segunda-feira lá estava eu sentado, de camisa lavada e cabeça no lugar, a falar com o dinheiro.

E como aquilo era o que melhor sabia fazer na vida, progredia. Sabia cada vez mais. Nunca serei um tipo de grande envergadura, mas estou no meio. Não apostaria numa qualquer patacoada de milhões de dólares, longínqua, saudita e de alto risco. Seria o primeiro a desaconselhar uma coisa desse género. Serei sempre o tipo que diz: mais devagar, ainda não analisámos tudo, lembrem-se do que aconteceu ao Second City Bank na América, nos estados do milho. Sou muito bom a dizer coisas assim. Não podemos ser todos vendedores ilegais arreados à malandro, que sacam o deles quando o vento está de feição e que aos vinte e cinco anos estão queimados. E assim, quando o banco abriu mais dependências nos Estados Unidos, mandaram-me para Washington, na qualidade de colaborador de nível médio, mas sensato. É onde estou agora.

E o dinheiro também ajudou. Eu respeitava o dinheiro e o dinheiro retribuiu-me, o dinheiro veio em meu auxílio. Lembro-me da primeira vez em que o dinheiro me ajudou. Foi pouco depois de a minha ex-mulher e o meu ex-melhor amigo me infligirem a última e definitiva desilusão, casando um com o outro. Foi um mau período, como podem calcular. Foi um período em que não conseguia confiar muito nas

peessoas, nem nas coisas mais simples. Como podia saber que alguém não esperava simplesmente cativar-me, para me apunhalar depois com a pior desilusão?

Um dia, mais precisamente uma tarde, decidi que ia engatar alguém. Além de tudo o que me tinha feito, a Gillian fizera-me perder o gosto pelo sexo. O que eu *queria* não era sexo, quando decidi agir. O que queria era lutar contra o que me haviam feito. Por isso pensei: como é que vou fazer? Então lembrei-me de que, aos olhos do mundo exterior, eu parecia um homem de negócios de fato e gravata, e decidi comportar-me como tal. Era um sábado à tarde. Fiz a mala, apanhei um táxi até um hotel de Bayswater, pedi um quarto, saí para comprar uma revista das que costumam ler os homens de negócios e voltei para o hotel.

Passei em revista os anúncios e optei finalmente por uma organização que oferecia Raparigas Sofisticadas, Massagistas ou Acompanhantes, à Disposição no vosso Hotel. Aceitam-se cartões de crédito. Parei na história do cartão de crédito. Seria boa ideia? Não pensara em tal possibilidade — mas sim, vinha prevenido com um montão de dinheiro. Se calhar queriam o nosso número do cartão de crédito para fazerem chantagem! Mas, em toda a face da Terra, eu devo ser das pessoas menos vulneráveis à chantagem. Não tenho família de quem queira esconder nada. E se o banco descobrisse? Provavelmente só poriam obstáculo se usasse um cartão de crédito que eles não aprovassem, com uma taxa de juro que pusesse em dúvida a minha competência profissional.

Depois, de repente, enquanto fazia a chamada, tive um ataque de pânico. E se mandavam uma rapariga parecida com a Gillian? Seria um balde de água fria. Por isso, quando me perguntaram se tinha em mente algum tipo especial de acompanhante, perguntei se não haveria por acaso uma oriental. Mandaram-me uma tal Linda. Ou melhor, uma rapariga que dizia chamar-se Linda. Custava cem libras. Era o preço dela, era o que o dinheiro podia comprar. Não vou entrar em pormenores, porque não sou o género de pessoa que entra em pormenores dessa espécie, mas valeu bem cada centavo. Sabia o que fazia. Não me apetecia sexo, como vos disse, decidi só que queria, por uma questão de princípio; mas depressa tive vontade e fiquei

satisfeito. Depois de ela sair, olhei para o recibo do cartão de crédito, para ver o que escrevera no espaço destinado à descrição e quantidade dos artigos. Escrevera: «Bens de consumo.» Só isso. «Bens de consumo.»

Às vezes põem coisas divertidas, como «Artigos de Manutenção» e às vezes não põem nada ou põem aquilo que nós queremos; mas hei de sempre lembrar-me do que a Linda escreveu: «Bens de Consumo.» E porque não? Foi um acordo, uma troca comercial. Desde então tem havido mais raparigas como a Linda, algumas delas também chamadas Linda. Parece haver um tipo de nomes que se ajusta a estas raparigas: encontrei uma data de Lindas e Kims e Kellys e Lorraines e Linzis. Mas não conheci muitas Emmas nem Charlottes neste tipo de ocupação. Outro lado positivo da profissão é que, quando escolhem um nome, raramente pensam que o homem de negócios de fato cinzento, equipado com o impaciente cartão de crédito, deseja que se chamem Gillian. Acho que isso eu não suportava. Houve só uma vez uma rapariga (em Manchester, creio) que disse que se chamava Jill.

— Como é que se escreve? — perguntei. Estava a tirar o cartão de crédito da carteira e fiquei gelado.

— O que é que quer dizer? — Fez um ar um bocado agastado, como se eu quisesse aferir-lhe a inteligência, antes de a contratar.

— Como é que se escreve... com J ou com G?

— J, naturalmente.

Naturalmente.

Gosto de estar na América. É perfeito, ser estrangeiro na América. Quer dizer, estrangeiro de língua inglesa. E inglês, para mais. Os americanos são muito dados... como já foi dito milhões de vezes, e os que conheço são simpáticos comigo mas, se se tornam demasiado familiares e eu recuo, atribuem-no simplesmente ao facto de eu ser inglês. Pensam que sou só um pouco reservado, um pouco inibido, e isso dá-me um jeitão. Recuo... desiludo-os primeiro.

E as raparigas também são boas. As profissionais, entenda-se. As Shelleys e as Marlenes. Cá deste lado do mar, na profissão, também não há Emmas nem Charlottes. E Gillians também não. Pelo menos com G.

Se calhar vocês agora já não gostam muito de mim. Se calhar

nunca gostaram. Mas não faz mal. Já não me interessa. Não quero dizer que tencione transformar-me num déspota feroz, sempre com merdas — nunca sou deliberadamente mau para as pessoas, não está nos meus hábitos. Mas já me interessa muitíssimo menos se as pessoas gostam ou não de mim. Costumava fazer muita coisa para lhes agradar, para que me aceitassem. Hoje em dia acho que me é indiferente, de uma maneira ou de outra. Por exemplo, voltei a usar óculos. Comecei a usar lentes de contacto, porque pensei que assim a Gillian gostaria mais de mim.

Uma das primeiras coisas que nos dizem acerca do dinheiro é que ele é ilusório. É uma noção. Quando se dá a alguém uma nota de dólar, ela não «vale» um dólar («vale» um pedacito de papel e uma pequena quantidade de tinta), mas toda a gente concorda, toda a gente partilha a ilusão de que a nota vale um dólar, e por isso vale. Todo o dinheiro do mundo só vale o que vale porque as pessoas alimentam a mesma ilusão acerca dele. Porquê o ouro, porquê a platina? Porque todos concordam em lhes atribuir esse valor. E assim por diante.

Estão a ver onde quero chegar. A outra ilusão do mundo, a outra coisa que só existe porque toda a gente concorda em lhe dar um certo valor é o amor. Podem considerar-me um observador parcial, mas é a minha conclusão. Vi as coisas de perto, acreditem. Já me esfregaram com o amor na cara, já, muito obrigado. Já meti o nariz tão juntinho ao amor, como quando chego ao pé do computador para lhe falar de dinheiro. E parece-me que há comparações que têm de ser feitas. O amor é só o que as pessoas querem que seja, a noção de valor que aceitam dar-lhe. Hoje em dia é considerado um bem de consumo por quase toda a gente. Por mim não. Acho que o amor está cotado artificialmente, acima do seu valor. Um dia destes, vai à bancarrota.

O Oliver costumava andar com um livro chamado *As Consolações da Filosofia*.

— Tão, mas tão consolador — costumava arrulhar em tom pretensioso e dava ao livro umas palmadinhas paternalistas. Nunca o vi a lê-lo. Talvez lhe agradasse só o título. Mas quem conhece hoje o título do livro, na versão recente, sou eu. Chama-se «As Consolações do Dinheiro». E acreditem que são consolações muito compensadoras.

As pessoas acham-me mais interessante, agora que tenho mais dinheiro. Não sei se realmente serei (sem dúvida que não), mas elas acham que sim. É uma consolação. Gosto de comprar coisas e ter coisas, e deitá-las fora quando já não gosto. Comprei uma torradeira no outro dia e ao fim de uma semana não gostei dela, por isso deitei-a fora. É uma consolação. Gosto de ter pessoas a fazerem os trabalhos que eu não gosto de fazer — lavar o carro, limpar o apartamento, fazer as compras. É uma consolação. Se tenho muito menos dinheiro do que algumas pessoas com quem lido, tenho muito mais dinheiro do que muitas pessoas com quem lido. É uma consolação. E se continuar a ganhá-lo a este ritmo e souber investir bem, poderei viver confortavelmente desde a data da reforma até à morte. O dinheiro consola muito mais do que a filosofia, no que respeita às preocupações da existência.

Sou materialista. Que mais se pode ser, se não se for monge budista? Os dois grandes credos que dominaram o mundo neste século (capitalismo e comunismo) são ambos materialistas; um teve mais sucesso do que o outro, como provam os acontecimentos recentes. O homem gosta dos bens de consumo, sempre gostou e há de gostar. Bem podemos habituar-nos a essa ideia. E o amor ao dinheiro não é a raiz de todos os males, é simplesmente o ponto de partida para a felicidade da maioria das pessoas, da consolação da maioria das pessoas. É de muito mais *confiança* que o amor.

O que vemos é o que obtemos. O que obtemos é o que compramos. É a regra no mundo da Kim, da Kelly, da Shelley e da Marlene. Não quero dizer que não haja enganar. É claro que os há, como há raparigas com doenças e raparigas que acabamos por descobrir que são rapazes; é como qualquer outro negócio, há fraudes e compras más. Mas se formos ter com as pessoas certas e pagarmos o preço certo, conseguimos o que queremos. Com confiança e profissionalismo. Gosto dos códigos que elas usam. Em que posso ser útil? Tem alguma ideia? Pretende alguma coisa em especial? Com alguns clientes poderá haver negociações prolongadas, antes do tinir metálico da máquina dos cartões de crédito, que elas trazem na mala com os preservativos. Mas comigo o negócio é simples. Quando me perguntam se quero alguma coisa em especial, nunca as quero com

bibes de escola, nem chicotes, nem sei lá que mais. Digo-lhes simplesmente que quero que no fim me chamem Querido.

Só uma vez e pronto. Nada mais.

Tenho amigos. Não me julguem mal. Trabalho, trabalho a sério e ganho o meu dinheiro. Moro num apartamento simpático, não muito longe de Dupont Circle. Tenho amigos, homens e mulheres, com quem passo bastante tempo; tenho com eles a intimidade que quero e não mais. Ser sempre o primeiro a desiludir. E também já tive namoradas, aqui. Fui para a cama com algumas e algumas chamaram-me Querido, antes, depois e durante. Gosto, claro, mas não me fio. O único Querido em que confio é aquele que paguei.

Não me considero particularmente tendencioso ou cínico ou desiludido ou lá o que for, só acho que vejo as coisas mais claramente do que via antes. O amor e o dinheiro são dois grandes hologramas que cintilam à nossa frente, virando-se e contorcendo-se como autênticos corpos tridimensionais. Estendemos o braço e a mão passa através deles, como se não estivessem lá. Soube sempre que o dinheiro é uma invenção e que tem poderes limitados mas maravilhosos. Não sabia que o amor era igual. Não sabia que se podia passar a mão para o outro lado. Agora sei e é melhor.

De certo modo, percebi a ilação que o Oliver tentava insultuosamente explicar-me, quando estávamos ambos bêbados e eu lhe dei a cabeçada. O amor opera segundo as regras da economia de mercado, dizia, como justificação para roubar a minha mulher. Agora, um pouco mais velho e mais sagaz, começo a estar de acordo: o amor possui muitos dos atributos do dinheiro.

Não significa que lhes tenha perdoado terem-me feito Aquilo. Também não é assunto encerrado, diga-se. Ainda não acabou. Não sei o que é preciso fazer, como ou quando. Tenho de livrar-me... Mas como?

Quanto a mim, há dois sistemas. Pague agora ou pague depois. O pague agora funciona como acabei de descrever — e funciona de maneira muito eficaz, desde que se tomem as necessárias precauções económicas. O pague depois chama-se amor. Não me surpreende que as pessoas escolham geralmente o pague depois. Todos gostamos de comprar a prestações. Mas raramente lemos a pequena nota

explicativa, quando fechamos negócio. Nunca pensamos nas taxas de juro. Nunca calculamos quanto, feitas as contas, nos irá custar. Eu prefiro pagar agora.

As pessoas dizem-me às vezes, quando lhes explico a minha maneira de ver: Compreendo o seu ponto de vista. Deve tornar tudo mais simples. Mas o problema de comprar sexo (estamos, é claro, geralmente já bêbados quando ocorrem tais conversas), o problema de comprar sexo — dizem com autoridade, eles que nunca na vida compraram sexo — é que as prostitutas não beijam. Dizem-no com tristeza e pensam com ternura nas mulheres, que beijam (mas quem, *que outro*, apetece-me perguntar). Faço que sim com a cabeça e não me canso a contradizê-los. As pessoas têm ideias tão sentimentais sobre as prostitutas! Pensam que elas se limitam a simular o amor e se ocultam depois atrás de um biombo de modéstia, poupando os beijos e os corações para o bem-amado. Bom, pode haver nisso algo de verdade. Mas as prostitutas não beijam? É claro que beijam. Só temos de lhes pagar. Pensem só nos sítios onde aceitam pôr os lábios em troca de dinheiro.

Não quero a vossa piedade. Sei mais do que sabia e já não podem olhar-me de alto com tanta facilidade. Podem não gostar de mim (se calhar nunca gostaram). Mas, como vos disse, a ideia de gostarem de mim já não me importa.

O dinheiro não compra o amor? Ah, compra. E, como também vos disse, o amor não passa de um sistema para termos alguém a chamar-nos «querido» a seguir ao coito.

Sont fous, les anglais

Gordon O meu nome é Gordon. Não, não é natural que me conheçam. Gordon Wyatt. Diz-vos alguma coisa?

Não devia falar convosco, de certeza que é contra as regras. Afinal, já sabem o que pensam de mim, não é? Velho sujo, debochado, sedutor de miúdas, capaz de abandonar a mulher e a criança... Um tipo não pode esperar que o ouçam, com tais rótulos.

Pormenores passíveis de fazer reabrir o caso Gordon Wyatt, há muito condenado em tribunal de guerra e enviado para as minas de sal:

1) Era muito divertida quando nos conhecemos, a Marie-Christine. Casei com ela, trouxe-a para Inglaterra. Teve uma ligação um ano depois do casamento. Julgou que eu não percebi. Claro que percebi. Levei um abanão, mas ultrapassei. Desconfiei que teve outro caso depois de a Gillian nascer, não tive a certeza. Mas isso, eu também ultrapassava. O que não consegui ultrapassar foi a maneira como ela perdeu a graça. Ficou do estilo meia-idade antes de tempo, tinha *ideias* sobre tudo e mais alguma coisa. Horrível. Não condizia com ela... Estava sempre a ter *razão*, não sei se estão a ver.

2) Recusada pelo tribunal qualquer convivência com a filha, sob pretexto de delinquência do requerente em matéria de mulheres jovens (por amor de Deus, pensariam que tentara seduzir a minha própria filha?). Sucessivos pedidos pessoais de acesso, sempre recusados por Madame. Chegou a hora da decisão: vais continuar a tentar ver a tua filha, sabendo que está tudo contra ti (desprezo do

tribunal, magistrados, oficiais de diligências, etc.) e vais continuar a torturar-te na esperança, ou vais afastar-te de vez? E quanto à criança? Será melhor deixá-la pensar que há algures um Alguém Possível ou um Ninguém Definitivo? Não foi fácil.

3) Acima de tudo, não tolero que caluniem a minha mulher. Não a «seduzi» nem ela fez papel de Lolita em relação a mim. Conhecemo-nos (fora da escola, aliás) e pronto, aconteceu. Não houve nada a fazer. Continuámos sempre apaixonados, nunca discutimos, temos duas crianças fantásticas. É claro que foi difícil encontrar noutro sítio trabalho como professor. Aguentei-me durante um tempo com trabalhos de tradução, que às vezes ainda faço. Mas a Christine é quem ganha o pão. Sou aquilo a que se chama «dono de casa». Senti-me logo como peixe na água, o que teria surpreendido bastante a Madame. Para ser franco, não percebo de que é que as mulheres se queixam. Adoro estar «enfiado em casa», como elas dizem.

Estão a tocar à porta. Prometi que nunca mais falava neste assunto. A Christine não gosta mesmo nada. Passado é passado, etc. e tal. Portanto, bico calado, se não se importam. Muito grato. E adeusinho.

Oliver Ando num Peugeot 403, que é uma antiguidade. Comprei-o a um camponês que já devia estar a ver-se num Toyota Land Cruiser. É de uma espécie de cinzento-esverdeado — já não se fazem cores assim, pelo menos para carros — e nos cantos é todo arredondado. O radiador tem uma grelha minúscula, como uma portinhola de cela. Muito retro. Também empana, o que às vezes não calha nada mal.

Todas as manhãs me sento ao volante, entre o ranger do couro antigo, e vou até Toulouse. Guio cuidadosamente na aldeia, por causa do cão de Monsieur Lagisquet. Não sei de que raça é, mas as características evidentes são: tamanho médio, cor castanha e ruidosa afabilidade. A característica menos evidente explicou-no-la Monsieur Lagisquet, da primeira vez que a Gill e eu fomos passear na aldeia e a língua de quatro patas se atirou a nós. «*Il est sourd*», disse-nos o proprietário, «*il n'entend pas*». Um cão surdo, meu Deus! Que triste! Mais que triste.

Imaginem, já não consegue ouvir o assobio flautado do dono.

Por isso guio com cuidado, acenando aos locais com a cabeça, como se pertencesse a um ramo menor da monarquia britânica. Passo pelo losango poeirento, que é ao mesmo tempo praça de aldeia e esplanada de café e onde um casal idoso toma o café matinal, em grandes chávenas com o slogan do *Choky*. Passo pelas botijas de gás à porta da loja de *alimentation* que tem, já sumidos, os anúncios de *brillantine* parfummée e suze na parede lateral. Os nomes, os nomes! Passo depois pelo *lavoir* abandonado, a seguir à pequena ponte — *où sont les blanchisseuses d'antan?*¹ — e faço-me à estrada principal, passando pela *Cave Coopérative*. Como a maior parte das aldeias aqui perto, a nossa tem dois castelos: o velho *château fort*, por cujas paredes em tempos correu sangue, e o novo, de aço inoxidável e brilhante, em que o sumo vermelho vem das uvas e não dos prisioneiros esmagados. As artes da guerra e as artes da paz! Deviam, penso eu, aproveitar melhor a analogia. Os silos reluzentes da *Cave Coopérative* encimados por torres satíricas em forma de pimenteiros, e frestas seteiras em *trompe l'œil* podiam ornamentar as brilhantes superfícies verticais.

Isto é que é vida, penso eu, enquanto corro pelos vinhedos. Um pouco de Cinsault, um nadinha de Mourvèdre, uma pitada de Malbec e um cheiro de Tempranillo: mistura-se, apura-se e toca a andar. De momento somos VDQS², com esperança de promoção.

Veem ali uma torrezinha — aquela coisa redonda, em pedra? Um depósito humilde e, no entanto, construído para resistir tanto à passagem dos anos como ao gorgulho do algodão. Não é impressionante? Encham as narinas de ar, vejam o falcão suspenso lá no céu. Não acham que isto é que é viver? Desculpem-me só um momento, enquanto aceno com um gesto real ao trabalhador de calça à jardineira, que está lá em baixo a dar de comer à pá. E eu que via sempre o lado negativo das coisas! Costumava dizer que a vida era como a invasão da Rússia: um começo fulgurante, um lúgubre afrouxar, uma terrível escaramuça com o General Inverno, e depois sangue na neve. Agora não vejo assim as coisas. Porque é que a estrada não há de ser tranquila e atravessar vinhas cheias de sol? Aqui é tudo tão alegre! Talvez seja afinal tão simples como o sol. Lembram-

se de quando foi descoberta a relação entre a depressão e o grau de iluminação doméstica? Aumentem a voltagem e poupem nas contas do psiquiatra! Porque não há de resultar também nos grandes espaços ao ar livre? Hoje em dia, o argumento climático aplica-se perfeitamente ao Ollie Feliz.

Levo mais ou menos uma hora a chegar a Toulouse pela A61, com a bruma matinal a humedecer os prados e a envolver as casas das quintas como gelo seco. Paro o 403 no pátio da escola e espalho *bons mots* como sementes de girassol, entre os alunos que me esperam. Andam tão bem vestidos e são tão *bonitos*. Tanto os rapazes como as raparigas. E querem aprender inglês! Não é espantoso? Sei que o pedagogo deve estimular os educandos com um contagioso desejo de aprender, mas o princípio é inaplicável quando deparamos com uma fila de labregos ensopados, numa ruela por trás de Edgware Road, a uma terça-feira de chuva. Aqui passa-se o inverso: são eles que me dão vontade de ensinar!

É o que faço, o dia todo. Às vezes, despreocupadamente, um *coup de rouge*³, com uma aluna que tem dificuldade em conjugar as várias formas do pretérito (não se passa o mesmo com todos nós?) e depois o vagaroso regresso a casa, pelo meio das vinhas. A cerca de dois quilómetros damos com o brilhar do aço da *Cave Coopérative*, sob o sol já baixo. Passo pela minha placa de sinalização preferida: route inondable. Que economia tão gaulesa! Em Inglaterra seria: perigo! estrada sujeita a inundação. Aqui é só: route inondable. Depois outra vez com muito cuidado atravessar a vila, para me lançar nos braços da minha mulher e da minha filha. Como me abraça a pequena Sal, a minha menina iridescente! Cola-se a mim como uma cortina de chuveiro molhada. Isto sim, é viver!

Gillian Agora oiçam-me. A *mim*.

Acho que o melhor é começar por fazer uma descrição da aldeia onde vivemos. É a sudeste de Toulouse, no departamento do Aude, na orla do Minervois, perto do *Canal du Midi*. A aldeia está rodeada de vinhedos, embora nem sempre assim tenha sido. Hoje, se dermos uma volta de carro pela região, podemos pensar que foi sempre igual,

porque parece tudo muito velho, mas não é verdade. Tudo mudou com a chegada do caminho de ferro. Antes disso, zonas como esta tinham de ser praticamente autossuficientes, do ponto de vista agrícola. Havia carneiros que davam a lã, gado leiteiro, algumas cabras, fruta, legumes, talvez girassóis para extrair óleo, grão-de-bico e tudo o mais. Mas o caminho de ferro mudou o perfil económico da região, nivelou-o, como fez em toda a parte. As pessoas deixaram de criar carneiros, porque a lã que chegava no comboio era mais barata do que aquela que produziam. A agricultura mista desapareceu. Há uma ou outra cabra num quintal, não vai além disso. Hoje toda a região é vinícola. E o que acontece quando outra região lança no mercado vinho melhor e mais barato, quando as nossas vinhas exploraram intensamente as suas possibilidades e já não conseguem competir? Não vamos morrer de fome, é claro, mas vamos ser metidos pelos economistas numa lista de euro-desempregados. Pagar-nos-ão para produzir vinho de que ninguém precisa, para o transformar depois em vinagre ou simplesmente deitá-lo fora. E isso será um novo empobrecimento, entendem? É triste.

As pequenas torres de pedra que se veem nos campos são vestígios de outrora. As pessoas pensam que são simples depósitos, mas dantes tinham velas: eram moinhos de vento e moíam o trigo que crescia nos campos em redor. Foram amputados, perderam as asas de borboleta. E viram o «castelo», à passagem pela vila? Todos lhe chamam «o castelo», hoje em dia, e o Oliver inventa histórias de bravura e azeite a ferver. É verdade que a região conheceu lutas, principalmente durante a rebelião dos Cátaros; e penso que os ingleses vieram até cá um ou dois séculos mais tarde. Mas não passa de uma pequena aldeia no meio duma planície, sem qualquer importância estratégica. Por isso, nunca precisou de castelo. A torre atarracada é simplesmente um velho depósito de cereal e nada mais.

A única parte da vila que ainda atrai visitantes é o friso medieval, na parte ocidental da igreja. Corre ao longo de toda a parede exterior e descreve uma curva no centro, por cima da porta. Há cerca de trinta e seis cabeças esculpidas na pedra, cujo modelo é alternado: metade são rostos de anjos e a outra metade são caveiras, com tíbias em cruz por baixo. Paraíso, inferno, paraíso, inferno e assim por diante. Ou

talvez seja ressurreição e morte, ressurreição e morte, ressurreição e morte, pouca-terra, pouca-terra como o comboio faz ao passar. Só que já não acreditamos em inferno nem em ressurreição. E a mim os anjos não parecem anjos, mas sim crianças. Aliás, *uma* criança, a minha filha, Sophie Anne Louise. Demos-lhe três nomes, que existem tanto em inglês como em francês, por isso pode mudar de nome, mudando só a pronúncia. Mas aquelas cabeças, já gastas pelo tempo, lembram-me a minha filha. E do que agora me falam é de vida e morte; vida e morte; vida e morte.

O que tem este lugar? Em Londres nunca pensei muito no tempo nem na morte. Aqui tudo é calmo, belo e sossegado, e a minha vida transformou-se para o melhor e para o pior, e dou comigo a pensar no tempo e na morte. Será por causa da Sophie?

O fontanário, por exemplo. É um fontanário público normal, um tanto ou quanto imponente, construído no reinado de Carlos X. Um obelisco feito no mármore rosa que continua a ser extraído do outro lado da montanha. Tem na base quatro cabeças de Pã com pequenos canudos a saírem-lhes da boca. Água é que já não deitam. Deve ter sido maravilhoso em 1825, quando o construíram e fizeram jorrar a primeira água fresca, vinda das montanhas áridas e distantes. Mas hoje em dia os moradores preferem água engarrafada e a fonte está seca. Em vez disso tem um novo papel, de monumento aos mortos da guerra. Numa das vertentes inclinadas, figura a lista dos vinte e seis homens que a pequena aldeia perdeu na Primeira Guerra Mundial. No lado oposto três, durante a Segunda Guerra Mundial, e em baixo um, *mort en Indochine*. Num terceiro lado conseguimos decifrar, no mármore róseo, a inscrição inicial, gravada em 1825:

MORTELS, SONGEZ BIEN
LE TEMPS PROMPT À S'ENFUIR
PASSE COMME CETTE EAU
POUR NE PLUS REVENIR.⁴

A água é como a vida, diz. Mas a água já aqui não corre.

Observo as mulheres de idade. Nos trabalhos caseiros usam batas estampadas abotoadas de cima a baixo; não são propriamente aventais, são mais elegantes. Saem cá para fora todas as manhãs e

varrem o passeio em frente à casa. Depois varrem a rua. Varrem mesmo, tiram o pó de alguns metros quadrados de asfalto, com as vassouras velhas. Mais tarde, ao fim do dia, quando o calor abrandava, voltam cá para fora, desta vez sentadas em cadeirinhas de espaldar direito e fundo de junco. Ficam ali até escurecer, a tricotar, a conversar, a sentir a canícula baixar e então percebemos porque varreram a estrada. Faz parte do pátio da entrada, onde gostam de se sentar.

Os novos-ricos vêm de Montpellier aos fins de semana, circulam na região, mas não param aqui na vila. Não somos suficientemente pitorescos: levam os jipes para outros lugares e exibem os Hibachis, onde cozinham quando encontram um sítio alto e com vista. Aham isto simples e sem graça, e não há clubes de vídeo para se abastecerem. Temos dois bares, um hotel-restaurant mesmo em frente à nossa casa, uma *boulangerie* que começou a fabricar *pain noir* e *pain complet* (desde que a *épicerie* começou a vender pão) e uma loja de utilidades que vende lâmpadas e veneno para ratos. No ano passado, quase todo o país festejou o bicentenário da Revolução Francesa. Na nossa aldeia, a única demonstração teve lugar à porta da loja de M. Garruet: encomendou seis vassouras de plástico, duas encarnadas, duas brancas e duas azuis e pô-las em exposição num vaso, à entrada da loja. A rama era da mesma cor dos cabos: tinham um aspeto muito alegre. Mas alguém comprou as encarnadas — um comunista que ia a passar, disse uma velhota — e foi o fim da comemoração. O bicentenário ficou por ali, embora tenhamos ouvido o fogo de artifício das outras aldeias.

Todas as quartas-feiras de manhã, às nove horas, a camioneta do peixeiro chega da costa e estaciona na praça da aldeia. Compramos *dorade* e um peixe chamado *passard*, para o qual nunca consegui encontrar tradução. A praça é uma espécie de quadrado torto, com uma pequena álea central onde há tílias grosseiramente podadas, sob as quais os velhos jogam *boules*; por vezes as mulheres trazem as cadeiras de junco para assistirem à competição, da qual ficam sempre excluídas. Os homens jogam à noite, à luz dos candeeiros; por trás das cabeças deles, veem-se as extremidades negras de uma fila de coníferas. Numa aldeia francesa, todos sabem o que isso significa: o

cemitério.

A *mairie* e os correios ficam lado a lado, em duas metades do mesmo edifício. Das primeiras vezes que fui comprar selos, enganei-me e entrei na câmara municipal.

Isto não vos interessa nada, pois não? Não muito. Vejo que vos maço. Querem ouvir falar de outras coisas. Está bem.

Stuart Não sei se vos diga uma coisa de que sempre guardei ressentimento. Se calhar vão achar mesquinho, mas é verdadeiro.

Aos fins de semana, ela ficava na cama até tarde. Eu era o primeiro a levantar-me. Comíamos sempre uma toranja de manhã, pelo menos num dos dias: ao sábado ou ao domingo. Era eu que decidia. Descia, e se me apetecia a toranja ao sábado, tirava-a do frigorífico, cortava-a ao meio e punha cada metade numa taça. Senão, comíamos-la no domingo. Quando acabava de comer a minha metade, olhava para a da Gillian. Pensava: é dela, vai comê-la quando acordar. Tirava cuidadosamente os caroços da metade da toranja, para que ela não tivesse de o fazer. Às vezes tinha mesmo muitos.

Ora, durante todo o tempo em que estivemos juntos, ela nunca reparou nisso. Ou, se reparou, nunca disse nada. Não era o género dela. Esperava sempre que me desse uma palavrinha, e todos os fins de semana ficava um bocado desapontado. Pensava: se calhar julga que inventaram uma nova variedade de toranjas sem caroços. Como é que achará que as toranjas se reproduzem?

Talvez agora já tenha descoberto a existência deles. Qual dos dois cortará a toranja? Não vejo o Oliver... oh merda.

Não acabou. Não sei porquê nem como; mas ainda não acabou. Alguma coisa tem de ser feita, alguma coisa tem de manifestar-se. Eu fui-me embora, eles foram-se embora, mas não acabou.

Oliver Ela é mais forte do que eu, sabiam? Ui, eu gosto. Atem-me com cordas de seda, *por favor*.

Ah, já tinha dito isto. Mas não é preciso porem esse ar carrancudo. Ares carrancudos e suspiros não valorizam nada a vida. A Gillie às

vezes solta um leve suspiro, quando eu me mostro *troppo* animado. Pode causar muita tensão, sabiam, sentir ansiedade na escuridão silenciosa. As pessoas ou representam ou assistem, não é? Às vezes gostava tanto que quem assiste experimentasse ao menos uma vez subir ao palco!

Vou dizer-vos uma coisa que vocês nunca ouviram. *Pravda* em russo quer dizer verdade. Já calculava que sabiam. O que talvez não saibam é que em russo não existe rima para *pravda*. Pensem na lacuna e ponderem. Não vos ecoa já pelos desfiladeiros da razão?

Gillian Viemos para aqui porque o Oliver arranjou emprego numa escola de Toulouse.

Viemos para aqui porque eu ouvi dizer que havia uma possibilidade de trabalho no *Musée des Augustins*. Tenho também clientes particulares e fui apresentada a algumas pessoas.

Viemos para aqui porque Londres já não é lugar para educar crianças e porque queremos que a Sophie seja bilingue como a *maman*.

Viemos para aqui por causa do clima e da qualidade de vida.

Viemos para aqui porque o Stuart começou a mandar-me flores. Imaginem! Podem imaginar uma coisa destas?

Falámos em tudo antes de partir. Falámos em todas as coisas, menos na última. Como pôde o Stuart fazer tal coisa? Não percebi se estava a ser sincero (ao pedir-me desculpa) ou se aquilo era alguma espécie de vingança doentia. De qualquer modo, não aguentei.

Oliver A Gill é que decidiu. Claro que honrámos a democracia, passámos pelo sacrossanto processo de consulta, mas, consumada a situação, o casamento consiste sempre num moderado e num militante, não concordam? Não devem, no entanto, inferir que se trata de lamúria rotineira por parte do macho orquidectomizado. Concordemos, sim, com o seguinte princípio básico: os que a si próprios infligiram o casamento assumem a alternância de tais rivalidades. Quando lhe fazia a corte, era eu o extremista com uma ideia fixa e ela a moderada periclitante. Mas, chegada a vez de trocar

a humidade asfixiante do pesado autocarro londrino pelo suave aroma das *herbes de Provence*, foi a pulsão migratória da Gillian que ressoou como o possante gongo martelado de J. Arthur Rank. Em mim, o alvoroço cardíaco do expatriamento só com o auxílio de auscultadores poderia revelar-se. Foi ela que me arranhou emprego. Descobriu uma bafienta publicação trimestral com referências a empregos honestos à *l'étranger*. Eu andava em Londres radiante, dado que o esteatopígio tinha levado a gorduchice para outro continente. Mas entrevia o antecipado bater de asas da Gill; sentia-a sentada ao telefone, ao crepúsculo, a sonhar com o Sul. E se, como explicara ao bebé Stu, o dinheiro pode comparar-se com o amor, então o casamento é a conta. Estou a brincar. Estou a brincar, mas só em parte.

Gillian Já se sabe, o Oliver, como a maior parte dos homens, é fundamentalmente preguiçoso. Tomam uma decisão importante e pensam que podem passar os anos que se seguem deitados ao sol como o leão no alto da colina. O meu pai fugiu com a estudante e essa foi, provavelmente, a última decisão que tomou para o resto da vida. O Oliver é parecido. Faz barulho, mas não apresenta grande obra feita. Não me interpretem mal: eu amo o Oliver. Mas conheço-o.

Não teria sido realista da nossa parte continuar a viver como dantes, depois de o Oliver se ter introduzido na minha vida, ocupando o mesmíssimo lugar que o Stuart ocupara. Mesmo quando fiquei grávida, não me pareceu que o Oliver se concentrasse. Tentava explicar-lhe as coisas e ele só dizia, de maneira bastante pesarosa: «Mas eu sou feliz, Gill, sou tão feliz!» Amei-o ainda mais por isso, é claro, e beijámo-nos e ele acariciou-me a barriga, que ainda estava lisa como uma panqueca, e disse uma piada maluca acerca do girino, e ficou tudo bem durante o resto da noite. É assim, o Oliver: é extraordinário a fazer com que tudo fique bem para o resto da noite. Mas há sempre a manhã do dia seguinte. E na manhã seguinte pensei: estou contente por ele estar feliz, eu também estou feliz, e isso devia bastar, mas não basta, não é? Temos de ser felizes e práticos, a verdade é essa.

Ora eu não quero que o meu marido seja o dono do mundo (se

quisesse, não teria escolhido os dois com quem casei), mas também não quero que se bamboleie por aí sem pensar no futuro. Desde que conheço o Oliver, a carreira dele, se é que a palavra «carreira» não é um pouco exagerada, só conheceu um movimento, que foi descendente. Despediram-no da Shakespeare School e foi parar à de Mr. Tim, quando se via perfeitamente que valia mais do que isso. Precisava de tomar um rumo, principalmente agora que eu estava grávida. Eu não queria... eu sei que já disse isto acerca do Stuart, mas é verdade, não tenho vergonha de o dizer. Não queria que o Oliver se desencantasse.

Ele deve ter-vos falado do cão de Monsieur Lagisquet. Há duas coisas que conta a toda a gente: o castelo da vila, que a cada novo relato ganha mais importância, quer como fortaleza do tempo das Cruzadas, quer como cidadela cátera, e o cão. É um cão muito simpático, castanho-avermelhado e com pelo brilhante, chamado Poulidor, mas, de tão velho, ficou surdo como uma porta. Tanto eu como o Oliver achamos isso muito triste, por razões diferentes. O Oliver acha que é triste já não poder ouvir o amigável assobio do dono, quando andam lá pelos campos, e estar isolado num mundo de silêncio. Eu acho triste, porque sei que vai ser atropelado um dia destes. Sai a correr da casa de Monsieur Lagisquet, arquejante e cheio de esperança como se, uma vez chegado lá fora, fosse recuperar a audição. Ora os condutores, quando veem um cão, não podem imaginar que ele é surdo. Estou sempre a ver um desses tipos novos a atravessar a aldeia depressa de mais, a ver de repente o Poulidor no meio da rua e a apitar impaciente, a apitar ao pateta do cão e a desviar-se já tarde. Vejo isso tudo. E disse a M. Lagisquet que devia prender o cão, ou atá-lo a uma corda comprida. Explicou que já tentara, mas que o Poulidor ficava triste e não comia, e por isso o soltara. Disse que queria que o cão fosse feliz. E eu retorqui que se pode ser feliz, mas também se tem de ser prático. Agora, qualquer dia o cão vai ser atropelado. Eu sei.

Percebem o que quero dizer?

Stuart Eu tinha vários planos. Um dos primeiros era pagar a uma

rapariga dessa escola chungosa onde o Oliver se viu na contingência de ir dar aulas, para que o denunciasse. Para dizer que ele se tinha metido com ela. Até podia ser verdade — se não com essa, provavelmente com outra. Talvez o tivessem despedido. Talvez dessa vez metesse polícia. De qualquer maneira, a Gill ficaria a saber a espécie de homem pelo qual me trocara. Isso irritá-la-ia sempre e nunca mais se sentiria segura. Era um bom plano.

Quando cheguei aos Estados Unidos, concebi outro plano. Ia fingir que me tinha suicidado. Queria magoá-los, entendem? Não sabia bem como é que ia fazer. Uma das minhas ideias era escrever sob pseudónimo ao *Edwardian*, o jornal dos antigos alunos, e publicar a notícia na necrologia, certificando-me de que chegaria às mãos do Oliver. Também pensei em arranjar um intermediário que, por ocasião de uma viagem a Londres, lhes desse a notícia em conversa: «Triste, o caso do Stuart, não foi? Ele nunca se refez do divórcio. O quê, não sabiam...?» Quem se encarregaria disso? Alguém a quem pagasse.

Pensava no assunto vezes de mais. Ficava abatido. Chegou a tornar-se tentador, sabem. Fazê-lo a sério. Tornar aquilo realidade e castigá-los. Então parei.

Mas não acabou. O meu casamento acabou, isso eu sei. Mas *aquilo* não acabou, nem acaba enquanto eu não sentir que acabou. Enquanto não deixar de doer. Para isso, ainda falta muito. E não consigo deixar de sentir que *não foi justo* o que aconteceu. Devia ao menos conseguir livrar-me disto, não era?

A Mme. Wyatt e eu escrevemos um ao outro. Adivinhem! Tem um namorado. Folgo muito em saber, Mme. Wyatt.

Oliver Se calhar não devia dizê-lo, mas nunca fui especialista em dizer o que devia. Há momentos em que o Stuart me faz falta. Pois, pois, não precisam de mo dizer. Sei bem o que fiz. Ruminei mais culpas do que um velho bóer a mascar carne seca. Pior, às vezes acho que o Stuart era a pessoa que melhor me compreendia. Espero que ele esteja bem. Espero que tenha arranjado uma simpática e meiga *innamorata*. Vejo-os a fazer churrasco com lenha de algarobo, enquanto os pássaros sobrevoam a relva em voos rasantes e as cigarras

estridentes cantam em uníssono, como todas as cordas reunidas da Orquestra Sinfónica de Chicago. Desejo-lhe tudo, ao Stuart: saúde, um lar, felicidade e herpes. Desejava-lhe também um banho quente, se soubesse que não metia lá dentro peixes tropicais. Ai, meu Deus, rio-me só de pensar nele.

Sabem se tem alguma amiga? Às vezes penso se terá algum segredo crepuscular, uma fraqueza sexual oculta. O que poderá ser? Pornografia? Exibicionismo? Telefonemas eróticos? Faxes obscenos? Espero que se aguarde. Espero que a vida não lhe meta um cagaço dos diabos. Desejo-lhe... reversibilidade.

Stuart Gostava de repor a verdade sobre uma questão. Provavelmente já esqueceram, mas o Oliver costumava fazer uma brincadeira comigo. Não tanto comigo, mas à minha custa. Segundo ele, eu pensava que Mantra era uma marca de automóveis. Na época deixava-o falar, mas o que me apetecia era dizer-lhe: «Realmente é Manta, Oliver, e não Mantra.» O Manta Ray, mais precisamente. Uma máquina possante, fabricada pela General Motors e inspirada no Corvette. Cheguei até a pensar em comprar um, quando aqui cheguei. Mas não é o meu género. E seria dar muita importância ao passado, não acham?

Para distorcer tudo, não há como o Oliver.

Mme. Wyatt O Stuart escreve-me. Mando-lhe notícias, as poucas que há. Não se resigna. Diz que começa a refazer a vida dele, mas sinto que não consegue esquecer.

A coisa que poderia ajudá-lo a conformar-se, dessa eu não consigo falar-lhe: é o bebé. Não sabe que têm uma criança. É terrível estar na posse de uma informação que sabemos que vai ferir alguém. E como não lhe disse logo, tornou-se mais difícil dizer-lhe depois.

Houve uma tarde em que vieram visitar-me e, quando a minha filha saiu da sala, o Stuart disse-me (sentado à minha frente, à espera de ser examinado, com os sapatos a brilhar e o cabelo penteado para trás):

— Vamos ter filhos, sabe. — E então de repente ficou embaraçado e acrescentou: — Bem, não quer dizer que vá ser já... não quero dizer que ela esteja... — Nessa altura ouviu-se um barulho na cozinha, ficou ainda mais embaraçado e disse: — A Gill não sabe. Quer dizer, ainda não falámos nisso, mas tenho a certeza, quer dizer, ai meu Deus... — Faltaram-lhe as palavras.

Eu disse:

— Está bem, fica entre nós — e pareceu de repente muito aliviado, e vi na cara dele a enorme impaciência com que esperou que a Gillian voltasse para a sala.

Lembrei-me logo disto, quando o Oliver me disse que a Gillian estava grávida.

Sophie Anne Louise. É um bocado pretensioso, não é? Talvez seja melhor em inglês. Sophie Anne Louise. Não, parece sempre a neta da rainha Vitória.

Gillian O Oliver é bom professor, não gostava que pensassem o contrário. Houve um pequeno *vin d'honneur* no final do período passado e o diretor fez questão de me dizer que ele se interessava muito pelos alunos e que todos o estimavam. O Oliver escarneceu disso mais tarde. A opinião dele é que ensinar *Conversation et Civilisation* inglesas é canja, porque se podem dizer as coisas mais excêntricas que nos vêm à cabeça e os alunos consideram-nas um precioso exemplo do Sentido de Humor Inglês. Era de esperar que o dissesse. Tem muita bazófia, o Oliver, mas na verdade é completamente inseguro.

Mandar flores à ex-mulher dois anos após a separação. A que propósito?

Quando eu estava a crescer, o que me parece há muito tempo, tinha as conversas do costume. O que é que queríamos num homem, o que é que procurávamos? Geralmente, com as outras raparigas, citava nomes de estrelas de cinema. Mas, a mim própria, dizia que o que queria mesmo era alguém a quem pudesse amar, respeitar e desejar. Pensava que era isso que se devia querer, para que durasse. Mas quando conheci os homens, pareceu-me tão difícil consegui-lo como

três morangos em fila nas máquinas de jogo. Calhava-nos um, podia calhar-nos outro, mas, por essa altura, já o primeiro desaparecera. Havia um botão que tinha escrito agarra, mas não funcionava em condições.

Amor, respeito, desejo. Pensei que tinha conseguido as três coisas com o Stuart. Pensei que tinha conseguido as três coisas com o Oliver. Mas talvez seja impossível. Talvez se possa obter duas, no máximo, com o botão AGARRA sempre fora de serviço.

Mme. Rives Ele diz que é canadiano. Do Quebeque, não é. Queria um quarto a dar para a frente. Não sabia quanto tempo ia ficar. Voltou a dizer-me que é canadiano. Ora! O dinheiro não tem cheiro.

Gillian Tinha de haver regras. Regras muito firmes, não é óbvio? Não se pode só «ser feliz»; tem de se administrar a felicidade. Foi uma das coisas que aprendi. Estamos aqui, a começar de novo, e desta vez a começar bem. Um país novo, empregos novos, o bebé. O Oliver costumava fazer discursos sobre a nova terra prometida, e coisas desse género. Um dia em que a Sophie me fatigara mais do que o costume, interrompi-o:

— Olha, Oliver, uma das regras é: não há casos com ninguém.

— *Che?*

— Nada de casos, Oliver.

Talvez o tenha dito num tom pouco adequado, porque ele explodiu, literalmente. Imaginam a retórica. Não me lembro de tudo porque, quando estou cansada, tenho uma espécie de sistema de filtragem para o Ollie. Só retenho o que é necessário para seguir o fio à meada.

— Oliver, o que eu quero dizer... Dadas as circunstâncias em que nos conhecemos... Dado que todos pensaram que tínhamos uma ligação e foi por isso que o Stuart e eu nos separámos... Penso que, no nosso próprio interesse, temos de ter cuidado.

O Oliver sabe ser extremamente sarcástico, como já devem ter notado. Mas nega, diz que o sarcasmo é uma coisa reles. «Ironia bem-

humorada, *au maximum*», afirma. Talvez estivesse, portanto, a ser só bem-humorado e irónico quando me fez lembrar que, se bem se lembrava, a razão pela qual não tivemos uma ligação enquanto eu ainda era casada com o Stuart, foi porque *ele*, Oliver, declinou as *minhas* propostas insistentes (e fez várias referências anatómicas que prefiro não mencionar) e assim, se havia alguém suspeito de ter ideias dessas era *eu*, etc., etc. Talvez tivesse razão, só que as mães com bebés pequenos e que, para além disso, trabalham não costumam ter energia para andar a saltar de cama em cama.

Foi horrível. Um concurso de gritaria. Eu só estava a tentar ser prática, a tentar expressar algo que pensava vir do meu amor pelo Oliver, e ele ficou todo irritado e agressivo.

Estas coisas não desaparecem facilmente. E o calor, aqui, torna tudo mais difícil. Ficámos irritados um com o outro durante toda a semana. E imaginem! A estúpida da lata velha que ele conduz, porque pensa que tem muito estilo, empanou três vezes. Três vezes! À terceira vez que falou do carburador, eu devo ter feito um ar tão incrédulo, que se atirou a mim:

— Vá, podes dizer.

— O quê?

— Vá lá, diz!

— Muito bem — disse eu, sabendo que não devia. — Como se chama ela?

Soltou uma espécie de rugido, como se tivesse saído vencedor por me ter feito falar e, ao vê-lo de pé inclinado sobre mim, senti (sentimos ambos, creio) que podia bater-me. Se eu tivesse continuado, tinha-me batido.

Ele ganhara e ambos tínhamos perdido. Nem sequer fora uma briga verdadeira, *sobre* isto ou aquilo, viera só de uma necessidade tola de discórdia. Eu não soubera lidar com a felicidade.

Mais tarde chorei. E pensei: *NABO'S*, *BATATA'S-DOCE'S*, *COUVE'S-FLORE'S*, *LARANJA'S*, *COUVE'S-DE-BRUXELA'S*. Nunca ninguém disse nada ao pobre tipo, nunca ninguém o corrigiu. Ou então disseram, e ele não fez caso.

Não, isto aqui não é Inglaterra. É França, por isso vou dar-vos mais uma comparação. No outro dia, estive a falar com Monsieur Lagisquet.

Ele possui uns hectares de vinha fora da aldeia e disse-me que antigamente costumavam plantar um pé de roseira na extremidade de cada fila de videiras. Segundo parece, a flor é a primeira a dar sinais de doença, por isso as roseiras funcionam como sistema preventivo. Disse que, naquele local, a tradição desaparecera, mas que, noutras regiões de França, ainda era respeitada.

Acho que as pessoas deviam plantar roseiras, na vida real. É necessário algum sistema preventivo.

O Oliver aqui ficou diferente. Aliás, é o contrário. O Oliver é precisamente como sempre foi e será, mas manifesta-se de maneira diferente. Os franceses não conseguem percebê-lo. Nunca tinha dado por isso antes de irmos para cá, mas o Oliver é daquelas pessoas que faz mais sentido num certo contexto. Pareceu-me tremendamente exótico, quando o conheci, mas agora perdeu a cor. Também não é só efeito do tempo e da familiaridade. É que aqui a única pessoa inglesa que pode fazê-lo sobressair sou eu, e não é suficiente. Ele precisava de ter sempre ao pé dele alguém como o Stuart. Passa-se o mesmo com a teoria da cor. Quando se põem duas cores lado a lado, isso influencia a maneira como vemos cada uma delas. O princípio é rigorosamente o mesmo.

Stuart Fiz umas férias de três semanas. Fui a Londres. Pensei que ia conseguir aguentar-me melhor. Não fui estúpido, não voltei aos lugares onde tinha estado com a Gill. Mas senti-me ao mesmo tempo triste e irritado. As pessoas dizem que irritado-triste é melhor do que triste-triste, mas não tenho a certeza. Se estamos tristes-tristes, as pessoas são simpáticas connosco. Mas se estamos irritados-tristes, só queremos ir para o meio de Trafalgar Square e gritar: NÃO TENHO CULPA. VEJAM O QUE ME FIZERAM. PORQUE É QUE ISTO ACONTECEU? NÃO É JUSTO. As pessoas irritadas-tristes não conseguem libertar-se: enlouquecem. Fiquei como aquelas pessoas que vemos no metro a falarem sozinhas num tom de voz um pouco alto, o tipo de pessoas de quem imediatamente nos afastamos. Não se aproximem muito dele, pode dar saltos ou encontrões. Pode saltar de repente para debaixo do comboio ou empurrar-nos a nós.

Então fui visitar a Mme. Wyatt. Deu-me a morada deles. Eu disse que queria escrever, porque da última vez que nos encontrámos tinham sido simpáticos e eu afastei-os. Não sei se a Mme. Wyatt acreditou. Ela é muito perspicaz. Por isso, mudei de assunto e fiz-lhe umas perguntas sobre o seu novo amante.

— O meu velho amante — replicou.

— Ah — disse eu, imaginando um senhor idoso, com uma manta no regaço. — Não me disse a idade.

— Quero dizer, o meu antigo amante.

— Desculpe.

— Não tem importância. Foi só... uma passagem. *Faut bien que le corps exulte.*

— Sim. — Não era palavra que me lembrasse de usar. Em inglês o corpo *exulta*? O corpo diverte-se bastante, acho eu, mas não sei se exulta propriamente. Talvez seja o meu ponto de vista.

Quando ia a sair, Mme. Wyatt disse:

— Stuart, penso que ainda é cedo.

— Como? — Julguei que quisesse dizer que eu lá tinha ficado pouco tempo.

— Para voltar a falar com eles. Será melhor deixar passar mais tempo.

— Mas foram eles que pediram...

— Não, não é por eles. É por si.

Pensei naquilo tudo e depois comprei um mapa. Aparentemente, o aeroporto mais próximo era o de Toulouse, mas não *fui* até Toulouse. Apanhei o avião para Montpellier. Podia ser que decidisse ir para outro sítio. Foi de resto o que fiz primeiro. Segui por uma estrada oposta. Depois pensei que aquilo era estúpido e voltei a consultar o mapa.

Atravessei a vila duas vezes sem parar. Da primeira vez, ia nervoso e guiava depressa demais. Um cão idiota saiu a correr e quase se meteu debaixo das rodas; tive de me desviar. Da segunda vez, passei mais devagar e vi o hotel.

Voltei já de noite e pedi um quarto. Não tive nenhuma dificuldade. Parece uma vila bastante simpática, mas não é propriamente um local turístico.

Não queria que dissessem: «Temos cá ingleses», por isso disse à *madame* que era canadiano e, para ficar descansado, dei um nome falso.

Pedi um quarto para a frente. Fico à janela e observo.

Gillian Não tenho premonições, não sou vidente. Não sou daquelas pessoas que dizem: «Pressentia-o intimamente.» Mas quando me disseram já sabia.

Para vos dizer a verdade, não tenho pensado muito no Stuart desde que nos mudámos para aqui. A Sophie ocupa-me quase o tempo todo. Ela muda tão depressa, está sempre a fazer coisas tão diferentes, que não tenho disponibilidade para mais nada. Depois, há o Oliver e também o meu trabalho.

Só me lembrei do Stuart nos momentos maus. Pode parecer injusto, mas é verdade. Por exemplo, na primeira ocasião em que compreendemos que não podemos ou que, de qualquer modo, não vamos contar tudo ao homem com quem casámos. Aconteceu com o Oliver, tal como acontecera com o Stuart. Não me refiro especificamente a mentir, só a adaptar um pouco as coisas, fazer uma certa economia da verdade. Da segunda vez já não é surpresa, embora nos faça lembrar a primeira.

Na quarta-feira de manhã, encontrava-me ao pé da camioneta do peixeiro. Em Inglaterra, toda a gente formaria fila. Aqui apinham-se ao pé da camioneta e todos sabem quem está a seguir e, se somos a seguir mas não temos pressa, deixamos outra pessoa passar à frente. *Suis pas pressée*. Faça favor. Mme. Rives estava ao meu lado e perguntou-me se os ingleses gostavam de trutas.

— Claro que gostam — disse eu.

— Tenho lá um inglês, agora. *Sont fous, les anglais*. — Ria-se ao dizer isto, para me dar a entender que eu não estava incluída na generalização.

O inglês em questão tinha chegado há três dias e não saíra do quarto, só uma ou duas vezes à noite, já tarde, para ir dar uma volta. Declarara ser canadiano, mas tinha passaporte inglês com um nome diferente do que dera à chegada.

Quando ouvi, já sabia. *Sabia*.

— Tem um nome canadiano? — perguntei com ar desprendido.

— O que é isso de nome canadiano? Não sei ver a diferença. Ele chama-se «Uges» ou coisa parecida. Será canadiano?

Uges. Não, não é tipicamente canadiano. É o nome do meu primeiro marido. Eu chamava-me Mme. Stuart Uges, mas nunca usei o nome dele. Ele pensava que sim, mas nunca cheguei a usá-lo. Também não passei a usar o nome do Oliver.

Oliver Estou muito bonzinho. Sigo a *fons et origo* da virtude doméstica. Se tivéssemos gémeos, chamar-lhes-ia Lares e Penates. Não telefono para casa, sempre que qualquer demora toulousiana me retém? Não me levanto de noite para tratar dos cueiros sujos da pequena Sal e limpá-la com algodão? Não sou o orgulhoso zelador de uma horta incipiente, e os feijões encarnados não contorcem e enroscam já as guias trémulas em torno de *wigwams*⁵ feitos de cana?

A verdade é que a Gill, neste momento, não se interessa nada por sexo. É como tentar introduzir um parquímetro numa concha de ostra. Acontece. Segundo o mito bolorento veiculado pelas *blanchisseuses d'antan*, é uma verdade estabelecida que a *moglie* que amamenta não pode ficar grávida. Estou finalmente em posição de descobrir a fugidia bola de mercúrio da verdade, que dá ao mito a sua gravidade específica (perdoem a química). O fundo da questão é que a *moglie* que amamenta não poucas vezes rejeita o ardente reservatório de genes que desposou. *Niente* de práticas horizontais. Não admira que não engravide.

É um bocado duro de engolir, quando penso que a pequena Sal foi principalmente ideia dela. Eu, por mim, continuava como dantes.

Stuart Dizia a mim próprio que não tinha um plano, mas tinha. Fingi que tinha vindo a Londres sem ideia pré-concebida. Que apanhara o avião para Montpellier só para ter que fazer. Que por acaso passei de carro pela aldeia e... coincidência!

Vim aqui para os enfrentar. Vim aqui para me pôr no meio de

Trafalgar Square e gritar. Sabia perfeitamente o que ia fazer quando cá chegasse. O que ia dizer quando cá chegasse. NÃO TIVE CULPA. VEJAM O QUE ME FIZERAM. PORQUE É QUE ME FIZERAM ISTO? Ou melhor, não ia enfrentá-los, ia enfrentá-la a *ela*. Foi obra dela. No fundo, foi ela que quis dizer sim.

Ia esperar que o Oliver saísse para a escolazinha chunga onde dá aulas. A Mme. Wyatt pintou-a em tons muito simpáticos, mas creio que exagerou por lealdade. Aposto que é um barracão. Ia esperar que ele saísse, para depois ir bater à porta da Gillian. Teria encontrado as palavras, quaisquer palavras.

Mas agora já não posso. Olhei pela janela e vi-a. Parecia absolutamente a mesma, com uma camisa verde de que me lembrava bem. Cortou o cabelo curtinho, o que me causou um choque, mas houve uma coisa que me causou um choque ainda maior. Tinha um bebé ao colo. O bebé dela. O bebé deles. O bebé do desgraçado do Oliver.

Porque não me avisou, Mme. Wyatt?

Aquilo deitou-me abaixo. Lembrou-me o futuro que não cheguei a ter. Tudo o que me roubaram. Não sei se aguento esta.

Acham que já nesse tempo andavam a foder? Nunca me disseram o que pensavam, pois não? Cheguei a pensar que sim, depois acalmei e pensei que não, agora penso outra vez que sim. A toda a hora. Que lembrança repugnante para estar assim colada a mim! Nem sequer consigo recordar esse breve trecho da minha vida e dizer que foi feliz. Envenenaram o único bocado bom do meu passado.

O Oliver tem sorte. Pessoas como eu não matam as outras. Nem sequer saberia como serrar-lhe os travões do carro. Uma vez embebedei-me e dei-lhe uma cabeçada, mas não tomei gosto nenhum pela violência.

Quem me dera poder vencê-lo com argumentos! Quem me dera que pudéssemos discutir, e eu lhe provasse o escroque que ele foi e que eu não tive culpa nenhuma, e que a Gill teria sido feliz comigo! Mas não ia resultar. Primeiro porque o Oliver havia de divertir-se à farta, e depois acabaria por girar tudo à volta dele e o resultado final acabaria por mostrar como ele era *interessante e complexo*. E eu acabaria por lhe dizer CALA-TE É MENTIRA VAI-TE FODER e isso também

não me agradava nada.

Às vezes consola-me a ideia de que o Oliver é um falhado. Que fez ele nos últimos dez anos, para além de roubar a mulher a outro e deixar de fumar? É esperto, nunca o neguei, mas não suficientemente esperto para ver que é preciso mais do que isso. Não basta saber coisas e ser divertido. A estratégia de vida do Oliver foi sempre um pouco assim: contenta-se em ser como é e julga que, se continuar a andar por aí tempo suficiente, alguém se há de aproximar e lhe há de dar dinheiro, só para que continue a ser quem é. Como se faz aos artistas dramáticos. Mas ainda ninguém o fez e, francamente, são poucas as hipóteses de surgir nesta pequena aldeia quem lhe faça uma proposta. Entretanto, o que temos? Um expatriado inglês na casa dos trinta, numa província de França, em apertos para sustentar mulher e filha. Saíram do mercado imobiliário londrino e creiam que, quando se sai, já se não volta. (Foi por isso que eu comprei a parte da casa que era da Gillian. Tenho um sítio para onde voltar.) Estou a ver o Oliver nos anos que hão de vir, um daqueles velhos meio hippies, que andam por aí nos bares a sacar bebidas aos ingleses e a perguntar se ainda há autocarros grandes e encarnados lá em Londres e, por falar nisso, já não precisa do *The Daily Telegraph* ?

Digo-vos mais: a Gillian não aguenta aquilo. Pelo menos muitos anos. No fundo, é uma pessoa eficiente e prática, que gosta de saber o chão que pisa e odeia confusão. O Oliver é uma confusão. O que se calhar ela devia fazer era ir para o trabalho e deixá-lo a ele em casa com as crianças. O problema é que havia de deitar a caçarola no berço e cozinhava o bebé por engano. Ela tem de facto muito mais a ver comigo do que com o Oliver.

Oh merda. *Merda*. Eu disse que nunca mais voltava a pensar nisto. Merda. Deem-me só um momento, dão? Não vale a pena. Deixem-me sozinho. Sei muito bem o tempo que isto dura. Muito bem. Tenho prática suficiente, infelizmente.

Aaah. Pfff. Está bem.

Está bem.

Está bem.

Uma das coisas boas nos Estados Unidos é que se pode obter o que se quer a qualquer hora do dia ou da noite. Várias vezes em que me

senti só e um bocado bêbado, mandei flores à Gill. Flores internacionais por telefone. Damos só o número do cartão de crédito e eles fazem o resto e o que é bom é que não temos tempo de mudar de ideias.

— Mensagem, *sir*?

— Sem mensagem.

— Surpresa confidencial?

É mesmo uma surpresa confidencial. Mas ela percebe logo. E talvez se sinta culpada. Não me aborrecia nada. É o mínimo que pode fazer por mim.

Como vos disse, já não me interessa agradar a ninguém.

Oliver Estava lá fora no quintal a endireitar um ou dois pés de feijão mal presos. Crescem com a curvatura necessária, mas são cegos como gatinhos recém-nascidos e tomam sempre a direção errada. Pegamos então no caule delicadamente enrolado, guiamo-lo com cuidado à volta da cana e sentimo-lo prender. É como ver a pequena Sal agarrar-se ao meu dedo médio.

Isto é que é vida!

A Gill tem andado um bocado mal-humorada, nos últimos dias. Pós-parto, pré-menstruação ou período de amamentação, hoje em dia é difícil perceber a diferença. O *tiercé* do temperamento, e é o Ollie que fica a perder. O Ollie já não consegue entreter. Décimo quinto episódio. Devia era ir a correr à farmácia buscar um antipirético.

Vocês ainda me acham graça, não acham? Só um bocadinho? Confessem. Vá lá, um sorrisinho! Cantos para cima!

O amor e o dinheiro: era uma analogia enganadora. Como se a Gill fosse uma companhia cotada na bolsa e eu fizesse uma oferta em nome dela. Oçam, é a Gill que controla todo o maldito mercado, foi sempre. As mulheres são assim. Às vezes, não é a curto prazo. Mas a longo prazo, sempre.

Gillian Ele está no hotel, do outro lado da rua. Vê a nossa casa, o nosso carro, a nossa vida. Quando vou lá fora com a vassoura, de

manhã, para varrer o passeio, parece-me ver uma sombra numa das janelas do hotel.

Antigamente, o que provavelmente teria feito era isto: atravessava a rua e entrava no hotel, pedia para falar com ele e sugeria-lhe que discutíssemos o assunto de maneira sensata. Mas não sou capaz. É impossível, depois de todo o mal que já lhe fiz.

Tenho de esperar por ele. Só espero que saiba o que quer fazer ou aquilo que quer dizer. Há já vários dias que cá está. E se não sabe o que quer?

Se não sabe, então tenho de dar-lhe alguma coisa, mostrar-lhe alguma coisa. Mas o quê? Que posso eu dar-lhe?

Mme. Rives O Paul fez a truta com amêndoas, da maneira habitual. O inglês disse que gostou e foi o primeiro comentário que fez acerca do hotel, do quarto, do pequeno-almoço, do almoço ou do jantar. Depois disse qualquer coisa que eu não percebi logo. O francês dele não é muito bom, tem um sotaque carregado, por isso lhe pedi que repetisse.

— Comi isto uma vez com a minha mulher. No Norte. No Norte de França.

— A sua mulher não está consigo? Ficou no Canadá?

Não respondeu. Só disse que queria um *crème caramel* e depois um café.

Gillian Tive uma ideia. Não chega a ser um plano, pelo menos por enquanto. Mas o essencial é que não posso, não devo contar ao Oliver. Por duas razões. A primeira é que não confio nele para agir de maneira *real*. Se lhe peço que faça qualquer coisa, confunde tudo, faz uma encenação e isto tem de ser real. A segunda razão é que tenho de ser *eu* a fazer isto, a remendar, a consertar. É uma dívida *minha*. Compreendem?

Stuart Fico junto da janela. Observo e espero. Observo e espero.

Oliver As *courgettes* estão neste momento a nascer. Cultivo uma variedade que se chama *rond de Nice*. Duvido que existam em Inglaterra, onde as pessoas preferem umas compridas e nojentas, que só servem para decorar postais da beira-mar. «Estava a admirar a sua abóbora, *Mister Blenkinsop!*» Raisteparta! As *rond de Nice*, como o nome indica, são esféricas. Apanham-se quando estão maiores que uma bola de golfe e menores que uma de ténis, cozem um pouco no vapor, cortam-se ao meio, um bocadinho de manteiga, pimenta preta, e depois... uma *delícia!*

Ontem à noite, a Gillian começou a interrogar-me sobre uma das alunas lá da escola. Conversa totalmente sem sentido. O mesmo que acusar Pelléas de pinocar com Mélisande. (Se bem que eu ache que pinocaram mesmo, não vos parece?) De qualquer modo, a Gillian não largou a presa. Se eu não achava atraente a *mademoiselle* não-sei-quantas — seria Simone? Andava com ela? Era por isso que o augusto Peugeot tinha tido outro fanico na semana anterior? Finalmente, tentando deitar água na fervura, murmurei: «Minha querida, só se ela fosse *duas vezes* mais bonita!» — alusão clara, como terão constatado, a uma das respostas de Oscar Wilde ao tribunal que o julgava. Que imprudência! A tirada espirituosa lançou o Ollie em desgraça, como já lançara o Oscar. E, ao fim da noite, a prisão de Reading não seria muito diferente do hotel George V. O que é que se passa com a Gill, neste momento? Podem dizer-me?

Se há coisa que me põe furioso é acusarem-me de lubricidade, quando nem um breve suor me chegou às mãos.

Gillian É injusto? E o que é justo? Quando é que a justiça esteve ligada à maneira como vivemos as nossas vidas? Não tenho tempo para pensar nisso. Preciso é de encontrar uma solução. Compor as coisas para o Stuart. Bem lho devo!

Stuart Ela sai de casa todas as manhãs depois de o Oliver sair e varre o passeio. Depois limpa também um bocado da rua, como fazem as mulheres da aldeia. Porque é que o fazem? Para poupar na conta da

limpeza municipal? Vá-se lá saber! Põe o bebé numa cadeirinha alta, do lado de dentro, mesmo ao pé da porta. Não consigo perceber se é rapaz ou rapariga e também não quero saber. Deixa-o na sombra, num sítio onde está sempre a vê-lo e ele não apanha poeira na cara. Então varre, de vez em quando olha para o bebé e vejo-a mexer os lábios, dizer qualquer coisa. Continua a varrer e depois volta para dentro com o bebé e com a vassoura.

É insuportável. Este era o meu futuro.

Gillian Pode ser que resulte. Pode ser disso que o Stuart precisa. Além de que não encontrei melhor. É horrível pensar nele, ali sentado no quarto, do outro lado da rua, sempre a ruminar as mesmas ideias.

Comecei ontem à noite e vou continuar hoje, ao fim da tarde. É amanhã de manhã que vou experimentar. Eu sei que o Stuart vê o Oliver sair no carro — vi-o espreitar pela janela. O Oliver, quando se levanta de noite para mudar a fralda à Sophie, de manhã acorda maldisposto. Geralmente nesses dias nunca lhe digo nada, mas amanhã será diferente.

Com a maioria das pessoas é assim: se fizeram alguma coisa mal feita, ficam furiosas ao serem acusadas. A culpa manifesta-se sob a forma de afronta. É normal, não é? Pois com o Oliver é o contrário. Se o acusam de ter feito algo que não devia e ele o fez, fica meio divertido e quase nos felicita por o termos descoberto. O que realmente o irrita é ser acusado de uma coisa que não fez. É como se pensasse: meu Deus, eu até *podia* ter feito aquilo! Já que suspeitam de mim, bem podia ter feito, ou pelo menos tentado. Fica irritado, em parte, porque perdeu uma oportunidade.

Foi por isso que escolhi a Simone. Uma destas raparigas francesas muito sérias, sempre com a testa ligeiramente franzida. O género de rapariga que não compreenderia o Oliver. Lembro-me que no *vin d'honneur* ma apontaram, como tendo uma vez tentado corrigir o inglês do Oliver na aula. Coisa de que ele não deve ter gostado nada!

Por isso, fixei-me nela. Parece estar a resultar.

Por simples curiosidade, acham que o Oliver me tem sido fiel desde o dia em que casámos? Desculpem, isto não vem nada ao caso.

O que estou a fazer levanta vários problemas. O primeiro é que, se resultar, teremos provavelmente de deixar a aldeia. Isso arranja-se. O segundo é saber se conto ao Oliver, depois. Ou nunca? Compreenderia o que fiz ou desconfiaria ainda mais de mim? Se soubesse que foi tudo planeado, podia nunca mais ter confiança.

Há também outro risco. Não. Tenho a certeza de poder voltar ao ponto em que estávamos antes. Eu sei encaminhar as coisas, disso percebo eu. E depois de tudo acabado, ficamos livres do Stuart e o Stuart livre de nós.

Acho que não vou dormir muito esta noite. Mas não vou substituir o Oliver na mudança de fralda da Sophie, porque hoje é a vez dele.

Odeio fazer isto. Mas se parasse e me pusesse a pensar mais, podia odiar tanto o que vou fazer, que se calhar desistia.

Stuart Estou desfeito. Totalmente desfeito. Paralisado. Quando apagam as luzes, o que normalmente acontece entre as 11h45 e as 11h58, vou dar uma volta. Tirando isso, não saio de perto da janela.

Observo. Observo e penso: aquele era o meu futuro.

Gillian Tenho este medo. Será essa a palavra? Talvez devesse dizer premonição. Não, não, é mesmo medo. E o medo é que o que vou mostrar ao Stuart se torne realidade.

Oliver Sabem o que eu penso? Penso que deviam sinalizar a autoestrada da vida. CHUTE DE PIERRES. CHAUSÉE DÉFORMÉE. ROUTE INONDABLE. A melhor é esta. ROUTE INONDABLE. PERIGO: ESTRADA SUJEITA A INUNDAÇÕES. Deviam pôr isto em cada curva.

Stuart Vou dar um passeio. Depois da meia-noite.

E os céus estão carregados

Pássaros da noite murmuram...

Gillian Quando eu era pequena, o meu pai costumava dizer: «Não faças cara feia, que o vento pode mudar.» E se agora o vento muda?

Oliver Meu Deus. Meu Deus.

Está bem, desculpem. Não devia ter feito aquilo. Não volta a acontecer. Eu não sou nada assim.

Por outro lado, Senhor, passou-me pela cabeça desandar sem parar em Toulouse e nunca mais voltar. Tudo o que dizem das mulheres é verdade, não é? Mais cedo ou mais tarde, acaba *tudo* por ser verdade.

Há vários dias que não me larga. Parece o... descubram vocês o raio da ópera, para variar. Estou farto de ter o trabalho todo.

Ela está cansada, eu estou cansado, e depois? Quem é que esteve a semana toda de serviço às fraldas da criança? Quem é que todos os dias passa horas na A61? Do que menos preciso ao chegar a casa é da santa inquisição.

Foi assim. *La Gillian* não ficou propriamente entusiasmada ao verme entrar em casa ontem à noite. Por isso pirei-me para o quintal e comecei a queimar restos de folhas secas. Porquê? É óbvio, conclui ela logo, que é para encobrir o sopro acusador do perfume Chanel *Numéro Soixante-Neuf* da minha suposta amante. Vejam só.

E continuou assim durante quase a noite inteira. Fui para a cama exausto. A habitual camisa de dormir com cadeado, mas também não fui eu quem tentou quebrá-lo. Às três da manhã, serviço às latrinas. O aroma fecal tornou-se ainda mais irritante para os olhos, agora que a pequena come coisas sólidas. E isto ainda é uma brisa leve, segundo me informaram. Água de rosas e primaveras frescas, comparado com o que nos espera.

O despertador toca, com a delicadeza de um agulhão de gado. E lá começa tudo outra vez. *Ao pequeno-almoço*. Nunca a tinha visto assim, a moer-me o juízo, como se já o fizesse há anos. Sabendo mesmo onde picar. O ferrão da disputa. Olhava a cara dela, a cara pela qual me apaixonei no dia em que se casou com a pessoa errada. Estava roxa de cólera. Os cabelos não tinham visto escova e a cara desprezara a loção matinal. A boca abria e fechava, e eu tentava não ouvir e não podia deixar de pensar que talvez a melhor maneira de convencer o marido

a não ter a tal ligação (que ele nem sequer tinha) fosse começar por não ter aquele ar de megera desgrenhada. Era verdadeiramente surrealista. Hiperssurrealista.

Começou depois a perseguir-me pela casa. Eu tinha de decidir se ela estava louca ou não estava e, apesar de se comportar como uma pessoa doente, eu não podia acreditar. Por isso gritava-lhe também. Quis sair para o trabalho e ela acusou-me de estar a fugir para ir ter com a namorada e ficámos ali, a berrar um com o outro, quando consegui chegar à porta.

E continuou. Redobrou. Seguiu-me na rua até ao carro, a gritar como um corvo. Em plena rua principal. Aos gritos e acusações, como sói dizer-se, de natureza pessoal e profissional, *mit6* toda a gente a ver. A berrar. Com a Sal ao colo, não sei porquê, a atirar-se a mim, a atirar-se mesmo a mim, enquanto eu tentava enfiar a chave na fechadura da porta do Peugeot. Eu dava saltos e espumava. E a maldita fechadura não abria. E ela em cima de mim com acusações dementes. Então bati-lhe, bati-lhe na cara com a mão que segurava as chaves, fiz-lhe um golpe e pensei que ia cair no chão e olhei-a a querer dizer, nada disto é verdade, pois não? Parem o filme. Rebobinem tudo, é só uma gravação, não é? E ela sempre a gritar como louca, com o ódio estampado no rosto. Eu não podia acreditar.

— Cala-te, cala-te, cala-te — gritei-lhe e, como não se calava, voltei a bater-lhe. Consegui abrir a porta, saltei lá para dentro e fui-me embora.

Olhei pelo espelho. Ela continuava de pé, no meio da rua, a segurar o bebé com uma das mãos. Com a outra apertava um lenço contra o rosto ensanguentado. Eu conduzia e ela continuava parada. Conduzia como um louco ou tão depressa quanto pode conduzir um louco que se esqueceu de meter a terceira velocidade. Depois, só em duas rodas, fiz a curva da *Cave Coopérative* e deixei de a ver.

Mme. Rives *Sont fous, les anglais.* O canadiano que estava no quarto 6 e que só saía depois de escurecer era inglês. Por duas vezes me disse que era canadiano, mas deixou o passaporte à vista e quando eu e a rapariga fomos arrumar o quarto vimos que nem sequer tinha dado o

nome verdadeiro. Mudou de nome. Era muito silencioso, ficou no quarto uma semana e quando saiu apertou-me a mão, sorriu pela primeira vez e disse que estava feliz.

E o jovem casal que comprou a casa do velho Bertin? Pareciam simpáticos, ela muito orgulhosa do bebê, ele muito orgulhoso da porcaria do Peugeot velho, que estava sempre a empanar. Um dia disse-lhe que devia arranjar um Renault 5, como toda a gente. Respondeu-me que renunciara ao mundo moderno. Tinha o costume de dizer coisas estúpidas como essa, mas de uma maneira encantadora.

E então o que é que acontece? Estão cá há seis meses, as pessoas já começam a gostar deles, de repente têm uma discussão e começam a gritar no meio da rua. Fica toda a gente a ver. Ele acaba por lhe bater na cara duas vezes, depois salta para a carripana velha e vai-se embora. Ela fica ali de pé no meio da rua, durante uns cinco minutos, com o sangue a escorrer pela cara, depois volta para casa e não sai mais. Uma semana depois levam tudo e desaparecem. O meu marido diz que os ingleses são uma raça louca e violenta, com um sentido de humor estranho e peculiar. A casa está à venda: é aquela ali, estão a ver? Esperemos que desta vez nos calhe alguém sensato. Se tiver de ser estrangeiro, ao menos que seja belga.

Não aconteceu nada de especial na aldeia, desde então. O cão do Lagisquet foi atropelado por um carro. O cão era surdo e o Lagisquet um velho tonto. Dizíamos-lhe que devia prender o cão. E ele dizia que não queria tirar a liberdade e a felicidade ao Poulidor. Pois agora já lha tirou! Abriu a porta, o cão saiu a correr e um carro passou-o a ferro. Havia pessoas que simpatizavam com o Lagisquet. Eu não. Disse-lhe:

— Você é um velho doido. Se calhar tem sangue inglês.

1 «Onde estão as lavadeiras de antigamente?» (N. da T.)

2 Sigla francesa para vinhos de qualidade superior. (N. da T.)

3 «Copo de tinto.» (N. da T.)

4 «Mortais, imaginai / O tempo sempre a voar / Corre como esta água / Para não mais regressar.» (N. da T.)

5 Tenda índia de estrutura cónica, feita com varas. (N. da T.)

6 «Com», em alemão. (N. da T.)

JULIAN BARNES

Num evento ao vivo promovido pelo jornal *The Guardian*, e a propósito do seu livro *O Ruído do Tempo*, Julian Barnes afirmou que achava parva a designação «romance biográfico». «Todos os romances», segundo ele, «são biográficos — o que significa que são o estudo da vida. *Madame Bovary* era o estudo da vida da Madame Bovary, *Anna Karénina* era o estudo da vida de Anna Karénina. A única diferença é que em alguns romances as pessoas são reais, e em outros, não». Disse ainda que trabalhava de maneira instintiva e não lhe interessavam os géneros literários, que era um «escritor transgénero». Quem leu *O Papagaio de Flaubert*, *Nada a Temer*, *O Sentido do Fim* ou *Os Níveis da Vida* sabe que estas afirmações se aplicam absolutamente à obra de Barnes: eclética e riquíssima nas suas personagens — sejam elas ficcionais ou reais; e nas suas extraordinárias histórias, sempre invulgares, comoventes, de significado e alcance universais — sejam elas da vida de todos os dias ou criaturas da mais sofisticada invenção literária. A obra de Julian Barnes é em todos e cada um dos seus multifacetados livros o estudo da vida e a sua mais apurada expressão artística.



Sobre a Tradutora

HELENA CARDOSO

Helena Cardoso nasceu em Lisboa (1947). Tem dois filhos e um neto. Licenciada em Filologia pela Universidade de Lisboa, traduziu o primeiro livro para uma editora em 1987, a partir do francês. Além de textos críticos e de ensaio sobre arte contemporânea, traduziu, entre outros, autores como W.B. Yeats, Lawrence Durrell, Bruce Chatwin, David Lodge e Julian Barnes. Fotografa desde os vinte anos. Junta a

